FATOR Amazônia

RÁYEL G. C. BARROSO

FATOR AMAZÔNIA
by Ráyel G. C. Barroso

Published by
Ráyel G. C. Barroso
at Smashwords

Copyright 2011 by Ráyel G. C. Barroso

Smashwords Edition, License Notes

This ebook is licensed for your personal enjoyment only. This ebook may not be re-sold or given away to other people. If you would like to share this book with another person, please purchase an additional copy for each recipient. If you're reading this book and did not purchase it, or it was not purchased for your use only, then please return to Smashwords.com and purchase your own copy. Thank you for respecting the hard work of this author.

Todos os direitos desta edição reservados à
Ráyel Guilherme Curado Barroso
rayelgcb@yahoo.com.br

Este livro é dedicado aos brasileiros que de forma anônima investem suas vidas na árdua tarefa de manter a presença do Estado no imenso vazio ecumênico da região do Alto Rio Negro, Amazonas.

PRÓLOGO

Na selva amazônica, sob chuva intensa, militares atravessavam um rio. Nas duas margens, integrantes da patrulha realizavam a segurança aproximada dos companheiros ainda dentro d'água.

Quando todos os militares, com seus uniformes encharcados, alcançaram a margem oposta, a equipe voltou a desaparecer na mata rica em cipós, espinheiros e arbustos. A patrulha liderada pelo tenente Ramos avançava com dificuldade, enquanto a vegetação insistia em se enroscar nas mochilas, pernas, ombros e pescoços.

O chiado das gotas de chuva se chocando com as folhas era acompanhado por uma atmosfera carregada, ainda mais vaporosa e úmida do que a já existente na selva amazônica.

Mais algumas horas de marcha e Ramos, por meio de gestos, mandou a tropa parar de progredir e estabelecer a segurança do local. Instantes depois, um novo gesto serviu para chamar o rádio operador da patrulha. Próximo ao local onde a equipe estava, havia uma grande clareira criada dias atrás pelo fogo. Aquele acidente da natureza, fruto da queda de um raio, seria útil aos militares.

A chuva havia cessado por completo a mais de uma hora. Os uniformes, entretanto, permaneciam encharcados.

Ao se aproximar do oficial, o militar, que carregava um desajeitado equipamento rádio preso junto ao peito e uma volumosa mochila às costas, recebeu a ordem:

- Guerreiro, envie a mensagem pré-estabelecida para a chegada de ZEUS ao ponto de extração. Depois aguarde o pedido de autenticação.

O rádio operador era um jovem de vinte e três anos. Seu nome era Mário, um soldado que fora promovido a Cabo por conta de atos de bravura durante missões realizadas na região da fronteira do Brasil com a Colômbia. Mário era um sujeito de pouca fala, porém muito observador. Filho de caboclos, nascido em terras de Marajó, aparentava estar sempre acima do peso.

Depois de estabelecer o contato rádio com a aeronave, Ramos chamou o sargento que o acompanhava naquela operação. Quando o militar se aproximou, em voz sussurrada, mandou preparar a “carga” para o embarque.

A poucos quilômetros da posição ocupada pela patrulha um helicóptero cortava os céus em navegação de baixa altitude. Como P1, ou primeiro piloto, estava o experiente coronel Nascimento, oficial das Forças Especiais, um dos pioneiros da aviação do Exército no Brasil. No posto de P2, ou segundo piloto, voava o tenente Donizete, recém especializado naquele tipo de aeronave, fazendo um de seus primeiros vôos sobre a região amazônica.

Após o recebimento da mensagem rádio informando que a patrulha estava pronta para a exfiltração, a voz rouca do coronel Nascimento deu início ao processo de autenticação. Procedimento, este, sempre realizado antes do toque de aeronaves no solo do teatro de operações. A autenticação servia para constatar se a tropa em terra era realmente amiga e se a situação estava dentro de um quadro de normalidade.

- Zeus, Mutum em posição autentique: Foxtrote Uno.

- Mutum, Zeus em posição: Yanque Nono.

A autenticação estava correta, segundo a tabela vigente para aquela data. Confirmada a normalidade da situação em solo a aeronave mergulhou na selva,

realizando o pouso na clareira criada pelo fogo.

Os motores permaneceram ligados. Em questão de segundos, a equipe de terra abandonou o dispositivo circular de segurança e embarcou. Após o sinal de positivo, feito pelo tenente Ramos, o mecânico informou ao P1 que o embarque estava concluído. O helicóptero, então, arremeteu.

Durante o vôo, a presença de uma pessoa encapuzada dentro da aeronave despertou a curiosidade do mecânico.

CAPÍTULO 1

Depois de semanas acompanhando intensos treinamentos militares na selva, o Major Flening Stark aproveitava o dia de folga. Como de costume, ele gozava a dispensa na comodidade de um hotel à beira mar na costa oeste dos Estados Unidos.

Diferentemente da grande maioria dos companheiros de trabalho, Flening não possuía uma família ou alguém para quem retornar ao final das missões. Abandonado nas docas de um supermercado de subúrbio com apenas poucos dias de nascido, ele morou até os três anos em orfanatos. Sua sorte ensaiou mudar quando foi adotado. Com os pais adotivos, Flening conheceu carinho, afeto e, também, recebeu o incentivo para, desde muito cedo, seguir carreira como militar.

Harshey, o pai adotivo de Flening era Sargento do Corpo de Fuzileiros Navais. Um homem de poucas palavras, militar de muitas condecorações. Harshey teve os testículos arrancados por estilhaços de granada durante a guerra do Vietnã e realizou o sonho de ser pai por meio da adoção.

Quis o destino que os pais adotivos de Flening vivessem pouco. Quando ele ainda cursava o primeiro ano da Academia Militar seu pai não retornou com vida de um suposto treinamento realizado no Panamá, segundo o governo a causa morte foi malária. O caixão chegou lacrado, em aeronave militar, e assim ocorreu o sepultamento.

A mãe, que jamais se conformou com a perda do companheiro, definhou rapidamente. Mergulhada na amargura, inconsolável, da saudade e em incontáveis copos de vodca, ela faleceu no ano seguinte ao da morte do marido por conta de uma cirrose.

Naquela manhã a piscina do hotel onde Flening estava hospedado era um convite a contemplação. Em meio às curvas da extensa piscina de águas azuis, hospedes em trajes de banho circulavam sorridentes. Alguns se refrescavam sob as cascatas artificiais postadas em vários pontos ao longo da piscina. Outros formavam rodas embaladas pela conversa descompromissada, drinques e pela

sombra de palmeiras exóticas, estrategicamente dispostas nas proximidades dos quiosques de bebidas e alimentos.

Sentados em espreguiçadeiras, alguns hospedes preferiam apenas relaxar ao sol enquanto garçons, em um constante vai-e-vem de bandejas cobertas de drinques e porções, se esforçavam para satisfazer os sempre apressados pedidos.

Flening estava deitado em uma das espreguiçadeiras. De sua posição era possível acompanhar boa parte de toda aquela movimentação. O corpo estava relaxado e a mente desocupada.

Aos poucos, os olhos abertos deixaram de recolher imagens do mundo exterior. Flening adormeceu.

A surpresa do toque suave de lábios femininos junto aos seus, retirou, imediatamente, o major do sono. Alguém lhe roubara um beijo.

Ao abrir os olhos, Flening reconheceu os olhos azuis e o contorno suave daquele sorriso, quase moleque, da loura com o corpo inclinado sobre sua cadeira. Era Kate de March. Uma jovem que conhecera durante um vôo para o Brasil.

Com aquela linda comissária de bordo Flening viveu a experiência amorosa de sua vida. A maior, a mais intensa, a melhor e a única acesa até hoje.

As lembranças do corpo bem torneado, quente e macio, de Kate a banhar-se junto ao seu, sob a luz da lua, nas águas, calmas, da Lagoa de Araruama, litoral norte do Estado do Rio de Janeiro, por vezes se repetiam para ele em sonhos. Aquela mulher, doce e inteligente, despertara em Flening amor, desejo e saudade.

Desde o primeiro contato com Kate o major teve o cuidado de não levantar suspeitas sobre o verdadeiro motivo das constantes idas e vindas suas ao Brasil. Evitando constrangimentos, para ambas as partes, o major fez uso de uma consistente história cobertura, mas ele sabia que tal conjectura o impediria de manter um relacionamento afetivo mais profundo. Pelo menos, por hora.

Flening entendia que o seu nível de comprometimento com o sucesso da missão em curso, fazia valer a postergação de quaisquer interesses pessoais.

- Por onde tem andado Flening? Minhas amigas disseram que tem ido à Manaus?

Mudando o foco da questão, o major sorrindo, repassou para Kate a palavra.

- Primeiro eu quero saber o quê você está fazendo aqui? Não sabia que voava para a costa oeste. Que surpresa boa!

- Acho que o destino me deu um presente. Estou de férias e aproveitei para conhecer algumas cidades daqui. Mas o que eu queria mesmo era te ver novamente. Tinha a esperança de cruzar com você.

Algumas horas mais tarde, Flening sentia novamente o calor e a maciez do corpo de Kate junto ao seu. Com um movimento circular de quadris, Kate cavalgava, em ondas de prazer, sobre o corpo musculoso do Major, que acariciava entre breves mordiscadas os seios rosados e rijos de Kate.

Após momentos de gozo e sussurros espargidos, os dois deitados, lado a lado, com os corpos suados trocavam olhares de paixão.

Eles ensaiavam um delicioso estudo do terreno conquistado na inebriante batalha do amor, quando foram interrompidos pelo toque do celular de Flening.

Com cuidado, ele retirou o braço que estava por baixo da cabeça de Kate, pegou o celular e caminhou até a sacada, aparentemente esquecendo-se de que estava nu. A loira se divertia apreciando os contornos generosamente bem definidos dos glúteos e das pernas do major.

Não era uma chamada de voz, mas sim uma mensagem de texto e aquele não era um celular qualquer, havia uma placa de sistema dedicada à criptografia incorporada ao pequeno aparelho. A mensagem foi recebida, descriptografada, exigindo a inserção de uma palavra chave para viabilizar sua leitura. Após rabiscar algo no visor, o amontoado de letras e números tomou a forma de um texto:

"…reporte-se ao covil, situação pérola."

Durante o vôo para Washington Flening lia longos relatórios de inteligência, seus olhos absorviam com avidez informações de caráter ultra-secreto.

CAPÍTULO 2

Na Base Aérea de Manaus o helicóptero, pilotado pelo Coronel Nascimento, era aguardado por vários militares. Tão logo a aeronave pousou, Ramos foi informado que as viaturas estavam em posição para realizar a retirada de sua equipe para a base de operações e que o General comandante do Comando Militar da Amazônia, o CMA, o aguardava em uma das viaturas. Ramos estranhou o fato, mas prosseguiu na tomada das providências necessárias.

Alguns militares, que aguardavam na Base Aérea, conduziram o homem encapuzado até uma área coberta onde três vans idênticas estavam estacionadas. Após o embarque em uma das vans a porta corrediça lateral foi fechada e os três veículos iniciaram o deslocamento.

Ainda na cabeceira da pista, Ramos reuniu sua equipe, determinando que fosse realizada a manutenção do armamento e equipamento tão logo chegassem à base de operações. Designou, ainda, a hora e o local em que ocorreria a avaliação da missão. Todos conheciam a rotina, mas sentiam-se reconfortados

com a dedicação e o comprometimento de Ramos no exercício da liderança.

A confiança da equipe na capacidade do comandante para a tomada de decisões acertadas, em situações de risco, tornava aquela tropa capaz de impulsionar-se nas mais arrojadas missões.

Emitidas as ordens, Ramos passou o comando da tropa para o sargento. Permanecendo ali, parado, observando os militares embarcarem no caminhão que estava estacionado ao lado da pista.

Após o embarque do último patrulheiro, Ramos se dirigiu para a viatura onde estava o comandante do Comando Militar da Amazônia. Quando se aproximava da van, de cor verde oliva, identificada pela insígnia da autoridade à qual servia, o motorista se antecipou, abrindo o porta-malas do veículo para que Ramos guardasse a mochila e o equipamento. Em seguida, abriu a porta para a entrada do oficial.

O General o aguardava no interior do veículo.

- Boa noite, senhor!

- Boa noite e parabéns, meu jovem!

Ramos acenou com a cabeça em agradecimento. Em sua mente a questão era: o que levaria um oficial de tão alta patente a tamanho interesse em uma de suas missões?

O cheiro acre da farda do Ramos, ainda úmida, rapidamente invadiu o interior da van.

- Fui informado de que houve forte resistência. Nossos relatórios de inteligência estavam incorretos? Perguntou o General inclinando ligeiramente o corpo para frente e apoiando os cotovelos sobre as pernas.

O veículo passava pelo portão de saída da Base Aérea quando Ramos iniciou o relato. Sentado em um banco imediatamente a frente do ocupado pelo superior o tenente usava um tom baixo de voz.

- Sim senhor. Após doze dias acompanhando as atividades no setor centauro, concluímos que o nosso alvo estava muito bem guarnecido. Nosso planejamento, realizado com base nos relatórios da inteligência, nos colocou em desvantagem numérica. Fomos obrigados, então, a adaptar e improvisar um pouco.

No décimo quinto dia de observação, depois de obtermos todos os elementos essenciais de informação solicitados, iniciamos a Operação Louva Deus. Assim, no amanhecer do dia seguinte, realizamos a captura do alvo, nossa encomenda.

O General interrompeu a narrativa de Ramos fazendo um gesto com mão direita. Do bolso da camisa ele retirou um celular. A pequena tela acesa indicava o motivo da interrupção. Por alguns poucos instantes, o militar de cabelos

brancos, pele morena e fisionomia cansada fitou a tela do aparelho e resmungando algo tornou a colocá-lo no bolso sem atender a chamada.

- Pode prosseguir - disse o General.

Ramos, durante o relato, quase que podia sentir novamente o cheiro da queima da pólvora, do sangue e do suor misturados ao ar vaporoso próprio ao interior da selva amazônica.

- Seguindo as instruções do escalão superior, não empreendemos nenhum esforço em objetivo secundário, uma vez garantida a posse da encomenda. Passamos, então, à retirada. Seguindo até o ponto de encontro com o helicóptero.

Ao se aproximar do Corpo da Guarda do Comando Militar da Amazônia, CMA, o comboio reduziu a velocidade. No momento em que a viatura cruzava a cancela, o general cumprimentou a guarda com o brado de “SELVA”. Ouvindo, em resposta, outro “SELVA” de muitas vozes.

Após descer da viatura, o general informou aos presentes: Haveria reunião para o Estado Maior em duas horas.

Ramos olhou para o relógio, colocou a mochila nas costas e desfez o silêncio da ordem.

- Senhor, neste horário estarei com a minha equipe na avaliação da missão!

- Adie ou cancele, tenente!

- Com todo respeito senhor, negativo. Meus homens estarão mobilizados até o fim desta atividade. Alguns deles estão há mais de trinta dias sem um bom banho, uma boa refeição ou contato com seus familiares. Além disso, tenho dois homens que estarão aguardando a avaliação da missão para, só então, se apresentarem na enfermaria. Estão com malária e o tratamento foi iniciado durante a própria operação. Desta forma, peço ao senhor que faça a reunião após esta atividade.

O general olhou para o chão, coçou o queixo e, com a testa franzida, concordou. Retificando sua ordem:

- Escutem! Faremos a reunião tão logo o Ramos termine com o seu debriefing. Portanto estejam atentos.

CAPÍTULO 3

Para ocupar o tempo livre, alguns dos oficiais que participariam da reunião foram para os alojamentos se deitar. Outros aproveitaram a ocasião para reviver contos da caserna ou apenas ver televisão no cassino dos oficiais. Enquanto isso, o general, sentado em seu gabinete, dedicava tempo à leitura das páginas de um jornal de Manaus. A publicação trazia uma matéria sob a manchete “Amazônia, o patrimônio universal?!”

… “Por muitos anos a sociedade brasileira esteve de costas para as necessidades de toda a região norte do país, mais especificamente para as necessidades da nossa Amazônia legal.

Isto quer dizer que, quase, sessenta e dois por cento do território brasileiro sofreu e ainda sofre, com os séculos de abandono. Conseqüentemente, criou-se uma das maiores áreas de neutralidade geopolítica da atualidade, justamente dentro da região que, agora, é revelada como a grande e, talvez, a última arca de riquezas naturais do planeta”.

O governo abordou de forma superficial todos os indícios de interferência velada de outras nações na região. Mas não foram apenas a superficialidade do governo e o descaso de nossa sociedade que marcaram o trato aos assuntos amazônicos. Tem havido muita inépcia na articulação de interesses.

Foi assim quando o governo cedeu à pressões externas e acabou demarcando reservas indígenas em terras de interesse estratégico. Uma destas reservas debruçada, perigosamente, sobre a faixa de fronteira Norte do país.

Contrariando dispositivos magnânimos, como a Constituição Federal, autoridades brasileiras consentiram o denominar falacioso de Nação Ianomâmi à brasileiros, indígenas mas ainda sim brasileiros, residentes nestes enormes latifúndios. Por ter acontecido em um país soberano e sabedor de que está diante de uma comunidade internacional que repudia aparteísmos, ou que assim o faz quando é de seu interesse, como ocorreu na África do Sul, tais fatos nos levam a crer que a demarcação de territórios indígenas na Amazônia atendeu a algo mais do que preservação de comunidades ou de culturas indígenas.

Será que alguém perguntou para estes cidadãos brasileiros, nascidos em comunidades indígenas da Amazônia, se era desejo deles viver toda uma existência sem as benesses da vida moderna? Ou dependentes de políticas assistencialistas e pontuais? Por que não podemos fazer como os Canadenses que respeitam seus indígenas, não por meio de isolamento geográfico, mas sim por meio de um compartilhamento harmônico e enriquecedor de culturas?

Estaremos nós assistindo à criação de um modelo que, de tão arcaico, passaria rapidamente de preservacionista à segregacionista! E ainda fica uma pergunta no ar, por que será que de uma hora para a outra o índio brasileiro, mais especificamente o índio brasileiro da Amazônia, ficou tão em evidência aos olhos da comunidade internacional?

Assim como tenho certeza de que cada brasileiro tem as respostas às minhas perguntas, sei que igualmente bem informadas estavam as nossas autoridades quando permitiram que grandes jazidas de minério e parques com imensa biodiversidade fossem abrangidos nas demarcações de alguns dos territórios indígenas da Amazônia.

Olhando para o passado, vemos que desde o século dezoito até os dias de hoje, “pesquisadores” estrangeiros justificam com invulgar facilidade suas incursões à selva amazônica. O governo, comunidade científica e a própria sociedade assistem, passivamente, a este quadro que, nos últimos tempos, vem recebendo sombrios retoques. A tinta, usada agora para os retoques, é a do emprego maciço da mídia. Anunciando, ao mundo, a total incompetência do Brasil em administrar o “pulmão da terra”, o “último grande manancial hídrico do planeta”. Anunciando, da mesma forma, a insensibilidade dos brasileiros para com as necessidades dos povos, das minorias, que integram as “nações” indígenas da Amazônia.

As queimadas, realizadas por indígenas, caboclos e agricultores, são apresentadas como causadoras de um holocausto para a mata e para todo seu ecossistema. Concomitantemente, a falta de pulso de nossas autoridades, ou a corrupção, permitiu a penetração na área amazônica de madeireiras conhecidas globalmente pelas técnicas, nada ortodoxas, empregadas nas matas asiáticas.

Fornecendo, assim, justos subsídios para campanhas de Organizações Não Governamentais que usam slogans como “Preserve a Amazônia, queime um brasileiro!” em alguns países da Europa.

Não é difícil ver! Toda uma geração está sendo educada ao redor do planeta consumindo diariamente informações manipuladas para gerar a expectativa de um basta à má administração dos recursos hídricos existentes na bacia amazônica. Um basta ao desrespeito às “nações” indígenas e às suas ricas culturas. Expectativa de um basta às chamas e às madeireiras, pois elas devoram a selva amazônica, patrimônio universal.”

Ao terminar a leitura do artigo o General deu um suspiro, olhou para o relógio e levantou-se.

CAPÍTULO 4

Somente após a reunião com sua equipe, Ramos foi até o alojamento e tomou o primeiro banho de chuveiro das últimas semanas. Trivialidade bastante valorizada depois daquelas duras jornadas no interior da selva. Refeito, tratou de colocar uma farda limpa e seguir para a sala de reuniões, onde o aguardavam para o início dos trabalhos.

No interior da sala, havia oficiais do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia além de alguns vindos de Brasília. Este grupo, vindo da capital, trabalhava em algo muito especial, seguindo orientação direta do Ministro da Defesa. Algo que mudaria o destino de muitas vidas.

Sentado em uma das extremidades da mesa, o General de Exército Barros

de Castro mostrava para o General comandante do Comando Militar da Amazônia um documento elaborado pelo Comandante do Exército. Ele explicava que tal documento deveria ser lido quando da abertura, oficial, dos trabalhos.

Banho tomado, roupas limpas e secas, poltrona macia, fala pausada do General Comandante, tudo conspirava para que o mais jovem oficial presente à reunião desse vazão ao cansaço. Entretanto, a curiosidade servia como estimulante, mantendo Ramos alerta. Afinal de contas, por qual motivo ele fora convidado a participar de uma reunião, no meio da madrugada, cercada de mistérios, cheia de rostos tensos e figurões do alto comando regional? Por que a urgência no relatório da missão?

Iniciando a reunião, o General Barros deu um forte brado de “SELVA”. A resposta preencheu o ambiente. Veio uníssona, grave:

- SELVA!

O General continuou:

- Sabemos do avançar da hora, no entanto a situação é de crise. Torna-se imperativo o desencadear de algumas ações sobre as quais deliberaremos nos próximos minutos. Tenho aqui, em minhas mãos, uma mensagem do Comandante do Exército, para ser lida aos senhores. Antes, porém, quero que todos ouçam com atenção os fatos que serão narrados pelo tenente Ramos.

- Tenente, começando pelo teor da missão recebida, faça um relatório verbal dos fatos ocorridos durante a Operação Louva Deus.

O Oficial, então, levantou-se e fazendo uso de cartas, croquis, fotos apostas em grandes painéis, passou a explicar: “... a Operação Louva Deus teve como objetivo localizar e capturar o coronel das Forças Especiais Norte Americanas Pool Allen que estava operando, com uma equipe que, segundo nossa inteligência, teria pequeno efetivo. Eles operavam dentro do setor centauro…”.

Minutos depois, findo o relatório verbal, Ramos retornou para seu lugar à mesa. Neste momento, o General Barros passou a descrever as atividades de Pool em território brasileiro.

- Pool, em sua estória cobertura, é o pastor Marcos. Ele colabora com uma ONG que está empenhada em divulgar o desrespeito das autoridades brasileiras aos direitos humanos. Em especial, desrespeitos ocorridos nas reservas indígenas dos Ianomâmis. Esta organização propaga o conceito de “soberania restrita”. Segundo o qual, santuários ecológicos, como a Amazônia, devem ser governados por um consórcio de países. Garantindo assim sua preservação. A ONG é apenas mais um dos longos tentáculos da CIA. - Barros prosseguiu falando, enquanto acomodava-se em sua cadeira.

Em seguida, exibiu um vídeo com conteúdo ainda não editado de uma reportagem.

- Esta transmissão de vídeo foi interceptada quando estava sendo enviada, por satélite. O sinal partiu de algum ponto no interior da selva. Hoje, sabemos qual o seu destino, uma grande emissora de televisão Norte Americana.

Curiosamente, apesar da transmissão ter sido feita há vinte dias atrás, a matéria só foi levada ao ar, pela emissora, no dia de ontem. - comentou o General, nos instantes iniciais do vídeo.

As imagens mostravam ao mundo verdadeiros massacres de índios. Dezenas de corpos de indígenas, da “Nação Ianomâmi”, estavam retorcidos, jogados ao chão, sem vida. Índias mortas, com seus filhos ainda presos à cintura, eram exibidas em algumas tomadas. As imagens retratavam uma crueldade surpreendentemente devastadora.

No vídeo havia também trechos de como a matéria foi ao ar e de alguns noticiários que repercutiam o massacre e foram exibidos em vários países. Em todos eles, chamava atenção o destaque dado às imagens-denúncia, feitas com exclusividade pelos participantes da ONG Green Amazon. Imagens conseguidas por acaso. Pois, segundo os ativistas da Green Amazon, eles, coincidentemente, chegavam para fazer uma visita àquela comunidade quando encontraram o quadro macabro de flagrante desrespeito aos indígenas da Amazônia.

As imagens e os relatos de nativos revoltados e chorosos costuravam a narrativa jornalística. O integrante da ONG perguntava a um dos indígenas o que acontecera ali. O indígena era o professor de português da escolinha da comunidade. Aos soluços, diante dos corpos perfurados de sua mãe, de sua esposa e filhos, ele relata que tropas do Exército Brasileiro haviam chegado à comunidade, como de costume, de helicóptero.

“Daí em diante tudo começou a acontecer. Tudo de ruim veio junto. Foi informado ao tuxaua que aquela comunidade não deveria mais permanecer na região. Todos deveriam pegar comida, queimar os abrigos e abandonar a área, subindo o rio. Como o tuxaua negou-se a explicar tais ordens para os outros, que não entendem ainda muito bem o português, a tropa passou a realizar fogo em todas as direções. Não poupando ninguém. Quem estava perto levou tiro. Só sobrevivi porque corri para a mata.” Conta o professor, lamentando não ter desobedecido ao tuxaua e traduzido as ordens dos militares para a comunidade. Ajoelhando-se, junto aos corpos de seus filhos, o professor continuou: “Após isso, o tuxaua foi avisado de que só existe um governo no Brasil e que ali, por se tratar de terras brasileiras, todos deviam respeito e obediência a este governo. Aquilo ali era para servir de lição. Alguns minutos depois a aeronave partiu.” O índio, muito emocionado, pára de falar e começa a chorar abraçando o corpo

ensangüentado de um de seus filhos.

A câmera continua o passeio funéreo. Agora, mostrando estojos da munição deflagrada espalhados pelo chão, estojos ejetados pelos fuzis dos executores. As imagens revelam o local utilizado pela aeronave para pousar e, também, algumas crianças feridas, recebendo atendimento médico das mãos de integrantes da ONG.

Encerrada a transmissão, o apresentador do telejornal, visivelmente transtornado, pergunta: “Até quando a humanidade e os seus líderes se omitirão diante de fatos como esse? Fatos que demonstram o surgimento de um novo ciclo de limpeza étnica. Tão cruel como o desencadeado durante a Segunda Guerra Mundial ou quanto o iniciado em Kosovo. Esta nova tentativa de limpeza étnica tem de ser detida!”

O vídeo termina. Por instantes o silêncio na sala é sepulcral.

O General comandante do CMA rompe o silêncio:

- Ramos, parabéns, mais uma vez, pelo êxito alcançado na missão. Você está dispensado, pode ir descansar. Amanhã conversaremos.

- Sim senhor.

Após a saída do tenente a reunião atingiu seu clímax.

- Seguindo orientação recebida está manhã em Brasília, passo à leitura de uma mensagem do Comandante do Exército para os senhores.

As palavras lidas pelo General anunciavam o futuro, tão cogitado e distante, e ele se parecia com o hoje. Era hora de sair do seguro e confortável campo do cogitátil e enveredar pelas sombrias e solitárias trilhas das vias de fato.

CAPÍTULO 5

Em seu alojamento Ramos tentava aproveitar as últimas horas da noite para dormir, mas a despeito do cansaço existiam muitas perguntas sem respostas em sua cabeça. A recorrente era: como seria possível a companheiros da Força Terrestre executar civis inocentes, como aqueles índios mostrados no vídeo?

Os indígenas sempre recebiam com alegria os visitantes, principalmente nós militares. – Pensava Ramos. Ao fundo os sons do ar condicionado e dos mosquitos, que rondavam em busca de alimento, foram ficando mais distantes. Até que Ramos adormeceu.

CAPÍTULO 6

O toque de alvorada anunciou o início de uma nova jornada. Para alguém acostumado a dormir poucas horas por noite, o sono de duas horas havia sido

recuperador. Na ida para o refeitório Ramos observou que as portas da sala de reuniões ainda estavam fechadas.

No refeitório, perguntou ao cassineiro:

- E aí guerreiro, a reunião acabou?

- Não senhor! Servi café e água, durante toda a noite, para o pessoal reunido. O “negócio” parece estar rendendo lá dentro.

O tenente sorriu e dispensou o soldado cassineiro. Ainda no refeitório, Ramos viu, estampada nos jornais, a explosiva repercussão da reportagem veiculada pela mídia. Várias páginas inteiramente dedicadas ao assunto recheavam os jornais.

No Brasil as opiniões pareciam divididas. Alguns repudiavam a inexplicável violência empregada contra os índios, outros, simplesmente, não acreditavam que tal selvageria pudesse ser obra de uma força federal brasileira.

“Nosso exército sempre teve um excelente relacionamento com os índios amazônidas, principalmente na faixa de fronteira em questão.” Afirmava um ex-funcionário da Fundação Nacional do Índio, entrevistado.

Um outro ex-funcionário do mesmo órgão afirmava, em entrevista, que o governo foi advertido, dois anos atrás, quanto à existência de pelo menos cinqüenta e cinco grupos indígenas isolados. Etnias que poderiam desaparecer sem que o mundo as conhecesse. Mas não demonstrou nenhum interesse pelo assunto.

Ainda segundo o ex-funcionário da FUNAI: “Tudo aquilo estava acontecendo devido à prioridade dada pelo governo a projetos eleitoreiros, tomados sem planejamento de longo prazo e desprezando a necessidade de gerar sustentabilidade para as economias locais.

Os índios, não recebem apoio, não são tratados como cidadãos. A estes legítimos donos da terra amazônica o governo tem negado as condições mínimas de sobrevivência. Preferindo dar apoio apenas à programas pirotécnicos.

Sabemos que, na última década, oitenta e sete grupos indígenas foram dizimados no Brasil. Todos em nome do desenvolvimento.Com o desaparecimento de muitas destas etnias, a humanidade sofreu uma grande perda, porque não teve a chance de conhecer a riqueza cultural e a bagagem social de que desfrutavam estes grupos indígenas.”

Ao lado das duas páginas de entrevista com este ex-funcionário da FUNAI, uma tímida nota do porta voz da Presidência da República rebatia as afirmações feitas.

Ramos fechou o jornal, colocando-o sobre o sofá, depois saiu do refeitório. Queria aproveitar o início do dia para colocar assuntos particulares em ordem. Ligar para seus pais encabeçava a lista.

CAPÍTULO 7

Jornais de todo o mundo estavam repletos de notas relativas às imagens do massacre de índios no Brasil. Representantes de Organizações Governamentais e Não Governamentais, de diversos Países, repudiavam as ações militares desencadeadas contra os índios amazônidas. Grupos de direitos humanos e algumas ONGs anunciavam o envio de observadores para a região, com o objetivo de apurar o ocorrido e evitar novos incidentes.

No entanto, em todos os jornais não havia, sequer, uma versão oficial do governo brasileiro para os fatos mostrados ao mundo na noite anterior. Esse retardo trouxe desinformação e insegurança, acabando por dividir a própria opinião pública brasileira.

O silêncio do governo atuou como um agente potencializador do veneno que fora, cuidadosamente, injetado nas veias das famílias brasileiras e estrangeiras.

CAPÍTULO 8

Flening envergava um uniforme militar de passeio, repleto de condecorações, ao entrar no pentágono, naquela tarde cinzenta. Em sua mão direita carregava uma maleta de couro onde conduzia documentos cuidadosamente estudados.

O produto de meses de trabalho começava a tornar-se palpável. O major acreditava ser apenas uma questão de tempo para o êxito coroar o planejamento meticuloso, aliado ao emprego do melhor material humano existente nos EUA e dos mais avançados recursos tecnológicos.

Durante a primeira reunião do dia o Almirante Taylor, demoveu-o da idéia de que tudo estava correndo como o planejado. Taylor passou para o major uma transcrição do último contato da Equipe Abutre. Nesta, o Sargento Kersey, companheiro de Flening em diversas missões das Forças Especiais, reportava ao comando que o coronel Pool Allen havia sido capturado dentro do setor laranja. Além de informar outras baixas. A mensagem terminava informando que a Equipe Abutre aguardava novas instruções em KL1, no setor verde.

Como toda a comunicação utilizada nesta operação consistia de um processo no qual uma mensagem era gravada, digitalizada, criptografada, compactada, misturada, repartida em pacotes de dados assimétricos e enviada para satélites militares em pulsos não equalizados com duração inferior a um milésimo de segundo, Flening sabia: aquela mensagem não podia ser

interferência ou engano.

A mensagem de Abutre causou desconforto. Principalmente porque o coronel Pool não deveria estar no front. Foi aquele homem, de um metro e sessenta, com o aspecto típico dos nativos da região Norte do Brasil e de renomada competência e bravura, dentro e fora dos meios militares Norte Americanos, que esboçara toda a operação hora articulada. Mas com seu espírito aventureiro e imenso poder de barganha ele conseguiu convencer ao alto escalão de que a sua presença no Teatro de Operações traria benefícios adicionais para o desenvolvimento das ações subseqüentes.

- Com a ação de um grupo militar brasileiro sobre nossa equipe, ainda nesta fase, fica bastante claro que subestimamos, em algum momento, o nosso oponente. Não queremos um novo Iraque, a opinião pública não comporta mais limiares elevados de baixas. - disse o Almirante Taylor, com um ar de preocupação no olhar.

A porta da sala se abriu, um sargento entrou com passos apressados.

- Almirante, o Presidente está ao telefone e deseja falar-lhe.

O Almirante se levantou e, em tom de voz grave, avisou que atenderia em seu gabinete.

CAPÍTULO 9

A chuva torrencial, típica das florestas equatoriais, castigava a copa das árvores. Um volume d'água grande o suficiente para causar verdadeiras catástrofes em centros urbanos despencava dos céus por horas a fio. Mas o solo da região amazônica drenava toda aquela água deixando à mostra apenas uma densa camada de folhas e pequenos gravetos umedecido pela passagem d'água.

Abaixo da copa das árvores, os pingos de chuva eram maiores e mais esparsos. O som causado pelo choque das gotas de chuva com as enormes folhas da vegetação amazônica era uma mistura do som de água fervente com o ruído do crepitar de milhares de pedras de sal grosso sobre uma frigideira.

A chuva abafava qualquer outro som da selva. Conscientes desta vantagem tática, oferecida pela chuva, os homens de um pequeno grupo de reconhecimento aproveitavam para se aproximar um pouco mais do objetivo. Precisavam levantar os elementos essenciais de informação pedidos pelo escalão superior. Objetivo: o Pelotão de Fronteira de São Joaquim, célula integrante do projeto governamental brasileiro para povoamento e progresso das linhas de fronteira da Amazônia, o Calha Norte.

O Pelotão de São Joaquim, 3º PEF, fica a cerca de quatrocentos quilômetros à Noroeste do Município de São Gabriel da Cachoeira e entre esses

dois núcleos habitacionais existe, apenas, o vazio verde da imensidão amazônica. A comunidade de São Joaquim está debruçada sobre o Rio Içana. Um dos afluentes do Rio Negro.

O 3º PEF é um dos pelotões destacados do 5º Batalhão de Infantaria de Selva / Batalhão Forte São Gabriel. Unidade militar incrustada na paisagem serrana do município de São Gabriel da Cachoeira, o 5º BIS fica a seiscentos e vinte e oito quilômetros de Manaus. Este Batalhão controla, ainda, outros seis pelotões de fronteira. Todos dispostos estrategicamente no perímetro de uma região conhecida como “cabeça do cachorro”, por conta da aparência de seu contorno nos mapas.

A principal ligação entre o Pelotão de São Joaquim e a civilização acontece a partir de São Gabriel da Cachoeira. Quando em vôos relativamente regulares, uma vez por mês, aeronaves militares abastecem o pelotão com gêneros alimentícios, materiais necessários à manutenção do PEF, remédios e encomendas particulares. Nestes vôos também chegam e vão passageiros, devidamente autorizados pela força aérea. São os caroneiros. Quase sempre nativos, funcionários da FUNAI ou militares transferidos com suas respectivas famílias.

Para determinados habitantes da fronteira a aeronave representa um algo mais, algo muito além da compreensão de seu fim prático. Por fazer o transporte da correspondência, a aeronave acaba sendo vista como mensageira do desprendimento de espírito, emissária dos sonhos.

Um outro meio possível para a ligação do PEF à São Gabriel é o fluvial. Mas este somente é utilizado em último caso, pois o trecho do Rio Içana a ser percorrido tem quinze cachoeiras. De portes variados, estas cachoeiras, dependendo da época do ano, obrigam os viajantes a realizar repetidas vezes o desembarque de todo o material e pessoal para seu translado. Nas costas, através trilha, o material e a própria embarcação têm de ser transportados, até o próximo ponto navegável do rio.

Ocultos nas sombras da selva vizinha ao Pelotão de São Joaquim, os três homens permaneceram dois dias na posição ocupada para o reconhecimento. Por meio de turnos revezavam-se, de sol a sol, na observação e tomada de notas. Durante dois dias não houve um minuto de descontração ou bate papo entre aqueles homens.

Toda comunicação era feita por meio de sinais e gestos convencionados ou através de sinais de rede sem fio. Um pequeno painel acoplado em seus pulsos permitia o armazenamento e a troca de dados em rede, dentro da equipe. O mesmo dispositivo deveria possibilitar a conexão com a estação rádio, do grupo, para o envio do relatório diário, direto para Washington, via satélite. No entanto,

tais relatórios diários jamais conseguiram sair do interior da selva. Frustrando expectativas otimistas, burlando planejamentos minuciosos e contribuindo para o aumento do stresse.

A floresta latifoliada constitui-se em um grande empecilho às comunicações e um fator de desfavorecimento à superioridade bélica, sobretudo quando a superioridade advém apenas do emprego farto de alta tecnologia.

Daquele grupo de reconhecimento, a selva cobrava, mais uma vez, o seu preço. Apenas o sistema de comunicação de curta distância apresentava rendimento satisfatório. Assim, o grupo passou a seguir a conduta estabelecida para o caso de quebra da comunicação com a base de operações.

Durante o planejamento da operação ficou acertado o envio, às duas horas da manhã de cada dia, do relatório de acompanhamento tático. Caso o contato fosse perdido, a equipe passaria a ter autonomia operacional durante as noventa e seis horas subseqüentes ao último contato estabelecido. Passado este prazo, o grupo deveria estar no ponto de extração “ZEBRA”.

No grupo, o mais inexperiente, em operações na selva, era o Sargento Murdok. Ranger e especialista em explosivos das Forças Especiais, ele foi destacado para esta missão na última hora. O militar anteriormente escalado sofreu um grave acidente de carro, na semana que antecedeu ao embarque, ficando impossibilitado de compor a equipe.

Murdok jamais estivera em um ambiente tão hostil quanto aquele. As, infindáveis, horas de treinamento e simulação de combate, dos cursos operacionais que fizera até então pareciam de nada servir diante da imensa angústia que aquele inferno verde estava impondo à sua alma. A preocupação número um para Murdok, nas últimas jornadas, era ocultar dos outros dois companheiros de missão suas fraquezas, suas dificuldades em ambientar-se à selva.

Outro integrante do grupo era o Tenente Jefrey Tess. Advindo de uma família com muita tradição nas Forças Armadas dos Estados Unidos da América, Jefrey Tess ou apenas Tess, como preferiam os amigos e familiares, conquistara, por mérito próprio, destaque em sua área de atuação. Era um oficial da inteligência que adorava o trabalho de campo e por conta disso vivia desencavando aqui e ali situações que viabilizassem seu emprego direto. Achava o trabalho de analista monótono demais quando restrito a quatro paredes.

O terceiro homem era o Capitão Perez, oficial em comando, braço direito do superior e amigo Flening.

Ao final do segundo dia de reconhecimento foi observada uma grande movimentação no interior do Pelotão. Vários disparos, com munição traçante, costuraram o manto de escuridão da noite.

Nos alojamentos, onde moravam os soldados solteiros, na região de casarios, onde moravam os oficiais e praças casados, e na comunidade indígena, onde moravam com suas famílias alguns dos soldados nativos, pessoas gritavam e corriam.

Aquela agitação era a negação de tudo que fora observado até então. Acordados, os três militares assistiam a tudo, graças ao uso dos óculos de visão noturna associados à lunetas especiais. Em todos os corações pairava a mesma dúvida: “Fomos descobertos?” Mas os fogos não eram racionais! Partiam de um único ponto. Desde o início, partiam das mãos do homem que comandava o pelotão e eram executados para o alto enquanto ele vociferava algumas palavras em espanhol ou língua parecida.

“Será que o stresse aflorara, naquela noite, de forma incontrolável para aquele oficial? Será loucura ou algum ajuste de contas?” Pensava Perez. A verdade é que em apenas alguns minutos, que separaram a surpresa do início dos fogos e a compreensão do porquê de sua realização, aqueles três homens puderam conjecturar centenas de hipóteses para explicar tal fato.

Indiferente às dúvidas do grupo de reconhecimento estacionado na orla da mata, o Tenente Marcos André realizava naquela noite, ao seu modo, o treinamento do plano de defesa do pelotão. Segundo ficou acertado previamente, as famílias também deveriam participar da defesa do pelotão, guarnecendo suas casas, conhecidas como próprios nacionais ou PNRs.

Em caso de acionamento do plano de defesa, todos os ocupantes dos PNRs sairiam por um alçapão, vindo a desembocar na parte debaixo de suas casas. Como foram construídos sobre pilaretes, para evitar a agressiva umidade da região, os próprios nacionais possuíam um grande espaço disponível abaixo do piso de tábua corrida.

Era na parte debaixo das casas que as mulheres deveriam proteger as crianças e suas próprias vidas. Contavam com uma pistola calibre nove milímetros, duas caixas de munição e uma barricada construída com latões de duzentos litros cheios de brita. Enquanto elas estivessem guarnecendo os setores dos PNRs, seus maridos cerrariam aos postos pré-determinados, de acordo com as funções desempenhadas por cada um dentro do pelotão.

No comando do Terceiro PEF há algumas semanas, Marcos André, tomou uma série de providências para melhorar a segurança do pelotão.

Para alguns sargentos, cabos e soldados, há anos na fronteira, Marcos André era só mais um embusteiro. Um teórico vindo da Academia Militar das Agulhas Negras, um neófito amedrontado pelos fantasmas do comando prematuro ou pelas histórias veiculadas pela imprensa sobre a Amazônia. Nada que alguns dias duros não levasse embora. Tal qual ocorrera ao comandante

anterior. Chegou com muito papo. Contraiu malária duas vezes, foi picado por uma surucucu dentro do seu próprio alojamento e, em seguida, pediu, por favor, para sair do pelotão na primeira aeronave. De onça a gatinho em poucas semanas.

Com todos em posição, Marcos e o sargento adjunto iniciaram a inspeção. Passando em todos os postos, verificavam se havia algum erro no posicionamento. Se as mulheres e os militares estavam cientes dos setores de tiro a serem cobertos por cada arma.

Após sanar pequenas dúvidas e corrigir detalhes o tenente deu alguns minutos de silêncio ao pelotão. Ele sabia que em momentos como aquele muitos pensamentos incomuns afloravam à mente humana. Era essa oportunidade que ele desejava aproveitar. A simulação de situações de risco impulsiona seus participantes a se questionar: “E se isso acontecer comigo!?”

Do ponto mais alto e central do PEF, a caixa d’água, Marcos André acionou, por meio de vários silvos de apitos, o que chamou de “minuto de loucura”. Neste treinamento todas as armas deveriam executar fogo dentro dos setores de tiro pré-determinados até que a munição se extinguisse.

Maculando o silêncio e a tez da noite, um grande e assombroso estrondo, seguido por sopros de fogo, invadiu o ambiente. As armas cintilavam em um ritmo frenético e ensurdecedor. Do alto, Marcos constatava que os clarões indicavam trezentos e sessenta graus do perímetro aproximado do pelotão cobertos por fogos. Logo a munição se extinguiu e o pacífico silêncio do nada, que atravessa a noite, reconquistou seu território.

Para as mulheres, pior do que acordar no meio da noite, tirar os filhos da cama, escorregar para baixo das casas e ficar na mais completa escuridão das barricadas, somente o zumbido que passava a povoar suas cabeças após a execução dos fogos. Era horrível!

Depois das horas de muita agitação, o grupo de reconhecimento pode concluir que não se tratava de um ataque ao pelotão e muito menos à sua posição. De qualquer forma eles persistiram na observação, esgotando as últimas horas de escuridão daquela noite.

Novamente o sistema de comunicação se mostrava ineficiente, desta vez era o contato via FM que aparentemente apresentava deficiências. Perez tentara contato com o Sargento Murdok, por boa parte da noite, mas sem sucesso.

Nas primeiras horas do dia, o monumental espetáculo do amanhecer amazônico começa a tomar forma. O dourado do sol banha a copa das árvores escorrendo em feixes esparsos pelo chão de folhas. Um zumbido estridente anuncia, pela trombeta dos insetos, a chegada de um novo dia. Hora dos predadores notívagos encerrarem as atividades, buscando lugares seguros para o

repouso. Dando a vez a novos predadores que, aliados a força da luz do dia, no interior da selva, começam mais uma caçada pela sobrevivência.

O vendaval de aromas soprado pelo vapor da vida, que brota sem cessar do seio da Mãe Natureza, é fascinante e invade a alma dos afortunados, que presenciam, da selva, o amanhecer.

Com luminosidade suficiente para estabelecer contato visual, o Capitão Perez resolveu sair de sua posição e verificar como estavam seus comandados. Encontrou o Tenente Jefrey Tess com os olhos grudados na potente lente, trazendo o pelotão a alguns centímetros de sua posição, e a mastigar um chiclete. Perez acenou, fez o sinal de OK e indicou que caminharia até a posição do Murdok para dar uma olhada.

O sargento estava no alto de uma imensa castanheira. Camuflado pelo copado ele, habilmente, preparara um excelente posto de observação. Ao se aproximar o capitão verificou que Murdok havia se descuidado na esterilização da área. Algumas embalagens de ração e uns poucos cartuchos de fuzil estavam caídos logo abaixo de sua posição. Perez recolheu os indícios denunciadores, displicentemente, atirados ao chão pelo sargento. Enquanto esterilizava a área pensou: “Esse é um dos problemas de se operar com novatos. Mas estes jovens jamais chegarão a ter o status de veteranos se não houver alguém disposto a pagar o preço do ensino”.

Depois da longa e cansativa subida, o capitão chegara aos galhos que sustentavam o posto de observação preparado por Murdok. Nos galhos havia indícios de sangue. Era um sangue escurecido, grosso como uma gelatina. Um cheiro agridoce, enjoativo e conhecido por Perez invadiu seus sentidos. “Será que Murdok abateu algum animal?” Pensou o militar ao perceber os indícios de morte.

Por entre as varas que sustentavam o sargento, em sua posição, um líquido avermelhado porém menos viscoso escorria lentamente. Ao elevar um pouco mais o seu corpo, Perez viu a mochila de Murdok, atada a um dos galhos, ao lado carregadores, pacotes de ração e um bloco de papel de carta.

O sargento estava deitado de bruços, segurava em uma das mãos o fuzil e a outra mão estava oculta. Perez deu uma cutucada nas pernas de Murdok, mas ele deveria estar exausto em decorrência da noite anterior, pois não esboçou nenhuma reação, provavelmente dormindo um pouco, pensou Perez. O capitão decidiu, então, subir na plataforma improvisada para acordar o companheiro.

A quantidade de formigas e demais insetos passeando por toda a parte era impressionante e havia muita formiga no uniforme de Murdok. Perez se permitiu quebrar, brevemente, a disciplina de ruídos sussurrando:

- E aí Murdok, servindo de isca para as formigas deste inferninho?

Ao se postar próximo às costas do sargento, Perez sentiu a lança da tristeza espetar seu coração. Parte da massa cefálica do companheiro estava exposta através de um buraco à retaguarda da cabeça e servia de café da manhã para uma gama de insetos vorazes. Virando o corpo de Murdok, Perez viu o inchaço e o orifício na testa do subordinado. Aparentemente um ferimento causado pelo impacto de um projétil de calibre sete meia dois milímetros ou cinco cinco meia milímetros.

“Provavelmente, na noite anterior, durante a movimentação no pelotão, Murdok havia sido atingido, acidentalmente. O sargento fora vitimado por uma bala perdida.” Concluiu Perez.

CAPÍTULO 10

Naquela manhã houve uma grande reunião onde todos os integrantes do PEF de São Joaquim tiveram de comparecer. Os aspectos positivos e negativos do treinamento da noite anterior foram ressaltados pelo tenente Marcos André. Soluções alternativas emergiram das próprias famílias e ficou acertado que se algum dia disparos cortassem a noite, novamente, não seria um treinamento.

CAPÍTULO 11

O caminho até o ponto de extração era desgastante, cortava várias linhas d’água e estava desenhado sobre uma carta que, apesar de toda a tecnologia empregada em sua confecção, não mostrava as intermináveis subidas e descidas forçadas pelos socavões existentes no relevo da enganosa “planície” amazônica.

A cada “soca” transposto, Perez tinha mais certeza de que a decisão de abortar a missão e iniciar o retraimento fora a mais acertada.

Conduzir um ferido ou um corpo no interior da selva amazônica era tarefa difícil e extremamente retardadora. Os espinhos maltratavam as carnes dos militares e os insetos pareciam não dar a mínima importância ao repelente usado por eles.

A maca improvisada, com duas varas verdes, descascadas, e gandolas do próprio falecido, dificultava a progressão. Ela prendia nos cipós, entalava nos estreitos labirintos de árvores e tornava as constantes subidas de socavões escorregadios tarefas ainda mais sacrificantes. O saco usado para conduzir o corpo de Murdok sobre a maca rasgou. A cada parada mais insetos disputavam o direito por um assento à mesa, vinham atraídos pelo cheiro da morte e suas secreções.

Durante a noite, Perez e Jefrey interromperam a marcha para descansar.

Eles revezaram-se na guarda da posição. Foi lá pelas três da manhã que Jefrey notou um movimento no setor leste de sua posição. Acordando Perez, os dois permaneceram em alerta até o dia chegar pois mesmo com o equipamento de visão noturna eles não conseguiam ver o intruso, apenas ouviam alguns sons misteriosos, como rugidos.

Com o dia claro Perez constatou que havia vestígios, em todo o perímetro, da presença de um felino de grande porte. De certo, atraído pelo odor de seus corpos há muito privados de um banho. Era imperativo redobrar a atenção e ganhar nas horas de luz o máximo em progressão. Após o consumo da ração relativa ao café da manhã uma forte chuva veio acompanhar o início da marcha.

As árvores da selva amazônica possuem raízes conhecidas como preguiçosas, por não se aprofundarem no solo. Isso ocorre porque a vegetação tem facilidade em obter água logo na superfície. Devido a essa peculiaridade, torna-se extremamente perigoso caminhar na selva durante as chuvas. As árvores, sem a sustentação de raízes profundas, tombam diante dos ventos das tempestades tropicais e levam as vizinhas também.

Perez e Jefrey estavam em meio a um dominó gigante. Troncos centenários, pesando toneladas, caiam levando outros consigo. Imensos cipós chicoteavam aqui e ali, espalhando destruição e abrindo espaço para novas vidas. Mais um ato do contínuo balé da criação.

O barulho dos trovões ficava diminuto, comparado ao ronco enfurecido da mãe natureza abrindo suas entranhas para a saída de mais uma filha. O perigo era grande, mas os dois precisavam continuar rumo ao ponto de extração.

Em poucos minutos surgiu uma imensa clareira, formada por árvores tombadas. Por toda parte encontrava-se vida em mudança. Cobras, escorpiões, formigas, animais de pêlo e sangue quente, pareciam entender, resignados, o motivo de seus despejos. Seguindo para outras áreas. Vez por outra, Perez e Jefrey se viram obrigados a desviar de sua rota para evitar cobras e troncos recém caídos.

Ambos apresentavam ferimentos nos braços, ombros e pernas, causados pela vegetação espinhosa e pelas constantes quedas. O ferimento mais sério era o de Jefrey. Durante a chuva, ele escorregou na descida de um socavão, só parando vinte metros abaixo, escorado por uma palmeira negra. Esta espécie de palmeira possui longos e resistentes espinhos em seu tronco. Como resultado Jefrey tivera seu braço direito transfixado por vários espinhos e no ombro, do mesmo lado do braço, outros tantos espinhos estavam profundamente cravados em sua carne.

A dificuldade em transportar o corpo do companheiro parecia crescer a cada passo. O fôlego dos militares era afetado pelo ar quente e úmido da mata, um ar indiferente às necessidades dos forasteiros. O calor, vaporoso, apressava a

exaustão.

Os dois marcharam, sem paradas, durante todo o dia. As fardas permanentemente úmidas assavam a pele nos pontos de maior atrito, formando feridas ardidas. Em silêncio, eles caminhavam, apenas caminhavam. Mesmo no momento das quedas, como a de Jefrey, o sofrimento calava as almas e selava as bocas. Era como se um grande pacto de sofrimento emergisse entre aqueles militares.

As dificuldades impostas pela missão eram absorvidas passivamente pelos seus corpos e suas mentes eram alimentadas pela perspectiva de entregar o companheiro morto à sua família. Segurança não foi o ponto alto do deslocamento. Os dois conduziam o armamento em bandoleira, ocupando as duas mãos com a tarefa de conduzir o falecido.

Com a chegada da noite a decisão!

Era preciso continuar a caminhada, não havia tempo para pernoite. Decisão tomada, a dupla realizou uma rápida parada em uma clareira para tentar contato com a base de operações. Desta vez, milagrosamente, as comunicações funcionaram. Aproveitaram, então, para consumir ração e colocar medicamento nos ferimentos.

O ambiente quente e úmido da selva leva qualquer ferimento à purulência em poucas horas e isso associado à debilitação orgânica, própria aos que operam sob condições tão adversas, pode comprometer a continuidade das ações. Causando baixas e perda da capacidade combativa de frações inteiras.

- Capitão, o senhor tem alguma coisa para passar nos pés? Os meus estão estranhos, parecem dormentes e enrugados.

Perez olhou para Jefrey e enquanto torcia as meias encharcadas respondeu:

- Não estranhe! Estivemos nas últimas horas com água até os malditos sacos e como se isso não bastasse o solo irregular, cheio de raízes, sementes, descidas e subidas, maltrata os pés. Tome. Massageie os pés com esta pomada e coloque meias secas.

Na hora pareceu besteira. Em meio a tanta umidade passar mais pomada nos pés e essa história de trocar a meia! Para que? Se dois passos depois elas estariam encharcadas.

Mesmo confuso Jefrey seguiu os conselhos do superior. Descobriria, minutos depois, o quanto valorosas eram as dicas dadas por Perez.

Por volta das quatorze horas do dia seguinte os remanescentes do grupo de reconhecimento alcançaram o ponto de extração. O saco, com o corpo de Murdok, foi o primeiro a ser embarcado na aeronave. O cadáver endurecido foi colocado no chão com ajuda de um dos tripulantes. Seu invólucro, de cor preta, apresentava rasgos por onde escorriam líquidos fétidos acompanhados, vez por

outra, por formigas.

CAPÍTULO 12

O despertador tocou, uma, duas, três vezes. Em um último esforço para continuar dormindo Kate virou para o lado, cobrindo a cabeça com o travesseiro. Mas o algoz das noites, mensageiro dos compromissos, continuava o anuncio estridente, estava na hora de levantar. Eram duas horas da manhã de uma terça-feira fria e chuvosa em São Paulo. Dentro de minutos Kate deveria estar no Aeroporto de Guarulhos para cumprir mais uma escala de comissariado.

Todo o glamour da profissão de comissária de bordo era rapidamente esquecido em horas como aquela. Não havia jeito, a solução era levantar e chamar a companheira, também comissária, que dividia o aluguel do apartamento e concorria à mesma escala de vôo.

- Tirar Márcia da cama, hoje, não vai ser fácil! - resmungou Kate, enquanto dobrava a roupa de cama, acomodando-a no interior do armário.

Aproximando-se da porta do quarto de Márcia, Kate chegou a conclusão de que naquela noite não seria necessário seu serviço de despertadora. A julgar pelos gemidos animais e o vai-vem das silhuetas observadas pela porta entreaberta, Márcia estava bem acordada e ocupada. Restava, então, um banho bem quentinho, para despertar do sono e prepara-la para as longas horas de vôo subseqüentes.

Sob o chuveiro, a água quente e a esponja suave deslizando na pele macia, coberta por pêlos dourados, pareciam entorpecer Kate. A lembrança do que acabara de ver no quarto ao lado, brotou repentinamente em seus pensamentos. Sentindo o corpo envolvido carinhosamente pelo abraço de calor e umidade dos vapores, Kate imaginou o que ainda estaria acontecendo no quarto da colega. O instinto guiou suas mãos aos pêlos pubianos, loirinhos e cuidadosamente aparados. Em um estremecer lânguido, Kate cerrou os olhos azuis se entregando ao prazer. Mãos, dedos, seios, seu corpo mergulhava na fantasia de estar nos braços do seu homem. Do amor não correspondido. Logo uma onda de prazer varreu corpo e alma, um sorriso de menina veio à tona.

Horas mais tarde, uma aeronave iniciava os procedimentos para decolagem. As comissárias, dentro de uniformes cuidadosamente ajustados às curvas do corpo, demonstravam procedimentos para o caso de emergência.

Kate sabia o quanto duras seriam as próximas doze horas. Além de aturar passageiros inconvenientes e mal educados, seria preciso ouvir as lamentações da companheira. O que a confortava era a expectativa de um novo contato com aquele homem misterioso e sedutor para a entrega do relatório de suas últimas

atividades.

Sentindo o cansaço advindo de mais uma noitada de prazer às vésperas de um vôo, Márcia insistia em tentar convencer Kate de que não cometeria o mesmo erro novamente. Reclamando do sono para quem quisesse ouvir.

- Amiga, este cansaço que estou sentindo não vale a pena, nem por aquele homem maravilhoso de ontem, nem por nada no mundo. Mal posso esperar para deitar e dormir um pouco. - disse Márcia a Kate após a segunda decolagem do dia.

Nada que o tempo e o sangue apimentado da moreninha de olhos esverdeados, sorriso contagiante e corpo esculpido por anos de malhação em academias de ginástica, não pudessem apagar.

Durante o vôo, um dos passageiros pediu à Kate doce de abóbora com coco queimado. A comissária respondeu, de pronto:

- Não temos o sabor da terra. Mais alguma coisa, senhor?

- Não, obrigado.

Havia sido realizada a troca de senha e contra senha. Discretamente e em hora oportuna o homem passou e recebeu das mãos úmidas de Kate algo semelhante a um pequeno cartão de memória.

CAPÍTULO 13

Em diversos países, eclodiram protestos, formais e informais, decorrentes das notícias de chacinas contra Nações indígenas da Amazônia. Montanhas de missivas, ondas de telefonemas chegavam diariamente a Brasília. Cobravam esclarecimentos, buscavam informações oficiais, manifestavam a insatisfação com o estado de coisas revelado ao mundo nos últimos dias.

No continente europeu, fóruns, debates e passeatas, organizados por ONGs, abordavam a forma imprópria como o governo brasileiro vinha tratando os assuntos relativos às nações indígenas e a própria Amazônia, com seu incalculável manancial hídrico e biodiversidade.

Ponto de consenso em todos estes fóruns e também nas reuniões realizadas pelos Chefes de Estado de algumas das maiores potências econômicas e militares do planeta, a necessidade de ater-se ao imperativo moral revertendo a tentativa de limpeza étnica e a matança de indígenas amazônidas, começava a ser comentado abertamente.

A imprensa internacional divulgou que as autoridades brasileiras, mesmo diante de repetidos aclames da comunidade internacional, não teriam apresentado, sequer, uma versão oficial e consistente para o massacre de índios na Amazônia. Aumentando a indignação pública, cimentando corações e mentes.

Por outro lado, o governo brasileiro começava a perceber a maliciosa permeabilidade seletiva empregada pelas agências estrangeiras de notícias para divulgar informações sobre o assunto. Os poucos esclarecimentos advindos de fontes oficiais que saiam do país eram, primeiro, destorcidos e, depois, retardados ao máximo. Quando chegavam aos noticiários, ao redor do mundo, encontravam opiniões já formadas. Era como argumentar para muros e paredes.

Alcançados o domínio econômico e o cultural, parecia ter chegado o momento de uma nova dimensão da imposição da vontade de grandes interesses estrangeiros. Viabilizado pelo caso da Amazônia, estava no ápice o processo de satanização do Brasil.

Primeira vítima de todas as guerras, a verdade tinha de ser sacrificada. Propagandistas, empacotados como jornalistas, criavam a imagem de um Brasil indiferente e arrogante.

Estava sendo desenhada a dimensão seguinte do domínio. Seus traços apontavam para a invasão física. Alertado a respeito, o governo brasileiro fazia o possível para não denotar dúvidas sobre sua soberania e real interesse em apurar com rigor os fatos ocorridos.

Em meio à agitação surgida nos corredores e gabinetes de Brasília, havia uma autoridade que se comportava de maneira centrada, aparentando estar confortável com as responsabilidades advindas daquela situação. Era o Ministro da Defesa, um homem com uma extensa folha de serviços prestados à sociedade brasileira.

Ex-presidente da suprema corte do Brasil, Juiz aposentado, político por vocação de servir à sociedade, o homem vaidoso e ambicioso escolhido pelo Presidente da República para ser Ministro da defesa foi o primeiro civil a, de fato, conseguir o pleno exercício à frente do complexo ministério d’armas brasileiro.

A liderança do Ministro da defesa, para alguns críticos, surgira de uma perigosa comunhão de interesses que se alimentava nos perigosos canais subterrâneos do poder existentes dentro e fora dos quartéis. Mas, afora as teorias conspiratórias, a realidade demonstrava um salto de qualidade nas relações institucionais das Forças Armadas brasileiras.

Com a solução de diversas crises e pontos de tensão, como a crise do setor aéreo civil e a difícil questão do reaparelhamento das Forças Armadas, baseado em planejamento estratégico, o orçamento do Ministério da Defesa se tornou uma estrela em ascensão.

CAPÍTULO 14

Um grupo de hackers invadiu a página da ONU, na internet, pendurando em seu lugar um texto intitulado “Os sete motivos”. Apesar de haver ficado no ar apenas por algumas horas, este documento foi pulverizado na rede por meio da ação da comunidade digital. Vindo a repercutir em todo o planeta.

Seu conteúdo foi divulgado, posteriormente, pela imprensa e sua autoria passou a ser atribuída indiretamente ao governo brasileiro, como uma ação desesperada do tipo cortina de fumaça. O documento afirmava que o mundo possuía uma dívida para com a Amazônia Brasileira. Algo em torno de sessenta e nove trilhões de dólares.

Esta afirmação era justificada por dados estatísticos. Todos baseados na tese de que a Amazônia Brasileira foi a única região do mundo responsável por manter o equilíbrio ambiental do planeta Terra nas últimas décadas. Por este serviço, prestado à humanidade, haveria de ser pago o valor referido.

Mas o documento foi muito além. Acusou as nações mais desenvolvidas de pretenderem repartir o bolo da Amazônia por meio de uma intervenção militar. Segundo o texto, a cobiça pela região acirrou-se nos últimos anos devido ao efeito estufa e à tomada de consciência, por estes países, do acelerado processo de extinção dos recursos naturais necessários à manutenção da vida sobre a terra. Os “sete motivos” apresentados pelo documento eram:

1. Água potável - a maior bacia hídrica do mundo está na Amazônia. Nos próximos anos não haverá água potável suficiente para atender à demanda mundial, vindo este recurso a tornar-se fonte de vida e riqueza.

2. Oxigênio - cinqüenta e quatro por cento das reservas de oxigênio mundiais estão na Amazônia. Este é mais um dos elementos essenciais à vida humana.

3. Espaço vital - com um excedente populacional sobre a terra, a ser alcançado nos próximos anos, surgirá a necessidade de ocupar regiões vazias.

4. Fome - a Amazônia possui a maior área agricultável do planeta.

5. Carbono - ametal, elemento essencial dos carvões e demais combustíveis de base orgânica. As ações relativas aos créditos de carbono, negociadas nas bolsas de valores, hoje detêm uma expressiva parcela do capital corrente.

6. Biodiversidade - grande esperança de dias melhores para bilhões de pessoas, perspectiva de lucros astronômicos para indústrias farmacêuticas que abordarão o tema de forma comercial.

7. Demais riquezas - neste item o documento apontava diversos outros recursos ainda inexplorados no solo e subsolo da Amazônia.

CAPÍTULO 15

Paralelamente à agitação internacional, ocorria dentro do próprio Brasil o Seminário Internacional de Povos Indígenas do Brasil, Venezuela e Guiana. O evento, realizado em Manaus, considerado há muito o maior encontro de povos indígenas do Norte da América do Sul, tomou proporções gigantescas.

A imprensa mundial se fez presente. Alguns diziam haver mais jornalistas e fotógrafos, na região, do que índios. Após dias de movimentação e discursos inflamados surgiram os primeiros resultados.

Em uma nota, dirigida à imprensa, os indígenas denunciaram invasões, violência, desapropriações indevidas, desalojamentos e saque de seus recursos naturais, culturais e econômicos. Rogaram ajuda internacional para serem respeitados como povos, étnica e culturalmente diferenciados, com direito e capacidade de definir seus próprios projetos de vida.

Dias depois, um documento elaborado durante o Seminário pôs fim à fumaça da dúvida, propagando as chamas da realidade por sobre a consciência de cada cidadão do planeta.

“Diante do estado de coisas constatado e de nossa impotência para contorná-lo, clamamos à comunidade internacional o ensejo de medidas competentes no sentido de estancar, imediatamente, a violação maciça e permanente dos direitos humanos de uma minoria representada pelas Nações Indígenas do Amazonas. Que cesse o quanto antes a limpeza étnica em curso”. Eram as últimas linhas do documento.

Elas estavam em perfeita sintonia com o pensamento resumo dos principais Chefes de Estado da grande rede global.

Com o protesto formal dos Chefes de Estado de diversos países junto a ONU, a consolidação de uma opinião pública globalmente contrária às atitudes do governo brasileiro e favorável à causa da minoria indígena, somados a representação de uma comissão intitulada Frente de Salvação das Nações Indígenas do Amazonas, composta por líderes de várias Nações indígenas da região amazônica, também junto a ONU, além da pressão de quase 600 ONGs “verdes”, atingiu-se politicamente a massa crítica, capaz de ordenar e legitimar uma intervenção militar de caráter humanitário.

Assim, o conselho de segurança da ONU reuniu-se em caráter emergencial. Havia rumores de que os Estados Unidos, Inglaterra e a China apresentariam ao conselho de segurança uma proposta de resolução que abriria caminho para o uso da força, abreviando o longo caminho das vias diplomáticas usuais. Precedentes como o da invasão do Iraque por tropas americanas e britânicas indicavam que qualquer que fosse a decisão dos membros do conselho

de segurança a vontade a prevalecer seria a dos Estados Unidos e da China.

O governo brasileiro, diante da ineficiência da diplomacia convencional, procurava aparar arestas. Em nota oficial o Presidente da República declarou desconhecimento e repúdio às ações ocorridas na região Norte do Brasil, veiculadas pela imprensa mundial. Afirmando estar solidário com o sofrimento dos seus irmãos e compatriotas indígenas amazônidas.

Encerrando a nota, o Presidente informava que todo e qualquer incidente envolvendo a comunidade indígena brasileira seria apurado com o rigor e a rapidez necessários a um Estado que prima pela democracia e respeito aos direitos humanos.

Os pronunciamentos oficiais do governo brasileiro escorreram pelos esgotos da descrença na comunidade internacional encarados, no mínimo, com ceticismo.

Durante a reunião subseqüente do conselho de segurança da ONU, o Secretário de Estado dos Estados Unidos da América teceu pesadas críticas ao posicionamento do Brasil diante da questão amazônica.

O representante do governo chinês surpreendeu, indo além da questão das chacinas de índios. Destacando a política inadequada e arcaica usada pelo governo brasileiro para gerenciar questões indígenas, mananciais hídricos existentes na região e combater a narco guerrilha.

O discurso chinês chamava atenção, para a necessidade da comunidade internacional tomar providências visando frear a devastação da floresta amazônica pelas queimadas, pelas madeireiras ali instaladas e por conta do avanço desmedido das fronteiras agrícolas promovido pelo setor sucroalcooleiro do Brasil.

A contaminação e a degradação do intitulado “último grande bebedouro do mundo” não foi esquecido pelo representante do governo chinês. Citando a contaminação das águas dos rios formadores da bacia amazônica com mercúrio e outros dejetos químicos, sem qualquer providência por parte dos órgãos competentes dos países responsáveis, entre os quais o Brasil.

O representante chinês, no clímax de seu discurso, fez referência ao conceito de soberania restrita. Segundo o qual santuários ecológicos, como a Amazônia, deveriam ser governados por um consórcio de países, como garantia de preservação. Sendo interrompido, neste momento, por aplausos.

“É hora de encararmos o problema de frente e, se preciso for, intervirmos na Amazônia através de uma força multinacional. Extinguindo, o quanto antes, a limpeza étnica em curso e salvaguardando mananciais de valor inqüestionável para a sobrevida de nossa civilização nos anos difíceis que estão por vir.

Desta forma, cabe a cada um de nós, a cada habitante da terra, definir até

onde os interesses supostamente soberanos de um país podem ditar o fim de uma etnia ou da própria esperança de uma sobrevida para a humanidade neste, quase esgotado, planeta. Se dermos as costas a tais agressões aos direitos de civis inocentes e à importância dos recursos existentes na região estaremos sendo coniventes com as causas de um mal maior.”

Novamente, uma enxurrada de aplausos, sucedeu às duras palavras do representante do governo da China. Discurso transmitido ao vivo por diversas emissoras de televisão ao redor do mundo.

Ninguém parecia lembrar ou se importar com a tradição de desrespeito aos direitos humanos e falta de transparência que acompanhava o governo chinês. A legitimidade que importava era a econômica e a bélica. E neste dois quesitos a China detinha supremacia.

CAPÍTULO 16

No trabalho, no ônibus, na escola, no bar, o assunto do momento passou a ser Amazônia, pulmão do mundo e a limpeza étnica em curso contra uma tal Nação Indígena do Amazonas.

No dia seguinte, o primeiro-ministro britânico quebrou o silêncio dos representantes daquela comunidade, em coletiva à imprensa. Na ocasião, expressou repudio aos fatos ocorridos no Brasil, ressaltando que a humanidade estava novamente diante de um genocídio. Lembrando que desde a guerra em Kosovo não se via uma tentativa, tão clara e cruel, de extermínio de toda uma raça, toda uma nação. O primeiro-ministro reafirmou sua crença na necessidade do emprego das novas regras globais, com vistas à uma nova era.

- Segundo a Doutrina da Comunidade Internacional justifica-se a intervenção militar em questões internas de ditaduras e em casos de violações maciças dos direitos humanos. - afirmou.

Na prática, a coletiva abriu caminho para o ultimato, dado em nome da comunidade européia pelo governo da França. Enquanto o governo brasileiro não esclarecesse sua posição diante de tamanha abominação estaria sujeito a retaliações comerciais, em um primeiro momento, e militares, caso se mostrasse necessário.

Um respeitado analista militar Norte Americano, quando entrevistado, atribuiu a três fatores a origem da internacionalização da crise doméstica vivida hoje pelo Brasil:

Primeiramente ele aponta inadequação da Política de Defesa Nacional brasileira frente as regras da pós-globalização econômica. Em segundo lugar cita a instabilidade percebida interna e externamente, resultante da fragilidade

estrutural das instituições que compõem o Estado brasileiro. E em terceiro lugar, o analista acredita que a crise só adquiriu este perfil grandioso por conta da pré-disposição da opinião pública internacional a encontrar um factóide capaz de simbolizar o seu compromisso com preservação do meio ambiente, principalmente após os estranhos e assustadores fenômenos climáticos registrados recentemente.

CAPÍTULO 17

Em seu quarto de hotel, Flening desliga a TV, bebe um copo d'água e segue para o banheiro. Seu corpo brilha e uma gota de suor escorre pelo rosto. O major mantinha corpo e mente afiados, através da ioga. Sobre a cama, a túnica militar indicava a natureza do próximo compromisso. Uma reunião no Pentágono. Mas esta não era uma reunião qualquer e Flening sabia disso.

A campainha toca. Do lado de fora, Perez, fardado, aguarda junto a porta.

Minutos depois, os dois cortavam avenidas em direção ao Pentágono.

- Li o relatório de sua missão, Perez. – Disse Flening, enquanto dirigia.

- Major, não tenho dúvida. Nosso maior oponente naquela região será o componente ambiental. A floresta é muito hostil e todo nosso aparato tecnológico torna-se ineficiente ou pelo menos quase ineficiente. E a logística então, melhor nem pensar. Naquele inferninho transportar é sofrer.

- Relaxe capitão, nós não nos interiorizaremos. Não partiremos para combates de baixa intensidade. Esqueça o Vietnã ou Iraque! Vamos estar cumprindo uma decisão da ONU, compondo força multinacional. Criaremos áreas de exclusão, de onde passaremos a garantir, em um primeiro momento, a implantação dos projetos ambientalistas e humanitários. Além do mais, ofereceremos tantas vantagens com nossa chegada que, de pronto, contaremos com o apoio da população local.

O dialogo foi interrompido durante breve parada no posto de gasolina para reabastecimento do carro. Em seguida, Flening retomou-o:

- As operações, sob nossa responsabilidade, serão conduzidas dentro de dois teatros. O "Zona livre um", com sede em Manaus, e o "Zona Livre dois", com sede no alvo de seu reconhecimento. Os outros três pontos de interesse serão operados pela China, outro pelo consórcio Índia, Japão e países europeus e o último por um consórcio reunindo a Rússia e alguns países árabes.

- O senhor está brincando! A Zona Livre dois será em São Joaquim?

- Exatamente e sabe o que eu acho Perez? Quando nós chegarmos lá, bastarão umas palmadinhas nos traseiros de alguns poucos, que ainda não tenham fugido com o rabo entre as pernas, para que eles desapareçam. Vai ser

um passeio como foi o nosso avanço sobre Bagdá.

- É, mas o êxito do avanço rápido até Bagdá foi sistematicamente corroído pelas ações da resistência, nosso despreparo para as operações de estabilização pós-conflito e por conta de nossa dificuldade em administrar os interesses das diferentes etnias. Em pouco tempo passamos a deter apenas o controle sobre um saco cheio de gatos raivosos e deu no que deu. – Havia um tom de lamento na voz de Perez.

- A diferença está no povo. Estamos falando de pessoas que consomem e desejam nosso estilo de vida. A má distribuição de renda e o descaso do Estado brasileiro gera a cada minuto um novo ânimo descontente e quanto mais descontentamento mais receptividade à uma nova administração. – Flening deixou escapar um sorriso de canto de boca ao argumentar.

Mas Perez não parecia convencido.

- O povo de lá,Major, apesar de viver na miséria não parece nutrir desejos separatistas. São sim, pessoas de paz, satisfeitas com o pouco que têm. Mesmo os indígenas dão a impressão de estar em perfeita harmonia com os pelotões da fronteira. Ainda vou além, Major, e se estes índios resolverem aderir à causa dos militares, ou os próprios moradores de Manaus demonstrarem resistência à nossa permanência?

- Perez, não estamos falando de regiões povoadas como tínhamos nas matas do Vietnã. Conduziremos operações sobre um imenso vazio demográfico. Território desprezado pela própria sociedade brasileira.

Perez sorriu, se ajeitando no banco do carro. Não estava muito à vontade, os espinhos e ferimentos espalhados pelo corpo ainda o incomodavam.

Os dois cruzaram algumas ruas, em silêncio, até que Perez voltou à carga:

- Major, o que aconteceria caso a ONU decidisse resolver a questão por outros meios que não a intervenção?

- Neste caso, Perez, sem o aval da ONU talvez apenas a China nos acompanhe.

CAPÍTULO 18

No Pentágono, o clima era de alívio. A estratégia para obter no Senado a aprovação da operação militar e sensibilizar a opinião pública Norte americana estava funcionando além das expectativas mais otimistas.

Em umas das salas de reunião teve início uma longa exposição para alguns dos envolvidos, direta ou indiretamente, na manobra militar em andamento. Foram expostos detalhes necessários ao desencadeamento de ajustes logísticos e operacionais. Na ocasião, também, foram distribuídas “linhas de conduta” a

serem seguidas pelas tropas durante os trabalhos em território brasileiro.

O Almirante Taylor informou que as duas divisões verdes, do Comando Sul, especializadas em operações na floresta amazônica, já se encontravam na Zona Verde, em condições de iniciar as ações. O comentário causou admiração em parte dos ouvintes. Alguns dos presentes tentavam imaginar como foi possível colocar duas divisões Norte Americanas inteiras praticamente dentro do teatro de operações sem nem mesmo um questionamento ou menção contrária partisse do governo brasileiro.

A reunião estendeu-se por horas.

CAPÍTULO 19

Desde que os Estados Unidos da América deixaram o Canal do Panamá, abrindo mão também da Base Militar do Comando Sul, instalada naquele país, a abordagem das questões relacionadas à narco guerrilha mudou. Coincidentemente, no mesmo período, os conflitos internos colombianos passaram a receber cobertura diferenciada.

A mídia, colocada a serviço dos interesses dos Estados Unidos, aliada a conveniente incapacidade do governo colombiano em gerir suas finanças, negociar com as guerrilhas e reprimir os cartéis do narcotráfico, tornou clara a necessidade de uma ação direta do governo Norte Americano.

Era preciso resguardar os Estados vizinhos e combater o narcotráfico, visando o bem comum de toda a sociedade do continente americano, pois o tráfico de drogas e o terrorismo não conhecem fronteiras. Assim, foi justificada a presença americana permanente naquela região.

Sob o pretexto de colaborar no combate à narco guerrilha, o acesso à região Norte da América do Sul pelos militares dos Estados Unidos sofreu ampliação suficiente para garantir-lhes total supremacia no espaço aéreo dos países andinos.

Bases, antes apenas utilizadas em parceria com o governo colombiano, passaram à condição de Bases do Comando Sul, estabelecendo a estratégica Zona Verde. Nas Bases de Palanquero, Apiay, Barranquilla, Três Esquinas e Mantra, esta última no Equador, a bandeira Norte Americana estendia as garras da águia à Amazônia.

A única voz dissonante e aparentemente empenhada em evitar o avanço belicista dos Estados Unidos sobre a América do Sul vinha do governo venezuelano. Mas os avisos e protestos bolivarianos não encontravam ouvidos dispostos a escutar e bolsos determinados a fechar-se ao dinheiro fácil.

Velho sonho dos militares Norte Americanos, a Zona Verde nada mais era

do que uma faixa de selva amazônica. Local onde militares Norte Americanos ambientavam-se ao combate neste tipo de selva, testando doutrinas e equipamentos apropriados às especificidades do rigoroso ambiente operacional.

Em um lugar, distante de tudo e de todos, convenientemente plotado ao sul da Zona Verde estavam pousados dois helicópteros. Aeronaves idênticas às usadas pelo Exército Brasileiro na região. Idênticas até no padrão de pintura. No mesmo ponto estava estacionada uma pequena guarnição. Quatorze homens que nos últimos meses trocaram, durante as operações, os uniformes do "US ARMY" pelo camuflado do Exército Brasileiro. Eles ostentavam pequenas bandeiras brasileiras bordadas em um dos ombros de suas fardas. Eram homens de aparência latina, português fluente, vivendo em alojamentos improvisados junto às clareiras, onde estavam camufladas as aeronaves. Instalação fantasma, imperceptível mesmo para vôos à baixa altitude.

As ordens para a guarnição vinham de Washington, sendo cumpridas sem questionamentos ou embaraços. Mesmo quando incluíam o assassinato de crianças, mulheres e homens indígenas. Alvos indefesos, apenas civis inocentes.

Sob quaisquer circunstancias, as peças do imenso tabuleiro precisavam ser movidas. O xadrez, o jogo do poder não podia parar. Nunca parou.

CAPÍTULO 20

Na escuridão do cativeiro, o Coronel Pool ensaiava, mentalmente, a resistência aos novos interrogatórios. Sua vontade parecia volatilizar-se diante de tamanho sofrimento físico e mental.

Neto de seringueiros do Pará. Pool era filho de um geólogo americano que realizava pesquisas na Amazônia quando se encantou com uma cabocla amazônida de corpo moreno e sedutor. Da atração irresistível nasceu Pool.

Ele passara apenas seus seis primeiros meses de vida morando no Brasil. Após a morte da mãe de Pool, vítima de uma forte virose que a fez sangrar até perder a vida, seu pai decidiu levar o bebê para os EUA e criá-lo junto aos avós.

Muitos anos mais tarde, o pai de Pool tomou conhecimento de que alguns nativos da região do Rio Ebola, na África, morreram apresentando os mesmos sintomas de sua esposa.

Pool cresceu ouvindo o pai contar a história da peste do Amazonas e como ela matara sua mãe ainda jovem. Relato constantemente feito com a voz carregada de pesar e amargura. Em grande parte por que o pai jamais se perdoara pelo fato de ter recusado o auxílio de curandeiros nativos no tratamento de sua esposa.

Apesar de ter ouvido histórias sobre algumas comunidades indígenas que

praticavam a manipulação de ervas nativas ditas como capazes de curar aquela enfermidade, na época, ele preferiu acreditar no poder dos medicamentos alopáticos, trazidos dos Estados Unidos. Escolha infeliz, em pouco tempo o corpo da mulher como que se derreteu, fazendo sangue brotar de suas entranhas em meio à febre.

Para o Coronel Pool as ações em andamento tinham caráter pessoal intrínseco. Ele sentia estar de volta ao seio de sua mãe, na selva amazônica. Mas não era apenas esta a mola mestra da motivação pessoal.

Pool acreditava ser justificável qualquer sacrifício, até a matança de nativos inocentes, para que o imenso reservatório de curas, representado pela floresta amazônica, passasse a ser controlado e estudado por nações melhor capacitadas. Fossem os EUA, a China ou os países da União Européia. Pois, a depender dos esforços brasileiros muitos ainda morreriam vítimas de males perfeitamente curáveis pelo feérico manancial farmacológico latente no interior da floresta amazônica.

Todo o patrimônio representado pela biodiversidade existente na Amazônia, para Pool, não deveria pertencer à vaidade de um país, mergulhado em dívidas e corrupção, mas sim à humanidade. Sendo estudado e explorado, livremente, por países como o seu. Certamente milhares de vidas seriam salvas por novos medicamentos. Milhares de vezes, a vida de sua mãe.

A porta do cativeiro é aberta, a paz se vai. Pool sabia, sua vontade de resistir não duraria muito tempo mais.

CAPÍTULO 21

No gabinete do Oficial de Inteligência do Comando Militar da Amazônia, por cerca de três horas, Ramos recebeu instruções para uma nova missão. Além da equipe do Oficial de Inteligência, estavam presentes o Oficial de Operações e seu adjunto. Depois de ouvir o conceito da operação, o detalhamento necessário ao seu cumprimento e um caminhão de recomendações, Ramos, apresentou suas dúvidas.

Alguns pontos não estavam claros o suficiente. A extração da equipe, que ocorreria após a ação no objetivo, foi planejada para um fator tempo muito justo frente a grande distância a ser percorrida. Caso ocorresse algum contratempo a extração seria comprometida, até mesmo por que o planejamento proposto deixava de fora linhas alternativas de ação.

As dúvidas eram coerentes e foram prontamente acolhidas pelos Oficiais do Estado Maior. Foi argumentado que aquelas deficiências decorriam da carência de meios disponíveis ante ao porte da operação na qual a missão

apresentada estava inserida.

Coordenação, esta seria a palavra chave para atender, quase ao mesmo tempo, a necessidade de todos, mesmo contando com poucas aeronaves, poucas viaturas, poucas embarcações, poucos meios . A missão recebida por Ramos era mais um ponto no quadro resumo da sala de operações, apenas isso.

Uma restrição imposta pelo escalão superior incomodou Ramos. Seria impossível operar, desta vez, com a mesma equipe das missões anteriores. Ele deveria trabalhar com uma outra. A nova equipe, segundo o escalão superior, deveria ser formada por militares do Centro de Instrução de Guerra na Selva, o CIGS.

Os militares com os quais Ramos vinha operando, até então, eram integrantes dos Batalhões de Infantaria de Selva da região. Eles estariam inseridos em suas frações constituídas, para o cumprimento de outras missões a serem realizadas simultaneamente.

Quando os oficiais superiores retiraram-se da sala, Ramos deu um longo suspiro, o segundo do dia. Pressentia algo de errado, algo ruim a rastejar próximo à sua sepultura. Um arrepio febril correu seu corpo. Por um instante sentiu um imenso vazio no estômago. Balançou a cabeça, como se tentasse recobrar a razão e voltou a focar nas decisões necessárias ao momento.

Olhando, no quadro à sua frente, para o ponto representativo do objetivo de sua missão, Ramos lamentou ter de operar com fração improvisada. Seria bom operar com um pelotão constituído, no qual os meses de trabalho árduo e profissional têm como retorno, além do elevado grau de operacionalidade, a formação de uma consciência comum. Esta consciência é forte, muito forte, capaz de levar a equipe, o time, a superar-se.

Com homens formados à sua personalidade, forjados ombro a ombro, as deficiências e qualidades de cada um da equipe são detectadas e analisadas. Isso permite o emprego de cada profissional dentro das suas limitações, extraindo o máximo rendimento do conjunto durante as operações.

Por meia hora Ramos se ateve à memorização dos detalhes dispostos na carta da região fixada sobre o quadro de operações. Dispensando atenção especial para os cursos d’água circunvizinhos ao objetivo.

De volta ao alojamento, Ramos experimentava, mais uma vez, o som estridente da responsabilidade a zumbir em sua consciência. Sobre os ombros, ele sentia o peso de vidas humanas depositadas, uma a uma. Era hora de selecionar destinos. Escolhendo o nome dos mais capazes para levar a cabo esta missão.

Experiente em operações em ambiente de selva e possuidor de liderança nata, o nome do sargento Sarmento foi o primeiro a ser lembrado.

- Onde andará aquela onça velha?

Sarmento e Ramos haviam operado na mesma equipe em diversas missões A confiança mútua advinha das dificuldades vividas outrora diante de situações limite. Sarmento era um dos bons exemplos de sargento que a despeito do relacionamento amigo e descontraído, cultivado junto aos seus subordinados, sabia colher o que de melhor cada homem poderia ceder com vistas ao cumprimento da missão.

Quando aspirante, recém egresso da academia militar, Ramos participara de inúmeras operações na região da “Cabeça do Cachorro”. Principalmente ao longo do Rio Içana e do Canal de Maturacá. Ao seu lado esteve, quase sempre, o amigo Sarmento.

Olhando para a relação com os nomes dos sargentos, cabos e soldados hora servindo no CIGS, dois nomes saltaram aos olhos: sargento Sarmento e sargento Paulo José, o PJ.

Nomes foram sublinhados. Ao lado desses, pequenas anotações salvavam idéias surgidas durante a análise.

Era hora de dar forma ao time. Estava aberto na tela do computador portátil o modelo de documento, usualmente, utilizado por Ramos para dar corpo à parte burocrática do planejamento de operações.

“Sarmento! Sem dúvida, ele será meu adjunto. Foi sorte minha ele estar disponível. Mas não sei se é justo com o Sarmento colocá-lo nesta. Ele tem família, filhos … este cursor piscando parece me interrogar. Cá estou, novamente frente à difícil missão de escolher vidas.”

Sobre si recairia a responsabilidade e o compromisso moral de trazer de volta, ao seio da família, o militar escolhido para acompanhá-lo. E este compromisso Ramos conhecia de perto, desde os primeiros dias em que atuou em solo amazônico.

Ele lamentava o fato de nem sempre ter sido possível, ao fim de cada missão, retornar com todos os seus comandados a salvo.

Os mosquitos não pareciam dispostos a abrir mão da companhia de Ramos. Sorviam seu sangue e bailavam em torno da tela do computador enquanto o oficial, indiferente, trabalhava noite adentro. Absorto, apressava-se na confecção de todos os documentos necessários ao imediato desencadear da missão.

Uma vez vencida a etapa da escolha dos nomes para o seu time, Ramos elaborou, mentalmente, o roteiro com os passos necessários ao cumprimento da missão, estruturando seu planejamento preliminar.

Com a chegada dos primeiros raios de sol, alguns dos documentos elaborados foram impressos e entregues ao sargento adjunto do Oficial de

Operações.

Havia uma pendência. Um dos sargentos escolhidos para a missão não estava mais na guarnição de Manaus, pelo menos no papel.

O homem em questão era o sargento Texera. Recém transferido para fora da região amazônica. Ele estava gozando férias em Manaus e posteriormente se mudaria para a cidade de Florianópolis.

Antes do final do expediente da manhã, após algumas explicações ao escalão superior, Ramos obteve a confirmação; os homens selecionados teriam o prazo de vinte e quatro horas para a apresentação no CMA. Mas o regime de prontidão, estabelecido nas últimas horas, garantiria uma resposta ainda mais rápida à convocação.

CAPÍTULO 22

O primeiro a chegar foi o sargento Sarmento, seguido pelo Paulo José. Ramos recebeu-os em seu alojamento e aproveitou a oportunidade para, de início, descontrair. Juntos, os três relembraram o passado, tratando de assuntos amenos e agradáveis.

Diluída a tensão inicial, Ramos passou a discorrer sobre a missão e suas peculiaridades. Expondo seu planejamento preliminar, acertou detalhes para o prosseguimento das atividades vindouras. Aproveitando novas idéias trazidas pelos dois outros profissionais ali presentes.

Entregando alguns papéis aos sargentos, Ramos informou:

Sarmento, você será o segundo no comando da patrulha, será o meu adjunto e o responsável pelo escalão de assalto. E você Paulo será o quarto homem, o responsável pelo escalão de segurança.

- Quem será o terceiro? - disparou Sarmento.

- O Texerão. Ele será o comandante do grupo de eliminação. Sei que inverti a hierarquia ao escalar as funções. Você, PJ, apesar de mais moderno do que o Texera vai estar no comando de um escalão ao passo de que ele estará comandando um grupo. Fiz isso para aproveitar, ao máximo, os conhecimentos específicos e as experiências de cada um. E também por que conheço o meu gado, sei que hierarquia não será nosso problema.

Os dois sargentos vibraram. Não só eram amigos do Texera como trabalhavam de forma parecida.

- Preciso que você, Sarmento, prepare a recepção aos demais integrantes da patrulha e o local para a emissão da ordem preparatória. Enquanto você, PJ, providencia isto aqui com o adjunto do oficial de operações. Ramos entregou mais uma série de documentos para o sargento Paulo José.

- O elemento é um capitão, senhor? Perguntou PJ, pegando os documentos das mãos do Ramos.

- Não. Quem está respondendo por adjunto do Oficial de operações do CMA é um sargento. Coloquei seu nome e telefone no canto inferior direito da última folha, é a única folha que está solta, Ok?

- Positivo. - responderam os dois sargentos, saindo do alojamento em seguida.

- Se precisarem de mim estarei aqui. - gritou Ramos, antes que os dois desaparecessem porta afora.

Aproveitando o tempo disponível até a ordem preparatória o oficial prosseguiu ultimando o planejamento preliminar. Quanto mais ele olhava para as cartas da área do objetivo mais certo ficava de que nada seria fácil nos próximos dias. Tanto para ele como para seus comandados.

No dia seguinte, os profissionais convocados foram apresentados aos seus companheiros de destino, aos seus comandantes e à missão. Conheceram, também, o planejamento a ser seguido para o uso das horas restantes até o embarque.

A partir de então, ficaram incomunicáveis. Nada de telefonemas ou saídas à rua.

Sob o olhar atento do sargento Sarmento, parte da patrulha ensaiou, exaustivamente, fundamentos úteis à missão. Enquanto a outra parte do efetivo esteve com o sargento Texera no estande de tiro relembrando algumas das técnicas necessárias ao cumprimento de tarefas específicas da operação.

Paulo José passou horas, envolvido no recebimento e loteamento do equipamento, munição e explosivos a serem utilizados.

Pela segunda semana consecutiva a temperatura máxima alcançava suas marcas recordes em Manaus. Agravando o desconforto da população frente ao clima tradicionalmente quente, uma densa camada de fumaça parecia estacionada sobre a cidade. Especialistas atribuíam as nuvens incomuns ao resultado de queimadas ocorridas no Estado do Pará e adjacências.

Calor escaldante, ar enfumaçado e umidade ambiente excessiva. Nada parecia afetar a disposição ao treinamento por parte dos militares escolhidos por Ramos. A constatação de que, apesar da atitude mental indiferente ao meio, eles também sofriam com as condições climáticas só era possível pelo suor, abundante em suas fardas.

O inconsciente coletivo, gerado pela vontade de dar o melhor de si a cada momento, ajudava a compensar o tempo exíguo para preparação do grupo.

Na hora acertada teve início a ordem à patrulha. Os integrantes da operação foram reunidos em uma sala e ficaram sabendo em detalhes o que

fariam, como deveriam agir nas diversas situações possíveis, onde e quando deveriam atuar e quem levaria o que.

Primeiro, toda a missão foi historiada sob a visão das ações genéricas, de interesse coletivo. Em seguida, Ramos passou ao aprofundamento, detalhando a tarefa de cada escalão. Depois explicou passo a passo a tarefa de cada um dos grupos, do embarque ao retorno. Por fim, Ramos especificou, com impressionante riqueza de detalhes, o que cada um dos patrulheiros deveria fazer do início ao término da missão.

Ao longo de quase quatro horas todo o grupo perfez mentalmente as atividades mais importantes para o cumprimento da missão proposta. As dúvidas surgidas foram esclarecidas uma a uma.

Quando não havia mais dúvida, Ramos advertiu o grupo:

- Antes de encerrar esta ordem e liberar vocês para o ensaio quero lembrá-los do seguinte: Desde o momento do embarque nas aeronaves estaremos sujeitos ao peso do imponderável, do imprevisto. Sob esse peso, apenas sobrevivem os que são capazes de adaptar, improvisar e superar. Sejamos estes então. Boa sorte a todos e… ao trabalho!

Ramos não fazia nem idéia da verdade, quase premonitória, de suas últimas palavras ao grupo.

Na equipe, que momentos atrás assistia a ordem à patrulha, os uniformes ainda molhados de suor espelhavam o esforço físico requerido durante o dia de preparação. Após a ordem, os cabos e soldados compreenderam melhor qual havia sido a finalidade da revisão de fundamentos conduzida pelo sargento Sarmento por horas e horas a fio.

A noite chegou. Uma brisa varria as margens do Rio Negro, aliviando um pouco o calor.

O grupo não teve descanso, prosseguiu nas atividades até o raiar do sol.

Ramos conferia o café da manhã de sua equipe, no rancho dos cabos e soldados, quando o uivo estridente de quatro helicópteros em aproximação quebrou o silêncio aquartelado. Anunciadas pelo som, inconfundível, dos rotores de cauda do tipo fenestron, as aeronaves pousaram no pátio próximo aos alojamentos.

Deixando o rancho, enquanto seus comandados ainda consumiam o café, Ramos seguiu em direção a sala usada na noite anterior para a ordem à patrulha. Ali aguardou a chegada dos pilotos para uma revisão dos procedimentos de vôo acertados para a missão.

O ideal seria ter conseguido a presença dos pilotos na ordem à patrulha, pois eles também integram a equipe e são fundamentais para o êxito da operação. Mas o ideal nem sempre era possível e Ramos sabia disto.

- Alguns dos pontos de bloqueio e reabastecimento, anteriormente acertados, tiveram de ser alterados. - informou o coronel Nascimento, mostrando a localização dos novos pontos na carta.

O coronel Nascimento se auto escalou piloto da operação de helitransporte para infiltração e extração da patrulha comandada pelo Ramos e de mais outras seis. Dividindo a carga de trabalho surgida com os seus comandados, demais pilotos do esquadrão.

- Certo. Nada que implique em alteração para a tropa! - comentou Ramos, olhando para os pontos indicados pelo coronel.

CAPÍTULO 23

No cair da noite, todos os homens da tropa liderada por Ramos estavam embarcados. Quatro helicópteros iniciaram os procedimentos para decolagem. Dentro das aeronaves, soldados espremiam-se, dividindo o exíguo espaço com mochilas e armamento.

O calor, quase sufocante, aumentava o desconforto da tropa embarcada. Úmido e acre, o cheiro das fardas suadas se misturava ao do querosene, que alimentava os pulmões dos titãs de metal em seu movimento ascendente.

Bastaram apenas alguns minutos de vôo com as portas abertas para o frescor da noite abraçar aqueles corpos suados. Trazendo prazer à tropa.

Na aeronave líder, Ramos, sentado ao lado do mecânico de vôo, ajustava os fones à sua cabeça. Aquele equipamento permitia realizar, se necessário, conversação com a tripulação das aeronaves.

Nos primeiros minutos de vôo, o tenente percebia as formas variadas encontradas por seus homens para passar o tempo embarcado. Enquanto isto, um dos militares observava, justamente, a expressão aparentemente fria desenhada no rosto de seu comandante. “Gostaria de saber o que se passa na cabeça dele antes de cada ação.” Pensou o soldado Honorato olhando para o oficial, a quem tanto admirava.

Após o último reabastecimento, as aeronaves retornaram à formação inicial de vôo. Dentro de uma delas, Sarmento deslizava o fio de uma de suas facas sobre a pedra de molar, na qual vez por outra cuspia. Sob o olhar de alguns dos soldados, o vai e vem do metal sob a pedra molhada parecia mudo. O ruído da aeronave abafava qualquer outro som. Até mesmo o som do ronco inconveniente vindo do cabo Mário.

Há algum tempo, o vôo passara ao modo furtivo, causando enjôo em alguns dos patrulheiros. A navegação em baixa altitude e seguindo o serpentear de rios fazia do helicóptero um meio de transporte quase tão desagradável

quanto uma embarcação navegando em mar revolto.

Para os pilotos, desafiar a tez aveludada da noite em vôos sobre a região amazônica continha boa dose de risco. Mas o vôo daquela noite era particularmente delicado.

Nos capacetes, os pilotos dispunham de sistemas de amplificação de luz residual que exibiam os contornos da vegetação e do terreno. Vez por outra, canhões de luz infravermelha, acoplados à proa das aeronaves, precisavam ser acionados. Como em um dia esverdeado surgiam, diante dos olhos dos pilotos, mais detalhes do perfil do terreno a ser percorrido.

CAPÍTULO 24

- Dois minutos fora, para linha de controle verde! - a fala do coronel Nascimento já era aguardada pelo Ramos.

Deixada para trás a linha de controle verde, o Rio Içana, Ramos calculava que vinte minutos de vôo com proa Norte, e portanto em aprofundamento ao território colombiano, seria o suficiente para conduzi-los às proximidades do local de desembarque.

O deslocamento das aeronaves, navegando à baixa altitude, desencadeou o acionamento do plano de defesa de uma das bases da FARC. Cerca de vinte e cinco guerrilheiros acordaram sobressaltados, sob a perspectiva de uma ofensiva das forças governistas sobre o acampamento. Para aqueles guerrilheiros, a normalmente curta noite de sono terminara ali. Naquela encruzilhada de destinos. A seguir, veio a tensão da vigília, mata a dentro, até o sol raiar.

Uma vez sobre o ponto de desembarque, as aeronaves pairaram muito próximas uma das outras. De dentro delas cabos foram lançados em direção à copa das árvores. Segundos depois, homens iniciaram a descida por meio de rapel. Dois por vez, em cada aeronave.

Os primeiros homens a descer tinham a difícil missão de safar as pontas dos cabos, levando-os até o chão. Precisavam abrir caminho por entre o emaranhado de galhos e cipós. Mochilas pareciam insistir em se prender na vegetação, no que eram acompanhadas pelo armamento e demais peças do equipamento. A descida dos primeiros homens foi lenta e cansativa. Apenas depois da chegada destes patrulheiros ao solo é que o restante da tropa rapelou em ritmo acelerado.

Durante todo o desembarque, o sargento mecânico de cada uma das aeronaves tinha como missão manter em mãos uma machadinha e postar-se diante do ponto de ancoragem dos cabos. Em condições de, mediante ordens do piloto, cortar os cabos alijando a “carga”.

Após a descida, os patrulheiros adotavam o dispositivo circular de segurança. Um alto-guardado. Grupo por grupo os comandantes iam acolhendo seus homens e repassando o pronto do efetivo ao sargento Sarmento. Tudo como foi ensaiado.

Em uma das aeronaves a leitura de painel mostrava aos pilotos ser terrivelmente arriscado manter a aeronave pairando. Era necessário arremeter, buscar ar frontal para o motor. No tênue e solitário momento da decisão, julgou o piloto: “com a queda da aeronave, além das baixas causadas em pessoal, estarei comprometendo o sigilo da missão.”

- Ainda temos carga? Perguntou o piloto ao sargento mecânico que acompanhava o desembarque.

- Positivo, temos carga externa.

“Perdoe-me meu Deus.” Pensou o P1.

Com a voz embargada pelo desgosto da decisão, mas empurrada pela urgência da situação, veio a ordem, em comunicação interna para o mecânico.

- Alijar carga, repito alijar carga.

Foi como se ao descer a machadinha sobre os cabos o mecânico soltasse as amarras do titã enfurecido. Que zuniu, rompendo o pacto de espera aos demais.

No mesmo instante, dois corpos entraram em queda livre, em meio à escuridão.

O restante da tropa continuou o desembarque alheios ao drama vivido pelos dois companheiros. O momento em que o último homem tocou o chão foi anunciado pela partida das outras aeronaves.

Aos poucos o som dos rotores desapareceu e o silêncio voltou a reinar.

CAPÍTULO 25

Em meio à escuridão, ocorria a conferência dos efetivos sempre em voz sussurrada.

- Grupo de destruições pronto!

- Grupo de eliminação de sentinela pronto!

- Segurança um e segurança dois prontos!

Um a um, os prontos iam sendo sussurrados para Sarmento.

Alguns minutos se passaram e não houve outro aviso de pronto.

Ramos se aproximou do ponto onde estava Sarmento, ali permanecendo imóvel e silencioso, por mais algum tempo.

Ele aguardava o pronto da operação de desembarque. Pronto que demorou demasiadamente para chegar. Notando que poderia haver algo de errado, resolveu interceder.

Sarmento sentiu a mão de alguém tocar em seu ombro. Uma presença que até então não havia sido notada. Por isso mesmo, Sarmento sabia de quem se tratava.

- Não senhor! Ainda não estamos prontos. - sussurrou Sarmento.

- O quê houve?

- Faltam dois homens! Dois homens do grupo de assalto. - completou o sargento.

- Acione um vasculhamento de área. Empregue o escalão de segurança e o restante do grupo de assalto.

Os militares designados iniciaram um movimento coordenado, superando as limitações da vegetação e da falta de luz. Guiando-se por azimutes sucessivamente corrigidos, os homens percorreram rotas espiraladas. Partindo do centro do alto guardado, onde aliviaram o peso deixando suas pesadas e volumosas mochilas.

Não demorou até ocorrer o primeiro contato.

Um dos patrulheiros, que participava do vasculhamento, tropeçou no corpo do companheiro. Ele estava caído no chão, estendido em meio à folhagem.

Agachando-se próximo ao corpo, verificou seus sinais vitais. Ele tinha pulso e respirava sem dificuldade aparente. Enquanto isso, o patrulheiro que se deslocava ao seu lado retornou ao centro do dispositivo e informou que um dos homens havia sido encontrado e parecia estar bem, apesar de desacordado.

O cabo De Paula, integrante do grupo de assalto, realizava o vasculhamento pouco mais a Leste da posição onde foi encontrado o primeiro patrulheiro, quando deparou-se com uma das cordas utilizadas para o desembarque.

“Ela está presa à copa das árvores.” Pensou De Paula inicialmente. Mais alguns instantes de observação levaram-no à conclusão correta. A corda estava presa ao corpo do companheiro e este preso em uma galhada a cerca de três metros do solo.

Consciente e refeito do susto o patrulheiro que fora encontrado primeiro tentava encontrar uma explicação para o ocorrido.

- Eu estava rapelando, os galhos estavam travando, arrastando em minha mochila. Foi quando senti a sustentação do cabo desaparecer, um vazio e aí a porcaria da mochila … seu peso me puxando para o chão. Por que!?

- Calma. O importante é que está tudo bem com você. - disse um patrulheiro, tentando acalmar o amigo. Mas ele prosseguiu descrevendo o susto.

- Pensei, estou ferrado! Mas no momento seguinte um solavanco travou a minha queda. Voltei a ser sustentado. Foi como se o cabo voltasse a estar ancorado. Infelizmente foi só por um instante, aí ouvi o barulho de madeira

rachando e acordei com vocês aqui. Eu podia estar morto… e as minhas costas… como estão doendo!

- Você está sentindo alguma pressão no pescoço, militar? - era a voz do sargento Sarmento.

De imediato, cessou a lamúria do soldado.

- Não senhor, parece não haver lesão na cervical. - respondeu o soldado, filho de pai médico e mãe enfermeira.

- OK! E quanto às pernas?

- Ai! Pô! - gemeu o soldado.

- Bom, muito bom. - murmurou Sarmento, guardando uma de suas facas, com um largo sorriso no rosto.

- Sargento eu podia ter morrido, essa corda vagabunda…

- Calma guerreiro! Você está em condições de prosseguir? - interveio, firmemente, Ramos. Até então acompanhando, calado, ao diálogo.

- Sim senhor, acho que foi só o susto. Não estou sentindo muita dor.

Ramos colocou a mão sobre o ombro do subordinado e disse:

- Então levante-se e vá para perto do grupo de destruições. Fique por lá até nós terminarmos o vasculhamento. E guarde as reflexões para mais tarde.

- Sim senhor. - sussurrou o soldado, ficando de pé com a ajuda do Sarmento.

A Leste dali o sargento Paulo José e o cabo De Paula coordenavam o resgate do outro militar acidentado. Usando a técnica da peconha, o cabo De Paula e o soldado Passos subiram em uma árvore próxima de onde estava o companheiro.

Chegando mais perto do acidentado foi possível avaliar melhor a situação. Ele estava preso em uma teia formada por cipós e galhos retorcidos. Não se mexia, não emitia nenhum som. Parecia inconsciente.

- Como estão as coisas? - perguntou Ramos, abordando o PJ.

- O elemento está todo enroscado nos cipós, lá encima. O De Paula e o Passos vão trazê-lo para baixo.

De Paula ancorou uma das pontas do cabo, ainda preso ao assento de escalada do amigo inconsciente, a um dos galhos da árvore em que estava. Em seguida, saltou agarrando o corpo do companheiro. Passos ajudava cortando cipós e galhos, tentando liberar a descida, a ser comandada por De Paula com o uso do freio em oito do próprio acidentado.

Depois de muitas tentativas, foram cortados os cipós e galhos que sustentavam De Paula e o corpo do acidentado. Isto feito, a dupla iniciou a descida. Abraçado ao amigo de tantas tardes de futebol e cerveja, De Paula sabia. Não mais tornariam a jogar. Em diversos pontos do corpo do amigo, era

possível sentir ossos partidos e expostos.

Quando os dois chegaram ao solo, os patrulheiros envolvidos no resgate retiraram os galhos e cipós ainda atados a eles.

O militar acidentado foi colocado deitado sobre as folhas que cobriam o terreno. Ouvia-se o ranger de ossos ao move-lo. Seu abdome e seu tórax tinham a mesma consistência quase gelatinosa. Havia pouca luminosidade, apenas vultos podiam ser percebidos. Quase tudo tinha de ser feito através do tato.

- Verifiquem o pulso dele. - sussurrou Passos.

- Não é necessário! - retrucou Ramos, após notar o pescoço deslocado cento e oitenta graus de sua posição normal. Ele quebrou o pescoço na queda, levem seu corpo para o alto guardado.

De Paula chegou perto do PJ e disse:

- Sargento, a mochila dele não estava junto do corpo. O senhor sabe se alguém achou a danada?

- Bem lembrado. Veja se algum elemento achou e retorne para o dispositivo.

No centro do alto guardado, Ramos reuniu os comandantes de grupo. Em breves palavras expôs a situação. Seria necessário locar, com ajuda do GPS, o ponto onde estavam. Ali enterrariam, provisoriamente, o corpo do soldado. Até que, posteriormente, pudesse ser resgatado e entregue à família. Por hora, precisavam prosseguir.

- É a melhor solução! - exclamou Sarmento, diante da proposta colocada em discussão.

- Vai ter que ser por aí. A gente deixa o elemento aqui e depois volta para pegar. Ele não está com cara de quem vai ficar impaciente. - disse PJ, com sua irreverência de costume.

- E você Texera, o que diz? - perguntou Ramos, trazendo o sargento à participação nas decisões de comando.

- Na brigada pára-quedista, nós temos um lema, jamais abandonar o corpo de um companheiro em território inimigo. Concordo com a decisão do senhor desde que todos os homens recebam as coordenadas deste ponto. Assim se nós falharmos vai restar alguém para pegar o corpo. E se todos falharmos, nos vemos no inferno.

Texera media um metro e setenta e cinco, possuía cabelos castanhos alternados com o grisalho emergente. Um homem de olhos saltados, rosto quadrado, físico trabalhado por vinte anos a serviço das fileiras pára-quedistas. Onde começou na vida militar ainda como soldado recruta.

Ao longo dos anos o menino em busca de aventura à porta de aviões tornou-se um sargento de carreira. Hoje um militar respeitado por sua

experiência profissional, diversidade de cursos realizados e por sua sinceridade tosca ao tratar superiores ou subordinados.

CAPÍTULO 26

Passados vinte minutos a patrulha iniciou seu deslocamento. Por sobre suas cabeças, nas copas das árvores, as imensas folhas orvalhadas espelhavam as primeiras gotas douradas. A aurora anunciava um novo dia. Preocupados com a segurança, os militares da patrulha em deslocamento não aproveitavam o espetáculo oferecido.

Sem paradas, os homens marcharam selva adentro. Para trás, apenas o suor era deixado. A tropa progredia sem alterar o ambiente. Três eram as preocupações de todos enquanto marchavam. Orientação, segurança e não deixar indícios de sua passagem.

Mesmo para uma equipe ambientada a primeira hora de marcha no coração da floresta amazônica é sempre dolorida. A alça da mochila parece não ter posição conveniente, sobre os ombros. Os cipós parecem perseguir as arestas do equipamento e o tropeço constante em raízes e troncos caídos acompanha aos mais desatentos, minando-lhes a paciência.

Alguns metros além da coluna de marcha, dois esclarecedores progridem exigindo o máximo de seus instintos. A cada passo eles buscam indícios de atividades recentes na região. Indícios da passagem de tropa, simples deslocamento de pessoas, passagem de animais, existência de armadilhas, minas ou da aproximação de pontos críticos. Estes últimos, são acidentes do terreno capazes de expor a tropa a emboscadas ou à ação de atiradores de elite. Normalmente lugares de difícil transposição.

O nível de stresse à que esses homens são expostos é muito elevado obrigando o comando da patrulha a realizar constante rodízio de esclarecedores. Determinadas situações táticas fazem minutos à frente da tropa parecer horas para os esclarecedores. Eles sabem, qualquer descuido pode custar a vida de toda a patrulha, ou, na melhor das hipóteses, as suas.

Com cinco horas ininterruptas de marcha, Ramos autorizou a primeira parada.

- Cinco minutos fora! - sussurrou Sarmento para o patrulheiro imediatamente à sua frente. Este repassou o aviso para o companheiro da frente, na coluna de marcha. Quando o aviso chegou aos seus ouvidos, Ramos identificou a conduta previamente amarrada com o adjunto.

A chegada do aviso, instantes após a parada, servia para constatar que a integridade da coluna de marcha havia sido mantida.

Sarmento, último homem da coluna, desencadeava também a contagem da equipe antes do reinício dos deslocamentos. Medidas visando coordenação e controle, mesmo as mais elementares, nunca eram demais. Principalmente quando os homens não dispõem de rádio comunicação interna e outros meios de base tecnológica para reduzir as dificuldades de coordenação impostas pelo terreno de selva.

Durante o alto, os homens aproveitavam os preciosos minutos. Alguns aliviavam os equipamentos, consumiam água e rações rápidas, como biscoitos e balas. Outros, simplesmente, sentavam-se com as costas apoiadas nas mochilas.

Ali próximo um pássaro conhecido como serralheiro emitia de tempos em tempos um assovio estridente.

- Elemento, desencoste sua mochila desta árvore! - disse o sargento Paulo José para um soldado que estava sentado ao seu lado.

- Por que Sargento? - perguntou o soldado Orildo, virando o corpo na tentativa de ver se havia algo de errado com sua mochila.

Ao colocar-se de joelhos, de frente para o tronco, constatou o porque da preocupação do sargento. Um grande fluxo de formigas rompia por todos os cantos de sua mochila. Explorando parte de um novo território.

- Ah não! Que azar. - resmungou Orildo, enquanto tentava afastar as visitantes.

De Paula, que até então observava em silêncio, aproveitou para disparar sua frase preferida.

- Vai morrer gente!

Com um gesto de Ramos a tropa pôs-se de pé e, em seguida, reiniciou o deslocamento.

Vez por outra, uma das novas amigas do Orildo resolvia aventurar-se fora de sua mochila. O fim da aventura era quase sempre o mesmo: uma nova picada no pescoço do soldado.

A marcha continuou até que a luminosidade no interior da mata não mais permitisse a manutenção da velocidade de progressão. Com ajuda dos últimos raios de luz foi estabelecida a base de patrulha para o pernoite.

CAPÍTULO 27

Ao amanhecer, após o consumo da ração, as redes de selva foram desatadas e todo o material guardado nas mochilas. A área utilizada para base de patrulha foi minuciosamente verificada pelos comandantes de grupo. Não deveria haver vestígios de passagem de tropa por ali. Os sargentos conferiam a esterilização de área como cães farejando caça, nenhum descuido passava

despercebido.

Muito se pode dizer de uma tropa através do estudo de seus vestígios. Por isso a preocupação, em todos os níveis, acerca deste detalhe.

A equipe liderada por Ramos tinha o compromisso de progredir, até o objetivo, tal qual o vento. Sem rastros, sem presença física, apenas impulso.

Com a conferência de esterilização concluída, foi dado o pronto para o sargento Sarmento. Em seguida, os três sargentos e o tenente permaneceram alguns minutos reunidos diante de cartas do terreno. Elas foram abertas sobre folhas sem vida e raízes entrelaçadas, formando um mosaico inusitado.

Das diversas peculiaridades do combate na selva, a dificuldade de orientação e navegação por terra merece atenção especial. Pressuposto básico para o sucesso de qualquer operação, desenvolvida ou não em uma floresta como a amazônica, chegar ao objetivo nem sempre era tão fácil quanto loca-lo em uma representação topográfica.

Em agravo, pouca ou nenhuma utilidade tinham os obsoletos aparelhos de apoio à navegação conduzidos pela equipe comandada por Ramos. Os leitores portáteis do sistema de posicionamento global com tecnologia semelhante aos dos leitores usados por todos os países, a exceção dos Estados Unidos da América, jamais funcionaram satisfatoriamente no interior da selva.

Os militares especialistas em guerra na selva, sabedores da desvantagem tecnológica frente a forças armadas de outras nações, tornaram-se exímios orientadores por meios convencionais. Usando prioritariamente a velha e difícil tríade carta, bússola e terreno os combatentes de elite, formados no Centro de Instrução de Guerra na Selva, sentiam-se à vontade quando navegando na mata. Ela fazia parte do sangue em suas veias.

No dia anterior, a patrulha avançou dois quilômetros e meio por hora. Nada mal para o ambiente operacional em questão, mas ao iniciar o deslocamento da jornada seguinte Ramos determinou à tropa maior velocidade de progressão. Não poderia haver atraso. Tanto para a ação no objetivo quanto para o retraimento até o ponto de extração. Onde eles seriam resgatados por helicópteros.

Passava das dezesseis horas quando um dos esclarecedores ergueu o braço esquerdo com o punho cerrado. Era o sinal convencionado para congelar.

Um a um, os homens repassaram o sinal para trás. Em instantes, cessaram movimentos, cessaram sons que não os da mata em seu entardecer.

De Paula, estava como esclarecedor, mais à frente. O dedo polegar de sua mão direita deslizava lentamente em direção ao registro de tiro e segurança de seu fuzil. Ele estava encostado em uma árvore de tronco largo, coberto por musgos, cipós e folhas de parasitas. Por entre a vegetação era possível ver quatro

homens. Eles usavam peças de farda misturadas a roupas civis. Um deles estava de pé e parecia explicar aos demais algo sobre o objeto em sua mão. Os demais, sentados, riam e descuidadamente faziam comentários em voz alta.

De onde observava, De Paula não via armas, nem equipamentos com características militares. Junto aos homens, o Cabo conseguia identificar quatro grandes objetos, parecidos com mochilas.

Apoiadas sobre um tronco caído, as supostas mochilas pareciam estar recheadas com volumes embalados em sacos plásticos de cor escura, todos com o mesmo volume aparente.

O grupo estava a vinte metros do De Paula, em uma pequena clareira formada pela queda de grandes árvores.

- O que você acha?

A voz sussurrada próximo ao ouvido do De Paula, apesar de conhecida, quase o levou ao acionamento do gatilho de seu armamento. Completamente concentrado na observação do quadro à sua frente, ele não notara a aproximação de seu comandante. Distração que poderia ter custado a sua vida. Pensou por um instante o Cabo, antes de responder tentando demonstrar tranqüilidade.

- São mulas! Pararam para fumar um porronca e descansar um pouco. O senhor está vendo os jamaxis? Estão presos por tiras de envira. É coisa de nativo e garimpeiro. Além do que os volumes transportados… Veja, aqueles sacos pretos. Eles têm a mesma forma, parecem cuidadosamente embalados. É coca tenente!

- Não são partes de nosso alvo, mas podem comprometer a missão. Fique de olho neles. – Disse Ramos.

De Paula esboçou um sorriso sádico em sinal de atendimento à ordem do comandante e este iniciou a progressão de volta ao local onde a patrulha aguardava.

“Será que estão sozinhos? E se for uma isca? Tenho apenas três supressores de ruído na equipe…” A cabeça de Ramos fervilhava em suposições no silencioso caminho de volta. Foram metros de pura efervescência cogitátil.

Quando chegou ao primeiro homem da coluna de marcha, o Tenente encontrou os três sargentos reunidos, à sua espera. A situação à frente foi descrita em detalhes e ao final seis olhos aguardavam uma decisão. Não tiveram tempo de sequer piscar.

- Sarmento e PJ, retornem com os homens até o último ponto de reunião e aguardem-nos até às vinte horas. Se não retornarmos, contornem esta área e prossigam rumo ao objetivo. Dúvidas?

- Não senhor!

- Texera, providencie supressores de ruídos e miras noturnas para você,

Cabo De Paula e o Soldado Elenaldo. Nós quatro faremos o seguinte…

A luz do sol começava a desaparecer, por entre o copado das árvores, quando os homens finalmente colocaram os jamaxis nas costas, ataram a tira de envira na testa e inclinaram o corpo para frente, começando a caminhar. Um deles trazia um fuzil que até então ficara jogado no chão, em meio às folhas.

O fuzil parecia muito mal tratado, havia tabatinga em seu quebra chamas e a bandoleira era um cordão de náilon de cor azul. Os outros três não traziam armas de fogo, apenas terçados, como são chamados na amazônia os longos facões usados para quase tudo.

Eram três mulas e um cobrador de mandatas. Os mulas trabalhavam para um cartel de drogas colombiano, há muito propalado como desmantelado mas ainda ativo e poderoso o suficiente para agir além de seus domínios.

O cobrador de mandatas exercia a ligação entre os cartéis do tráfico de drogas, os garimpeiros e as forças paramilitares corrompidas. As mandatas eram valores cobrados dos garimpos pelas guerrilhas sujas ou pelos grupos paramilitares em troca de segurança. Todos os envolvidos estavam, de uma forma ou de outra, atolados até o pescoço na lama do comércio ilegal de armas, seqüestros, assassinatos, verdadeiros braços longos e violentos do tráfico internacional de drogas.

Caminhado em coluna, os primeiros metros de mata foram rompidos pelos quatro homens. As passadas, curtas devido ao peso da carga, aproximavam os carregadores do destino certo à espreita. O homem que levava o fuzil se deslocava à retaguarda dos demais, no entanto não empunhava o armamento em condições de pronto emprego.

“Esses desgraçados vão caminhar como? Noite adentro, na selva!” pensou Texera ao ver os homens desfilarem alguns metros à sua frente.

Uma pequena língua de fogo anunciou a queda do último homem. Sua cabeça foi sacudida e o tampo de seu crânio saltou junto ao movimento do corpo, sem vida, rumo ao chão. Os outros dois, os que estavam imediatamente a sua frente tombaram quase ao mesmo tempo. Então ouviu-se um sibilar distinto, cortando o início de noite. O primeiro Mula iniciava uma reação de fuga, diante da tomada de consciência do perigo iminente, quando uma pequena flecha metálica lhe foi cravada no peito. Foi o suficiente para ele cambalear, caindo de joelhos. Uma fina linha de sangue escorria por entre seus lábios quando um segundo impacto, desta vez um projétil de fuzil, atingiu-lhe a cabeça pondo fim à sua agonia.

De Paula saltou sobre os corpos com uma faca em punho. Um a um, todos os alvejados tiveram as gargantas cortadas e as línguas puxadas para fora através do corte. O resultado bizarro, era a conhecida gravata colombiana. Sinal usado

para marcar as vítimas de acertos de contas dentro do sub mundo do narcotráfico.

Texera e Elenaldo faziam a segurança aproximada da equipe.

- Tenente, agora começou a ficar bom! - sussurrava De Paula, sorrindo.

Ramos estava ao seu lado recolhendo os jamaxis.

- Acabou com as gravatas, De Paula?

- Sim senhor.

- Então me ajude aqui! Estes jamaxis estão pesados pra cacete!

Conduzindo a carga e o fuzil dos infelizes tombados, Ramos e sua equipe retornaram, em marcha noturna, para o ponto onde o restante da patrulha aguardava o desfecho da emboscada.

Após a troca de senha, contra-senha e sinal de reconhecimento, a equipe seguiu para o centro do dispositivo. A noite escondia formas e cores, destacando outros sentidos.

Os sargentos Sarmento e Paulo José mais o cabo Mário estavam sentados perto das mochilas, no centro da área de reunião improvisada. Os três experimentavam o silêncio da tensão, aguardando o retorno dos emboscantes.

Ao aproximar-se do trio, Ramos soltou um dos jamaxis e orientou os demais membros de sua equipe para fazerem o mesmo.

- Tudo bem aí Sarmento? - perguntou o Tenente, tirando os óculos de visão noturna de seu suporte e deixando-o pendurado ao pescoço por meio de um tirante.

Cego, é como se sente o usuário de um equipamento destes ao retirá-lo em meio à noite. A intensificação de luz residual cessa e os olhos demoram algum tempo para acostumar-se à escuridão, antes pincelada em tons brilhantes de verde e cinza por conta dos OVNs.

- Sim senhor, sem alteração. E com sua equipe, correu tudo como o planejado?

- Correu, só não imaginávamos que eles fossem demorar tanto para iniciar o deslocamento.

- PJ!? Chamou Ramos.

- Na área! Respondeu o sargento.

- Escale alguns de seus homens para ocultar o material capturado. E … PJ, sem vestígios OK?

- Está na mão.

- Quanto tempo vocês precisarão?

- Esses elementos cavam como tatus. Uma hora e o serviço estará liquidado!

- Sarmento! Informe à tropa, partiremos às vinte e três horas. Não

podemos permanecer nestas redondezas a noite inteira. Precisamos nos afastar daqui. Mesmo a passos de tartaruga.

- Texera, De Paula e Elenaldo, muito boa a atuação de vocês! Estão dispensados, sabem dos planos de partida e o horário então aproveitem o tempo, descansem!

Mesmo sem combinar coisa alguma, minutos depois de dispensados pelo tenente cada qual iniciou a manutenção do armamento, equipamento e por fim dos pés.

“Mantenha seu corpo, armamento e equipamento em boas condições”. Uma lição das selvas respeitada e seguida pelos sábios guerreiros.

- Quando da volta comprarei uma destas. - disse Texera, apontando para a balestra usada na ação por Ramos.

Quase não havia luminosidade para distinguir gestos, mas Ramos sabia qual o objeto de desejo do companheiro.

- É, ela vale o investimento. É pequena, de fácil manutenção e bem potente no lançamento. – disse Ramos.

- E a mira laser? Veio junto ou o senhor comprou separado?

- Não Texerão. Essa é adaptação minha.

Após um breve período em silêncio Ramos voltou a falar:

- Combinemos o seguinte. Compre a balestra e eu faço uma destas para você.

- Ok, comprarei uma quando voltarmos desta missão. Agora vou dar uma olhada nos homens do meu grupo. Selva! – disse o sargento Texera antes de sair.

- Selva!! - sussurrou Ramos. Fechando sua mochila no justo instante da chegada do PJ.

- Pronto, tenente. Se germinar, vamos ter o maior pé de porcaria da história. - ironizou o sargento, comparando os pacotes à sementes.

Ocultando a droga, Ramos encobria, por simulação, os indícios de ações militares nas proximidades de seu objetivo. Por isso, os corpos não foram escondidos. Pelo contrário, foram deixados no meio da mata. Caso fossem encontrados mutilados, com as línguas expostas à altura das gargantas, os homens pareceriam vítimas de mais um acerto de contas do perigoso mundo das drogas.

O sumiço do carregamento reforçaria as suspeitas quanto a um possível acerto de contas entre traficantes, ou levantaria à hipótese de simples roubo de drogas entre concorrentes. Descaracterizando o quadro normalmente esperado como resultante de um encontro fortuito com forças militares regulares.

−Preparar para partir! - cochichou Ramos, dando início a um longo deslocamento noturno.

CAPÍTULO 28

“Exatamente como o descrito nos documentos utilizados para a elaboração da ordem à patrulha”. Pensou Ramos ao avistar o objetivo durante o primeiro reconhecimento.

Uma falha da vegetação, no alto de uma elevação do terreno, permitia obter visada direta sobre o objetivo. O grupo observava um conjunto de abrigos construído com material da própria selva, erguido alguns metros adiante.

O reconhecimento possibilitava a verificação das condições atuais do objetivo e, se fosse o caso, a adequação dos planos às novas circunstâncias.

Não havia movimento nas instalações. As aeronaves também não estavam em terra. Mas tinha de ser aquele o local. A navegação foi rigorosa e acompanhada de perto por vários integrantes da patrulha para reduzir as margens de erro. Além do mais, a abertura do copado das árvores nas imediações denunciava a operação de helicópteros. Seria uma infeliz coincidência encontrar no meio do nada instalações outras além das de seu alvo.

Ramos resolveu prolongar o reconhecimento, aguardando o possível retorno das aeronaves.

Corpos esquecidos estacionaram. Os lugares ocupados eram os mais inusitados pontos das vizinhanças do objetivo. Os insetos, exploradores curiosos e incansáveis, divertiam-se com os visitantes pintados. Homens que, indiferentes às investidas dos pequenos enxames particulares, utilizavam todos os seus sentidos nas tarefas de observar o alvo e detectar presenças atentatórias à segurança do grupo.

- Tenente, tem alguma coisa errada! - era o comandante do escalão de assalto, sargento Sarmento. Ele quebrava o silêncio do turno de quase três horas de paciente observação.

- Sem sentinelas, tudo muito fácil, não é? - Emendou Ramos.

- Sim senhor.

E os dois voltaram a observar em silêncio.

Horas se passaram até que Ramos ordenasse o retraimento do grupo.

No retorno do reconhecimento, os homens envolvidos se reuniram. Eles compartilharam experiências e opiniões. Em seguida, os soldados e cabos foram liberados. Ramos e os sargentos discutiram as linhas de ação viáveis diante das circunstâncias encontradas.

Tomada a decisão, Ramos instruiu os sargentos. Queria que eles fossem minuciosos ao repassar as informações do novo contexto para seus comandados.

Havia consciência do risco representado pela permanência da tropa

naquelas condições. Estacionada nas proximidades do objetivo, em meio à selva. Mesmo assim, Ramos e os sargentos foram unânimes em decidir pela espera. Aguardariam quarenta e oito horas em posição. Caso a tropa ocupante das instalações não aparecesse, a missão seria abortada.

As mesmas quarenta e oito horas eram o limite de tempo disponível para permanência na região. Além dele, ocorreria o comprometimento do tempo necessário para deslocar a patrulha até o local de extração.

O desafio imposto à tropa aumentava proporcionalmente ao tempo de permanência na região. A idéia de estabelecer uma base de patrulha, com seu dispositivo e artífices de segurança, precisou ser descartada, diante da situação tática. Em seu lugar surgiram pequenas áreas de reunião clandestina, devidamente adaptadas à dualidade da missão: reconhecer e preservar suas vidas.

Por dois dias, equipes se revezaram na observação do objetivo, enquanto os demais realizavam a segurança aproximada do perímetro. Foram horas longas e desconfortáveis. A espera o é por natureza, mas adversidades contribuíram para o agravamento do quadro de tensão e desconforto.

Aqueles homens sentiam o peso do imprevisto em detrimento do planejado.

Mantidos bem informados, compreenderam a situação atual de maneira participativa, concorrendo nos mínimos detalhes para o sucesso da missão.

Durante a noite uma das equipes de observação realizava o rodízio de tarefas. Era a equipe composta por três militares, dentre os quais estava Ramos. Equilibrados nas forquilhas de uma imensa faveira, os três homens tentavam superar o desconforto das acomodações sem despencar de cima da árvore por descuido ou sono. Não que o frio, comum à selva naquele horário, não incomodasse os corpos em fardas úmidas, era apenas uma questão de prioridades.

Os três sentiam dor no corpo e, ao mesmo tempo, lutavam contra o relaxamento da musculatura. Mesmo nos momentos destinados ao descanso não podia haver descuidos. Para minimizar os riscos de queda, o trio preparou ancoragens individuais. Mas não convinha utiliza-las.

Lá de cima, durante o dia, se avistava toda a clareira à frente. Contudo, parte da visada sobre as instalações inimigas ficava obscurecida pelo copado de outras árvores. Ramos achou compensador tirar proveito da posição, recobrindo-a por meio de outros postos de observação.

CAPÍTULO 29

Com a interrupção da chuva, surgida algumas horas antes, um som abafado começou a tomar conta das cercanias. Em poucos minutos ele ficou intenso e assombroso. Parecia vir de todos os lados.

- Cabo, Cabo! O senhor já dormiu? - era o parceiro do cabo De Paula. Seu coração estava disparado.

- Eu não durmo militar, só descanso os olhos. Por que?

- O senhor está ouvindo isso?

- É o cão, eu não disse que ele vinha. - sussurrou De Paula com seu sorriso sarcástico.

Veio um breve intervalo. O som agora parecia vir de uma avalanche de urros sobrepostos.

Assustado, o soldado sentiu algo atingir sua cabeça. Em seguida outro toque em suas costas e mais um na cabeça. O militar não se conteve.

- Cabo.

- O que é infeliz?!

- Acho que tem alguém por aqui!

- Se eu te explicar o que está acontecendo, você cala a matraca e deixa de ser cagão?

- Hum!? Fala logo Cabo. – Pediu o soldado.

- São macacos. Pelo som deve ser um bando de Guaribas ou Roncadores, esta é a sua companhia. Eles costumam jogar sementes na gente.

De Paula ainda de olhos fechados virou para o lado, sentindo a farda encharcada e fria encostar em seu corpo. Ele pensava em um motivo para alguém tão inexperiente como o militar ao seu lado compor os quadros da missão.

De Paula, filho de italianos, nascido em São João Del Rei, terra distante da Amazônia, escolheu os mistérios da região norte do país como combustível para sua vida.

CAPÍTULO 30

Chuvas e chuvas depois, o prazo de quarenta e oito horas estabelecido como limite para a espera se esgotou. Nada de novo foi observado no objetivo desde a chegada ao local.

Ramos se reuniu com os sargentos, colheu informações a respeito das condições de cada um dos grupos e de seus homens e analisou as hipóteses sugeridas para explicar o que estava ocorrendo.

A reunião foi feita ao lado de uma árvore de raízes tipo sapopema. Essas raízes são altas, parecidas com paredes de compensado erguidas do chão, criando compartimentos em torno da árvore. Em um destes compartimentos, sobre o tapete marrom de folhas secas, os quatro homens conversavam ajoelhados mantendo os fuzis encima das coxas.

O calor do início da manhã aumentava a sensação de abafamento. Filetes de suor escorriam em seus rostos e braços. Carapanãs, mosquitos próprios à região, faziam da reunião uma festa. Aproveitando a tolerância dos combatentes às suas picadas, eles sugavam sangue do pescoço, rosto e braços.

- Texera! Quero que você faça nova leitura com o GPS. Vamos confirmar as coordenadas obtidas quando da chegada.

- Ok, tenente. Vou fazer a leitura lá do posto da faveira, fica mais fácil conseguir sinal.

- Sarmento! Prepare a patrulha. Partiremos em trinta minutos.

- PJ! Começaremos o deslocamento para o ponto de extração com esclarecedores do seu grupo. Alerte-os. Quero velocidade no deslocamento.

- Sim senhor. Vou aproveitar o tempo e mandar desativar as armadilhas.

- Isso PJ, mande. - enquanto respondia ao sargento, um outro pensamento pipocou na cabeça de Ramos.

- Ouçam! Mantenham o moral dos homens elevado. Alguns devem estar decepcionados com a espera, sem a ação prevista. Sustentem estes homens em situação. Alertem eles para os riscos de um possível encontro com grupos guerrilheiros, narcotraficantes e com o próprio exército colombiano. Afinal estamos operando dentro de outro país na mais completa clandestinidade. Até chegarmos aos helicópteros é por nossa conta. Ok, guerreiros?

Minutos mais tarde, com a patrulha em condições de partida, o sargento Texera retornou do posto da faveira.

- Olha tenente, tentamos fazer a leitura até agora.

- E aí? - perguntou Ramos, interessado na possibilidade de erro nas leituras anteriores. Fato capaz de explicar o ocorrido nas últimas horas. Apesar de lhe parecer extremamente improvável.

- Tem alguma coisa errada! Todos os aparelhos indicaram ausência total de sinal, é como se os satélites não estivessem mais na órbita da terra ou o sinal tivesse sido codificado.

- Pode ser algum problema temporário. Vamos levar em consideração as leituras anteriores. Tenho certeza de que fizemos um trabalho competente de navegação por azimutes e carta. Estas instalações aqui ao lado só podem ser o nosso objetivo. Bom! Perdemos muito tempo por estas bandas. Obrigado, Texerão. Junte-se ao seu grupo, partiremos em breve.

CAPÍTULO 31

Progredindo com velocidade superior ao normal, a patrulha percorria quatro quilômetros a cada hora, quando a velocidade média de marcha para a região é de dois quilômetros e meio por hora.

A rota escolhida para este deslocamento facilitava, em parte, o bom desempenho da fração, pois o terreno era pouco acidentado. Apresentando cursos d'água de fácil transposição. A vegetação, espaçada e pobre em cipós ou arbustos rasteiros, também corroborava para uma maior velocidade no deslocamento da patrulha.

Durante a progressão, Ramos e os comandantes de grupo, pela comparação carta terreno, mantinham-se informados quanto à posição atual. Traços sutis do terreno palmilhado serviam de referência a olhos expertos. Os altos, realizados por cinco minutos a cada cinqüenta de marcha, eram utilizados por eles para a conferência de orientação e efetivação de correções necessárias no azimute.

O sol iniciava seu mergulho no horizonte quando um dos esclarecedores levantou os dois braços por sobre a cabeça, unindo a ponta dos dedos. Era o sinal convencionado para indicar ponto crítico à frente.

A patrulha havia alcançado o rio que servia como linha de controle para o avanço da marcha. Uma vez encontrado, bastava seguir para a esquerda, acompanhando o contorno desta margem do rio. Assim a patrulha chegaria ao ponto de toque das aeronaves para retirada do pessoal.

Depois de mais algumas horas de marcha a patrulha chegou ao ponto exato para extração A clareira denominada "ponto alfa". Eles estavam adiantados em relação a hora prevista para a chegada das aeronaves.

Por questões de segurança os militares recuaram, ficando a alguns minutos de caminhada da clareira.

Ramos, então, reuniu os sargentos, queria ouvi-los.

- Acho que nós poderíamos tentar o contato rádio, tenente. Não é uma boa ficarmos muito tempo por estas bandas. - disse PJ.

Sarmento, trazendo um pequeno bloco de anotações à mão, fez longa pausa antes de falar. Ele parecia procurar algo anotado. Os outros aproveitaram o momento para acomodar seus corpos em meio à superfície irregular desenhada por cipós, folhas mortas, raízes e troncos podres.

Sarmento finalmente expõe seu ponto de vista:

- Vejo dois pontos a favor do contato e um contra. Os favoráveis são fatos. Observamos indícios da presença de grupos de homens deslocando-se em direção perpendicular à nossa. Isso ocorreu hoje às treze horas e depois às

quatorze horas e vinte e sete minutos. Provavelmente grupos paramilitares, pelo tipo de calçado e técnicas usadas para não deixar indícios denunciadores de sua passagem. Também é um ponto favorável o fato de que as condições climáticas e a hora facilitam à propagação das ondas do nosso rádio. O ponto desfavorável é apenas um palpite, por enquanto. Acho que a mesma fonte causadora do não funcionamento do GPS vai interferir no funcionamento do rádio também.

- Sim, mas e aí? - perguntou PJ em tom conclusivo.

Ramos apenas ouvia atentamente os comentários feitos.

- E aí que corremos risco aqui. A aeronave provavelmente não vai poder dispor do GPS de bordo para encontrar a agulha no palheiro que é esta clareira. E, sem o rádio, orientar a sua aproximação ou acioná-la para a extração fica inviável.

- Por que você aposta no não funcionamento do rádio? - era o Texera curioso com a origem de tal crença.

- Bem, se entendi corretamente, todos estão de acordo com o acionamento da aeronave em vez de aguardarmos a hora cegonha. E a questão passou a ser o funcionamento ou não do rádio e a dificuldade de aproximação da aeronave sem o GPS. - disse Ramos, antes que Sarmento respondesse à pergunta.

Todos os três sargentos ouviam atentamente, acenando com as cabeças em sinal de concordância.

- Quando acertei o planejamento da missão com os pilotos, decidimos estabelecer o ponto de extração também levando em conta sua fácil localização por helicópteros em vôo na modalidade furtiva.

Os pilotos afirmaram ser possível encontrar este ponto de extração mesmo sem GPS. Agora, quanto ao uso do rádio… estaremos atraindo atenção de todos os nossos vizinhos. E até este momento somos perfeitos fantasmas, gostaria que continuássemos assim. Nossas comunicações são muito rudimentares e podem ser facilmente detectadas. Lembrem-se, planejamos só acionar as aeronaves por meio rádio se houvesse perigo real.

- E os indícios… - perguntou PJ.

- Normal, esta área passou a ser controlada pelas FARC desde a ofensiva do ano passado. Quando pressionados pelas forças legais os guerrilheiros tiveram novamente de vir para o Sul do país. Exatamente onde estamos. Aqui, tanto os americanos, os traficantes, quanto os guerrilheiros podem vir a nos causar problemas.

Ramos foi interrompido pela chegada de um soldado. Era o soldado Orildo, seus olhos antecipavam o motivo da intromissão. Más notícias.

- Tenente, Tenente!

- Diga Orildo.

- Um dos homens foi picado por cobra. Foi no pescoço, ele pediu para chamar o senhor. O cabo De Paula está lá com ele.

Chegando no local, Ramos viu um grande tronco apodrecido caído no chão. Ao lado estava o soldado atacado pelo ofídio. De Paula correu os olhos pelos rostos dos recém chegados, levantando em seguida a cobra responsável pela picada. Aparentemente era uma cobra coral, com seus anéis vermelhos, brancos e pretos.

Devido à dificuldade anatômica imposta à espécie para a inoculação da peçonha e a proteção oferecida pelo fardamento e equipamento, dificilmente ocorriam acidentes envolvendo militares e este tipo de ofídio.

O soldado, começava a demonstrar certa dificuldade para manter os olhos abertos. E como se estivesse com muito sono ele ensaiou uma pergunta. Mas em seu íntimo, conhecia a resposta.

- Tenente, o que o senhor acha? É grave? Ou é falsa coral?

O oficial não tinha dificuldade em diferenciar estas espécies, entretanto reconhecera os primeiros indícios da ação neurotóxica e curarizante da peçonha de uma elapídica. A temida coral.

- Calma campeão! Está tudo bem. Você está notando algo de diferente?

A picada era fruto do descuido, do relaxamento do soldado por ficar se encostando em tudo pelo caminho. Mas não cabiam críticas ao fato consumado. A conclusão, silenciosa e coletiva, serviria de ensinamento para oportunidades futuras.

Sem a soroterapia apropriada a vida de seu subordinado estava perdida. A impotência diante da situação irritava Ramos ao extremo.

“Aliviar o sofrimento” pensou o oficial, estimando o tempo de deslocamento da aeronave até o ponto de extração e concluindo: “estará morto bem antes disto”.

- Sarmento! - Disse Ramos, olhando para o lado.

- Selva.

- Procure folhas de taubá e corte umas duas braçadas de cipó alho.

- De Paula, está com a tua panelinha aí?

- Essa panela eu não largo…

- Então a coloque em ação. Vamos fazer aquele chá igual ao que você tomou lá no Curicuriari.

De Paula olhou por um instante bem no fundo dos olhos de Ramos. Parecia em dúvida. Então, em um lampejo, como se lembrasse de algo.

- Ah! Sim aquele chá, é para já.

Tendo escolhido um local aparentemente confortável para relaxar durante o alto, o soldado negligenciara a segurança. Em ambiente de selva o conforto do

corpo é o atalho do perigo. Encostado em um tronco apodrecido, em meio à folhagem esparsa, o militar abriu mão de uma rápida inspeção visual do ambiente o qual invadia. Se o fizesse, certamente teria percebido a presença de uma moradora em uma das frestas do tronco apodrecido. Ao encostar-se, relaxando, ofereceu o pescoço ao instinto de defesa do animal.

- Texera! - chamou Ramos.

- Selva.

- Quero que você estabeleça o contato com a base. Acione a aeronave, OK?! Não vamos aguardar a hora cegonha.

- E PJ! Providencie para que todos os homens mantenham a segurança e permaneçam informados.

Em pouco tempo, naquele local só restaram o vitimado, o oficial e De Paula, que aquecia a água em seu fogareiro a gás.

- Dói? - perguntou Ramos colocando o dedo indicador próximo aos orifícios criados pela picada.

- Não senhor. Ficou dormente. Estou com muita saliva na boca… um gosto estranho. - falou o jovem com muita dificuldade. E continuou. - Esse chá é para mim?

- É sim.

- É bom?

- Se é bom?!! Está vendo aquele cara ali. - Ramos, com um sorriso amigo, apontava para De Paula.

- Ele só está vivo graças a este chá!

As folhas e cipós pedidos chegaram. De Paula se incumbiu de prepará-los, cortando em pequenos pedaços, antes de colocar na água fervente.

O soldado começou a demonstrar dificuldade respiratória. Seus olhos não conseguiam ficar abertos. A ptose palpebral estava intensa. Foi quando Ramos levou à boca do rapaz o caneco com o chá. Enquanto De Paula erguia sua cabeça. Os dois tiveram de despejar um pouco do líquido pela garganta do soldado. Pois ele não conseguia engolir voluntariamente devido ao adormecimento do corpo.

- Pronto! Agora é só esperar. Rapidinho ele vai começar a fazer efeito. Não é De Paula? - perguntou Ramos olhando para o cabo.

- Uns cinco minutos e você vai sentir um alívio do cão! - disse De Paula, dando dois tapinhas no peito do soldado.

Fez-se silêncio. O soldado com a cabeça amparada por De Paula continuava agonizando.

Ramos chamou Sarmento, um pouco afastado do local onde estava o soldado acidentado. Mandou o sargento providenciar uma maca, organizar as

equipes de condução até o ponto de extração e preparar para partir em quinze minutos. Dito isto voltou para próximo ao soldado, lá permanecendo em silêncio com sua mão direita sobre o peito do companheiro.

- Tene.. tenente.

- Fale, estou aqui, estou com você.

O soldado falava com muita dificuldade. A respiração parecia esforçar em demasia o seu corpo. Uma saliva abundante, além de espessa, insistia em brotar-lhe à boca. Obrigando os presentes a posicioná-lo de forma a evitar asfixia pela própria saliva.

- Tenen… Ta fazendo efeito.. o chá! Não estou sentindo mais nada.

- Eu disse esse chá é bom mesmo. - e falando isso Ramos segurou a mão direita do soldado. Sabia que o fim estava perto.

Com um suspiro interrompido o soldado se foi.

Os sargentos que retornavam ao local não entenderam o que acontecera diante de seus olhos. Mas deixaram as dúvidas para mais tarde.

CAPÍTULO 32

Ramos mandou chamar a equipe com a maca. Queria o corpo militar transportado até o ponto de extração.

Enquanto conversava com os integrantes da primeira equipe do rodízio para o transporte da maca, chegou a informação: não houve êxito no contato rádio. Tanto os GPS quanto o sistema de comunicação SSB da patrulha estavam inoperantes. Seria necessário, então, aguardar a hora cegonha.

Com o dispositivo de segurança estabelecido nas proximidades da clareira, o consumo de ração por faxina foi autorizado. Os homens revezavam-se. Parte deles cuidava da segurança enquanto os outros comiam a primeira refeição quente, desde a chegada à selva.

A proximidade do curso d’água lhes garantia facilidades no preparo da alimentação e na higiene.

- Pena só ficarmos aqui uma noite. É o melhor ponto de parada, tem água e a vegetação é baixa. O senhor não acha cabo Chaves?

- Você quer saber mesmo o que eu acho Ricardo?

- Sim senhor! - respondeu o soldado interessado na resposta do militar misterioso.

Para Ricardo, o cabo Chaves era um referencial de postura militar. Disciplinado mas sem excessos, rústico, silencioso como uma pedra, inventivo, excelente atirador, arrojado e com um jeito meio marginal de falar, Chaves comandava pelo exemplo. A admiração de Ricardo pelo superior cresceu ainda

mais, depois de trabalharem juntos repetidas vezes.

Apesar de se esforçar para impressionar e conquistar a amizade do velho cabo, Ricardo sempre achava estar abaixo das expectativas de Chaves.

As tentativas públicas de impressionar o superior e a assimilação dos seus trejeitos fizeram Ricardo ficar conhecido, entre os outros soldados, como “o filho do cabo Chaves”. A conotação sarcástica do apelido não incomodava Ricardo, de fato a comparação recompensava parte dos esforços.

- Acho que se você não calar a matraca e abrir bem os ouvidos logo, logo, teremos mais de duas baixas nesta operação!

O soldado parou de falar. Concentrando sua atenção na tarefa de integrar o dispositivo de segurança, voltou o rosto para a escuridão e aguçou seus sentidos. Principalmente a audição.

As sombras errantes da noite criavam fantasias bem diante dos olhos dos patrulheiros. Materializando silhuetas de homens em deslocamento, assombrações de fórum íntimo e outros vultos inexplicáveis.

Os óculos de visão noturna da patrulha estavam inoperantes. As baterias alcalinas, necessárias ao seu funcionamento, foram descarregadas pelo uso durante a espera, no objetivo. Sem este valioso recurso, Ramos empregava postos duplos de escuta para realizar a segurança da base.

- De Paula! Venha cá, elemento. - era a voz do sargento Paulo José.

O cabo concluía a arrumação da própria mochila. Iniciada imediatamente após a manutenção do armamento. Rotina seguida sempre que havia tempo livre. Ao ser chamado, De Paula deixou seu material na posição, seguindo os poucos metros até o sargento apenas com o fuzil em mãos.

Os outros dois sargentos, além do PJ, o aguardavam. Eles estavam sentados formando uma pequena roda. Só era possível ver os vultos, mas as vozes aliadas a certos comportamentos ajudavam no reconhecimento.

Um dos integrantes do grupo esfregava, ritmadamente, uma lâmina sobre uma superfície áspera. “Só pode ser o sargento Sarmento”, pensou De Paula.

- Selva! Cabo De Paula pronto.

No dia a dia De Paula e PJ costumavam deixar a formalidade de lado. Tratavam-se muito mais como velhos amigos, companheiros de aventuras, do que como superior e subordinado. Entretanto quando na presença dos outros sargentos ou superiores hierárquicos o tratamento voltava aos parâmetros convencionais. Exceção feita às ocasiões nas quais o terceiro militar presente era o Ramos.

- Que gororoba foi aquela? O tal do chá. - perguntou PJ.

- É, que história foi aquela do Curicuriari? - era a voz do sargento Texera.

Sarmento continuou em silêncio, cuidando do fio de uma de suas facas.

Seus sentidos apontavam a presença de uma quinta pessoa naquele grupo. Uma presença conhecida.

- Ah, o chá é? Ele é bom mesmo. Não sei como não fez efeito! - falou o cabo, estranhamente sério.

Não satisfeito com a resposta PJ continuou.

- Como é que tu nunca me contaste isso? Sempre disse não ter sido picado por cobra!?

- E é verdade! - a voz vinha exatamente da quinta presença pressentida pelo Sarmento. Era a voz do Ramos. Ele estava sentado ao lado de Sarmento. Estivera ali, sentado em seu banquinho, nos últimos vinte minutos. Absorto no próprio silêncio, abrigado na escuridão.

A voz continuou.

- De Paula nunca foi picado por cobra, muito menos em operação no Curicuriari.

O grupo permaneceu em silêncio, enquanto Ramos prosseguiu com a narrativa.

- Aquele chá é usado para atenuar dor de barriga. O escolhi por que identifiquei seus ingredientes a poucos metros de nossa posição. O que contribuiria para um rápido preparo. A morte do nosso companheiro era uma questão de tempo. Nestes casos, sem o soro adequado não há muito o quê se possa fazer, além de trazer um pouco de conforto à vitima.

Se preciso for, façam o mesmo por mim!

- Pode deixar tenente, vamos até começar a pensar em um chá bem ruim para o elemento. - disse PJ descontraindo o ambiente.

- Estava aqui pensando, enquanto vocês conversavam! Sinto algo de errado no ar. Aquela base clandestina abandonada, os GPS fora de funcionamento e as comunicações cortadas. O fato é: não estou nada tranqüilo com as possíveis causas destas dificuldades.

Texera entrecortou a fala de Ramos:

- Pode ser parte de um conjunto de medidas do governo colombiano para combater ao narcotráfico ou à guerrilha! O que o senhor acha?

- Não sei. Seria uma tremenda coincidência, estas medidas terem início justo durante nossa operação. Embora explicasse parte do que está acontecendo.

- É, explicaria a falha dos GPS e das comunicações. Mas não explicaria o porquê do abandono da base. - enquanto falava, PJ separava pelo tato alguns rolos de filme fotográfico. Acondicionando-os em pequenos invólucros impermeáveis, confeccionados por ele com marcações em alto relevo para facilitar o manuseio em condições de pouca visibilidade.

Fotógrafo de talento, Paulo compensava os parcos rendimentos do salário

de sargento com a venda de fotos tiradas durante treinamentos e missões militares para os companheiros de caserna. As fotos faziam sucesso por retratarem detalhes inusitados da rotina militar. Passagens de perigo e rara beleza que sem as fotografias seriam inimagináveis para os familiares e amigos.

Depois de guardar a faca no suspensório, Sarmento, aproveitando a pausa no diálogo, falou:

- Todos vocês me conhecem, sabem que eu não sou nenhum seca pimenteira mas… se a aeronave não vier amanhã, na hora cegonha… bom; Aí, vou começar a acreditar que não somos os únicos em dificuldades! Podemos ter nesse momento, pelo menos, outras três milhões de pessoas em dificuldades!

- Do que você está falando Sarmento? - perguntou Texera.

- Ele está falando de algo possível. De algo que pode estar acontecendo. Juntem as peças! Analisem o cenário deixado para trás quando de nossa partida de Manaus. Suponham que face às graves, incontestáveis e maciças agressões aos direitos humanos a China ou os Estados Unidos tenha resolvido, mesmo que unilateralmente, intervir.

Os homens do grupo deixaram escapar murmúrios, Ramos continuou:

- É, intervir! Invadir a Amazônia para fazer cessar os crimes humanitários em andamento. Isto sim justificaria tudo o que vem acontecendo.

- Tenente… agora o senhor pegou pesado. - PJ até parou de separar os rolos, diante do interesse pelo assunto em discussão.

- Também acho meio difícil tenente! - era o Texera falando. - Acho muito radical essa idéia de intervenção militar, assim de uma hora para a outra. Mesmo se acreditarmos nesta hipótese, como explicar a falha dos GPS? O senhor acha que eles desligariam os satélites? E a aviação comercial, a navegação do resto do país e do mundo, concordaria em simplesmente parar?

- Talvez não seja preciso. Talvez haja formas de neutralizar apenas algumas áreas ou coisa assim. Infelizmente não tenho a resposta para todas as perguntas. Se a intervenção ocorreu, ela não foi decidida de uma hora para a outra, os detalhes devem ter sido estudados para causar níveis mínimos de transtornos aos não envolvidos diretamente. Os seus mentores não desejam colateralidades técnicas interferindo negativamente na opinião pública. - Disse Ramos.

- Bom, se esta hipótese for verdadeira logo mais não teremos condução. Aliás, passaremos a ser tão clandestinos em nossa terra quanto aqui! - Sarmento, definitivamente, colocara lenha suficiente para alimentar as chamas das especulações por muitas horas.

E assim, o grupo prosseguiu. Tecendo suposições e discutindo possíveis linhas de ação para cada uma delas. A prosa se alongou, avançando pela noite.

De tempos em tempos, Ramos ou um dos sargentos saía para circular entre os postos de escuta, voltando à conversa mais tarde. As rondas não eram realizadas com o intuito de apenas fiscalizar a conduta dos militares durante o período de guarda. Objetivavam, também, proporcionar aos homens o conforto e a segurança da presença de seus comandantes durante as horas mais difíceis do serviço.

Nos postos eles conversavam sobre assuntos amenos, espantavam o sono mastigando algo ou simplesmente dividiam o silêncio do dever de guardar o descanso dos demais. A presença amiga e constante dos superiores hierárquicos fortalecia o moral do grupo.

Era à noite que os medos e as dúvidas marcavam mais forte a presença na cabeça daqueles jovens. Sob os esparsos riscos de luz, pintados em um céu de folhas, muitos aproveitavam o tempo para refletir sobre suas vidas ou sobre fatos menos importantes. Coisas do dia-a-dia, da rotina da cidade, coisas que ali não pareciam ter tão pouca importância.

CAPÍTULO 33

Ouvidos atentos buscavam sinais de aproximação das aeronaves. A hora cegonha passou. O dia passou sem que as aeronaves previstas para o resgate aparecessem. Nos rostos dos patrulheiros a tensão da espera esculpira diferentes expressões.

Muitas foram as tentativas de obter contato rádio ou de usar o GPS para confirmar a posição atual. Todas frustradas.

Durante a noite foi decidido: haveria mais um dia de espera; depois partiriam rumo sudoeste em uma marcha com o objetivo de alcançar o Rio Içana e, por conseguinte o território brasileiro; o corpo do soldado seria escondido próximo à clareira para posterior resgate.

Tal e qual a criança em véspera de natal, poucos foram os homens à desfrutar das horas de sono. A ansiedade não permitiu.

Um dos homens acordou o sargento Texera e metade da selva, às quatro horas da madrugada, dizendo ter ouvido a passagem de duas aeronaves em vôo próximo ao copado. Foi o suficiente para que os demais desistissem de tentar o sono.

Pela manhã, Ramos chamou o militar responsável pela quebra da disciplina de ruídos, ocorrida na noite anterior, para tomar o café junto com ele. O conteúdo da conversa jamais foi conhecido pelos outros integrantes da patrulha. Eles apenas viram o tenente dividindo o café de sua marmita com o companheiro. Mas o soldado Honorato foi sacudido em sua alma.

Ramos tinha um jeito único para iniciar e terminar suas descomposturas. Em operação, sempre aplicava a reprimenda enquanto dividia a comida de sua marmita. Seus ouvintes saiam conscientes do erro, estremecidos pela responsabilidade com o grupo e orientados para a correção de atitude. Nestas horas, Ramos parecia ter um vocabulário, uma história e um tom de voz sob medida para cada caso, para cada homem. E nunca precisou advertir duas vezes um mesmo companheiro.

Diferentemente de outros oficiais, que insistiam em ameaças vazias de punição disciplinar ou outros procedimentos burocráticos à cada erro de seus subordinados, Ramos preferia a conversa das refeições. Os soldados, o mais acostumados a operar com ele, diziam ser enfeitiçada a marmita do tenente; “Usou dela, um abraço! Vai comer esterco e agradecer.”

O dia de prazo se foi e o resgate não apareceu. A apreensão marcou a longa e infrutífera jornada. No sepultamento provisório do militar acidentado, a tristeza muda superou a tensão da espera. O corpo foi enterrado no fim da tarde e junto com ele as esperanças de voltar mais rápido para casa.

Na manhã seguinte, Ramos, abrindo mão da segurança por alguns instantes, reuniu todos os homens para explicar de própria voz a situação atual do grupo, assim como a linha de ação a ser seguida doravante.

Reações diversas brotavam no intimo dos integrantes da patrulha. Alguns lamentavam ter de participar da caminhada cansativa e perigosa proposta como solução. Estes maldiziam a incompetência dos pilotos ou a má qualidade dos meios de comunicação conduzidos pela patrulha. Outros tentavam imaginar o que estaria acontecendo, o porquê de todos aqueles desencontros.

Ainda havia o grupo dos satisfeitos, para eles o destino ofertava algo único. O desafio de suas vidas. Qual fosse o motivo dos fatos desvendados, o melhor ainda estava por vir e viria a cada metro percorrido, após cada socavão superado.

Encerrada a preleção, a patrulha iniciou o deslocamento.

CAPÍTULO 34

“Mais duas vidas. Mais dois jovens tirados de casa, do conforto de suas famílias, e confiados à mim. Não posso falhar!

Se a navegação for bem conduzida iremos alcançar a região onde, no passado, montávamos operações para abordar os garimpeiros que cruzavam a fronteira ilegalmente. Daquele ponto para o Rio Içana é rápido. Mas as rações!? Só teremos rações para uns dois dias mais… isso não é problema estamos caminhando em meio a comida.” A mente de Ramos fervilhava em pensamentos

durante o transcorrer da marcha.

Com o anoitecer, uma nova base foi ocupada. A ausência de chuva e a temperatura ligeiramente mais baixa, para os padrões amazônicos, tornavam a noite mais agradável. Dentro da rede de selva, montada próximo ao centro do dispositivo da base de patrulha, Ramos não conseguia adormecer, repassava mentalmente as condutas possíveis para melhorar a segurança de sua equipe.

O silêncio e a solidão da noite invadiam as redes, massageando mentes e espíritos de seus ocupantes. Algumas vezes, o zunido de insetos, tentando vencer o bloqueio do mosquiteiro, quebrava a harmonia ambiente. O cansaço levava a maioria dos homens a adormecer rapidamente, depois de recolhidos às redes de selva.

- Meu joelho bichado está doendo pra caramba! - queixava-se Texera à PJ.

- É elemento, estás ficando velho para isso.

- Isso o quê?

- Essas aventuras. Teu negócio agora é cuidar dos netinhos, pilotar um computador e resolver assuntos burocráticos.

- É?! E aí quem iria ensinar algo de bom para meninos atrevidos como você? No meu tempo na brigada pára-quedista as coisas eram diferentes, no meu tempo…

Paulo José, deitado em sua rede de selva, provocava o amigo Texera. E por este caminho o diálogo rendeu.

Puxando a sardinha para o seu prato, Texera, sentado logo abaixo da rede do PJ em um pequeno banco articulado, expôs mil motivos comprobatórios da superioridade dos pára-quedistas da velha guarda. Em meio à empolgação sussurrada, Texera demorou a perceber que seu suposto ouvinte dormira há muito.

Os dois dias a seguir foram marcados pelo excelente desempenho na progressão. A vegetação e o terreno favoráveis permitiram deslocamento à velocidade de três quilômetros e setecentos metros por hora, em média. As boas condições encontradas possibilitaram rapidez sem desgaste excessivo dos homens.

Para manter a performance os militares adaptaram. Faziam uma refeição por dia, caminhavam durante todo o período de luz disponível e descansavam somente depois dos rotineiros procedimentos para ocupação das bases.

Dependendo do terreno e da vegetação existentes no local escolhido para a base de patrulha, o estabelecimento do dispositivo de segurança chegava a ocupar metade do tempo destinado ao descanso. Mesmo com o desconforto do sono perdido, as orientações dadas para a ocupação da base eram seguidas à risca, sem ponderações.

O único problema de saúde estava no joelho do sargento Texera. Ramos, sem demonstrar ter conhecimento das dores e inchaço no joelho do sargento, administrava o caso pessoalmente. Mantendo Texera sempre ao seu lado, próximo à testa da coluna de marcha onde não ocorria flutuação de passada, sob o pretexto de que ele, como melhor orientador, seria o responsável por conduzir a navegação.

Com esta medida o comandante também poupou Texera do rodízio das mochilas dos falecidos. O sargento com seu ego inflado, anestesiado pela responsabilidade da missão a ele confiada, não percebia a sutileza da ação de comando do Ramos.

Com o passar dos dias as mochilas foram ficando mais leves, acabavam as rações. Os corpos progrediam com maior desenvoltura.

Para trás ficavam as frustrações. As lembranças do objetivo vazio, da espera em vão pelas aeronaves, foram sendo tornadas menores à cada passo, principalmente pelos soldados. Na cabeça deles tais amarguras cederam lugar ao desafio estabelecido por Ramos: “Chegar a São Joaquim no menor tempo possível e sem mais baixas”.

Por outro lado, metro a metro, crescia a saudade de casa.

As mentes vazias eram preenchidas pela constante presença de Ramos. Nos altos para descanso, nos quartos de hora do serviço noturno, nas refeições ou durante os trabalhos de ocupação das bases de patrulha ele sempre repartia seu tempo com alguém. Ouvindo muito, muito mais do que o normal. Mas quando falava Ramos despejava otimismo, informações e bom humor sobre seus subordinados, afastando a tensão de preocupações desnecessárias.

Desafios intermediários, renovados dia após dia, passaram a ser estabelecidos. Coisas simples, como o aumento da distância a ser percorrida a cada jornada, a melhora do padrão de ocupação das bases de patrulha entre os grupos de combate ou a manutenção do sigilo durante o deslocamento, eram propostas ao grupo. Desafios que contribuíam muito para motivar a equipe.

O desafio mais comum feito aos homens incluía a realização das progressões limpas, com nível de indícios beirando o zero, sem abrir mão da velocidade e da segurança. Nestas ocasiões, Ramos, deslocava-se, por alguns minutos, a retaguarda da coluna de marcha. Como último homem, avaliava a quantidade e a qualidade dos indícios deixados quando da passagem de seus comandados.

Experientes, os olhos do tenente detectavam pequenos detalhes como cipós rompidos, raízes descascadas pelo atrito dos solados de botas ou equipamentos. Troncos apodrecidos macerados, galhos quebrados e folhas secas caídas no chão com o lado úmido voltado para cima eram interpretados como indícios da

passagem de sua tropa. Rastros que possivelmente seriam encontrados por inimigos bem preparados e que se assim o fossem dariam ao inimigo a vantagem da surpresa. As observações feitas eram anotadas e repassadas aos subordinados durante os altos.

CAPÍTULO 35

Ainda restava claridade quando o cabo De Paula e o soldado Honorato ocuparam uma espera para caçar. O apoio escolhido ficava três metros acima do chão, em uma árvore. Galhos serviam de assento para os dois. Logo abaixo de seus pés, um igarapé de água cristalina formava uma pequena praia com areia branca como neve.

O local escolhido para a espera prometia fartura de caça. Nele foram encontrados rastros deixados por antas e veados. Pegadas destacadas pela areia, alva, que ciceroneava a água corrente do bebedouro formado pelo acaso.

Mesmo que a caça não estivesse à procura d'água, ainda assim haveria um bom motivo para ela ir até o local; a presença de árvores com frutos e flores comestíveis.

A flor de pequiá, abundante nas redondezas, fazia parte da dieta dos veados. Por isso, os dois militares esperavam abater pelo menos um desses animais durante a caçada.

A ausência de vegetação rasteira na orla do igarapé permitia a iluminação do terreno pelo luar. Com a lua na fase crescente e o contraste da coloração da areia, ficava facilitada a identificação visual da caça, mesmo à noite. Somando mais um ponto favorável ao local escolhido.

Enquanto aguardavam a chegada de algum animal, os dois militares sentiam em seus rostos a força do vento canalizado pelo corte do curso d'água. Este mesmo vento aumentava as chances de êxito da caçada. A corrente de ar tapeava o olfato dos animais de pêlo e sangue quente, dificultando a detecção das alterações do habitat natural e conseqüente sinais de perigo. Ocultando o odor desprendido dos corpos suados dos dois marmanjos dependurados nos galhos de uma das árvores da vizinhança.

Um quilômetro a jusante do mesmo igarapé foi estabelecida a base de patrulha daquela noite. Próximo ao curso d'água, iluminado pelo luar, Paulo José, ajudado por dois companheiros, fazia a pescaria mais farta de sua vida.

Com um pequeno pulsar improvisado por PJ, quilos de camarão foram conseguidos. Durante o ápice do luar, os três sentiam o choque do pescado de encontro às suas pernas. Com as calças arregaçadas até o joelho e sem os coturnos eles pescaram camarão em quantidade suficiente para alimentar toda

patrulha por uma refeição.

Sem as rações especiais ou as de consumo a frio, Ramos se viu obrigado a utilizar medidas alternativas para preparar a refeição principal. Em especial quando esta refeição passou de principal à condição de única refeição do dia.

Mesmo ficando aceso apenas durante o tempo necessário ao preparo da comida, o uso do fogo atentava contra a segurança da patrulha. Alguns dos homens sugeriram amenizar os efeitos do fogo com a confecção de rabos-de-jacu. Nome dado ao abrigo construído com palhas sobrepostas e inclinadas sobre uma trave feita com varas de madeira.

O rabo-de-jacu pode ser utilizado para isolar as chamas da água das chuvas, quebrar um pouco da intensidade luminosa da queima dos troncos em meio à escuridão, ou ainda dissipar a fumaça criada pelo fogo evitando o efeito chaminé.

Mas o fogo não combinava com a situação, com os riscos do momento.

O uso do rabo-de-jacu acrescentaria mais problemas do que soluções. Sua confecção envolvia alterações no meio ambiente difíceis de disfarçar. Ocultar as palhas cortadas para o rabo-de-jacu, dissimular os indícios do uso de lâminas nas palmeiras e ainda sumir com as varas usadas na montagem da armação são tarefas que incorporam um custo muito elevado para um benefício pequeno, muito pequeno, oferecido pelo abrigo.

Sumir com as brasas e demais indícios de fogo, ao partir das bases, não seria difícil. Ainda assim persistia a questão do cheiro, do calor e do clarão provocados pelas chamas. Mais cedo ou mais tarde a segurança da patrulha ficaria comprometida. As soluções surgidas deixavam arestas, deficiências capazes de alimentar possíveis rastreadores com informações a respeito da equipe.

A importância do consumo de comida quente pesava na decisão de Ramos. Alimentados, aqueles homens seriam capazes de alcançar a Antártida. Com organismos imunodeprimidos, por desnutrição e esforços físicos continuados, além do estresse, não iriam resistir às enfermidades da floresta. Sob estas condições os homens não renderiam, em ação ou em deslocamento, o quanto eram capazes.

Mesmo com o objetivo da missão ficando para trás, Ramos agia de maneira a manter seus comandados prontos para um novo combate ao final dos deslocamentos diários. Para ele, acima da importância da chegada de uma marcha estava as condições para o combate que poderia vir a sucede-la.

Ramos optou por alterar o horário da refeição. Doravante os homens despenderiam as primeiras horas do dia para preparar a comida. A medida atrasava o início do deslocamento, obrigando a patrulha a permanecer

estacionada durante preciosas horas de luz. Em compensação, durante o amanhecer a mata é mais benevolente. As chamas não são visíveis a grandes distâncias e a fumaça facilmente pode ser confundida com o efeito resultante das inversões térmicas, causadoras do fenômeno das chaminés da floresta. Com o novo horário, Ramos tentava atenuar a redução da segurança causada pela necessidade de uso do fogo.

Foi proibido o uso do rabo-de-jacu, evitando o corte de palha e conseqüente aumento de indícios. Em caso de chuva o fogo deveria ser protegido por um abrigo improvisado, do tipo meia água, construído com ponchos e fixado por cordéis alguns metros acima das chamas. A obtenção da caça ou do pescado ocorreria durante a noite a cargo das equipes de caça, mantendo o respeito à disciplina de luzes e ruídos. Seus integrantes seriam escalados dentro dos grupos da patrulha, a critério dos sargentos.

Realizando rodízio entre as equipes de caça, dos diferentes grupos da patrulha, ficava garantida a eqüidade de tarefas. Além de manter presente o espírito de salutar competição, incentivado pelo comando. Também havia o rodízio diário de cozinheiro e equipe de cozinha.

Para matar a fome das noites, em vigília de espera pela hora da comida, tornou-se comum a discreta coleta de frutas e sementes durante as jornadas diurnas. Ao ocupar a base o alimento coletado era entregue aos sargentos que, matematicamente, dividiam-no entre os integrantes da patrulha.

CAPÍTULO 36

Passado o horário crítico, a quantidade de mosquitos e outros insetos diminuiu o suficiente para permitir à dupla na espera um pouco de sossego. A pele de suas mãos, rostos e pescoços, estava repleta de caroços. Os olhos, aclimatados à condição de pouca luminosidade, conseguiam perceber o movimento das folhas embaladas ao vento. Suas armas tinham supressores de ruídos fixados no final dos canos.

Enquanto aguardava o surgimento de alguma caça, De Paula recordava.

Foi em uma noite como essa, com este cheiro de folha de oari-açu chegando em seu espírito, que ele caçou pela primeira vez lado a lado com os índios curipacos. Na época, estava servindo no Pelotão de Fronteira de São Joaquim.

O correr dos dias o aproximou das comunidades indígenas dispostas ao longo do Rio Içana. Em pouco tempo, De Paula conquistou a confiança, principalmente, da comunidade curipaco, vizinha ao pelotão.

Certa vez o tuxaua o convidou para uma caçada. O objetivo era caçar

macacos. Um grupo de Macacos barrigudos havia sido avistado próximo a uma das alças do rio. De Paula aceitou de pronto, pediu permissão ao comandante do pelotão, naquele tempo o aspirante Ramos, para conduzir uma das armas de calibre vinte, com cartuchos carregados com chumbo fino, no que foi atendido.

Quando de sua chegada à aldeia, para reunir-se com o grupo de caça, o cabo conduzia uma pequena mochila e a espingarda a tiracolo. Os índios riram bastante. Eles riam da presença da arma de branco trazida por De Paula para a aventura. Um dos nativos lhe explicou o motivo da graça. “Com aquela arma só pegariam um animal, pois ao fim do primeiro disparo até os espíritos iriam embora.”

Assim, foi demovido da idéia de levar a arma. Recebendo, em seu lugar, um desengonçado mauepe e um punhado de pequenos dardos de madeira. Estes dardos tinham algo parecido com lã enrolada em sua retaguarda e uma ponta bastante fina. O mauepe, uma espécie de zarabatana confeccionada com caule vegetal, media quase dois metros e meio. A perfeição geométrica, oferecida pela natureza e aproveitada pelos nativos como ferramenta de caça, impressionava.

A lembrança dos macacos despencando, um a um, da copa das árvores veio à mente do Cabo. Não era possível esquecer a perícia com a qual os dardos eram soprados através dos mauepes. Ou a sabedoria na justa medida da morte animal, apenas em quantidade capaz de satisfazer a fome da comunidade. Mesmo havendo mais animais para serem abatidos, em determinado momento os sopros cessaram. Caçara-se o suficiente para alimentar a comunidade, os demais macacos deviam seguir.

Os únicos sons ouvidos durante toda a caçada foram os dos sopros e os dos corpos despencando das alturas. De Paula até tentou ajudar na caçada mas seus pulmões despreparados mal conseguiram impulsionar o dardo para fora do mauepe. Mas ter estado ali sem atrapalhar foi o bastante.

A conduta silenciosa do De Paula agradou aos índios. Àquela jornada de caça, muitas outras sucederam.

De Paula aprendeu os segredos da confecção dos mauepes, dos dardos e foi apresentado aos mistérios dos venenos naturais. Passados de geração em geração, há séculos. Mistérios como o da obtenção do curari, utilizado nos dardos das caçadas, davam provas da riqueza cultural daquele povo. Eram mostras do porquê da sobrevivência das populações nativas ante aos desafios de uma região tão inóspita.

O som de um galho quebrando devolveu De Paula à espera de hoje. Honorato olhava para a direção de onde veio o ruído, tentando identificar algo entre as sombras. Em seguida, ouviram um outro estalo, este mais perto da posição ocupada pelos dois.

“Beleza, agora vai!” Pensou Honorato, comemorando a chegada da caça. Lentamente seu dedo indicador direito foi de encontro à tecla do gatilho. O frio de momentos atrás desapareceu por completo, os sentidos afloraram à pele. Ao seu lado o mesmo acontecia, mas o motivo era outro. De Paula não identificara o som, de instantes atrás, como produzido por animais silvestres. Parecia mais com o som do bicho homem.

Da orla da mata surgiram três vultos falantes. Com uma postura bastante displicente, o grupo parou para abastecer os cantis.

A noite não permitia a identificação de detalhes, apenas vultos.

Era possível constatar que os homens à beira do igarapé conduziam fuzis. Um dos homens instruía os outros dois sobre a forma correta de encher o cantil sem deixar contaminar a água coletada.

Os olhos de Honorato estavam saltando à órbita, o esforço de visão retornava contornos de pouca definição. Seu dedo indicador direito parecia possuído, insistindo em pressionar a tecla do gatilho. Só não o fizera, até então, por que aguardava o desencadear da ação pelas mãos do superior ao seu lado.

- Cabo nós podíamos ter surpreendido eles! - sussurrou Honorato, quando os três vultos se afastaram atravessando o igarapé.

- Sabe cobra se deslocando no mato? - perguntou De Paula.

- Sim senhor! Mas…

- Pois é, vamos como uma cobra! Sem ruídos, sem perda de tempo. Vamos retornar para a nossa base. Temos companhia, provavelmente das FARCs. Você entendeu?

- Entendi, entendi! Mas cabo…

- Sem mas, vamos logo coisa ruim! Sei que você quer ser herói mas o tenente foi claro: Não podemos quebrar o sigilo. Faz parte de nossa missão.

Ao ser informado do ocorrido, Ramos pensou, de imediato, em desocupar a base de patrulha. Mas progredir na ausência de luz com um efetivo como o seu atentaria contra a segurança. A noite os ruídos são mais facilmente percebidos e a distâncias maiores. Sabendo que seria um alvo mais fácil ao progredir na ausência de luz com um efetivo como o seu, Ramos optou por manter a base ocupada mas com todos acordados.

Tudo acontecia rápido, muito rápido. As decisões fluíam. Bastava Ramos indicar a linha de ação e logo Sarmento, PJ ou Texera colocavam as ordens em prática.

Os homens foram dispostos no terreno, formando um grande círculo. Em cada posição ocupada uma nova adaptação ao meio era exigida. Os patrulheiros tentavam aproveitar ao máximo o terreno.

Pensamentos mil varriam as mentes daqueles militares. Sabiam que o

perigo era iminente, por haver presença de guerrilheiros na área. A ordem era silêncio e atenção.

Havia sono e desconforto.

Os corpos em contato com as fardas molhadas liberavam vapor. O cheiro era uma mistura de suor, suor com chuva, suor com mato, suor com terra. Suor com camarão.

Junto aos primeiros raios de sol, Ramos determinou a desocupação da base e o início da marcha.

CAPÍTULO 37

Às onze horas da manhã a patrulha ouviu o som de aviões de caça voando a alguns quilômetros a leste, pareciam estar a baixa altitude. No fim da tarde o mesmo estrondo voltou a ser ouvido. Desta vez os caças sobrevoaram exatamente o local onde a patrulha estava. Eles voavam com proa voltada para o sul.

- É! Os gringos parecem ter perdido o respeito pela pontaria das FARC e pelo SIVAN - comentou De Paula durante uma das paradas.

Ramos, sentado com as pernas sobre a mochila, chapéu de selva caído intencionalmente encima do rosto, mostrou sua concordância sacudindo positivamente a cabeça. Sabia que aquela afirmação do amigo era para ele.

Nos dois dias seguintes a movimentação aérea só fez aumentar. Mesmo durante a noite, vários eram os sobrevôos registrados pelo pessoal em terra. Alguns mais próximos, outros longínquos quase não podiam ser ouvidos em contraste com os sons da mata.

Para os militares em terra, aqueles vôos suscitavam muitas dúvidas. Afinal, como os caças se orientavam para a realização de vôos noturnos se o sistema de posicionamento global estava fora de operação? Por que tamanha movimentação aérea ao lado da fronteira?

CAPÍTULO 38

O terreno confirmava a continuidade de uma suave inclinação. O esclarecedor fazia um deslocamento cauteloso. Mantinha seus sentidos alerta. Os pés estavam latejando, ele sentia muito desconforto quando pisava nas raízes entrelaçadas que cobriam o chão, mas não havia como evitá-las. Alguns quilos mais magro, o soldado Passos lutava, ainda, contra uma enorme assadura formada entre suas pernas. Ele procurava esquecer o corpo, focando nas responsabilidades de esclarecedor.

Continuando a descida imposta pelo terreno, Passos avistou algo diferente reluzindo em meio à folhagem alguns metros à frente. Em um primeiro momento pensou ter encontrado uma clareira. Mas preferiu progredir um pouco mais, na tentativa de obter melhor visada, antes de informar a situação aos demais integrantes da patrulha. O segundo esclarecedor, progredindo alguns metros a sua retaguarda, parecia ter avistado o mesmo, pois fixou o olhar naquela direção.

Depois de descer um pequeno socavão, o primeiro esclarecedor pode, enfim, vislumbrar o contorno do terreno com clareza. Imediatamente, com o fuzil em bandoleira, levantou as mãos fazendo o sinal de ponto crítico para o segundo esclarecedor, ainda no topo do socavão, e este repassou o sinal para os homens da retaguarda. Assim, antes mesmo de adentrar no novo compartimento do terreno, a tropa foi informada do que estava por vir.

- É o tal igarapé. - murmurou Ramos.

- O senhor quer alguma coisa? - era o cabo Mário, suando horrores, com a estação rádio orgulhosamente conduzida, em uma armação do tipo mochila, presa ao peito. Um equipamento defasado tecnologicamente. Seu tamanho e peso avantajados, frente ao sofrível rendimento, confirmavam isto. Entretanto, Mário não aceitava as insistentes propostas de Ramos ou dos sargentos para realizar rodízio na condução do rádio. “Fui escalado para a missão por ser rádio-operador, sem o rádio não estaria aqui!” dizia ele, diante das propostas dos superiores.

- Não Mário. Estava apenas pensando alto. Acho que sei qual ponto crítico os esclarecedores encontraram.

- O que é?

- Um volumoso igarapé.

Ouvindo o diálogo ao lado, PJ, com a carta topográfica presa entre os dentes, retirava a mochila de suas costas. Ele retornava da posição onde estava o soldado Passos. Como era o segundo homem da coluna de marcha, no momento do alto, tomou a iniciativa de ir adiante verificar, em loco, qual o problema.

- Tenente, o elemento encontrou um rio bem aí na frente! - disse PJ, ajoelhado ao lado do comandante. Suas mãos suadas, vestidas em um par de semi-luvas pretas, amparavam uma carta do terreno. A bússola, em material transparente, estava presa ao suspensório do sargento por um cadarço vermelho, ela balançava como um pêndulo perfeito espalhando seu suor por sobre o papel plastificado da carta topográfica.

- Um rio ou um igarapé? - perguntou Ramos franzindo a testa.

- É um rio e dos largos. Ele não consta aqui nesta nossa relíquia topográfica. - disse PJ ironizando o fato de só possuírem, na patrulha, cartas topográficas desatualizadas e de péssima qualidade. Cartas que pareciam ignorar

a sazonalidade das águas do amazonas.

Parecia óbvio ser necessário haver cartas para operar no período das cheias e cartas para operar no período da vazante. Viabilizando a correta orientação em todas as estações da região amazônica. Óbvio, mas não para as autoridades brasileiras.

Os dois analisaram a reprodução do terreno por alguns instantes. Receberam companhia de Texera e Sarmento. Enquanto discutiam as alternativas, um grupo de helicópteros sobrevoou a copa das árvores sobre suas cabeças.

- Eles estão caçando. - disse Sarmento.

- Não! Estes são helicópteros de transporte, não operam com os caçadores. Sua manobrabilidade é muito pequena além de…

- Tá bom Top Gun. - era o PJ interrompendo a explicação de Texera com sarcasmo.

- Vamos de bubuia! - falou Ramos.

Os sargentos entreolharam-se.

Ramos explicou, então, como fariam para transformar o obstáculo natural encontrado em vantagem.

Muito foi falado com o objetivo de melhorar as condições de segurança da tarefa proposta. Algumas idéias surgiram e foram aproveitadas durante o detalhamento da execução.

A patrulha passaria a utilizar o curso d'água para realizar seu deslocamento. Os dias seriam para alimentação e repouso, as noites para deslocamento fluvial. Os homens, dispostos em levas, desceriam o rio em uma formação semelhante ao desenho de uma espinha de peixe. Suas mochilas, auxiliadoras de flutuabilidade, seriam conduzidas à frente do corpo, sobre estas o armamento estaria em permanente condição de emprego.

Varas de madeira teriam de ser colocadas por dentro das armações das mochilas. As varas ligariam cinco mochilas lado a lado, garantindo assim que enquanto os homens estivessem segurando suas mochilas não se desprenderiam dos demais. Houve consenso em torno do não uso de cordéis ou qualquer outro meio físico para ligação entre os homens, evitando restrições ao movimento de resposta ao fogo inimigo ou diante de possíveis acidentes.

A dificuldade de coordenação e controle seria o maior inimigo. Para assegurar a parada de todos no mesmo lugar, ao fim de uma jornada de descida, foram estabelecidas três medidas.

Primeira; a liberação das levas ocorreria dentro de um intervalo de dois minutos, garantindo a não ultrapassagem entre os homens de cada uma das levas.

Segunda; a leva da frente ao atingir o horário limite de cinco horas da

manhã, ou obstáculo que atentasse contra a segurança dos demais integrantes da patrulha, deveria buscar a margem direita, balizando o local para a chegada das outras levas.

Terceira; à partir das quatro horas e cinqüenta minutos todas as levas deveriam passar a deslocar-se o mais perto possível da margem direita do rio.

Em questão, uma cartada audaciosa. Uma vez entregues aos braços da correnteza, sob as cortinas da noite, aqueles homens deixariam para trás suas referências de navegabilidade. Passando a depender da existência de uma ligação entre o curso d'água, hora utilizado como via, e o Rio Içana, a passagem conhecida pelos locais como Boca do Inírida. Tal e qual Ramos descrevera durante suas explanações, ainda na ordem a patrulha.

Caso a conduta resultasse em insucesso haveria dificuldade para a retomada da orientação. Sem poder contar com o GPS e sem referências àquele curso d'água na carta topográfica, a patrulha saberia apenas que estava em algum lugar entre o Brasil e a Colômbia.

CAPÍTULO 39

Durante os preparativos para a primeira noite de descida os homens pareciam indiferentes aos riscos contidos na tarefa proposta. Possíveis corredeiras, pedras, madeiras de meio de rio e até mesmo os traiçoeiros rodamoinhos ficavam em segundo plano na cabeça daqueles jovens. Importava a missão, a aventura, a possibilidade de extrapolar limites.

Antes do fim do dia, os sargentos fiscalizaram, homem por homem, detalhes como flutuabilidade das mochilas e confecção das amarrações de soltura rápida nos calçados. O dispositivo para a navegação foi ensaiado ainda em terra.

O cabo Mário recebeu a ajuda de Ramos na preparação de uma pequena jangada, feita com talos de buriti, para a condução do equipamento rádio da patrulha. Os dois, em total silêncio, trançaram os cipós por entre talos de buriti de mesmo tamanho. Afora a rapidez com que suas mãos realizaram a tarefa o resultado impressionou pelo zelo, comum aos mínimos detalhes. Assegurando, assim, a confiabilidade desejada frente à importância da carga transportada.

Durante os trabalhos, Ramos projetava seus pensamentos até um ponto distante, muito distante dali. Eles estavam no ponto da provável reunião de águas do rio a sua frente com as do Rio Içana. Ramos desejava, como nunca, estar certo.

Um luar entrecortado por pesadas nuvens testemunhou a entrada dos primeiros homens nas águas escuras do rio.

CAPÍTULO 40

O cheiro da carne exposta ao calor das chamas aumentava a expectativa. Os homens não envolvidos na segurança da base de patrulha estavam sentados em torno do fogo. O calor de meio dia parecia não incomodar, até ajudava na tarefa de secar as fardas encharcadas. A fome, porém, não lhes permitia gozar de um sono recuperador. Primeiro era preciso comer algo.

Abrindo mão da conduta usual, a caça daquele dia, dois caititus com cerca de oitenta centímetros de comprimento cada um, não foi cozida, mas sim assada. Os homens estavam aguando por um bom pedaço do assado.

Amassando algumas folhas com sal e frutos do buriti, Ramos obteve um óleo de cor arroxeada, devido à presença do buriti. O óleo improvisado serviria de tempero para o trato da carne. O aspecto assustador do “tempero” fez boa parte dos soldados imaginar que o tenente estava era inventando um jeito de estragar a carne da caça. Temor dirimido pela lembrança das boas experiências de outros pratos preparados pelo oficial. Sempre carregados no tempero, mas muito saborosos.

O prato do dia, o caititu é uma espécie de porco-do-mato, ele tem cauda curta, pernas delgadas e seu corpo é recoberto por cerdas rijas de cor pardacenta com salpicos brancos. No pescoço as cerdas adquirem coloração amarelada, lembrando o formato de uma coleira. O caititu anda em varas de cinco a dez animais e é menos agressivo que a queixada.

No fogo a carne brilhava exalando um cheiro delicioso.

Quando Ramos, que era o cozinheiro da escala, avisou aos homens para trazerem as marmitas, pois a bóia estava pronta, uma onda de sorrisos surgiu. Momentos depois, generosas fatias de carne foram servidas acompanhadas por banana pacova cozida. Estas bananas enriqueceram a refeição com seu sabor exótico. Elas foram colhidas, cuidadosamente, em um local distante da base, minimizando ao extremo a criação de indícios da ação do homem na área. A iniciativa da coleta partiu dos soldados do grupo do sargento Paulo José.

Alguns militares, ao terminarem o consumo de suas etapas partiam, voluntariamente, para substituir os companheiros no serviço de guarda, ainda sem a refeição.

O resto da tarde foi de sono e descanso, interrompidos apenas quando era chegada a vez do serviço. Ramos e os sargentos prolongaram o bate papo do almoço. Trocaram horas de sono, em suas redes de selva, por outra aquecida sessão de suposições. Falavam em voz baixa, sentados em seus banquinhos articulados montados por entre as raízes.

No fim da tarde, o sol cedeu lugar à nuvens carregadas. Foi um atalho para a noite. Atalho balizado por trovões e relâmpagos. Quando a chuva teve início as redes de selva já haviam sido desarmadas e colocadas nas mochilas, os detritos enterrados e os indícios de fogo enterrados ou camuflados.

O som da chuva, ouvido do interior da mata, era algo singular. Momentos antes, folhas secas vindas do alto das árvores caíam ao chão, anunciando juntamente de pequenos estalos, a chegada do enxame de gotas.

Qualquer instrução a ser passada aos homens precisava ser transmitida ouvido a ouvido. A força da natureza abafava quaisquer outros sons que não os seus.

Uma hora mais tarde a tormenta ainda não demonstrava estar perto do fim. A patrulha aguardava ordem para entrar na água encrespada do rio. Pedaços de vegetação desciam apressados, carregados pela força crescente da correnteza e podiam ser vistos quando relâmpagos iluminavam o céu.

Parados, com os corpos expostos à chuva gelada, os homens não demoraram muito para começar a tremer. O frio levava-os a querer entrar logo no rio. As experiências das noites anteriores mostraram ser mornas suas águas.

E foi também tremendo de frio que Ramos liberou os primeiros grupos para a entrada na correnteza. Colocando sua mão direita sobre o ombro do primeiro militar de cada linha, ele encorajava os homens com frases curtas, liberando o grupo para o início do deslocamento.

Quando não restava mais ninguém em terra além dele mesmo, o oficial caminhou para dentro d’água. Poucos passos depois da margem, teve o mesmo destino dos subordinados; foi arrastado pela correnteza.

CAPÍTULO 41

Com mochila e fuzil seguros próximo ao peito o sargento Sarmento liderava a primeira leva. Ele mal conseguia abrir os olhos. “Parece estar chovendo de baixo para cima!” Pensou.

Os pingos de chuva ao caírem no rio formavam respingos e estes eram tão intensos a ponto de dificultar a visão de quem estava junto à superfície. A correnteza estava mais forte nesta noite, impondo forte tendência de giro aos grupos de homens. Para evitar o excesso de rodopios os militares movimentavam as pernas compensando os desacertos da precária navegação.

Nas noites anteriores o corte do rio, indicador da direção desejada, podia ser identificado através do contraste gritante entre a silhueta negra das árvores nas margens e um fundo azul, pontilhado de estrelas.

Naquela noite, entretanto, não havia contrastes. A escuridão somente era

rasgada pelos apressados relâmpagos, despejados impiedosamente em todas as direções.

Ramos foi apanhado por um redemoinho, formado a alguns quilômetros à retaguarda do grupo comandado por Sarmento.

A força da correnteza girava o corpo do oficial seguidas vezes. Seguro à mochila, ele batia os pés freneticamente na tentativa de libertar-se de tal armadilha das águas. Como uma formiga dragada pelo ralo de imensa banheira, Ramos lutava com todas as suas forças para não ser engolido.

Não havia para quem pedir socorro nem tão pouco ele queria colocar mais alguém em tamanha enrascada.

Pedaços de madeira dos mais variados tamanhos se chocavam violentamente contra o seu corpo.

Sob a luz de um relâmpago ele viu, incrédulo, as proporções do redemoinho no qual fora aprisionado. Apesar de rodar no que parecia ser a superfície d'água, ele estava mais de um metro abaixo do nível do rio.

Ao seu lado flutuavam troncos e galhos com tamanho suficiente para esmagá-lo a qualquer momento. Tal constatação foi suficiente para dobrar a adrenalina circulante em seu corpo. Também fez surgir uma alternativa de sobrevivência mais ousada. Flutuar era mais perigoso do que afundar, pois os galhos e troncos a sua volta representavam um risco real.

Enchendo os pulmões com todo o ar possível o oficial soltou sua mochila, agarrando firmemente o fuzil com as duas mãos e colando o queixo ao peito. Ao fazê-lo, afundou como uma pedra.

No início da descida, Ramos ouviu um chiado macabro. Um som forte e intimidador, porém quanto mais fundo seu corpo mergulhou no desconhecido mais o tal chiado deu lugar a um silêncio quase celestial. Ele não estava apenas afundando, também estava sendo arrastado pela correnteza.

Quarenta segundos após ter soltado a mochila Ramos sentiu seu ombro bater em algo. A turbulência, os pedaços de madeira e a pressão d'água não estavam mais presentes, pelo menos não com a mesma intensidade.

Percebendo a oportunidade ele resolveu usar a mão direita para explorar o obstáculo encontrado.

Tempo era importante, precisava de ar, precisava respirar. A superfície suavemente rugosa, polida pela vaidade da mãe natureza, parecia ser a de uma pedra.

Aturdido pelos rodopios de momentos atrás, Ramos perdera completamente a noção de onde ficava o fundo do rio e onde estava o ar tão desejado. Tentou soltar algumas bolhas do precioso ar, sabia que era só seguir as bolhas para saber onde ficava a superfície. Mas que bolhas?

A escuridão a sua volta e a correnteza não contribuíam em nada para o emprego de tal técnica. Como a idéia da bolha não funcionou e lhe restava pouco fôlego, resolveu seguir seu instinto batendo as pernas e acompanhando com a mão o perfil da pedra encontrada.

O jovem oficial tentava manter a todo custo o equilíbrio entre instinto e lógica, até por saber que o pânico contribuiria apenas para abreviar a morte em tal situação.

“Não! Assim não.” Pensou Ramos, resistindo à possibilidade de fenecer daquela forma tão imbecil. Como se qualquer outra não o fosse.

Enquanto nadava na direção ditada pelo instinto, sorte ou por algo acima de sua compreensão, ele chegou, por um instante, a cogitar o abandono de seu fuzil e parte do equipamento para aumentar sua flutuabilidade. Suas pernas pareciam concretadas.

Uma vontade imensa de inspirar havia de ser contida a cada segundo. Antes de decidir largar o fuzil, sentiu a cabeça sair da água. Estremecendo em longos suspiros, Ramos saciou a necessidade de respirar. Parecia terminada sua agonia.

CAPÍTULO 42

Respiração restabelecida depois do extenso período em apnéia, aos poucos o corpo foi voltando à calma. Firmando os pés em uma pedra, e com metade do corpo fora d’água, Ramos percebeu que havia algo de diferente no refúgio salvador. Ali não chovia, o ar estava parado e um cheiro parecido com o do mofo empestava o ambiente.

Por mais alguns minutos Ramos permaneceu imóvel, precisava se recuperar do esforço.

Estava em meio a mais completa escuridão. Além de sua respiração e do tilintar da água de sua farda a retornar para o rio, era possível ouvir um som semelhante ao produzido pelo eco de gotas em cavernas. Só então Ramos notou o eco vindo em resposta a cada som produzido.

Segurando o fuzil com a mão direita, ele iniciou o deslocamento para explorar o ambiente à sua volta com outros sentidos além da audição e do olfato. Ele acreditava estar em uma espécie de câmara ou caverna. Um velho sonho recorrente lhe voltou à cabeça. Por muitas noites ele acordara aflito depois de ver-se vagando perdido por cavernas intermináveis.

Na primeira passada, a pedra lisa não ofereceu o apoio esperado. Ramos escorregou por entre as rochas caindo nas águas do mesmo poço de onde saíra momentos atrás. Na queda o fuzil bateu na testa abrindo um pequeno corte.

Molhado, novamente, Ramos não percebeu o sangue oriundo do ferimento a lavar-lhe o rosto. Refeito o trabalho de escalada até o ponto anterior, teve início nova tentativa de progressão. Desta vez engatinhando. Outro escorregão levou homem, armamento e orgulho direto para o poço.

Depois de murmurar alguns palavrões, foi reiniciada a escalada. Uma vez fora d'água, Ramos avaliou a possibilidade de usar a lanterna para apoiar o deslocamento. Sem luz a tarefa simples de caminhar alguns metros poderia seguir improdutiva por horas.

Tomada a decisão de quebrar a disciplina operacional de luzes, diante da necessidade de melhor reconhecimento do terreno, Ramos lamentou o fato de a lanterna maior haver ficado junto da mochila que precisou ser abandonada.

Remediaria a situação com a pequena lanterna existente em seu suspensório. Feita em alumínio, do tamanho do dedo indicador de um homem adulto, pintada na cor preta e equipada com diminuta lâmpada alógena, essa lanterna, apesar de liliputiana, quando acionada revelou em verdadeira grandeza os detalhes do ambiente, até então ocultos pelas sombras.

Uma imensa câmara, tendo por teto uma abóbada rochosa, foi a primeira impressão colhida. Ramos ficou admirado com a perfeição do espaço acima de sua cabeça. Não era formado por várias rochas. Parecia ter sido escavado em um único bloco de rocha.

À direita e, intrigantemente, acima do nível de sua posição atual, havia uma praia. A areia branca parecia agradecer o focar da pequena lanterna. Junto a areia, mansas águas repousavam. Mais a diante, além da praia, algo semelhante a uma caverna chamou atenção, mas não foi possível definir o que era aquela mancha escura. O foco da lanterna não alcançava muito além da praia.

Seria necessário caminhar por sobre o amontoado de pedras lisas e arredondadas para chegar a tal praia. Ela parecia ser o ponto de partida para a exploração do local.

"Quanta beleza!" Pensou ele enquanto iniciava o reconhecimento. Com o fuzil em condições de pronto emprego e a lanterna na mão esquerda, ele mal conseguia conter a euforia causada pela consciência da oportunidade de viver um momento como aquele. Assim, o aperto, vivido momentos atrás, foi totalmente esquecido. Exceção aos cuidados para não escorregar.

Ao se aproximar da praia foi possível avistar duas entradas de cavernas. Dois imensos arcos serviam de portais para os caminhos recém descobertos. As galerias formadas pela natureza impressionavam pela altura e perfeição de curvas. O teto do compartimento onde Ramos estava deveria ter uns quatro metros de altura no ápice da concavidade. Os compartimentos das cavernas eram mais baixos. Aparentavam ter uns dois metros e meio de altura.

Em toda a areia da prainha não havia nenhum rastro, ou indício outro, que comprovasse a presença de animais ou de homem na região. Também não havia vegetação alguma. Apenas silêncio, pedras, areia e água tomavam o ambiente.

Intrigado, Ramos parou, coçou a cabeça e se abaixou. Levando com a mão um pouco do líquido até sua boca. As conchas espalhadas pela areia e o exotismo local fizeram-no esperar o inesperado. Água salgada talvez! Mas o sabor revelado foi o de água mineral. Ele não achava explicação para o cenário diante dos seus olhos.

Fixando o foco da lanterna por sobre o espelho d'água, tentou iluminar o local de onde viera. A praia estava em um nível ligeiramente mais elevado do que o do buraco, por entre as pedras, pelo qual chegara ali. Ramos desejou, por um minuto, saber a resposta para aquela travessura da natureza. De certo, aquela experiência suscitaria brincadeiras maldosas se descrita, nos por menores, aos amigos. Tinha tudo para ser mais uma estória de pescador.

Alimentada a curiosidade, Ramos resolveu escolher uma das duas entradas para executar o reconhecimento seguinte. Precisava encontrar a saída, seus subordinados o aguardavam rio abaixo.

CAPÍTULO 43

Pela primeira vez, desde a liberação da tropa, Ramos olhou para o relógio. Surpreso, constatou que as horas haviam galopado. Dentro em breve o sol seria anunciado para um novo dia.

Para escolher em qual das cavernas deveria executar primeiro o reconhecimento, Ramos sacou de seu equipamento um pequeno tubo plástico. No interior dele estavam alguns fósforos e duas lixas de acendimento coladas sobre lâminas plásticas.

Não havia sinal de umidade no interior do tubo, as tampas rosqueadas sobre um anel de silicone garantiam a integridade de seu conteúdo frente às intempéries do ambiente operacional amazônico.

Um fósforo foi aceso, por vez, em cada uma das entradas. O primeiro, aceso na entrada da direita, queimou até a chama do palito alcançar os dedos de Ramos. Neste a chama permaneceu, quase todo o tempo, na vertical com uma leve tendência a inclinar-se para o interior da caverna. O mesmo processo foi repetido, cuidadosamente, na caverna da esquerda. Desta vez a chama inclinou-se, timidamente, na direção da praia e quase no fim do palito apagou, soprada pelo invisível.

A caverna da esquerda seria a primeira a ser reconhecida. Por ali, aparentemente, chegava o ar. Indicando ligação com o meio exterior.

Após percorrer os primeiros cinqüenta metros, a luz da lanterna ficou fraca. Obrigando Ramos a parar de progredir. Como de costume, ele conduzia em um porta-carregador de seu equipamento mais duas recargas além da em uso. Havia, ainda, um suplemento na mochila, mas esta agora estava perdida. Enquanto trocava a bateria lembrou-se do dito popular da região amazônica: “Nesta selva quem tem um não tem nenhum!”

Com mais trinta minutos de progressão, surgiu uma nova bifurcação. Ao todo eram três rumos possíveis. Dois deles seguiam terreno abaixo. Pareciam mesmo dirigidos ao centro da terra. Eram rampas bastante inclinadas, lembrando um tobogã. Na caverna do meio, Ramos ouviu algo parecido com o som de uma imensa cachoeira, a despejar arroubos d’água.

A escolha recaiu sobre a caverna mais à direita.

A exploração desta galeria revelou um piso cada vez mais inclinado para cima. Caminhando pela ladeira as paredes se estreitaram rapidamente obrigando Ramos a rastejar.

Quase vinte minutos de rastejo depois a passagem estreita e inclinada, daquela caverna, deu a primeira boa notícia ao Ramos. O surgimento de vegetação, ainda que de pequeno porte, era o suficiente para indicar a proximidade de uma saída.

CAPÍTULO 44

Os homens da segunda leva batiam as pernas para aproximar-se da margem direita. Apesar de não estar mais chovendo a correnteza anormal ainda maltratava os patrulheiros, obrigando-os a fazer mais força no deslocamento.

A hora limite para navegação pelo canal do rio foi alcançada. Agora boiando junto à margem os militares deslizavam com menor velocidade. Vez por outra eles se deparavam com troncos, galhadas e cipós, bastante comuns nas margens inundadas dos rios daquela região. Estes obstáculos demandavam atenção redobrada para evitar, em meio ao cansaço, ferimentos, extravio de material ou mesmo o extravio de membros da equipe.

Observando a margem à direita, as levas buscavam o balizamento de aproximação. Esta tarefa cabia à primeira equipe, hoje comandada pelo sargento Sarmento.

- Ali! Ali! A luz vermelha piscou logo ali na frente! Disse um dos soldados da segunda leva para seus companheiros ao ver um pequeno ponto luminoso, de cor vermelha, cintilar em meio à muralha de sombras à sua direita.

Instantes mais tarde toda a patrulha estava fora das águas do rio, com exceção do comandante. Na margem, os homens conferiam material,

equipamento e armamento, enquanto os sargentos conferiam o efetivo de seus grupos. Sarmento como responsável pela operação de acolhimento daquela noite cuidava dos pequenos acertos para que tudo corresse bem.

A vegetação à beira do rio era um emaranhado de cipós, espinhos e troncos retorcidos. Dificultando o movimento dos combatentes com seus desajeitados fardos. Mesmo cautelosos, os movimentos dos militares, logo após saírem das águas, causavam situações das mais constrangedoras que, para sorte de muitos, encontravam o fim de noite como cúmplice.

Protagonista de uma destas situações, o soldado Passos, ao se afastar da margem em direção a área de reunião indicada pelo balizador, caminhava com dificuldade. As assaduras entre as pernas, ainda em processo de cicatrização, e o cansaço da noite de nado tiraram parte da paciência necessária ao deslocamento em um ambiente como aquele. Suas passadas vinham lentas, em um esforço ineficaz para manter as pernas afastadas, evitando mais dor.

Um tronco atravessado no caminho servia de ponto para um novo balizador. Este informava da necessidade de transpor abaixado o tronco com espinhos para se chegar à área de reunião.

- Cuidado! Passe por baixo dos espinhos, ultrapasse o tronco, dê mais quinze passadas e você estará no ponto. Ao chegar reúna-se com seu comandante de grupo.

Ao ouvir a recomendação, Passos se deslocou um pouco para a esquerda, inclinando o corpo para transpor o obstáculo. Desequilibrado pelo peso do equipamento ele bateu com a testa no tronco. Apesar da dor, tentou manter o bom humor. Ainda caído, próximo ao tronco, tateou até encontrar algum ponto que lhe permitisse a ultrapassagem. Nada, não encontrou nenhum ponto onde o tronco se afastasse do chão suficientemente para a passagem de um homem por baixo.

Impaciente, resolveu retornar ao balizador para saber onde estava a tal passagem. Quando levantou o corpo sua cabeça acertou um galho espinhoso, até então desapercebido graças à escuridão. Em uma impetuosa segunda tentativa de se levantar, o mesmo galho perfurou com seus espinhos o ombro direito de Passos, rasgando-lhe a farda e a carne.

- Arrego! Cadê a porcaria da passagem, balizador?

- Que passagem?

- A por baixo do tronco que você disse!

Foi quando o soldado responsável pelo balizamento segurando na mão esquerda de Passos mostrou o obstáculo ao qual se referira. Uma árvore de tronco espinhoso e curvo, a um metro e meio do chão. A mesma responsável pelos furos na cabeça e os cortes no ombro de Passos. Percebendo a falha na

comunicação e a chegada de mais um patrulheiro àquele local, Passos resolveu engolir o orgulho ferido seguindo em frente, sem mais delongas.

Tomando a frente do companheiro, que ainda ouvia as recomendações cochichadas pelo balizador, Passos abaixando a cabeça, passou por baixo do maldito galho espinhoso. Em um movimento contínuo lançou sua perna por sobre o grande tronco caído, como se montasse em um cavalo, e em seguida juntando-as do outro lado empurrou seu corpo para longe do apoio, iniciando a caminhada novamente.

Ainda praguejava por conta do ocorrido, momentos atrás, quando seu pé direito foi travado por um cipó, trazendo seus setenta e dois quilos ao chão novamente. Uma imensa vontade de soltar tudo e sair correndo, aos berros, invadiu sua mente. Neste momento ouviu, de bem perto, uma voz murmurada. Era uma voz conhecida.

- Tudo bem aí caboclo? Estava esperando por você, como estão as assaduras?

A voz do Cabo Chaves trouxe o acalento do qual precisava Passos. Mais ainda, fez o soldado se sentir, por um momento, sob a guarda zelosa de uma família. Em um instante corpo e alma estavam sãs novamente.

- Comigo, está tudo bem senhor! As assaduras estão melhorando.

Aos poucos a noite foi dando lugar à manhã reveladora. Cantos e recantos iam sendo despejados do anonimato cinzento. Frente ao renovado banho de luz, por toda parte surgiam detalhes. Junto com o alvorecer daquele dia, um grito mudo ecoou na cabeça de todos os integrantes da patrulha. As horas de atraso na chegada do último homem da equipe soavam como um mau presságio.

Sarmento, antes das sete horas da manhã, reuniu-se com PJ e Texera. Foi traçado um plano contendo condutas alternativas, frente ao novo imprevisto.

Mesmo exauridos pela noite em tormenta, todos queriam tomar parte das equipes de acolhimento. Trocadas a cada hora, estas equipes, formadas por três combatentes, ficavam postadas na margem do rio. Tinham como missão acolher o tenente Ramos, quando de sua chegada.

Texera estava indo verificar a situação da equipe à beira do rio quando viu Orildo correndo em sua direção.

- O que foi Orildo? O tenente apareceu?

- Não, não senhor. Acho que a mochila dele passou bem aqui na frente.

- Como assim?

- O cabo Chaves e o Honorato estão lá tentando arrastá-la. Ela está presa em uma porção de galhos e outras sujeiras.

- Faça o seguinte, vá até a base e informe isto para o Sargento Sarmento.

Depois retorne para cá.

Orildo desapareceu entre as folhagens.

Chaves, amarrado por um cabo na altura da cintura, tentava vencer a correnteza para se aproximar da pedra onde o entulho, no qual estava a mochila, ficara preso.

Vendo o volume de galhos e cipós em torno da mochila de Ramos, Texera deduziu que provavelmente ela fora abandonada durante o pior momento da tempestade da noite anterior. E, de certo, o fato de sua chegada até aquele ponto do rio era, por si só, um golpe de sorte. Ela poderia muito bem ter ficado presa em qualquer lugar à montante dali.

“O que teria levado o tenente a abandonar justo o seu principal meio de flutuação? Poderia haver alguma mensagem no interior da mochila, ou alças estouradas que justificassem seu extravio?!” Pensava Texera, assistindo ao resgate.

Depois de algumas tentativas frustradas, Chaves conseguiu agarrar-se à mochila liberando-a do novelo de galhos e cipós. A partir de então Honorato e Texera, soldado e sargento, ombro a ombro, braçada a braçada puxaram para a margem, arrastados pela corda, Chaves e as esperanças de que tudo estivesse bem com o comandante, com o amigo.

CAPÍTULO 45

A mochila de Ramos estava no centro do dispositivo da base. Texera levantava hipóteses para os fatos acerca da noite anterior. Seus ouvintes, os dois sargentos e o Cabo De Paula, entreolhavam-se vez por outra.

- Cheguei a pensar que ele tivesse colocado alguma mensagem dentro da mochila. Mas nós revistamos cada milímetro dela, e nada! - prosseguiu Texera, com a testa totalmente franzida e um tom grave na voz.

- Talvez a mochila seja a mensagem! - disse PJ.

- Continue PJ. - murmurou Sarmento, olhando fixamente para o centro da base.

- E se o elemento ao liberar a mochila pela soltura rápida, como parece que ele fez, estivesse nos dizendo: “olha a minha melhor opção foi afundar, mas não se preocupem foi intencional.”

- Para que afundar PJ? Se ele veio pelo mesmo rio que nós… - retrucou Sarmento.

De Paula, até então calado, entrou na conversa.

- Sargento, o rio que o senhor deixou para trás não foi o mesmo que eu deixei e vai por aí a fora.

Todos pararam para ouvi-lo.

- Eu quero dizer que o rio muda de humor com facilidade, principalmente em uma noite como a de ontem. O senhor disse não ter encontrado nada de estranho, mas talvez um grande sumidouro pode ter se formado perto do tenente e o arrastado para o fundo.

- Aí seria, por muito mais forte razão, suicídio. Abandonar um meio auxiliar de flutuação justo quando boiar é vida. - falou Texera, batendo com os dedos da mão direita na palma da esquerda.

Os demais homens da patrulha empenhavam-se na segurança ou na manutenção do fardamento e do equipamento. Uma pequena equipe preparava a refeição do dia.

Após o consumo das etapas de comida, os rostos, nem de longe, lembravam aqueles esboçados em dias anteriores. Havia um grande desconforto na alma da maioria dos homens.

Com o passar das horas, sem nenhum outro sinal da presença do tenente, a apreensão só fez crescer. Vez por outra alguns dos homens flagravam-se tentando adivinhar o que teria ocorrido. Eles quase sempre eram interrompidos pelo Honorato ou pelo De Paula. Os dois compartilhavam de contagiante serenidade e otimismo, com relação ao atual estado de seu comandante. Ambos transmitiam esta confiança aos companheiros.

Os sargentos tentavam disfarçar. Sustentavam como podiam o espírito de cumprimento de missão. Esforçavam-se para gerar mensagens de otimismo, a todo instante. Porém, qualquer observação mais atenta bastava para captar a amargura e a tensão desencadeadas pelo episódio.

Sozinho, sentado ao lado de uma palmeira, uma paxiúba, Sarmento passava o fio de uma faca sobre a pedra de amolar. Ao lado do corpo, deitadas em cima da mochila, outras três lâminas aguardavam a oportunidade de ter o corte, novamente, exacerbado.

Aquela pedra havia sido um presente do amigo Ramos. Tinha em sua base de couro a inscrição – “Ao amigo de longas jornadas um divã portátil.” - acompanhada das iniciais do nome do Sarmento. Ao lhe entregar o presente Ramos comentou: “Líderes têm direito a um divã próprio, usando-o para compartilhar e até amenizar o peso da solidão do comando. Este, pelo que te conheço, será o seu.”

Naquele fim de tarde, a mesma pedra, a mesma frase, pareciam apertar o coração do sargento. Mas também cobravam a firmeza necessária para dar prosseguimento à missão.

- Não é que ele estava certo? - murmurou Sarmento, com um sorriso nos lábios. Ali, em instantes de introspecção, Sarmento reviu as seguidas horas de

análises feitas com PJ e Texera a respeito das linhas de ação para o caso. Voltando a desabafar em voz baixa:

- Éh! A decisão é minha, a responsabilidade será minha.

Mais tarde, foi informado aos patrulheiros; eles passariam a noite em uma base de patrulha a ser estabelecida perto daquele ponto. Em um local menos debruçado sobre o rio. Com menos insetos e vegetação mais aberta.

A patrulha aguardaria quarenta e oito horas pela chegada do tenente. Caso ele não aparecesse, prosseguiria rumo ao pelotão de fronteira.

Enquanto retornavam aos seus postos, depois da reunião com o comando da patrulha, os homens mostravam-se satisfeitos com a linha de ação adotada. Apesar de abatidos psicologicamente devido à ausência do comandante, os militares mantinham um elevado padrão disciplinar, evitando erros ou qualquer outro desabono perante seus comandantes de grupo.

Todos contavam com a chegada de Ramos a qualquer instante e esta expectativa era boa o suficiente até para justificar mais alguns dias de atraso no retorno ao lar.

As tarefas para preparação da nova área de pernoite consumiram energia e tempo de todos. O trabalho pesado, orientado de perto pelos sargentos e cabos, afastou qualquer tendência à baixa do moral do grupo.

Aos poucos, os detalhes do ambiente foram desaparecendo. E por fim sumiram, engolidos pela noite.

Nas palavras do cabo Mário – “Foi um anoitecer macabro. Anunciando uma noite de sofrimento”.

O cabo não voltou a fazer este comentário, não em público. Pois logo na primeira vez, o desabafo foi ouvido pelo sargento Sarmento. Rendendo ao cabo uma repreensão severa.

Mário tentou explicar, dizendo que não se tratava de pessimismo ou de corda negativa, mas sim de um mau presságio. Comum em sua família quando o perigo estava por perto. Mas de nada adiantou, Sarmento havia feito a sua interpretação e esta não fora nada boa.

Mário vinha intuindo que algo de ruim ocorreria.

No entardecer, a sensação aumentou. O cabo vomitou compulsivamente, até que todo o almoço fosse expulso de seu estômago. E mesmo assim continuavam o enjôo e os arrepios. Estes últimos lhe subiam pela nuca, estremecendo seu corpo com gélidas mãos invisíveis.

Alguns dos homens, vizinhos à rede do Mário, relacionavam o estado do companheiro com a má qualidade da comida servida no almoço.

- Rapaz, a bóia devia de estar braba mesmo! Até os bichinhos lá da fossa de detritos estão devolvendo. Comentou o soldado Honorato.

Renomado glutão, Mário sempre estava disposto a aproveitar os restos deixados pelos amigos nas marmitas. Não recusava comida nem costumava ser sensível à variações de sabor. Hábitos que resultaram no apelido “fossa de detritos” dado ao cabo pelos amigos.

Ainda durante a tarde, numa tentativa de livrar-se dos maus pensamentos, Mário chamou Passos para juntos revisarem o material de comunicações da patrulha. O trabalho manteve sua mente ocupada, mas o enjôo se fez constante.

CAPÍTULO 46

A nova base foi estabelecida em um altiplano localizado a setecentos metros da anterior. Para operar o posto de acolhimento um grupo foi escalado. Ele passaria a noite acampado próximo ao rio. Texera, o designado para o comando, escolheu dentre os voluntários os militares que comporiam sua equipe. Em seguida reuniu-os para acertar detalhes.

- Olha pessoal, escolhi vocês por estarem em melhores condições do que os demais, menos desgastados física e emocionalmente. Pois a noite de hoje vai ser longa.

Mal Texera falou, De Paula, colocando a mão direita na nuca do cabo Mário, retrucou:

- Mas o senhor não acha melhor nós pouparmos o Mário? Ele passou mal o dia inteiro!

- Não senhor! Peço ao senhor que me mantenha na equipe. Entendo a preocupação, mas jamais seria voluntário para uma missão se suspeitasse não estar a altura dela. - Mário carregou suas palavras com muita emoção.

Texera, balançando seu queixo largo e quadrado em um lento sinal de concordância com o exposto por seus subordinados, prosseguiu com as orientações. Com voz grave e fala cadenciada, ele seguiu, pormenorizando detalhes para a noite de vigília. A continuidade dada ao discurso indicava, de maneira sutil, que a equipe escolhida seria mantida.

CAPÍTULO 47

O rosto coberto de areia, suor misturado ao sangue e pequenos pedaços de raízes, retratava parte do esforço empreendido por Ramos nas últimas horas.

Com a faca de trincheira ele escavava a terra da lateral de mais algumas pedras. Tentava ampliar a saída da caverna o suficiente para a passagem do corpo de um homem.

A caverna escolhida terminara em um pequeno e pedregoso respiradouro.

Um orifício, com o diâmetro de uma bola de futebol, formado por pedras e raízes entrelaçadas, separava Ramos da liberdade.

O trabalho de escavação consumiu as horas de luz do dia. Ramos, de estômago vazio, controlava ao máximo o consumo da água restante nos cantis. Deitado em um espaço exíguo, a sua situação era parecida com estar dentro de um tubo inclinado e apertado. As dores nas costas e nas mãos aumentavam a cada minuto. O movimento dos cotovelos e da cabeça era limitado, dificultando a escavação e a própria permanência naquele local.

Todo o material retirado da abertura tinha que ser empurrado para baixo de seus pés ou arremessado para fora do buraco de saída.

Com o retorno da noite, a lanterna novamente acesa testemunhava, solitária, o esforço hercúleo empreendido por Ramos para escapar da armadilha preparada pela natureza.

Durante os trabalhos, o oficial tentava imaginar como estariam seus subordinados, o que estariam eles fazendo, quais os procedimentos adotados por Sarmento ao assumir o comando.

“Provavelmente irão passar a noite de hoje estacionados em algum ponto à jusante, esperando por mim. Se eu não aparecer até amanhã vão prosseguir rumo ao pelotão de fronteira. Será que eles acharam a minha mochila?” – Pensava Ramos.

Junto com a areia, retirada das laterais da abertura, vinham algumas formigas e outros pequenos insetos. Todos pareciam apreciar a companhia, menos Ramos. A lama em seu rosto e braços oferecia uma certa proteção aos ataques dos mosquitos e das formigas, mas não os impedia de explorar outras partes do corpo. Assim, picadas nas costas, nas pernas e no pescoço ocorriam a todo instante.

As investidas freqüentes dos insetos seriam capazes de minar a paciência de um homem menos preparado, mas não a de Ramos. Ele parecia usá-las como combustível para a tarefa proposta.

Encolhendo os ombros, ao máximo, Ramos conseguiu passar pela abertura criada. Em seguida, usando um cabo de nylon ele içou o fuzil e o equipamento. Enquanto batia a farda e se equipava, o militar tentou observar o terreno a sua volta.

A escuridão não facilitou o trabalho. Nada de relevante pode ser observado. Ele se agachou e pelo tato explorou o terreno à sua volta. Se tudo estivesse correndo da maneira que imaginava, seria preciso alcançar sua tropa ainda nesta noite, quiçá até o entardecer do dia seguinte. A exploração do lugar revelou as pedras jogadas para fora durante a escavação além de muitas outras. O terreno possuía um desnível acentuado e sua composição lembrava o leito

seco de um rio pedregoso.

Descendo, encontrou um pequeno córrego e este o conduziu a outro, de maior porte. Em pouco tempo de procura Ramos encontrou o rio. Ao entrar em suas águas, se lembrou dos momentos de aflição da noite anterior. Fechando os olhos mergulhou, aproveitava o reencontro para se lavar.

Sem a agitação da noite anterior, criada pela tormenta, o rio apresentava outra vez águas calmas e desprovidas de surpresas. Visando facilitar a flutuação Ramos amarrou seus dois cantis vazios ao fuzil. Tomando cuidado para não atrapalhar o funcionamento do armamento com a amarração improvisada. O deslocamento em bubuia estava sendo feito no meio do rio, aproveitando a velocidade da correnteza existente no canal.

Para saciar a sede, Ramos simplesmente abriu a boca. Saborear momentos como aquele, com a água virgem a refrescar sua garganta, matando a sede na pedida do desejo, compensava o dia de cão e tantos outros ainda por vir.

Durante a descida os olhos do oficial varriam a margem direita em busca de um possível grupo de acolhimento plantado por Sarmento para facilitar seu retorno.

CAPÍTULO 48

À beira do rio, alguns quilômetros abaixo do local onde Ramos se encontrava, Texera e os cabos De Paula e Mário davam inicio à fase noturna de operação do posto de acolhimento. Junto com eles estava Honorato empunhando uma lanterna desligada e usando óculos de visão noturna. Ele era o responsável, nos próximos vinte minutos, por verificar e alertar à equipe quanto a ocorrência de qualquer movimento anormal. Movimentos indicadores da aproximação de Ramos ou de outros elementos estranhos à patrulha.

Texera determinara o rodízio permanente de funções a cada vinte minutos. As baterias para o OVN foram obtidas junto aos patrulheiros. Eram baterias do estoque pessoal, conduzidas com o objetivo de alimentar lanternas, rádios, máquinas fotográficas e outros equipamentos particulares.

CAPÍTULO 49

Na base de patrulha, visando detectar uma possível aproximação de Ramos por terra, também foi reforçado o número de postos de escuta. Um pequeno grupo de homens procurou Sarmento. Pediam autorização para preparar macaxeira cozida e suco de graviola.

- Sargento, o pessoal está meio triste… um pouco de comida pode levantar

o astral. Conseguimos colher bastante coisa durante a ocupação da base, se o senhor autorizar, vamos fazer um cozido com carne que vai entrar para a história. - dizia o soldado Orildo, porta voz do grupo, agachado ao lado da rede do sargento.

- Indícios? - a pergunta veio seca.

- Não senhor, tudo foi colhido com o cuidado de sempre. – Respondeu Orildo.

- Escutem. Nós havíamos abandonado este procedimento de pernoite justamente pela dificuldade de preparo da ração sem o comprometimento da segurança. Sinceramente não vejo com bons olhos uma fogueira acesa aqui neste altiplano. Ela poderia ser captada a milhas de distância, apesar da cobertura vegetal. Além do que, vocês têm visto o quanto é grande o número de aeronaves realizando vôos noturnos nesta região. Elas poderiam confundir-nos com guerrilheiros ou traficantes; e aí babau! – Advertiu Sarmento.

- Nós não queremos nada disso. O senhor pode ficar tranqüilo, vamos preparar um fogo discreto, igual àquele da primeira noite de retorno. Ele vai ficar aceso o menor tempo possível. O senhor pode ficar tranqüilo! – Insistiu o soldado.

- Quando me dizem: ”Pode ficar tranqüilo!” É aí que eu devo me preocupar! Mas… tudo bem! Preparem o tal jantar e sejam rápidos.

Orildo e os demais saíram dali felizes como crianças ao conquistar o presente desejado.

Sentado ao lado da rede de selva, Sarmento lembrou da frase dita, horas atrás, pelo cabo Mário. A história do mau presságio ainda ecoava em sua mente.

- Que diabos está acontecendo comigo?! – murmurou Sarmento.

Com um pedaço de pau o soldado Passos ia amassando a polpa de cor branca. Seu ombro doía bastante, as pontas de alguns espinhos ainda estavam fincadas em sua carne. A dor não o impedia, porém, de participar com empolgação dos trabalhos da equipe. No momento, ele preparava um suco de graviola.

Apesar dos trabalhos executados em ambiente de pouca luminosidade, quase não era possível ouvir barulhos, além dos normais à selva. Havia empenho para manter a disciplina de luzes e ruídos.

Depois do jantar, que agradou a todos, os homens não empenhados no serviço do primeiro turno de guarda foram para suas redes de selva. Com a barriga cheia, queriam esticar as canelas e descansar.

Uma mesma oração, feita de diferentes formas à diferentes destinos, preencheu os últimos instantes antes do sono de cada um dos patrulheiros. Oravam pedindo por Ramos, para que tudo estivesse bem com ele. Pedindo que

o tenente estivesse entre eles na manhã seguinte.

CAPÍTULO 50

Estalos que pareciam produzidos pelo caminhar sobre galhos secos, acordaram Sarmento. Diferentemente da hora em que foi dormir, agora não havia mais o leve alento de brisa, tão raro por aquelas bandas, tornando a permanência no interior da rede de selva difícil.

O calor era grande e Sarmento, ao acordar, sentiu seu corpo molhado de suor. Ainda na rede, olhou para seu relógio. Eram três e meia da manhã. Dois estalos ao sul de sua posição tornaram à chamar-lhe a atenção. A selva estava calada, os grilos e sapos matraqueadores estavam estranhamente quietos.

Pegando a pistola, companheira de rede, cuidadosamente abriu o zíper até que a fenda permitisse sua saída.

Do lado de fora da rede, ele apertou as amarrações dos coturnos, colocou o suspensório, conferindo uma a uma suas facas e, por fim, pegou o fuzil no compartimento inferior da rede. Ao iniciar o deslocamento na direção de onde vieram os últimos estalos ouviu novos, esses vinham de algum lugar a oeste.

Nas outras redes os homens se recuperavam das cansativas jornadas dos dias anteriores. A base estava adormecida. Não havia nenhum indício de quebra da disciplina de luzes e ruídos no dispositivo composto pelas redes.

“Talvez algum homem indo mijar! Mas a direção estabelecida como portal único para saída e entrada da base fica ao Norte?” Pensava Sarmento enquanto progredia lentamente com o corpo arqueado e as passadas cuidadosas como as de uma canguçu. Todos os sentidos estavam em alerta.

Caprichosamente, quando Sarmento se aproximava do posto de escuta sul, quis o vento voltar a soprar em sua direção. Trazendo consigo um cheiro diferente, parecido com o de repelente. Era um odor incomum, artificial. Parecia imitar o cheiro de mato amassado, mas dava para notar que se tratava de algo artificial.

O sargento chegou a imaginar que o militar do posto sul estivesse descumprindo a determinação de não usar repelentes quando em operações. Isso fez seu sangue ferver, pois o cheiro denunciava sua presença, tornando não apenas o seu posto vulnerável como também toda a patrulha.

Engatinhando entre as folhagens e os cipós, Sarmento chegou bem perto do militar que guarnecia o posto sul. Próximo do tronco, no qual o homem escorava o corpo, ele sentiu o cheiro de sangue e não mais aquele cheiro parecido com repelente disfarçado.

O homem do posto estava sentado. O fuzil, atravessado sobre as pernas,

era seguro na altura do guarda mato pela mão direita. A cabeça pendia para frente. Por sobre o nariz escorria um filete de sangue. A testa, entre as sobrancelhas, exibia um pequeno buraco de onde fluía o líquido da vida. A cena, alarmante, não serviu ao Sarmento. A visão pouco ajudava no interior da mata, mesmo em noites como aquela, revelando apenas vultos, quando muito.

Ao tocar no ombro do militar, Sarmento ouviu outro estalo. Desta vez, vindo da área de redes.

A descoberta do corpo sem vida bastou-lhe. Os indícios, peças do quebra cabeças, se encaixaram.

“É repelente! Não são estalos. São disparos com supressor de ruídos! Estamos sendo atacados!” Pensava Sarmento durante o rastejo para o centro da base. “Preciso despertar os outros, preciso acabar com a vantagem da surpresa.”

No outro lado da base, nas imediações do posto norte, surgiram os primeiros disparos sem supressores de ruído. Em instantes, todo o perímetro se tornou cenário de pequenos embates.

Os estrondos e os clarões das rajadas de fuzil disparadas ao léu pelos homens da base contrastavam com os estampidos secos dos disparos precisos e discretos dos agressores.

Pela doutrina da guerra na selva não se defende base de patrulha, abandona-se. Por muito mais forte razão se a base estiver fincada ilegalmente em território de país vizinho e soberano. Sarmento sabia disso. Mas ele sabia, também, que aquele embate seria decidido em poucos minutos.

Muitos homens, arrebatados pela confusão, não sabiam nem a qual fogo responder. Alguns, desorientados, realizavam disparos para dentro da própria base.

À sua direita, Sarmento viu um diminuto lampejo, denunciando a presença do inimigo. Até então oculto pela noite. Ainda agachado, apontou o fuzil na direção de onde veio o lampejo e disparou em rajada. O grito de dor veio instantaneamente como resposta.

Sarmento saltou sobre o homem atingido que urrava caído ao chão. O primeiro contato com o inimigo foi feito por uma de suas facas. Por sorte, a lâmina encontrou, certeira, o coração. Continuando o ataque, a mesma faca correu até o pescoço do combatente cortando-o profundamente. Sarmento tirou o capacete do inimigo morto e colocou-o sobre sua cabeça. Não se tratava de um capacete qualquer, era uma peça com alta tecnologia agregada, e ele notou isso assim que completou o movimento de colocação.

Pouco mais pesado do que um capacete normal, o capturado por Sarmento oferecia recursos de áudio, para comunicação entre os homens da equipe, visão noturna e informações escritas à direita do campo de visão. Uma espécie de

viseira servia de monitor para a projeção dos textos assim como para a visualização do ambiente externo.

Ao olhar em volta, Sarmento descobriu, estupefato, que as posições ocupadas pelos outros inimigos cintilavam no visor em cores contrastantes, provavelmente para evitar erros de identificação positiva de alvos. Deveria ser algo na farda deles. Algo como uma assinatura digital para o sistema daquele capacete.

Sarmento não titubeou. Tirou a blusa de combate do homem morto, constatando, ao olhar para o corpo despido, que o visor não indicava mais a presença cintilante no local do corpo, mas sim na mata ao lado, onde estava a veste.

CAPÍTULO 51

De dentro d'água, Ramos ouviu o som dos disparos. Eles vinham da margem direita. Pareciam estar próximos ao local por onde passava. Batendo as pernas o mais depressa que pode, ele tratou de sair da água. Da margem, o tiroteio parecia mais intenso ainda.

"Estão sendo atacados. São eles, meus homens!" A vegetação ribeirinha complicava o deslocamento de Ramos. Guiado pelos sons, ele tentava correr na direção de seus companheiros. No caminho, arrastava cipós com os peitos e pernas, trombava com palmeiras, troncos e espinhos, mas nada parecia impedir-lhe. Seu corpo, dormente, estava blindado pela vontade de acudir seus subordinados. A diante de seu rosto ele não conseguia enxergar nada além de uns dez centímetros de sombras. Isto parecia não fazer a menor diferença.

Os cantis, ainda amarrados ao seu fuzil, batiam contra a vegetação durante o deslocamento. Um deles havia se desprendido da amarração original, estando pendurado pelo cadarço de meio metro.

Não demorou para ele ficar preso numa forquilha de árvore. O puxão da inércia do fuzil quase retirou-o das mãos de Ramos. Com o tranco para trás, ele caiu sentado. Imediatamente sacou a faca do cinto e, sem perda de tempo, cortou o cadarço que o ancorava. Aproveitando o movimento para se livrar também do outro, ainda fixado às placas do guarda-mão de seu fuzil.

Os disparos pareciam estar escasseando. Dentro em pouco, seja qual fosse o embate, de nada serviria sua presença, pois já teria ocorrido uma definição. Sabendo disto, Ramos não deixava nada impedir sua progressão, nem dor, nem terreno, nem a falta da luz.

CAPÍTULO 52

De pé no centro da base de patrulha um atirador com fuzil, pequeno e silencioso, disparava incessantemente. A cada tiro um novo corpo tombava. O homem parecia não se preocupar com seu destino. Nem sequer procurava abrigo, ele apenas atirava. Na altura do ombro esquerdo havia um ferimento que por hora ele desprezava. Sua única preocupação era matar, matar e matar. E não foram poucas as vidas ceifadas por ele naquela noite.

Deitados atrás de um tronco estavam Mário e Texera, a leste destes estavam De Paula e Honorato. Eles haviam acabado de chegar. Atraídos pelos disparos.

Com exceção do Honorato, os homens do grupo de acolhimento não sabiam em quem atirar. Só viam os clarões e ouviam os gritos, muitos deles abafados pelo som de novos disparos.

“Tudo é tão rápido e confuso” Pensou Mário apertando seu fuzil entre os dedos.

- O que você está vendo Honorato? Perguntou De Paula, tentando tirar proveito da visão privilegiada do companheiro que utilizava um óculos de visão noturna.

- Tem uns caras de capacete, eles estão por toda a parte. São eles, são eles!! - ao dizer isso Honorato começou a atirar em várias direções. Ele trocava o carregador e continuava a disparar.

De Paula, consciente do melhor aproveitamento do companheiro graças à vantagem do óculos de visão noturna, ajudava-o no remuniciamento.

- Espere! Tem alguma coisa de errada.

- O que foi, Honorato?

- Tem um deles, um dos caras de capacete. Bem aqui na frente, esse cara está atirando contra os outros, não contra os nossos. Acho que é um dos nossos. Estão cercando ele. Vão matar ele! De Paula… - ao olhar para o lado Honorato não encontrou mais o cabo.

Saindo, então, de trás do abrigo Honorato fez-se fogo em movimento na direção do inimigo. Aos berros, sua voz rouca repetia sem parar:

- Pro inferno seus miseráveis!

De Paula, já com um capacete, recolhido de um inimigo que ainda agonizava quando de sua chegada, entrou no jogo a tempo de impedir que o atirador do centro do dispositivo fosse alvejado. Com uma rajada, dada a queima roupa, ele dilacerou o abdômen de um militar no momento em que este apontava para as costas do atirador identificado pelo Honorato como fazendo parte da tropa amiga.

Vista pelo capacete, a silhueta daquele homem cintilava como as dos outros inimigos. Mais próximo e com auxílio do sistema de visão noturna, De Paula conseguiu identifica-lo. Tratava-se, para sua surpresa, do Sargento Sarmento.

- Capeta esperto! – Pensou De Paula enquanto estourava o crânio de um inimigo com uma rajada certeira.

Mudando de lugar rapidamente, De Paula se jogou por sobre dois corpos. Eram os corpos de Passos e Orildo. A posição dos cadáveres contava parte da história de suas mortes. Passos parecia estar socorrendo o Orildo quando foi, também, alvejado.

- Amigos, vocês não vão mais precisar disto. - disse De Paula enquanto recolhia os carregadores no equipamento dos companheiros mortos.

Atrás de uma árvore, cinco metros à sua frente, De Paula viu um dos inimigos procurar abrigo. O homem parecia estar encontrando problemas com o armamento. Atirando do centro da base, Sarmento fazia fogo sobre o tal inimigo, tirando lascas da árvore que o abrigava.

De Paula se aproveitou da cobertura de fogo dada pelo sargento para tentar flanquear o que parecia ser o último inimigo vivo. Mas no caminho encontrou Mário deitado entre algumas raízes, ele procurava estancar o sangramento no pescoço do Sargento Texera. Por entre seus dedos o sangue jorrava em fartura. Texera, ainda consciente, insistia para que Mário e agora o De Paula fossem ajudar os outros, pois ele estava bem.

Recebendo fogo de vários pontos distintos, o último dos agressores estava aferrado ao terreno. Deitado atrás de um tronco ele esperava a oportunidade ideal para fugir, rompendo contato com a patrulha. Através do visor de seu capacete, ele identificava os corpos, imóveis, dos companheiros de equipe, espalhados à sua volta.

Estranhamente a única presença amiga, ainda com vida, acusada pelos sensores de seu equipamento insistia em lhe atacar. Confuso, experimentava desconfiança e medo. Sentia-se desamparado por uma possível falha em seus sistemas de apoio ao combate. O silêncio no canal de comunicação interno da patrulha também era um mau sinal. Tudo levava a crer que ele era o último homem vivo entre os de sua equipe. A missão havia fracassado, o fator surpresa não fora suficientemente forte para assegurar a vitória.

Quando os tiros escassearam o militar abandonou o abrigo da árvore e, de início com o corpo semi flexionado, correu o mais rápido possível. Em sua mente só havia o pavor de morrer tão longe de casa, sem ninguém para contar a história daquela noite. A sua retaguarda, ele não ouvia mais os sons dos disparos.

“Ou eles desistiram de mim ou estão vindo silenciosamente em meu

encalço. Mais rápido, mais rápido! Não vão me pegar, não vou morrer aqui.” - O Cabo Wittley, das Forças Especiais Norte Americanas, era um militar experiente. Participara de ações no golfo pérsico, na Bósnia e atuara além das linhas durante todo o período de ataques a Kosovo, onde salvou muitas famílias da “morte étnica”. Recém casado, ele jurou à esposa que a participação nesta força de intervenção seria a última aventura militar de sua carreira. Depois iriam fundar e administrar, juntos, a empresa de software idealizada pela esposa.

As experiências anteriores não ajudavam muito agora. Nada, mas nada mesmo, era parecido com o desconforto daquela mata.

A possibilidade de perder a felicidade, recém conquistada nos braços de uma esposa, para a morte anônima, naquele fim de mundo, perturbava Wittley. Pela primeira vez, ele percebia o quanto tola e desnecessária seria sua morte. Aquela não era a sua causa, ele só queria ser feliz e amar.

Wittley abaixou a cabeça para desviar-se de alguns galhos. Ao levantar o olhar, percebeu o vulto de um homem correndo na direção oposta. Ele trazia um fuzil, pelo padrão de silhueta não destacada apresentado pelo visor do capacete, parecia ser da força inimiga. Wittley não pensou duas vezes; abriu fogo.

Ramos viu surgir, do nada, pontos incandescentes poucos metros adiante. Com a mesma velocidade com que vinha correndo se atirou no chão, escorregando sobre as folhas antes de parar totalmente. Meio desorientado, pelo giro do corpo, tentou localizar a origem dos disparos para o revide. Apenas ouviu os passos apressados de alguém rompendo a mata, próximo a ele.

“Seja lá quem fosse, ou era amador ou estava com pressa e cometeu o erro de não se dar ao trabalho de conferir o resultado de seus disparos.” – Pensou Ramos quando se levantou, seguindo no encalço do agressor.

“Esse miserável não deve ser guerrilheiro! Parece que está usando equipamento para auxílio à visão noturna, mas de nada vai adiantar tal recurso. Ele irá tombar!” - Ramos estava caçando Wittley e isso era o que Ramos fazia de melhor na vida.

Pensamentos, sentidos e sentimentos tornavam Ramos um componente letal do ambiente operacional à sua volta. Dentro de instantes, a vontade de viver do inimigo seria sobrepujada.

Os dois homens varavam a mata no mesmo ritmo frenético. Wittley, apesar de ver o caminho, encontrava na vegetação forte resistência à progressão. Arrastando ruidosamente cipós e arbustos com as pernas, braços, pescoço e peito, ele corria sem direção. No momento, queria apenas romper contato.

O barulho do capacete se chocando com a vegetação, aliado aos demais ruídos produzidos no deslocamento, não permitia a Wittley ouvir e se dar conta da presença de Ramos em seu encalço.

Em meio à vegetação, Wittley viu surgir o contraste de referência digital, próprio aos uniformes utilizados pela tropa amiga. O visor de seu capacete revelou, em seguida, mais um e depois outro companheiro de equipe. Todos imóveis, caídos ao chão.

“Ah, não é possível! Andei em círculo!” – Concluiu o Militar.

De súbito Wittley sentiu náuseas. Se não lhe fosse cara a vida, passaria alguns minutos ali mesmo pondo-se a chorar. Impotência! Foi o que sentiu o cabo frente ao real significado de sua descoberta.

Wittley estancou. Fez meia volta e começou a correr novamente.

Logo após o reinício do deslocamento, o cabo ainda viu algo se mover na sua direção. Foi um movimento assustador. Como se a selva tivesse criado vida. Com um tranco na barriga, ele sentiu uma queimação diferente, seguida da dor mais aguda que jamais provara. Instantes depois, alívio e um imenso prazer tomaram-no de assalto.

Ainda semi-agachado, Ramos retirou, sem encontrar resistência, o fuzil das mãos de Wittley. O cabo, ofegante, se estremecia por inteiro. Os seus noventa quilos desmoronavam, arqueados, sobre a violência da lâmina que lhe invadia o ventre. Antes de o corpo chegar ao chão, Ramos arrastou a faca em direção à cabeça de Wittley. O movimento, vigoroso, só parou ante a resistência dos ossos da caixa torácica, rasgando toda a vida que encontrou no caminho.

A faca foi retirada. O cadáver foi apoiado até alcançar o solo e em um movimento condicionado a mesma lâmina foi levada ao pescoço do cabo Wittley rompendo a carne da porção lateral direita, era a confirmação de que naquele corpo não haveria mais vida.

Alguém se aproximava. Ramos voltou à caça, sumindo por entre sapopemas.

De trás das raízes, Ramos ouviu o ruído de pegadas leves. Alguém vinha exatamente na sua direção. Mais ou menos ao lado do corpo de Wittley a progressão foi interrompida. De onde estava podia até ouvir a respiração do estranho. Antes de neutraliza-lo, queria assegurar-se de não haver mais ninguém por perto. Pelo menos, perto o suficiente, a ponto de detectar sua ação.

Sentindo que o momento chegara, Ramos apertou o cabo da faca entre os dedos, se preparando para o ataque.

No último instante, uma voz conhecida surgiu.

- Tem mais um miserável aqui! - Era a voz rouca do Soldado Honorato.

- Traga aqui para o centro, rápido! Disse Sarmento, retirando, com dificuldade, a blusa de combate inimiga que tomara emprestado no início da ação. Dela escorria sangue em abundância. Era o sangue de seus ferimentos misturado ao sangue do antigo proprietário.

Com cautela para evitar um incidente indesejado, Ramos se fez notar. Saindo lentamente de trás das sapopemas enquanto anunciava sua presença em tom moderado de voz.

CAPÍTULO 53

Enfim a longa noite, de sangue e confusão, cedia lugar a um novo amanhecer. A luz do dia ajudou a revelar, aos remanescentes da patrulha, alguns dos macabros detalhes da batalha há pouco finda.

Pegos de surpresa, era o que confessavam os corpos dos ocupantes da base. Estirados aqui e ali, misturados às folhas, às raízes e aos insetos, os cadáveres pareciam suplicar atenção às histórias de seu extermínio. Em cada um, vestígios da proclamação, silenciosa e anônima, do heroísmo altruísta. Últimos legados daquelas vidas de existência curta. Talvez, deixados na esperança muda de que algum dia pudessem chegar aos ouvidos dos seus.

Ramos, De Paula, Honorato e Mário trabalharam em ritmo acelerado. Hora recolhendo e loteando equipamento, armamento, munição e ração, hora preparando covas para todos os corpos. Nada que pudesse vir a ser útil foi deixado para trás.

Durante os trabalhos, daquela manhã, Sarmento permaneceu deitado, em repouso. Ele perdera muito sangue, fruto de dois ferimentos. Um tiro de raspão na barriga, que deixou um rastro na carne por onde passou. Mas sem maior gravidade, apesar de sangrar bastante. A aparência deste era a de um grosso arranhão horizontal.

O ferimento que inspirava maiores cuidados, no entanto, estava três dedos abaixo do ombro esquerdo do sargento. Por sorte o projétil atravessou a região sem causar estragos no coração, pulmão ou nos ossos.

Sarmento, meio ranzinza, ainda esboçou a intenção de ajudar nos trabalhos. Mas foi demovido de tal idéia perante a argumentação de Ramos. Segundo a qual ele seria mais útil ao grupo se repousasse algumas horas para estar em condições de prosseguir no deslocamento que ocorreria mais tarde.

Embora soubessem dos riscos de permanecer naquele local, após o ocorrido, eles não abriram mão de enterrar todos os corpos.

No centro da base foram enterrados os sargentos Texera e Paulo José. E ao longo do dispositivo circular da base foram enterrados os outros patrulheiros. Todos sepultados em covas rasas, cavadas exatamente embaixo dos locais onde haviam montado suas redes de selva para o pernoite derradeiro. Junto à cada um deles, foram colocadas as mochilas e os fuzis, fincados no chão de ponta à cabeça sem o embolo.

Aos inimigos mortos Ramos prestou uma singela reverência, enterrando-os também. Só que em um local fora da base.

- Merecem respeito, nos levaram algo infinito ao preço de suas vidas. Tudo em cumprimento do dever. Foi o que disse Ramos ao iniciar a preparação do local para enterra-los.

Alguns dos itens de suas fardas, equipamento e armamento, porém, foram recolhidos para serem aproveitados.

Em menor número, com pujante superioridade tecnológica e fazendo uso judicioso do fator surpresa, aquela pequena equipe operacional Norte Americana causara pesadas baixas à sua patrulha. Restava ao Ramos e aos demais aceitar o ocorrido, sujeitando-se aos imponderáveis da profissão, e prosseguir na missão.

Durante os trabalhos, mergulhados no silêncio do pesar, rebanhos e mais rebanhos de dúvidas povoavam as cabeças dos militares remanescentes.

Teria aquele embate sido fruto de um encontro fortuito? Ou teria sido fruto de rastreamento desenvolvido sobre indícios deixados por eles pelo caminho?

Teriam sido eles confundidos com guerrilheiros ou o ataque foi uma ação planejada pelos mesmos que operavam a base abandonada, lá do objetivo? E se fosse ação de repressão à guerrilha ou ao narcotráfico por que todos usavam uniformes identificados como sendo Norte Americanos, onde estavam os militares colombianos?

Por que tanta movimentação aérea, envolvendo caças, aeronaves de carga e helicópteros? E por que a comunicação com os pelotões de fronteira, e demais unidades de apoio do Comando Militar da Amazônia, tornara-se impossível?

As respostas para algumas de suas perguntas poderiam ser encontradas quando da chegada ao Pelotão de São Joaquim ou quando retornassem à Manaus. Outras jamais encontrariam respostas.

Uma segunda mochila foi preparada para cada um dos homens. Ramos determinou que fossem conduzidos nelas os capacetes, as unidades com painéis foto-ativos para recarga das baterias dos capacetes, um conjunto de uniformes, coturnos e fuzil inimigo por homem, além de toda a munição encontrada, tanto as de dotação de sua patrulha quanto as recolhidas entre os inimigos.

O peso a ser conduzido por cada homem aumentou consideravelmente. Ramos contava com o trunfo de poder realizar o deslocamento restante pelo rio e não por terra. Viabilizando a condução de uma sobrecarga sem ocasionar desgaste excessivo dos homens.

Foi estabelecida uma nova base. Desta vez, ao lado do rio. Perto do local onde na noite anterior estava o grupo de acolhimento.

De Paula e Honorato, após prepararem suas mochilas para a flutuação, partiram para a confecção de uma jangada, à base de talos de buriti. O objetivo

era poupar, ao máximo, o sargento Sarmento de esforços físicos. A idéia agradou Ramos, que ao ver o trabalho dos dois, ainda inacabado, passou a ajudá-los.

Durante os trabalhos na jangada, pela primeira vez desde a madrugada, surgiram questionamentos em torno do seu extravio. A pergunta partiu do Honorato, mas De Paula até parou de laçar o cipó entre os talos de buriti para ouvir a resposta.

- Tenente, o que aconteceu para o senhor desaparecer daquele jeito?

Não muito distante dali, Mário cuidava dos ferimentos do Sarmento. Trocando os curativos e dando-lhe comida. A hemorragia estava controlada há horas e não havia nenhuma alteração na temperatura corpórea, nem muito menos na pressão arterial. A cada hora, ambas voltavam a ser verificadas e suas leituras anotadas em um bloco, impermeável, preso ao lado da mochila do sargento por um cordel.

- Você está se saindo bem como puxa saco. - dizia Sarmento, satirizando a ajuda do companheiro.

- É que eu quero que o senhor fique bom logo. Mas não é bondade não. Só não quero ter de carregar essa mochila do senhor, ela vive cheia de quinquilharias pesadas.

- Então me faça um favor.

- Qual, sargento?

- Me ajude a levantar. Eu estou cem por cento!

Depois de muita negociação, Mário convenceu-o de, por hora, apenas ficar sentado.

Foi quando Sarmento colocou a mão sobre o ombro do cabo Mário e disse:
- Sei que devo desculpas a você!

O cabo não entendeu o motivo e tentou desconversar, mas o sargento prosseguiu.

- Você tentou avisar e eu achei que seu mau presságio fosse corda negativa. Me desculpe Mário, eu realmente sinto muito.

Mário havia sido pego de surpresa, não se recordara, até aquele momento, dos presságios que tivera no dia anterior.

CAPÍTULO 54

Ramos e os outros, quando terminaram a preparação da jangada, encontraram Sarmento sentado. Ele limpava, com dificuldade, a lâmina da faca utilizada na noite anterior. Por sobre o preto fosco da faca, deslizava de um lado para o outro uma pequena flanela verde oliva umedecida em óleo.

Sem cessar a limpeza, Sarmento cumprimentou os companheiros, com

uma reverência feita com a cabeça. Seu braço esquerdo estava completamente imobilizado, mas a mão desse braço ajudava no lido com a faca.

Ainda restavam algumas horas antes da chegada da noite. De Paula, Mário e Honorato subiram em três árvores diferentes, montando guarda até o momento da partida. A exceção do sargento Sarmento, convencido da importância da alimentação para um pronto restabelecimento, nenhum dos homens quis comer.

Durante todo aquele fim de tarde, Ramos se dedicou a prestar cuidados ao amigo ferido e a percorrer, de hora em hora, as posições ocupadas por seus homens para segurança aproximada.

Entre o oficial e o sargento dois assuntos foram tratados com especial atenção. O relato do que ocorrera nas últimas vinte e quatro horas, feito por ambas as partes, e a avaliação das condições atuais da equipe projetando as linhas de ação viáveis, para prosseguir na missão.

Assim que escureceu, a equipe entrou no rio.

Formando apenas uma leva, com a jangada-maca do Sarmento no centro do dispositivo, os cinco militares tiraram os pés do chão, quase que ao mesmo tempo. Deixando para trás a base, palco de funestos acontecimentos, onde repousavam os seus amigos, subordinados e superiores. Agora convertidos ao pó das lembranças.

Impulsionada pelas águas do rio rumo a um futuro cada vez mais incerto, aquela pequena equipe, formada por um oficial, um sargento, dois cabos e um soldado, levava consigo as memórias de cada um dos companheiros mortos. O respeito a estas memórias fortalecia a equipe, acrescentando novo significado ao retorno às linhas amigas, ao território brasileiro. O desencadear de uma operação para resgatar os corpos e entregar-lhes às suas famílias.

Nas primeiras horas de descida, correnteza abaixo, em meio à escuridão, cada um dos homens passou algum tempo imaginando como seria o momento do retorno. Exercitavam a mente, criando quadros detalhados com as imagens das últimas homenagens aos que morreram.

Deitado, com a barriga voltada para cima e com o corpo coberto, até o pescoço por um poncho, Sarmento fazia força para não adormecer. A jangada-maca fora, cuidadosamente, revestida, em sua parte superior, com folhas secas. Colocadas dentro de um saco de dormir, as folhas tornariam mais macias as longas horas de deslocamento.

O silêncio só era quebrado pelo som das marolas se chocando contra a jangada. Formadas pelos movimentos dos corpos dos militares que nadavam ao lado da maca as marolas produziam estampidos abafados.

As estrelas, de luto, faziam-se imperceptíveis em um céu de ébano.

Junto à clavícula, a região perfurada pelo projétil latejava sem parar. Era

uma sensação incômoda, mas Sarmento insistiu em não tomar os analgésicos oferecidos pelo seu comandante. As dores eram decorrência do trauma ocasionado no organismo pela violenta passagem de um corpo estranho. Sem febre alguma, há mais de doze horas, a dor fazia parte do quadro, apesar de ser inconveniente.

CAPÍTULO 55

Vendo todos os subordinados enfileirados de joelhos, Sarmento com uma de suas facas enterrada no próprio peito era interrogado por um homem do qual só via os olhos.

De início, ao negar-se a responder as perguntas feitas pelo homem, sentia a lâmina ser agitada dentro de seu peito. A dor era imensa, mas Sarmento não a demonstrava aos olhos do interrogador.

Então, como não respondia, seus homens começaram a ser executados, um a um, com tiros na cabeça. E Sarmento, também de joelhos, nada conseguia fazer para evitar a execução de seus amigos. Ele até tentava falar, mas não havia voz, só o eco dos disparos. Em instantes, todos estavam mortos. Restava apenas o vulto ao lado, que Sarmento sabia ser amigo, mesmo sem olhar diretamente para ele.

Fazendo grande esforço, ele virou o rosto para a esquerda, onde estava o vulto. Seu pescoço parecia engessado pela dor. O homem ajoelhado ao seu lado era o Tenente Ramos. Quando o reconheceu, Sarmento sentiu uma paz imensa. Tudo mais pareceu ficar pequeno. Mas a felicidade e o alívio duraram pouco. Uma arma apontada para a nuca de Ramos disparou, sem aviso. Sarmento sentiu os pedaços do amigo salpicarem sua face, eram pingos gelados. Gelados como a morte.

- Não! - gritou o sargento, abrindo os olhos.

Aparando a cabeça de Sarmento e trazendo-a de volta ao encosto, Ramos acalmou o amigo, em meio aos pingos de uma chuva gelada que começava a cair.

- Calma, calma. Está tudo bem, deve ter sido só um sonho.

O sargento voltou ao silêncio, mas não sem antes resmungar algo. Ele não conseguiu voltar a dormir. As imagens daquele sonho e as lembranças da noite anterior vagavam em sua mente como uma assombração.

CAPÍTULO 56

- Durante o deslocamento da noite de ontem deixamos para trás o igarapé.

Ao que tudo indica, alcançamos o Rio Içana. Deste ponto em diante vamos ficar atentos às margens. Principalmente aos detalhes da margem a nossa direita. – Alertou Ramos, enquanto descansava em terra após mais uma jornada de bubuia nas águas do rio.

- E o que devemos procurar, tenente? - perguntou o cabo Mário.

- Indícios. Indícios de comunidades indígenas. Canoas, rampas, descampados ou currais de pesca. Não devemos estar muito longe do pelotão e de certo passaremos por pelo menos uma das comunidades indígenas localizadas a montante dele.

- O senhor vai abordar o PEF por terra, não é mesmo?

- Exatamente De Paula. E sabem por que?

Os três homens espremeram os beiços e balançaram as cabeças, em sinal de negação.

- Porque ele pode não estar mais sendo operado por nossas forças.

Honorato, com a testa franzida, emendou:

- Mas o senhor vai dar um nó na gente. Não entendi xongas.

- Vocês não acham estranho o fato de estarmos a tantos dias tentando contato com o PEF sem jamais obtermos sucesso? E toda essa movimentação aérea vista nos últimos dias? Ela não estava prevista nos nossos relatórios da inteligência.

Ramos fez uma pausa breve e em seguida continuou a falar.

- Acompanhem meu raciocínio; se tudo estivesse bem mas não houvesse como deslocar uma aeronave para nos exfiltrar, a providência óbvia seria enviar uma voadeira descaracterizada, rio acima, para buscar contato. Estou supondo que a ação daquela patrulha sobre nós pode não ter sido uma infeliz coincidência. Ela pode ter partido de uma base próxima, para nos neutralizar, tão logo obteve a nossa localização por rastreamento nas comunicações.

- Mas nem conseguimos usar o rádio! - disse Mário.

- É, não houve conversação, mas o combinado foi acionado diversas vezes durante as chamadas. - emendou De Paula.

- Talvez tenham usado outro meio. Os satélites de rastreamento de fontes térmicas, por exemplo. Eles poderiam identificar, facilmente, o padrão de nosso deslocamento. Com descanso e preparo das refeições durante o dia e mudança noturna de posição. - concluiu Ramos.

- Então o senhor acredita que o pelotão foi invadido? - perguntou Honorato.

- Pode até não se tratar de uma invasão física. O pelotão poderia, apenas, ter sido neutralizado. Mantido em cheque por alguma artimanha militar, ficando sitiado.

Sarmento repousava ao lado de onde os companheiros conversavam. Antes de adormecer, ele se queixou de dor de cabeça e febre. Seu corpo era ventilado pelo constante abano de um grande leque feito em palha. Os homens se revezavam na tarefa de abanadores, amainando o desconforto do companheiro ferido, durante as horas mais quentes do dia. A ventarola afastava também os insetos de asa.

Seu organismo reagia bem. Os ferimentos estavam secos, não havia sinais de infecção outros, além da febre repentina. O que era por si só uma vitória, considerando-se o rombo aberto nas costas do Sarmento quando da saída do projétil, as parcas condições de higiene, a debilitação física e o próprio meio amazônico, extremamente propício à proliferação de fungos e bactérias.

- Caso isto se confirme, o que nós vamos fazer? - inquiriu Mário.

- Calma, calma. São apenas suposições. Estamos antecipando, evitando novas surpresas. Mas vamos com calma. O que faremos? Vou dizer o que faremos!

CAPÍTULO 57

Com a chegada da noite Ramos e a sua equipe partiram. Sarmento estava se sentindo bem melhor. Condição alardeada a todo instante por ele. A febre, que durara pouco menos de duas horas, desaparecera por completo. Mesmo assim, muito a contragosto, ele continuava a ser poupado de qualquer esforço.

Passados poucos minutos da meia noite, a equipe identificou uma área mais clara no terreno à direita.

- Deve ser uma roça de mandioca! Vamos cerrando para a direita, vamos sair do canal. - sussurrou, Ramos, para os seus subordinados.

Mais próximos da margem, os homens começaram a encontrar galhos de árvores submersas e galhadas arrastadas pelas águas do rio. O deslocamento ficou mais lento, meio confuso, alternando a dificuldade na transposição dos obstáculos entre cada um dos homens. Comprometendo a manutenção da integridade do dispositivo em linha.

A jangada-maca vinha se prendendo em todos os obstáculos imagináveis, parecia um imã para as galhadas e troncos. Ramos e Mário detinham-se à difícil tarefa de garantir que a jangada ultrapassasse, em segurança, aquele trecho do rio.

Para o deslocamento conjunto, importava, apenas, manter o sigilo da aproximação e evitar dispersão excessiva. Individualmente o deslocamento demandava cuidado. Os galhos submersos podiam causar ferimentos, os acima d’água faziam barulho quando partidos por movimentos afoitos.

Os galhos também ameaçavam a flutuabilidade do equipamento, do armamento e da munição. Pois caso os sacos de ar, colocados dentro das mochilas, para auxílio à flutuação, fossem furados por uma estaca, tudo poderia afundar.

A ultrapassagem daquele cemitério fluvial de árvores demandou paciência e consumiu toda uma hora, do tempo de deslocamento noturno da patrulha.

Adiante, depois de uma alça do rio, começaram a surgir pequenas concentrações de espuma. Elas boiavam por toda à parte.

- Tem pedras com corredeira aí na frente. Escutem o barulho, olhem o espumeiro! - sussurrou o cabo Mário. A sua volta, apesar da pouca luminosidade, podia-se ver pontos mais claros a boiar.

Diante do alerta, Ramos alterou a direção do deslocamento. Passando a rumar, mais ainda, para perto da margem a sua direita. Seus comandados entenderam a sutil alteração de curso, acompanhando-o.

A jusante, algumas pedras desenhavam algo parecido com a forma de uma agulha, dispostas perpendicularmente à direção do rio. Elas formavam uma enseada, para onde os patrulheiros foram sendo empurrados pela correnteza.

Saltou aos olhos dos militares, o brilho da camada de areia que recobria generosamente as pedras da enseada ao lado. Era impossível não comparar a forma e a cor do recanto diante dos seus olhos com as de uma lua crescente. Vista da água, a enseada parecia não ser real, seu encanto estava na simplicidade divina, própria ao acaso perfeito da natureza.

De Paula, Mário, Honorato e Ramos digeriram, cada qual à sua maneira, a visão deslumbrante revelada pela selva. Desejavam poder compartilhar tamanha paz, tamanha beleza com suas famílias, suas namoradas e seus companheiros mortos. Sarmento, adormecido, perdeu aquele momento mágico.

Parados, ocultos pela escuridão, os patrulheiros se preparavam para a abordagem.

Ramos determinou que De Paula e Honorato atrelassem suas mochilas à jangada-maca. Os dois realizariam o reconhecimento à praia e circunvizinhanças.

Instantes depois, o cabo e o soldado desapareceram nas sombras, nadando lentamente em direção à mata vizinha a praia. Eles levavam, além do armamento e do equipamento, contido no conjunto cinto suspensório, duas pequenas sacolas impermeabilizadas. Dentro delas, iam os capacetes capturados com seus valiosos recursos de apoio.

- Acho que sei onde estamos. - disse Ramos.

- Deve ser uma das comunidades acima de São Joaquim. - completou o cabo Mário.

- Isso mesmo! Mais exatamente aquela em que o filho do tuxaua foi assassinado, a golpes de facão, por um suposto garimpeiro.

- Sim senhor. Nós estivemos aqui na época. Viemos junto com o pessoal da Fundação Nacional do Índio.

- É uma comunidade grande. E sabe o que mais, Mário?

- O que tenente?

- Eles tinham uma trilha ligando, em uma de suas ramificações, a comunidade ao pelotão. É uma trilha considerada sagrada para eles. De cuja entrada me foi revelada pelo tuxaua. Segundo ele, a trilha atravessa o coração da mata e por isso é guardada dos impuros pelos espíritos protetores.

- Mas o senhor disse para nós que essa trilha era só uma lenda!

- Disse mesmo. - Confirmou o oficial, com um sorriso de canto de boca.

- Naquele tempo eu vivia perguntando, aqui e ali, a respeito das tais trilhas secretas. Ouvi dizer que elas eram do tempo de civilizações como a dos incas e dos maias. Parece que foram usadas como rotas para condução de suprimentos e escravos. Estes últimos eram capturados aqui, entre as etnias menos guerreiras, e forçados a trabalhar, até a morte, na construção das grandes cidades de pedra. Contam ainda as lendas que grandes tesouros em ouro e prata foram escondidos ao longo da trilha sagrada como forma de fugir à pilhagem dos invasores espanhóis. – Relembrou, Mário com o olhar perdido no passado.

- De fato, Mário, são grandes varadouros, abertos abaixo da copa das árvores, imperceptíveis mediante observação aérea. Não sei se são os mesmos relatados nestas lendas, mas alguns deles, dizia o tuxaua, iam até a água que não se bebe. Este lugar pode ser o mar do Caribe, com sua água salgada, ou qualquer igapozal perdido no meio da mata.

-E por que o senhor não nos contou isso na época? O pessoal do pelotão iria adorar explorar esses caminhos! - sussurrou o cabo, em tom lamurioso.

- Foi justamente por isso que mantive sua existência em segredo. O tuxaua, ao me revelar parte dos varadouros, disse ser aquele um dos tesouros do seu povo. De certo, Mário, o tuxaua não gostaria de ver as trilhas servirem de parque de diversões a uns bichinhos orelhudos como vocês!

Mário começou a rir.

Os dois conversavam aos sussurros debruçados sobre as mochilas. Fora d’água, apenas a cabeça e os braços que empunhavam o armamento. Seguros a um tronco, eles negavam no fluxo da leve, porém insistente, correnteza existente no local. No mesmo tronco foi ancorada a jangada-maca.

As muitas horas com os corpos submersos, realizando movimentos de natação vestindo fardas, traziam um desconforto a mais para os homens. Os mamilos ardiam, a sensação era a de charutos sendo apagados ali. O roçar entre

as pernas, braços e axilas, também causava dor. Assaduras feitas pelo atrito e excesso de umidade devoravam-lhes o couro.

- Ué, eles estão voltando, tenente! – disse Mário.

- Deve haver algo de errado! - comentou Ramos ao constatar o retorno dos esclarecedores. Em condições normais bastaria o sinal luminoso pré-estabelecido para liberar a abordagem à praia.

Depois da chegada, os dois militares ficaram calados por alguns minutos. Seguros a jangada, eles voltavam à calma, enquanto Mário e o tenente aguardavam para descobrir o motivo do retorno.

Com um pouco mais de fôlego, refeito do esforço, De Paula foi o primeiro a falar. Ele sussurrava para os dois vultos agarrados às mochilas e a jangada-maca. Ainda não tinha identificado qual deles era o seu comandante.

- Senhor, o coisa ruim esteve por aqui! Não sei se o senhor se lembra, mas esta é aquela comunidade do corno sem cabeça. O tal do filho do tuxaua que além de perder a mulher, perdeu a cabeça.

- Sim, desconfiei que fosse. Mas e daí? O que tem de anormal?

De Paula, orientado pelo som da voz, pode identificar os vultos.

- Acontece que eles sumiram, desapareceram. – notificou De Paula.

- Está tudo lá. Redes, algumas frutas, mandioca e até alguns pedaços de peixe moqueados. - completou Honorato.

- Sinais de violência?

- Negativo, senhor. - respondeu De Paula.

- Canoas ou outras embarcações?

- Tem duas regionais. A menor está fazendo água e a outra parece estar em bom estado. Elas foram deixadas na saída do igarapé, amarradas em uma galhada seca. - explicou De Paula.

- Na palheira do centro tem um rabetinha. Junto a ele estão dois reservatórios de combustível e uma caixa com ferramentas. Mas não há combustível algum. - completou Honorato.

- E as frutas? O que elas contam?

Honorato franziu a testa. Por um instante duvidou da seriedade da pergunta feita por Ramos. Mas ao ouvir a resposta, quase imediata, dada pelo cabo ao seu lado, Honorato sentiu um misto de inveja e vergonha por não haver alcançado tal desempenho.

- Indicam que o sumiço deve ter ocorrido há cerca de oito dias. E pela quantidade e tipo das frutas, eu acho que eles iam fazer uma daquelas festas. Com muito caxiri. Os tachos estão emborcados ao lado das palheiras centrais. Além disso, tem mais esteira de palha reunida na comunidade do que seria o normal.

- Esteiras. Que tipo de esteiras De Paula? – Perguntou o oficial, demonstrando interesse pelo detalhe.

- Parecem comuns. Iguais as usadas nas comunidades desta região. Não notei nada de anormal nelas.

Seguro à jangada-maca, Ramos permaneceu em silêncio por alguns minutos. Enquanto ele pensava, os outros se reuniram em torno de uma das mochilas. Ajustavam, dentro do possível, o equipamento e especulavam sobre o que teria acontecido aos integrantes da comunidade.

- Se não há sinais de violência é por que eles simplesmente abandonaram. Mas e as esteiras? O senhor sabe para o que foram feitas, não sabe? - era a voz do Sargento Sarmento.

- Sua onça velha, estava aí só na espreita?!

- Sim senhor. Não agüento mais esta história de múmia.

- Eu sei, mas é para o seu bem. Como estão as dores?

- Que dores, tenente?

- Sarmento, você é um mentiroso descarado, quando o assunto é a sua saúde. Agora fale a verdade, como você está se sentindo?

- Melhor, não estou mais sentindo o ombro latejar. Sério! E o que o senhor pretende fazer? Continuar descendo ou parar aqui? Chegamos em território nacional, não precisamos mais progredir somente à noite. Podemos até dar uma esticada e antes do meio dia estaremos passando na frente do pelotão de São Joaquim, o que o senhor acha?

- Tem algo de errado acontecendo aqui. Antes de prosseguirmos, é melhor darmos uma boa olhada. Conheço bem essa gente, eles não abandonariam a aldeia a troco de nada.

Ainda sob cumplicidade da noite, Ramos conduziu sua equipe para a praia. A abordagem, feita pelas pedras, teve como objetivo minimizar possíveis vestígios. Caminhando sobre as rochas, eles abandonaram o rio.

O chiado dos pingos d’água, que se desprendiam das fardas e dos equipamentos encharcados, espatifando-se de encontro às rochas, perseguiu-os até que atingissem a orla da mata. Quando romperam o denso emaranhado vegetal dos primeiros metros de mata.

Pouco a pouco, a jangada-maca foi avançando floresta adentro. Enquanto dois dos homens conduziam Sarmento, os outros dois tentavam facilitar a passagem, cuidando também da segurança aproximada.

Cada homem conduzia o seu equipamento e mais a sobrecarga da mochila e armamento adicionais. Os movimentos, fora d’água, eram desajeitados e cansativos. Obrigando-os a parar de progredir, a todo instante, para que se soltassem das mãos invisíveis dos cipós e galhos. A tarefa hercúlea foi

abrandada, em parte, graças ao emprego dos sistemas de apoio à navegação noturna existentes nos capacetes capturados.

CAPÍTULO 58

Estabelecida a base de patrulha e realizada a troca dos curativos no sargento Sarmento, Ramos retornou sozinho à comunidade. Queria, ele mesmo, garimpar indícios capazes de explicar o porquê daquela comunidade estar vazia.

Olhou por todos os cantos. Entrou em cada uma das palheiras. Mas parecia não haver explicação mais plausível do que a cogitada em sua mente, na noite anterior, ante a revelação da presença abundante de esteiras no interior da comunidade.

Ramos sabia que segundo as crenças locais, as esteiras eram deixadas para trás pelas famílias que tomavam o rumo da grande jornada. Elas serviriam de oferendas aos protetores da mata. Como forma de pedir por uma viagem segura.

Ele ouvira do tuxaua que a grande jornada precisava ser autorizada pelos espíritos da mata. Caso contrário, os viajantes não chegavam ao destino com vida. Mas a lembrança de um detalhe do diálogo com o tuxaua martelava sua cabeça. Na mesma ocasião em que o tuxaua lhe revelou alguns dos segredos de seu povo, também comentou que há muito não se fazia mais a grande jornada. Desde o pai do pai do tuxaua, ninguém da comunidade seguiu o caminho sagrado.

- Então por que todos decidiriam quebrar este jejum ao mesmo tempo? - murmurou Ramos.

Caminhando em direção às pedras da beira do rio, Ramos ouviu o som de aeronaves em rota de aproximação. Eram pelo menos duas aeronaves de asa móvel. O deslocamento parecia estar sendo feito sobre o leito do Rio Içana, em direção à montante. Provavelmente teriam partido do pelotão de fronteira, uma vez que este não está a mais do que cinco minutos de vôo daquela comunidade.

Segundos separaram o momento da identificação do som e a decisão de colocar o corpo em movimento para buscar cobertura junto à vegetação. Foi tempo suficiente para Ramos cogitar a hipótese de permanecer ali e tentar chamar a atenção dos pilotos, afinal estava em território nacional.

Seria o fim das longas jornadas, com o resgate do que sobrou da patrulha por aqueles helicópteros. Por outro lado, aquelas aeronaves poderiam ser justamente as que ficavam guardadas na clareira do objetivo de sua missão. Talvez a presença delas fosse o motivo do misterioso abandono da comunidade indígena.

A ação violenta e covarde daqueles farsantes, apresentados ao mundo

como sendo militares brasileiros, poderia ter se repetido ali.

Optando por agir com maior cautela, Ramos penetrou alguns metros na mata. Propositadamente no lado oposto ao da mata onde estabelecera a base de patrulha, ficando em uma posição que lhe permitia observar sem ser observado. Quanto aos seus subordinados estava tranqüilo. Sabia que eles não executariam movimentos, ante a aproximação de aeronaves, sem que recebessem ordens.

A posição escolhida permitia, caso Ramos notasse qualquer ameaça à posição da base de patrulha, o desencadear de ação diversionária capaz de dar tempo aos seus subordinados para dirimirem as vantagens da surpresa e de uma possível superioridade em efetivo inimigo. Por isto a escolha do outro lado da mata, em relação à comunidade.

Eram três as aeronaves. Dois helicópteros de combate e um de transporte de tropa. Todas de bandeira norte americana. Enquanto a maior permanecia pairando a uma altitude mais elevada as outras duas fustigavam por toda a parte, parecendo besouros enfurecidos.

A manobra de reconhecimento e escolta foi identificada pelos homens ocultos na mata.

Uma das aeronaves de combate ficou pairando junto à orla da mata, em frente ao local onde Ramos estava. Artilhada até os dentes, aquela máquina de guerra não deixava dúvidas quanto ao seu poder mortífero. O vento gerado pelo rotor causou a queda de algumas árvores. Uma delas caiu bem perto de Ramos. Mesmo assim ele permaneceu imóvel, segurando o fuzil, com um dos pilotos na alça de mira.

A tensão somente diminuiu quando as três aeronaves se afastaram, prosseguindo em direção ao Norte, ainda sobre o Rio Içana.

−Esses miseráveis estão por toda parte! - resmungou Ramos, se livrando da teia de cipós e galhos, criada pela queda das árvores, para poder voltar a progredir.

CAPÍTULO 59

No retorno à base, Ramos encontrou exatamente o que esperava. Absolutamente nada.

O local era aquele, mas não havia indícios da sua tropa. Onde deixara seus homens não havia nada além de árvores, folhas, cipós e alguns insetos. Tudo do jeito que a mãe natureza colocou.

- A área está limpa, podem sair!

Um a um os homens foram surgindo dos lugares mais inusitados, ganhando contorno em meio à floresta. Mesmo em plena luz do dia seria impossível vê-los se eles assim o desejassem.

- Muito bem pessoal, mas cadê o sargento Sarmento? – Perguntou Ramos.

- Ih, o sargento! - Disse Honorato enrugando a testa.

No mesmo instante os três correram na direção de um grande tronco caído. Com dificuldade, levantaram uma das abas do tronco, que se abriu ao meio como um grande baú. Lá de dentro eles retiraram o Sarmento, com jangada-maca e tudo mais.

- Arrego! Que lugar mais fedido, deve ser a latrina de todos os gambás da floresta! - disse Sarmento tão logo a parte de cima do tronco foi levantada.

- A febre voltou. E está bem forte. - continuou Sarmento.

- Ele está pelando tenente! - falou De Paula, com a mão direita sobre a testa do sargento.

- Mas os ferimentos estão secos, não há sinal de infecção. - disse Honorato.

- É por que não há infecção alguma. O problema dele é malária!

Diante desta afirmação, quatro pares de olhos pousaram atentos sobre o nariz do Ramos. Todos ali sabiam que de malária e doenças tropicais Ramos conhecia o suficiente. Afinal fora acometido de malária oito vezes e permaneceu dois anos afastado das atividades profissionais por conta de uma misteriosa enfermidade contraída na selva amazônica.

De tanto servir de cobaia para médicos, alguns deles recém formados prestando o serviço militar obrigatório nas regiões de fronteira, Ramos resolveu estudar profundamente não só a malária como muitas das doenças tropicais existentes na Floresta Amazônica. Poupando ele e seus subordinados de diagnósticos bisonhos e tratamentos desastrosos para o organismo no futuro.

Percebendo a curiosidade dos companheiros, Ramos compartilhou o motivo do diagnóstico, enquanto se agachava próximo à sua mochila.

- Estes são alguns dos sintomas típicos. Febre alta que aparece sempre por volta do mesmo horário e desaparece tempo depois, mesmo sem o uso de

medicamentos. É o ciclo do plasmódio no corpo humano! Vamos iniciar a cloroquina agora mesmo, antes que o organismo dele esteja mais debilitado.

De joelhos, com a mochila aberta, Ramos sacou um recipiente plástico, hermeticamente fechado. Na tampa, pelo lado de fora, havia uma cruz vermelha pintada e as inscrições “Doenças tropicais”. A mesma tampa trazia, em seu interior, uma completa relação dos medicamentos existentes no recipiente, data de validade, indicação de uso, posologia e uma valiosa descrição dos principais sintomas dos males mais comuns na região.

- De que são estas raspas aqui? - perguntou Honorato apontando para um dos pequenos tubos, contidos no interior do kit aberto, enquanto Ramos pegava água no cantil para dar pequenos comprimidos brancos ao Sarmento.

- Espere aí, vou ver qual é. - respondeu Ramos.

Sarmento, ajudado por De Paula, inclinou o tronco o suficiente para facilitar a ingestão dos comprimidos. Ele suava em demasia e não conseguia conter os tremores em seu corpo.

- Isso! Beba um pouco mais de água. Logo esta febre vai baixar. - disse Ramos.

- Está doendo tudo, desta vez ela veio com vontade. - resmungou Sarmento, voltando a se deitar aparado novamente por De Paula na descida do corpo.

- Quem eram eles, o senhor conseguiu identificar? Não era uma de nossas aeronaves, era? - perguntou o cabo Mário.

- Trazia a bandeira dos Estados Unidos da América. Pareciam estar em patrulha. – Confirmou Ramos.

- Mas como? Aqui é Brasil! O que estes gringos estão fazendo por estas bandas, tenente?

- Não sei Mário, mas tenho a impressão de que logo saberemos.

- Espero que não descubramos tarde demais. - disse Honorato. Como um garoto curioso, em dia de arrumação no armário dos pais, ele ainda estava de cócoras, com o olhar debruçado sobre o kit do seu comandante.

- Marupá!

- O que foi tenente? Ma o quê? - perguntou Honorato.

Todos os demais voltaram atenções para a resposta.

- Isso aí, dentro deste recipiente, é Marupá. É o pó da casca de uma árvore chamada Marupá. É um ótimo cicatrizante, tão bom quanto a seiva da Andiroba. – Respondeu Ramos à pergunta anteriormente feita pelo Honorato.

- Então o senhor também tem remédio de curandeiro no kit? – Brincou o soldado.

- Deixe de ser bisonho, Honorato. Não existe esse negócio de remédio de

curandeiro! No fundo todos os medicamentos foram copiados da natureza. Substâncias usadas, de alguma forma, há muitas gerações apenas receberam nomes bonitos, embalagens coloridas e preços salgados. O efeito curativo é coisa da natureza não do Homem. - interveio De Paula.

Honorato, após ouvir o companheiro, volveu o olhar para Ramos, em busca de confirmação.

O oficial balançava a cabeça lentamente, mostrando concordar com o que fora dito.

Depois de alguns minutos em silêncio, reajustando e conferindo equipamento, armamento e munição, Ramos comunicou:

- Pessoal, passaremos a noite aqui! Até descobrirmos o que está acontecendo, considerem-se em área vermelha. Não queremos ser surpreendidos uma vez mais, portanto: ração fria, recarreguem as baterias dos capacetes enquanto é dia e renovem os seus suprimentos d'água antes do entardecer. Depois, descansem o mais que puderem. Partiremos às duas da manhã. A partir de agora estou de guarda à base.

CAPÍTULO 60

Vinte e três horas. A noite não estava quente, como de costume. O desconforto das horas de espera até a partida ficou por conta dos insetos, principalmente dos mosquitos. Desde o cair da noite, eles chegaram e não mais se foram.

Naquele local parecia haver mais mosquitos famintos do que em todos os outros recantos da floresta amazônica. Os homens, exaustos, renderam-se a um sono recuperador, protegidos da voraz faina vampiresca das nuvens de mosquitos pelos mosquiteiros de suas redes de selva.

O único movimento humano na base era o de Ramos, ainda estava de guarda. Quase imperceptível, a movimentação necessária à guarda do local ocorria, invariavelmente, junto à folhagens e troncos. Sempre no ritmo das sombras. Acompanhado, bem de perto, pelos novos e inusitados companheiros de serviço, já quase irmãos de sangue: os mosquitos.

CAPÍTULO 61

- De Paula! De Paula!

- Hum, que? – Respondeu o cabo, ainda sonolento.

- Uma e quarenta da manhã. Vinte minutos fora! Acorde os demais, diga-lhes para vestirem as blusas de combate capturadas, colocar os capacetes e se

apresentarem no centro da base, depois assuma o posto. Eu vou dar atenção ao Sarmento. Ok? – Ramos sussurrava as ordens próximo à rede de selva do subordinado.

- Sim senhor. – Respondeu De Paula, abrindo o zíper da rede e pondo-se de pé.

A febre de Sarmento havia desaparecido, por completo, desde o meio da tarde do dia anterior e, se tudo corresse como o esperado, não mais retornaria. Pelo menos não com tamanha intensidade.

A cicatrização dos ferimentos continuava a superar a mais otimista das previsões. Principalmente levando em conta o ambiente e as parcas condições de higiene disponíveis.

- Sarmento! - disse Ramos ao se aproximar do abrigo, montado para que Sarmento repousasse a salvo dos insetos mesmo ainda estando deitado na jangada-maca e não em uma rede de selva.

Não houve resposta, nem movimento.

Então Ramos enfiou a cabeça por entre o mosquiteiro, olhando o interior do abrigo. Na escuridão, pouco era possível identificar, mas parecia não haver ninguém ali.

- Por que o senhor não experimenta usar um destes capacetes. Eles facilitam o serviço!

Era a voz de Sarmento, vinda da retaguarda de Ramos.

- Sarmento! O que você está fazendo de pé?

- O mesmo que o senhor, de guarda à base e pronto para partir desde já!

- Mas você…

- Sem mas, por favor tenente. Eu já estou em condições e tenho o pressentimento de que as coisas vão esquentar um pouco antes de tudo melhorar. – pleiteou o sargento.

- Também acho, amigo. Também acho. Mas por hora nada de mochila para você. Vamos ajudar esta sua sorte de elefante.

- Sorte de audaz. “A sorte acompanha os audazes”, lembra-se disto tenente? - perguntou Sarmento, abaixando-se ainda com uma certa dificuldade, para desfazer seu pernoite. No que passou a ser auxiliado por Ramos.

- Sim, lembro. E gostaria de ter ele aqui. Aquele Forças Especiais adoraria repartir este abacaxi conosco!

- Sim senhor, o Major Adauto daria a mão direita para estar nesta com a gente. O senhor sabe por onde ele anda?

- Da última vez que tivemos contato ele estava fazendo um curso de aperfeiçoamento de oficiais nos Estados Unidos. Anos atrás. – Respondeu Ramos, guardando o mosquiteiro em uma mochila.

- Aquele nasceu para ser general. – Provocou Sarmento.

- Ainda bem. Precisamos de alguém assim no comando, chega de bundões. – Devolveu o oficial.

CAPÍTULO 62

Ramos e Sarmento cochichavam no centro do dispositivo da base de patrulha, enquanto os demais patrulheiros ultimavam os preparativos para a partida.

Antes de iniciar o deslocamento, Ramos explicou, sucintamente, o plano de ação para a jornada vindoura. Os homens estavam reunidos no centro da base.

Exatamente às duas horas da manhã, a patrulha seguiu em direção ao Pelotão de São Joaquim. Ao contrário do deslocamento das noites anteriores, feito por via fluvial, agora os cinco homens utilizavam a via terrestre.

As explicações de Ramos foram as últimas palavras ouvidas por todos até o amanhecer. Com a chegada do alvorecer a equipe retirou os capacetes.

A noite foi marcado pela progressão por um varadouro que mais parecia uma estrada a cortar a selva. A largura do varadouro permitia, com folga, que mais de quatro homens caminhassem lado a lado.

Apesar do terreno limpo, durante o trajeto não foi possível ver o céu. As árvores fechavam o espaço acima das cabeças, formando um imenso túnel vegetal.

Não houve um homem, entre aqueles cinco, que durante as horas de caminhada não se deteve, por pelo menos alguns instantes, em imaginar o passado daquele varadouro. Quantos destinos já não teriam rompido este mesmo caminho? Por que precisariam de uma passagem tão larga?

O homem designado para estabelecer o passo da marcha foi Sarmento. Ramos tentava, assim, respeitar os limites do corpo enfraquecido do Sargento. Mas, a julgar pelo ritmo adotado desde as primeiras horas de deslocamento, de enfraquecido Sarmento não tinha nada.

As horas de sono deixadas de lado, trocadas pelo serviço de guarda à base de patrulha, agora cobravam seu preço. Ramos se flagrou, mais de uma vez, dormindo durante a caminhada. Depois da última cochilada, ele resolveu dar fim à persistente sonolência. E foi com uma mordida na própria língua que ele despertou. A dor o manteve bem desperto pelo resto da caminhada.

Atrás dele, De Paula e Mário sabiam o porquê dos tropeções de seu comandante e eram profundamente gratos pelo sacrifício silencioso oferecido por Ramos em prol do bem estar da equipe. Até por isso, agiam como se nada de anormal estivessem vendo, evitando constranger seu comandante e amigo.

Antes das nove horas da manhã a equipe se deparou com a pequena bifurcação descrita na preleção feita, ainda na madrugada, momentos antes da partida. Neste ponto o varadouro continua para Noroeste e uma trilha, também muito bem conservada, segue para sudoeste. Esta, segundo o tuxaua explicou para Ramos, é a trilha que liga as comunidades vizinhas do terceiro pelotão especial de fronteira às comunidades do Alto Içana.

Com um gesto, Ramos reuniu todos os homens.

- Pessoal, muito bom o deslocamento. Esta é a trilha que leva ao PEF. Devemos estar próximos. Quero atenção redobrada a partir de agora. Sei que pode não fazer muito sentido, justo quando estamos tão perto de tropas amigas elevarmos os cuidados, mas há algo de errado e nós não sabemos o que é! – Ramos fez uma pausa e olhando para cada um de seus subordinados perguntou:

- Estão todos bem?

Todos sacudiram a cabeça, em sinal de positivo.

- Partiremos em cinco minutos. Mário!

- Senhor!

- Você passa a esclarecedor. Honorato, você agora é o terceiro homem e De Paula!

- Selva!

- Cuide da retaguarda. Cinco minutos fora!

Dito isto, os homens, que já haviam abandonado a trilha, aprofundaram-se um pouco mais na mata e estabeleceram um pequeno dispositivo circular. Cada qual procurava aproveitar da melhor maneira possível aqueles cinco minutos.

Mário apressou-se em pedir emprestado papel higiênico ao Honorato e correu para trás do tronco de uma faveira. Com o terçado ele cavou o pequeno buraco, destinado a ocultar seus excrementos, ao mesmo tempo em que ia se livrando do equipamento e das calças.

Apesar de Sarmento reclamar e resmungar um bocado, Ramos aproveitou os cinco minutos da parada para trocar os curativos e dar-lhe a nova dose de cloroquina.

- Deixe de ser ranzinza! Tome logo esses comprimidos e me deixe trocar estes curativos em paz. Parece um velho rabugento, ora porra!

- Mas eu estou bem tenente. Não precisa trocar os curativos…

Ramos seguiu nos cuidados, fazendo uma careta irônica para o sargento, simulando concordar com tudo o que ele estava falando.

De Paula e Honorato, deitados com os fuzis apontados para fora do pequeno círculo formado por mochilas, divertiam-se com a cena ao lado.

Trocados os curativos, a patrulha voltou à marcha.

CAPÍTULO 63

A equipe progredia há uma hora quando o percebeu o som de um avião se aproximando. A quietude da mata ajudava a ouvir sons semelhantes àquele, mesmo quando a fonte sonora estava muito. Passados alguns minutos, os patrulheiros foram sacudidos. Uma aeronave de grande porte passou, em vôo de baixa altitude e velocidade, sobre a copa das árvores que os abrigava.

- Deve ser um cargueiro. Ressuprimento do pelotão. - sussurrou Honorato.

- É. O problema é que nós não temos um cargueiro como esse operando para os pelotões! Aliás, nem devemos ter coisa igual no Brasil! - retrucou De Paula.

- Não tinha pensado nisso. - lamentou Honorato.

Mais adiante, progrediam Ramos e Sarmento. Ambos concluíram que pelo conjunto velocidade-altitude, desta aeronave e pelo tempo de deslocamento na trilha, deveriam estar bem perto da cabeceira da pista de pouso do pelotão.

A pista de São Joaquim fica a apenas duzentos metros do PEF. Localização bastante cômoda, sob o ponto de vista logístico, uma vez que todo o pelotão foi construído com base no material transportado por via aérea. Mas questionável quanto aos riscos impostos às famílias dos militares residentes nas casas do pelotão.

CAPÍTULO 64

Ramos olhou para seu relógio de pulso, passavam poucos minutos das dezesseis horas. A tarde estava abafada e o céu encoberto por pesadas nuvens de chuva. Apesar da hora, a luminosidade no interior da mata era escassa.

Outra aeronave de grande porte sobrevoou a patrulha no instante em que Ramos olhava para o relógio. Algum tempo antes, foi possível ouvir a primeira aeronave decolando.

Com um gesto, Ramos comandou alto. Em seguida, informou aos homens que passariam a noite naquele local. Apenas se afastariam um pouco mais da trilha, por questão de segurança. Na manhã, do dia seguinte, ele e o Cabo De Paula realizariam o reconhecimento no pelotão e na comunidade indígena vizinha.

Antes que a luz do dia se exaurisse por completo, Ramos refez os curativos nos ferimentos de Sarmento e o fez engolir alguns comprimidos de complexo vitamínico.

O alimento foi consumido, novamente, frio e em pequena quantidade. Apesar de estacionados ao lado do que outrora poderia até ter sido encarado, por alguns daqueles cinco homens, como uma segunda casa não havia nenhum sinal

de otimismo, ou clima de fim de missão. Havia, sim, muito pesar pela volta para casa sem os companheiros mortos em combate. Também havia desconfiança por conta das surpresas desagradáveis que poderiam ser constatadas durante o reconhecimento do dia seguinte.

Muito pouco da noite foi aproveitado para descanso. Quando o sono não era afugentado pela ansiedade, por antever o resultado do reconhecimento marcado para o dia seguinte, tinha de ser contido para atender às medidas de segurança estabelecidas que deixavam em segundo plano o conforto. Os quartos de hora foram distribuídos imediatamente após a ocupação da base. Sarmento, apesar de resistir até o limite da disciplina, foi poupado. Cabendo-lhe, apenas as duas primeiras horas do serviço, justamente quando ninguém estaria dormindo mesmo.

O sargento precisava de mais tempo para se recompor. As horas de descanso além de ajudar na recuperação da jornada de marcha também corroboravam para tornar melhor a reação do organismo diante dos ferimentos e da malária.

Cuidados com os pés recebiam atenção especial, ocupando parcela de tempo semelhante à destinada a alimentação e a manutenção do armamento ou equipamento.

Morando em mochilas por um período prolongado e submetidos à pressões intensas, os homens tinham necessidades pessoais cada vez mais básicas.

- Filha da mãe! - resmungou Honorato, torcendo um par de meias até sentir a água escorrer por entre seus dedos.

- O que foi coisa ruim? Qual o motivo do bico? - disse De Paula, ao ouvir o companheiro.

- Cabo o senhor tem uma meia reserva por acaso?

- Por acaso eu tenho! Por acaso você quer uma? Seu bisonho!

- Quero sim, cabo. As minhas não agüentaram e…

- É?! As minhas também! Tome estes dois pares.

- Ué! Se o senhor disse que as suas também não agüentaram, como é que ainda tem estas?

- Já viu morto andar, soldado? – Perguntou De Paula.

- Não senhor! – Respondeu Honorato, temendo o que escutaria a seguir.

- Por isso peguei estas dos gringos antes de enterra-los.

- Nossa, que horrível cabo!

- Ah! É horrível? Então anda sem meia e depois me conta. – Disse De Paula, sacudindo as meias próximo à mão do soldado.

- Não. Não, senhor. Eu vou usa-las. - acatou Honorato, apressando-se em vestir as meias recebidas do superior.

- Hum, vai morrer gente ainda! - murmurou De Paula, em tom funesto, fechando a mochila que fora aberta para a retirada das meias. Dando continuidade, em seguida, à manutenção do fuzil.

- O que o senhor disse? – perguntou Honorato.

- Nada, não disse nada. Massageie estes pés, corte a ponta das unhas e tire a sujeira de dentro do coturno. Assim as meias e seus pés vão durar um pouco mais. - alertou De Paula.

- Sim senhor.

CAPÍTULO 65

Ao mais singelo anúncio do amanhecer, Ramos e De Paula partiram. Conheciam detalhadamente as cercanias do terceiro pelotão especial de fronteira e usariam este conhecimento para observar, bem de perto, o que estava se passando por lá.

CAPÍTULO 66

No retorno à base, Ramos e De Paula tinham os rostos marcados por expressões pesadas. Não pareciam ser alvissareiras as notícias trazidas do reconhecimento e, de fato, não eram.

Ramos fez sinal para que todos se aproximassem. Após enxugar, o suor que brotava em seu rosto, com a manga esquerda da blusa de combate, ele passou ao relato do observado durante aquela manhã de reconhecimento ao pelotão.

À medida que falava, seus homens coçavam a cabeça ou simplesmente postavam olhares fixos, endereçados a algum ponto do infinito. Em um segundo momento, o oficial passou aos seus subordinados suas conclusões à cerca da nova situação, bem como uma linha de conduta a ser seguida dali por diante.

- Acredito não ser esta uma ação isolada. Os norte americanos não estão sozinhos ou agindo apenas em São Joaquim. Mas sim em uma ação coordenada, multinacional, com abrangência sobre cerca de uns quarenta por cento do território nacional, que é mais ou menos o que perfaz a nossa região amazônica. São Gabriel, Manaus, Belém, Boa Vista e muitos outros centros habitacionais contidos na área amazônica devem estar também sobre o controle internacional. Sejam quais forem os interesses dos invasores eles sabem que a disputa não deve ocupar o palco do grande vazio ecumênico…

- Ecu, o que tenente? - perguntou Mário.

- Vazio de gente, Mário. Acontece que diferentemente da população

vietnamita os amazônidas não ocupam, não moram em todos os recantos da floresta amazônica. Existem pontos com pequenos centros de aglomeração humana, cercados por imensos vazios habitacionais. Sabedores disto, os invasores vão querer controlar as cidades e suas vias de acesso. O restante cairá pela manobra. – respondeu Ramos.

- Mas será que o Brasil vai deixar isto acontecer, vai perder um pedação sem fazer guerra! – era Honorato em tom de protesto.

- Não Honorato, nossos governantes devem estar fazendo algo. Só que nem tudo se resume a guerra, ela é apenas o último artifício, mas não deve ser empregada quando sabidamente levará a uma derrota de maior escala.

Notando o franzir das testas à sua volta, Ramos prosseguiu expondo o raciocínio.

- Eu digo de maior escala porque na guerra os dois lados sempre saem perdendo, seja qual for o resultado. Um outro fato a ser levado em conta é o de que, certamente, nós não somos os únicos nesta situação. Muitos outros militares devem ter seguido para a selva antes da chegada dos invasores.

A equipe escutava atentamente cada palavra dita pelo oficial. E ele prosseguiu:

- Nossos militares devem estar colocando em prática tudo aquilo que a história nos ensinou sobre a força de uma resistência bem estruturada e do emprego da lassidão. Para trás esses homens e provavelmente algumas mulheres deixaram a cômoda rotina de suas antigas vidas. Renasceram, se transformaram em estatísticas e notícias ruins para os invasores.

- E o que nós vamos fazer tenente? - perguntou Honorato.

- Retornaremos até Manaus!

- Nadando? – questionou Mário, arregalando os olhos.

- Isso mesmo Mário. Se preciso for, iremos a nado, com embarcação regional ou em voadeira. No caminho espalharemos tormento e confusão. Chegando em Manaus, descobriremos como estão as suas famílias e o nosso povo. Aí, então, veremos como continuar a ser úteis a eles.

Quando Ramos encerrou a preleção e passou a palavra aos seus subordinados, Sarmento foi o primeiro a falar.

Agachado ao lado dos demais e com um tom sereno de voz ele deu a entender que a situação descrita trazia à tona uma das hipóteses de conflito que justificou, até então, a existência de elementos como eles. Treinados e mantidos como especialistas em guerra na selva através de recursos dos cofres públicos. Tudo o que viveram até aquele momento poderia ser encarado como um grande ensaio. Agora era a vez do confronto com a realidade imposta pelo destino. E encerrou dizendo:

- Olha pessoal, nós demos uma baita sorte! Estar sob o comando do tenente Ramos e combatendo ao lado de vocês, faz tudo parecer mais fácil. Lembrem-se, hoje, nós iniciaremos a escrita de uma história que deverá ser contada, com orgulho, por nossos filhos e pelos filhos de nossos filhos. – encerrou Sarmento.

- Tenente, não podemos fazer nada para ajudar o pessoal aqui do PEF de São Joaquim? - perguntou o cabo Mário.

- Não. Aqui nós conseguiremos fazer muito pouco. Não há como estabelecer resistência sem dispor do apoio logístico. Além do mais a quantidade de homens e materiais observados hoje, durante o reconhecimento, demonstra que os americanos querem ir além da operação presença e do uso da pista de pouso pelo seu valor estratégico.

- Mas aqui eles estão vulneráveis, tenente! - disse Honorato.

- Pensem. Um pelotão como este não possui as fraquezas ditadas pela capilaridade de centros urbanos. Aqui tudo fica mais simples para os invasores. Afinal, quem está dentro é amigo, quem está fora é inimigo e pau nele. Entenderam? – contra-argumentou Ramos.

- Sim, mas e o nosso pessoal. Será que foram todos mortos? Eles podem estar sendo mantidos prisioneiros no PEF!? – insistiu Mário.

- Não Mário. Acredito que o pelotão foi tomado sem o uso da força.

- Espera aí tenente, o senhor acha que o nosso pessoal simplesmente amarelou, entregou as chaves do pelotão a esses gringos miseráveis e saiu com o rabo entre as pernas? - perguntou Honorato, desconsolado.

- O que o tenente está dizendo é “não foi possível observar nenhum sinal de luta ou violência no pelotão”. E acho bom não julgarmos. Lembrem-se de que os militares do pelotão não estavam sozinhos como nós, para o que der e vier, eles moravam ali com suas esposas e seus filhos. - interferiu De Paula.

- Bom, concordo com a questão dos prisioneiros! Podemos fazer um reconhecimento mais detalhado e aproveitar a oportunidade para deixar nosso cartão de boas vindas. – resumiu Ramos. Seu coração marcava um compasso lento, parecendo totalmente alheio à tensão imaginável para aquele momento. A mente do oficial voava na dianteira das ações, estruturando o planejamento sumário para a missão proposta.

- Tem uma coisa, tenente.

- Diga Mário.

- Estamos quase sem suprimentos e a descida até São Gabriel da Cachoeira, com sorte, pode levar uma semana se feita pelo rio…

- E daí? Desembucha. – disse Ramos, sorrindo.

- O senhor lembra dos cachês que mandaram a gente construir em volta do

pelotão há uns anos atrás? Então, podíamos ir ver se eles ainda existem. Sei exatamente onde eles ficam, ajudei na instalação, junto com os recrutas. – propôs Mário.

- É uma boa idéia tenente. – reforçou Sarmento.

- Sim, vamos tentar hoje à noite. – definiu Ramos.

A movimentação no pelotão era intensa, podia ser ouvida de onde a patrulha estava estacionada. Por vezes, vozes em frases perdidas eram arrastadas ao interior da selva chegando aos ouvidos dos cinco militares.

Pouco antes do cair da noite, alguns helicópteros chegaram ao PEF. Pareciam ser os mesmos avistados na comunidade indígena. Eles vieram do Leste, voavam junto à copa das árvores e somente pousaram depois de sobrevoar repetidas vezes as circunvizinhanças do pelotão.

CAPÍTULO 67

Nos dois primeiros cachês visitados pela patrulha os suprimentos não haviam sido acondicionados de maneira correta. Toda a comida estava perdida e a munição provavelmente teria o mesmo fim, em breve.

Ao partirem para o terceiro ponto, os homens imaginavam saber exatamente o que iam encontrar. Suprimentos enterrados, mal preparados, abandonados à própria sorte, graças à falta de uma doutrina amadurecida e meios materiais suficientes para colocar em prática os ditames propalados nos discursos, invariavelmente, feitos nos salões refrigerados e polpudamente acarpetados.

A doutrina de combate na selva, tratada por boa parte dos militares brasileiros como embuste ou excentricidade, tantas vezes colocada em segundo plano pelos escalões superiores, agora era questão de sobrevivência.

Ramos caminhava a retaguarda do cabo Mário. Dispostos em coluna, com distância cerrada entre cada homem, os patrulheiros executavam o deslocamento com auxílio dos capacetes capturados. Rumavam para o último cachê a ser coberto ainda sem a luz do dia.

Em breve os primeiros raios de sol despontariam no horizonte.

Para alcançar o cachê antes do amanhecer era preciso andar rápido. Com a ajuda do sistema de visão noturna dos capacetes, da vegetação e do terreno, os cinco alcançavam velocidades de progressão bastante parecidas com as obtidas em deslocamentos diurnos.

A mão de Ramos se elevou até a altura do ombro, quase ao mesmo tempo em que a do Mário. Ambas com os punhos cerrados. Assim permaneceram.

Simultaneamente ao gesto, a movimentação dos homens da coluna de

marcha cessou por completo. Todos identificaram o sinal convencionado para congelar.

Havia perigo iminente, qualquer movimento poderia representar risco para a patrulha. Instantaneamente, De Paula travou o movimento entre uma passada e outra, sua mão esquerda subiu, copiando o gesto avistado. Em segundos, todos ficaram imóveis. De Paula, Honorato e Sarmento exigiam de seus sentidos uma resposta positiva quanto a ameaças. Mas nada conseguiam identificar. A diante parecia haver apenas mais um trecho de mata igual a tantos outros deixados para trás naquela noite. Entretanto, o perigo estava à espreita, disperso em meio ao fundo, nada contrastante, da noite na selva.

A descarga de adrenalina espantou a sonolência e o cansaço de final de noite. Com a vigília redobrada, se não triplicada, os três últimos homens da coluna viram a mão esquerda de Ramos sair da posição junto ao ombro e, lentamente, assumir a postura indicadora. Apontando, como uma seta, para o setor noroeste.

Só então, Sarmento, De Paula e Honorato atentaram para a presença existente naquela direção. Pareciam ser dois homens, um estava agachado e o outro de pé. A resolução do equipamento não permitia identificar melhor, mas certamente aqueles capacetes prestaram inestimável serviço ao possibilitar a detecção dos vultos antes que ocorresse um encontro fortuito.

As fardas dos dois homens não reluziam como a dos americanos. “Talvez fosse deficiência do sistema do capacete” Supôs De Paula.

Chegar mais perto, sem a quebra de sigilo, era pouco provável. A presença da patrulha só passara desapercebida porque os dois homens estavam manuseando folhas secas no momento da aproximação.

As folhas estavam sendo espalhadas, de forma a dissimular as alterações feitas no terreno.

“Eles estão no cachê! Mas o que eles tanto fazem por lá?” Pensava Mário, impaciente.

Ramos necessitava de tempo para dimensionar corretamente a situação. Levantando efetivo e quais as intenções dos intrusos. O mesmo tempo o arrastaria para a perda das vantagens possíveis. Vantagens obtidas com emprego da pouca luminosidade, do fator surpresa e da superioridade numérica momentânea.

Surpresos, os patrulheiros perceberam que os dois vultos abandonam a posição, vindo na direção deles.

Os intrusos encontravam as dificuldades normais aos que andam na escuridão das noites amazônicas, evitando, porém, esbarrões e tropeços na vegetação. Não provocavam barulho algum durante o deslocamento,

contornando os obstáculos encontrados com atenção própria à especialistas. Os dois pareciam muito ambientados à progressão noturna em ambiente de selva.

“Direto para o caldeirão! Vem pro papai, vem!” Pensava De Paula, retirando a faca da bainha.

Naquele instante, coisas bastante diferentes irromperam na mente dos cinco patrulheiros. Havia, no entanto, um pensamento comum: “Sem barulho, sem barulho.” A neutralização dos dois homens tinha de ser silenciosa, mantendo em sigilo a presença da patrulha.

Nos últimos metros da caminhada de aproximação, Sarmento, De Paula e Honorato perceberam que os dois sujeitos não iriam passar perto deles. As facas, apertadas entre os dedos não poderiam ser apresentadas àquelas gargantas. A ação ficaria a cargo dos outros dois companheiros, os primeiros da coluna.

Com os dois homens desfilando exatamente a sua frente, Ramos antecipou o grande engano vindouro.

Mário preparava, com a mão direita, um golpe de terçado destinado a decapitar instantaneamente o primeiro homem. Sabia que do segundo o tenente se encarregaria.

Usando os dois braços, ao mesmo tempo, Ramos explodiu um único golpe sobre a nuca dos dois homens. Com as mãos espalmadas paralelamente ao solo, Ramos controlou o instante do contato para que, apesar da violência do movimento, o impacto não fosse aprofundado.

“O suficiente para desmaiar, apenas isso!” Pensou Ramos na fração de tempo que antecedeu sua ação.

O facão do Cabo Mário passou assobiando de encontro ao vazio. Seu alvo fora interceptado no instante mágico que define destinos.

Os dois corpos desabaram. Ramos se abaixou ao lado deles se esquivando da passagem da lâmina do terçado. Mário, ao lado do oficial, demorou um pouco para entender o que de fato estava acontecendo. A cena começou a fazer sentido quando ele ouviu o tenente sussurrar algo, enquanto batia no rosto de um dos homens.

- Marcos, Marcos André, acorda rapaz.

- Hum, quem.

- Chiii, sou eu Ramos fale baixo.

- O que aconteceu? Que dor de cabeça!

- É, você esteve perto de ficar sem ela. Quem é o outro? – perguntou Ramos.

- É o Sargento Coparra. Será que ele está bem? – questionou Marcos André.

Minutos mais tarde, após a volta a calma, vieram as explicações de ambos

os lados.

Ramos descreveu, sucintamente, o que ocorrera até ali e ouviu de Marcos André os detalhes referentes ao novo capítulo da história recente da humanidade. Um capítulo do qual ele e seus homens, apesar de fazerem parte, desconheciam.

- Também ainda não estou por dentro de todos os detalhes. Você sabe como é, eu estava aqui no pelotão quando tudo começou. O que sei, me foi passado pelo rádio ou pela tevê por satélite, pouco antes de iniciarem a obstrução das comunicações. – comentava Marcos André.

- Entendo, Marcos. E o que vocês estavam fazendo aqui. Cadê os outros, ou apenas vocês… - questionou Ramos.

- Não. Apenas dois militares não se infiltraram na mata em tempo hábil e acabaram sendo conduzidos pelos americanos, juntamente com as nossas mulheres e crianças, para os postos de triagem em Manaus. Acontece que os outros combatentes seguiram para São Gabriel pelo rio, nós ficamos para trás por que o motor de popa de nossa voadeira entrou em pane no momento da partida. Tivemos de redistribuir o pessoal de última hora. Eu e o Coparra ficamos, seguiríamos depois de consertar o motor. As voadeiras estavam com lotação no limite da irresponsabilidade.

- Essas voadeiras são do pelotão, tenente? - interrompeu Sarmento, até então calado.

- Tudo bom, Sarmento? - cumprimentou Marcos.

- Selva tenente!

- Olha Sarmento, as voadeiras que estão quebrando esse galhão não são as do PEF. Aquelas não chegariam a metade do caminho. Usamos embarcações que foram apreendidas com garimpeiros vindos da Colômbia, há algumas semanas atrás. Por sorte nós tínhamos deixado elas guardadas nos tapiris abandonados da antiga base de instrução. Aquela construída para as instruções de vida na selva dos recrutas. Localizada a uma hora e meia de caminhada ao sul deste ponto.

- E o que vocês estão fazendo aqui? - insistiu Ramos, pondo-se de pé e ajustando o capacete na cabeça.

- Este é o único cachê decente, nas vizinhanças. Por sorte, possui os itens de reparo necessários ao conserto do motor. – explicou Marcos.

- Ração em condições de consumo, tinha alguma?

- Não, infelizmente elas foram mal acondicionadas Ramos, estão encharcadas.

- Mas existem outros cachês! – lembrou Coparra, até então calado.

- Estivemos neles. Igualmente imprestáveis. - disse Sarmento.

- Vamos fazer o seguinte, Marcos. Sigamos juntos até o local da voadeira. Não é seguro permanecer por estas bandas, com dia claro. – disse Ramos,

ficando de pé.

- Tudo bem, mas não se preocupe. Eles são como caramujos, não saem de dentro da casca do pelotão para nada. Pelo menos não por terra. – comentou Marcos André.

- Isso é por enquanto, apenas por enquanto campeão. - disse Ramos, iniciando o movimento na direção dos tapiris que ele próprio construiu, quando comandou o pelotão.

CAPÍTULO 68

No tapiri central, localizado à beira de um igarapé tributário do Rio Içana, o soldado Honorato e o sargento Coparra trabalhavam no conserto do motor.

Honorato conhecia os meandros da mecânica de motores. Dos dez aos dezessete anos, ele trabalhara na oficina mecânica de seu pai, parando apenas quando se alistou no exército. Em contrapartida, o sargento Coparra era o típico curioso. Possuía pouco conhecimento técnico, mas gostava de mexer em motores. Fossem eles do cortador de grama de sua casa ou de uma voadeira.

Constatando a confiança e a destreza de Honorato, Coparra respirou aliviado. Com a ajuda do soldado o conserto do motor iria sair em pouco tempo.

- Para onde seus homens estão indo, Marcos?

- Vão se juntar aos outros. Iremos atuar na Força de Resistência número cinco, na região de São Gabriel. E vocês Ramos, o que vão fazer?

- Vamos para Manaus, temos assuntos inacabados por lá.

- O Sarmento parece estar com alguma dificuldade para se mover, também notei que ele não leva mochila, o que há de errado com ele? – perguntou Marcos.

- Foi ferido em ação. Mas foram ferimentos sem gravidade. Ele vai ficar bem, tem boa cicatrização e reage bem ao tratamento à base de quinino. – previu Ramos.

- Não entendi, qual a relação dos ferimentos com o quinino? – Marcos ficara confuso com o comentário feito pelo companheiro.

Ramos, então, explicou melhor:

- Alguns dias atrás, Sarmento desenvolveu sintomas de malária. Deve ser uma das fortes, três cruzes, pela intensidade das febres. Por conta disto, ele está tomando cloroquina.

- Você deu sorte Ramos, com esta sua equipe dá para chegar em qualquer lugar. Parece escolhida a dedo.

- E foi. Porém, estes são os que permaneceram de pé, sofri pesadas perdas. Fomos surpreendidos pelos gringos quando pernoitávamos em uma base de patrulha.

- Lamento saber Ramos. E seus homens como estão reagindo?

- Bem, até o momento bem. Tudo está acontecendo rápido o suficiente para não deixa-los sentir. Além do que, com exceção do Soldado Honorato, eles já provaram sangue de todos os tipos. São cães em combate, militares experientes.

- E os miseráveis? – questionou Marcos, querendo saber o destino reservado aos militares inimigos que atacaram a patrulha comandada pelo Ramos.

- Como diria o De Paula, foram para o inferno. – comentou Ramos.

- Então os gringos já sabem da existência de vocês, no mínimo sabem da aniquilação da equipe deles. Devem estar contando os corpos dos dois lados. – concluiu Marcos André.

- Por que você diz isso? – Ramos parou de limpar o fuzil para ouvir a resposta.

Marcos André se ajeitou, encostando o corpo na mochila e esticando as pernas. Depois, o oficial explicou:

- Nos primeiros dias, assim que eles chegaram, realizamos algumas ações buscando ir além da inquietação. Queríamos dimensionar suas defesas, sua disposição. Foi aí que notamos! Sempre após capturarmos alguns dos deles éramos localizados. Pensávamos que fosse algo como um emissor de sinais, semelhantes àqueles dos aviões, talvez preso ao equipamento ou ao fardamento. Mas não. Mesmo livrando-nos de tudo, conduzindo os prisioneiros pelados continuávamos sendo localizados.

- São implantes, Marcos. – interrompeu Ramos.

- Sério?! – Agora era a vez de Marcos André ficar curioso.

Percebendo o interesse, Ramos contou os detalhes:

- O De Paula foi quem descobriu. Nós estávamos enterrando os corpos deles e recolhendo algumas das peças de fardamento, quando ele observou que do ferimento no braço de um dos mortos alguma coisa reluzia. Bingo! Todos tinham no mesmo braço aquela peça minúscula.

- E, então o que vocês fizeram Ramos?

- Demos asas a cada um deles.

- Não entendi! – comentou Marcos, coçando a cabeça.

- As tais peças viraram comida de passarinho. Cabo Mário cuidou para que cada um dos dispositivos fosse adicionado à dieta de alguns mutuns. Agora mesmo, equipes de resgate estão esquadrinhando coco de passarinho pelos quatro cantos da floresta. Porque vai ser só isso que eles vão encontrar.

- Boa idéia Ramos. Por estas e por outras, você é uma lenda nos pelotões de fronteira. - falou Marcos, contendo as risadas.

- Aquilo não era um simples localizador, Marcos.

- Não?

- Aqueles dispositivos integram informações preciosas em um campo de batalha. Podem transformar homens em redes de combate, monitoradas em diferentes níveis. Capazes de atender às necessidades táticas e estratégicas dos sonhos de qualquer exército do mundo. Na prática, aqueles implantes ampliam a dimensão de qualquer combate. Foi uma pena descarta-los, tornariam mais úteis os capacetes e as fardas capturados. – lamentou Ramos.

- Mas mesmo assim os capacetes quebram um galhão?! – disse Marcos pegando um dos capacetes.

- Não estamos usando nem dez por cento de seus recursos. Os implantes, por exemplo, devem permitir alguma coisa parecida com telemetria orgânica, informando em tempo real as condições de saúde de cada combatente à base de operações. Imagine, dá para saber qual a exata necessidade de atendimento médico antes mesmo da chegada dos feridos. E por aí vai!

Após o comentário de Ramos, os dois oficiais permaneceram em silêncio por alguns instantes. Até que Marcos retomou o diálogo.

- Nós chegamos a capturar alguns destes capacetes, mas sem as botas não tivemos como carregar as baterias para mantê-los funcionando. - lamentou Marcos André.

- Gostaria de usar, pelo menos, o sistema de comunicação de que eles dispõem, mas o bom senso me impede. - disse Ramos, olhando fixamente para o capacete em suas mãos.

- Claro! – concordou Marcos, dando um peteleco no capacete.

- Por que as botas, Marcos?

- O que Ramos?!

- Por que você disse precisar de botas para recarregar as baterias dos capacetes? Qual a relação?!

- Ué, Ramos! Você não sabe? São elas as responsáveis pela recarga das baterias.

- Deve haver algum engano. Encontramos placas, do tipo das solares, nas mochilas deles. Temos usado elas para manter a carga, com sucesso.

- Não! Tenho certeza, as botas deles são especiais. Elas convertem a energia do caminhar em eletricidade. Talvez as placas usadas por vocês estivessem sendo conduzidas para atender a outro fim ou façam parte de um sistema alternativo, guardado para emergências. – ponderou Marcos.

- Rapaz, eles trouxeram o que de melhor possuem na área tecnológica! - exclamou Ramos, pressionando os lábios, sinalizando admiração, enquanto colocava o capacete sobre a mochila.

- É companheiro, mas nem toda a tecnologia empregada salvou a pele dos que cruzaram com vocês.

- Mas fez uma grande diferença. Corroborou para a morte de muitos dos nossos. - o tom destas últimas palavras, ditas por Ramos, foi solene e pesaroso.

- Posso perguntar uma coisa pessoal? Apesar de não ser o momento ideal, mas…

- Diga Marcos.

- Disseram que você estava muito doente. Ouvi falar até em reforma. Existe alguma verdade nestes boatos?

- Não são boatos. De fato estive bastante adoentado. Foram dois anos de tratamento, mas agora está tudo bem.

- E o que era?

- Rapaz, aí está um dos mistérios da vida. Comecei sentindo fortes dores de cabeça. Em pouco tempo não conseguia sequer pensar, de tão forte que eram as dores. As medicações usadas para reduzi-las me deixavam entorpecido por mais da metade do dia e mesmo assim tinham pouca eficiência. Não bastasse isso, comecei a apresentar um estranho sintoma.

- Qual?

- Virei uma cachoeira!

- Como assim?

- Eu perdia líquido de todas as formas. Diarréia, suor em excesso e muita coriza. Era uma mistura de super diarréia com super gripe.

- E os médicos, o que disseram?

- De início, notava em alguns médicos aquele olhar nojento de incredulidade. Tipo assim: “Nunca ouvi falar em nada semelhante, esse cara deve estar exagerando ou inventando!” Depois vieram os curiosos. Viam a oportunidade da descoberta de algo novo, o desafio, a projeção de suas carreiras; só não enxergavam o sofrimento do paciente por trás das experiências.

Marcos balançou a cabeça solidarizando-se com o amigo. Ramos prosseguiu com o relato:

- Diversos medicamentos foram testados, com reações quase sempre penosas. Permaneci sem diagnóstico ou cura durante bastante tempo. Por sorte, descobriram alguma coisa em um de meus exames de sangue. A partir daí, após alguns meses desenvolveram um remédio para a minha doença. Foi mais ou menos na época em que o atual ministro da defesa assumiu.

- E o que era?

- Disseram ser um tipo raro de vírus aqui da Amazônia. Mas não sei ao certo, houve muito mistério a esse respeito. Vieram, inclusive, alguns engravatados de Brasília, pedindo minha colaboração com silêncio e discrição à

cerca da doença. Segundo eles, tal assunto exposto à imprensa poderia gerar pânico devido à associação indevida com os casos ocorridos na África, quando da epidemia de Ebola ou da gripe do frango, surgida na Ásia.

- Bom, pelo menos conseguiram te curar!

- É verdade. Depois do diagnóstico, até estranhei a atenção dispensada pelo corpo médico do exército. Mensalmente recebo visitas de uma equipe médica em casa. Eles realizam exames para monitorar as condições após o tratamento. A cada visita um novo questionário, amostras de pele, saliva, fezes, urina e quase meio litro de sangue. Mas tudo bem. O que eu não quero é voltar a sentir aquela dor maldita. – comentou Ramos.

- Aqui no pelotão chegaram a dizer que você havia morrido. Depois o ressuscitaram, colocando-o em cadeira de rodas!

- Eu imagino. - disse Ramos, sorrindo.

Sem o diálogo cochichado, era possível, da posição ocupada pelos dois oficiais, ouvir o som das águas do igarapé chocando-se com as muitas pedras espalhadas ao longo de seu leito. Perto dali, algumas maritacas ruidosas faziam uma parada, pousadas junto à copa das árvores.

Os homens não envolvidos no reparo do motor exerciam a segurança aproximada da área, posicionados em torno dos tapiris. Junto aos seus corpos, pequenas nuvens de insetos foram formadas.

Os patrulheiros, completamente indiferentes aos ataques da agitada vizinhança, mantinham a atenção na vigilância. As repetidas picadas não mais causavam os pequenos inchaços de outrora, elas nem mesmo eram sentidas.O ronco abafado, vindo de um dos tapiris, indicou o êxito no conserto do motor de popa. Obrigando os homens a abandonar, por hora, lembranças e anseios.

CAPÍTULO 69

Amanhecia quando o homem da proa alertou: havia mais um encachoeiramento à frente. No total, ao longo de duas jornadas em deslocamento pelo Rio Içana e depois pelo Rio Negro, foram transpostas quatorze cachoeiras. Algumas obrigaram ao desembarque de todo o material para condução por terra, incluindo motor de popa e os galões com o combustível. Outras cachoeiras, com quedas mais radicais forçaram o grupo a transportar até mesmo a voadeira por terra, seguindo trilhas em barrancos escorregadios.

O encachoeiramento à diante, como os demais encontrados desde que o Rio Negro fora atingido, não exigia mais do que a cautela do piloto para evitar os rodamoinhos e o choque da hélice do motor nas pedras.

Os homens mais sonolentos foram despertados pelo aviso. De Paula, o

homem de serviço na proa daquela hora, recebera o apelido de Cabo “De Pedra”, pois sempre que ocupava o posto surgiam pedras ou cachoeiras no caminho. Coincidência ou não, os patrulheiros aproveitavam a oportunidade para descontrair o clima de tensão fazendo piadas a respeito.

- Mais uma! E tome De Pedra! - resmungou o Cabo Mário, de forma a poder ser ouvido pelo companheiro na proa da embarcação.

Sentindo os primeiros pingos da chuva, recém chegada, pousarem de encontro ao seu rosto, Ramos observava a movimentação na voadeira. Os pingos pareciam mais gelados por conta do movimento. Mas eles não detinham a atenção de Ramos, apenas compunham o ambiente.

Sentado junto à popa, com o fuzil apontado para fora da embarcação, o oficial analisava a postura de seus comandados. Vistos assim, os homens embarcados não pareciam estar diante de uma realidade tão adversa. Pareciam, mesmo, retornar de mais um reconhecimento de fronteira, como tantos outros. Estando cada qual em sua casa, logo após os procedimentos usuais de desmobilização. Mas eram apenas aparências. Para alguns deles, poderia não haver mais um lar para onde retornar.

Por mais que atentasse, Ramos não ouvia o grito das incertezas despontar nas atitudes dos homens sob seu comando. Talvez lhe faltasse os ouvidos ou a sensibilidade para interpretar, melhor, os sinais deixados por eles no dia a dia. E se isso fosse verdade?

Por quanto mais aquela equipe concordaria em submeter-se às suas ordens? Por muito mais forte razão agora, pois a imaturidade ou o temor do embate contra o desconhecido poderia leva-los a crer que pouco se tem a perder com atos de insubordinação e deserção.

Não! Talvez outro grupo, mas este comunga dos mesmos pensamentos. A maior incógnita era a reação do Honorato. Mas ele, até o momento, estava reagindo bem, muito bem.

- Imagino o que se passa na cabeça do senhor! - cochichou Sarmento, colocando a mão sobre o ombro do Ramos. Ele estava sentado ao lado do seu comandante e há muito observava o olhar distante, perdido no horizonte, impostado pelo oficial.

Ramos respondeu ao subordinado com um sorriso, daqueles em que os lábios são pressionados um de encontro ao outro, desenhando o sorriso sem dentes.

- Na noite em que fomos atacados, desejei muito que o senhor estivesse por lá. Nunca havia sentido tão claramente o peso do comando. E olha que eu não sou nenhum novato, já estive em muitas missões, comandei grupos e até pelotões, em algumas situações especiais, mas sempre havia alguém ditando os

limites. Nós nunca estivemos realmente por nossa conta e sorte. Acho que foi por isso que senti tanto o peso daquele dia. Substituir alguém no comando é sempre difícil, mas substituir logo o senhor foi pesado demais para mim. Talvez por isso tenha sido bonzinho além da conta, relaxei na segurança e paguei com a vida de todos aqueles homens. Preciso dizer isso para o senhor, foi minha culpa! Eu não…

Ramos interrompeu o relato emocionado de Sarmento. Ambos tinham lágrimas nos olhos, disfarçadas pela chuva, agora despencando com o vigor comum às torrentes amazônicas.

- Esta vida a qual abraçamos não nos cobra culpas, amigo. Isso é coisa da vaidade humana. Sinto a mesma solidão, a mesma incerteza todas as manhãs. Quando do início de mais uma jornada, sei estar conduzindo não só o meu destino, mas sim influenciando outros também.

Ramos fez uma pausa e depois prosseguiu:

- Não me julgo o dono da verdade, logo temo, tanto quanto você, pelos meus erros, pelas minhas fraquezas e pelos meus fracassos. Porque eles podem vir a ser também das pessoas que me seguem. Pessoas que confiam em mim. Mas se isto ocorrer, e já ocorreu comigo, temos de continuar a caminhada.

- Obrigado tenente, o senhor não pode imaginar o quanto eu precisava falar isto com alguém, eu precisava falar disto com o senhor!

- Entendo. - Ramos deu dois tapinhas na perna do companheiro.

Sarmento sacudiu a cabeça em um gesto afirmativo.

A chuva tornara-se intensa o suficiente a ponto de limitar a visibilidade a pouco mais de um metro. Da popa era impossível enxergar além do vulto dos homens na proa. A velocidade de navegação foi reduzida para evitar acidentes. Mas o movimento não podia cessar.

Como em dias anteriores, a equipe expunha-se ao risco de ser descoberta por patrulhamento inimigo, pois prosseguia no deslocamento até o início da tarde. Quando os homens paravam para descansar, partindo novamente ao cair da noite.

Fossem aéreos ou fluviais, os patrulhamentos inimigos representavam uma ameaça que não podia ser ignorada.

No primeiro dia de deslocamento, a voadeira teve de ser enfiada selva à dentro, em uma manobra arriscada, para evitar seu avistamento por dois helicópteros que sobrevoavam o rio. O motor de popa fazia barulho demais. Ele não só denunciava o deslocamento do grupo para as imediações do rio como também impossibilitava aos ocupantes da voadeira ouvir, com maior antecedência, a aproximação do inimigo.

CAPÍTULO 70

A patrulha, durante as paradas, dividia-se nas tarefas de manutenção do motor, arrumação do material no interior da voadeira e segurança da base. Com efetivo pequeno, a solução encontrada para manter o padrão mínimo de segurança e ainda executar as demais atividades foi reduzir o tempo de sono. Ramos dava o exemplo, dormia exatas três horas por dia. Nem um minuto a mais nem um minuto a menos.

Os ferimentos de Sarmento estavam secos e os sintomas da malária não retornaram, desde o início do tratamento. Todos os dias, no mesmo horário, a equipe assistia ao mesmo ritual. Chovesse ou fizesse sol, Ramos postava-se ao lado de Sarmento e, em meio às reclamações ranzinzas do sargento, trocava os curativos e entregava-lhe o remédio da malária para aquele dia.

Aquilo era como uma injeção de família aplicada diretamente na veia dos homens, fazendo-os sentir toda segurança da presença de alguém sempre disposto a cuidar deles.

Passava das duas da tarde quando Ramos pegou o material de higiene pessoal na mochila e se dirigiu para um veio d'água, afluente do Rio Negro, há poucos metros de onde estavam estacionados. A beleza do lugar, certamente, jamais tocado pelo homem, despertou a sua atenção.

O verde da mata, em diferentes matizes, acolhia o conjunto de pedras, de cor escura, quase pretas, semi-cobertas de limo em alguns pontos. Por entre as rochas, de diferentes tamanhos e formas, deslizava um filete de água cristalina. Antes de oferecer suas águas ao Rio Negro, o igarapé formava um poço, com pouco mais de um metro e meio de diâmetro. Um branco imaculado recobria o fundo e as laterais do poço. A areia, finíssima, mantinha, orgulhosa, o registro de alguns de seus ilustres visitantes. Pegadas de cervos e pacas, impressas na areia, apontavam para o uso constante daquele bebedouro pelos seres da mata.

Tencionando fazer sua higiene pessoal, Ramos retirou da pequena sacola camuflada, colocada sobre uma pedra, o aparelho de barba descartável, uma escova de dente e o sabonete sem cheiro. As peças estavam enroladas em sacos plásticos que, por sua vez, ficavam dentro de outro saco plástico.

Não lhe agradava muito a idéia de ensacar a escova de dente logo após o uso, quando ainda estava molhada, mas esta era a melhor maneira de protege-la da contaminação com o meio ambiente. Ao abrir o saco plástico, onde estava a escova, um cheiro levemente acre chegou às suas narinas, contrastando com o ar local. Ramos sacudiu a cabeça, em reprovação ao fato, colocando sob uma pedra os sacos plásticos e as presilhas de borracha, usadas para vedar as extremidades dos sacos.

Agachado, apenas com o material necessário a higiene em mãos e com o fuzil repousado sobre o colo, Ramos apreciou todos os detalhes do cenário. Imaginava quantas pessoas passariam toda a vida sem jamais conhecer a paz, em estado bruto, de um lugar igual aquele. De certo, não haveria forma de descrever a essas pessoas o que era estar ali. Palavras, fotografias ou filmagens seriam meios insuficientes para transportar tamanha riqueza de detalhes, generosa profusão de emoções.

CAPÍTULO 71

Os sete homens estavam de volta à navegação, seguindo rio abaixo.

- Estamos perto de Gabriel! - disse De Paula, apontando com o queixo a Ilha de Ituí.

- É, deixamos para trás as ilhas do Içana e Atim, aquelas duas logo depois da junção do Içana com o Negro, depois veio a Ilha do Andirá. Até São Gabriel da Cachoeira passaremos por mais umas oito ilhas grandes. Elas são um ótimo indicador de chegada à Gabriel. - explicou Sarmento ao soldado Honorato.

Na passagem por comunidades a montante de São Gabriel da Cachoeira, a equipe foi informada da existência de postos fluviais para controle de tráfego, montados no Rio Negro, nas imediações da cidade. Os postos, segundo os ribeirinhos, eram operados diuturnamente pelos americanos.

Na comunidade de Carapanã, o contato plantado pela força de resistência forneceu as coordenadas para integrar Marcos André e Coparra à força. A mesma fonte forneceu ao Ramos as rotas alternativas para ultrapassar São Gabriel da Cachoeira, obter ressuprimento e chegar a Manaus sem ter de cruzar os postos de controle.

O encontro impressionou Ramos e Marcos André. O emprego de uma mulher, nativa e de idade avançada para desempenhar o contato foi a primeira surpresa. A quantidade e qualidade das informações disponibilizadas, somadas à perfeita atuação da senhora responsável por transmiti-las, também surpreendeu os dois.

A região escolhida para homizio pela força de resistência de São Gabriel da Cachoeira foi o conjunto montanhoso conhecido por Bela Adormecida. Cadeia de montanhas, a Sudoeste da cidade, cercada por complexo labirinto de igarapés e igapós.

O nome de Bela Adormecida foi dado pelos primeiros moradores de Gabriel porque visto da cidade o conjunto, ao horizonte, exibe uma silhueta parecida com a de uma mulher deitada com a barriga para cima.

Os muitos cursos d’água existentes na região serviam a dois propósitos

distintos. Na realidade amazônica, onde os rios são as estradas da mata, eles forneciam à resistência vias penetrantes de elevado valor tático e estratégico. Em conjunto com as vantagens de defesa oferecidas pelo terreno montanhoso, os cursos d'água, com seus traçados e dimensões sazonais, dificultavam a aproximação de tropas não ambientadas às condições intrínsecas.

Da equipe, o único homem neófito na região da Bela Adormecida era o soldado Honorato. Os outros militares conheciam muito bem a área. Inúmeras vezes haviam participado de patrulhas para a retirada de garimpeiros e suas balsas dos igarapés circunvizinhos.

Ouro, pedras preciosas e uma infinidade de minérios afloravam à terra na área. A generosidade dos veios atraia aventureiros de todos os cantos do país. Eles vinham seduzidos pelas fortunas instantâneas bateadas por outros garimpeiros. A região, considerada de acesso proibido por constituir reserva mineral estratégica, foi colocada sob a guarda das forças armadas até ser transformado em área administrada por um consórcio de interesses privados.

Nada afugentava os garimpeiros. Burlando limitações legais, eles invadiam os igarapés formando, da noite para o dia, pequenas cidades improvisadas sob os toldos multicoloridos das balsas.

Com técnicas rudimentares de garimpagem, quase sempre desprezando o meio ambiente, os garimpeiros poluíam os rios com mercúrio, degradavam nascentes e geravam atritos com as comunidades indígenas.

Usando pequenos igarapés Ramos planejava contornar, em segurança, São Gabriel da Cachoeira e conduzir Marcos André até o ponto de desembarque marcado no croqui recebido do contato. À partir deste ponto Marcos e Coparra deveriam desembarcar, iniciando a caminhada para a base da força de resistência.

A movimentação de aeronaves nas imediações de São Gabriel da Cachoeira era muito intensa. Mesmo passando ao largo, os homens a perceberam.

Interrompido diversas vezes, o deslocamento da voadeira teve de ser realizado com cautela. Buscando não ser avistado, o grupo passou a navegar sob a copa das árvores, perto das margens.

Helicópteros varriam os rios da região, abordando embarcações suspeitas e cadastrando comunidades ribeirinhas.

Em diversos trechos o igarapé se revelou raso demais para o uso do motor de popa, obrigando os homens a desembarcar e empurrar a voadeira. Imensos igapozais, com águas na cor do café, ligavam os estreitos cursos d'água, testando a paciência e o conhecimento da área.

Chegando ao veio de esmeraldas, conhecido por Fenda da Anta, o grupo

desembarcou. Aquele era o local indicado no croqui. A rachadura com duzentos metros de profundidade e meio quilometro de extensão, rasgava a base rochosa da grande montanha.

No precipício, escondido da observação aérea graças à vegetação e ao movimento de inclinação negativa da encosta, mergulhavam, lado a lado, os jorros d'água de dois igarapés. Formando cachoeiras gêmeas.

Curiosamente, depois da queda de duzentos metros a água não originava um lago. Ela simplesmente desaparecia, drenada por entre os cascalhos sempre sedentos que compunham o piso da fenda. Em meio a estes cascalhos pontos verdes chamavam a atenção. Abundantes, as esmeraldas depositadas pela natureza repousavam no abrigo majestoso.

Avisados da aproximação da embarcação pelo barulho do motor de popa, os homens da força de resistência que operavam o ponto guarneceram os postos de segurança. Apesar de conhecer o procedimento, os recém chegados não conseguiram localizar os postos. A camuflagem aliada à escolha correta das posições entregava grande vantagem tática aos defensores.

Depois de abordados pela segurança local para troca de senha e contra senha, Marcos André e Coparra se despediram dos demais integrantes da patrulha. A partir daquele momento seus destinos trilhariam caminhos independentes.

CAPÍTULO 72

De volta a voadeira, os homens redistribuíram a carga, aumentando a estabilidade da embarcação. Sarmento assumiu a condução do motor de popa, recortando o intrincado mosaico hídrico até o anoitecer.

Próximo à comunidade de Tapuruquara, muitos quilômetros abaixo de São Gabriel da Cachoeira, a voadeira tornou a navegar pelo Rio Negro. Poucos minutos depois da reentrada no Rio Negro, Ramos encontrou o ponto de reabastecimento indicado no croqui. Era a última informação registrada no documento.

Recebidos combustível e gêneros alimentícios a patrulha seguiu no deslocamento.

Navegando dia e noite, com paradas apenas para satisfazer os chamados da natureza, a patrulha desceu o rio sem encontrar obstáculos. Utilizando a farinha de mandioca e a carne de sol repassadas pela força de resistência, os homens embarcados prepararam chibé para as refeições.

O preparo do chibé consistia em um punhado de grãos da farinha grossa misturado à pequenas tiras do charque, ambos umedecidos com a água do rio, a

temperatura ambiente. O inchaço da farinha indicava o momento certo para o consumo. Sem fogo ou panelas, o costume dos nativos de preparar o chibé na própria mão atendia bem às necessidades da patrulha.

No final da segunda noite Ramos indicou a margem esquerda para o cabo Mário que pilotava a embarcação. Ainda navegavam no Rio Negro, quilômetros acima do encontro das águas deste com o Rio Solimões. Por precaução, daquele ponto em diante seguiriam por terra até Manaus. Seria mais fácil a infiltração se a chegada ocorresse pela mata e a abordagem através da periferia da cidade.

Os dias embarcados ajudaram na cicatrização das assaduras. Sarmento estava aparentemente recuperado. Os ferimentos e a malária foram superados pelo envolvimento com a situação e os cuidados apropriados. Devidamente autorizado por Ramos, o sargento iniciou a marcha conduzindo uma mochila com meia carga.

Evitando as trilhas, a equipe seguiu por entre a vegetação. A passada era mais lenta, motivada pela possível presença de patrulhas inimigas. Também ali, os gritos das turbinas habitavam as alturas. Mostrando em seu excesso o volume anormal de tráfego aéreo, na maioria de origem militar.

Podendo progredir durante a noite, com facilidade e segurança, graças ao uso dos capacetes capturados, a patrulha evitou paradas demoradas para pernoite. Cumprindo ciclos com uma hora de descanso a cada quatro horas de marcha, os homens encontravam o repouso recuperador na medida exata da necessidade.

Tanto ficara para trás nos últimos dias e tão incerto era o futuro próximo que cada um dos militares ansiava o movimento, pois só assim venceriam a tendência à imobilidade, à estática do instinto de preservação intrínseco ao Homem.

CAPÍTULO 73

Identificado o bairro que serviria de acesso à Manaus, Ramos mandou o cabo Mário realizar o reconhecimento. Antes de partir, o cabo trocou a farda por roupas civis, comuns à região, conduzidas até o momento na mochila. Sem armamento algum e depois de tomar banho de igarapé, Mário seguiu para a comunidade.

Sentados nos altos galhos de árvores vizinhas, os patrulheiros aguardavam o retorno do companheiro. Sarmento e De Paula formavam uma das duplas, empoleirados eles dividiam a tarefa de vigilância alternando-a com a difícil missão de manter o equilíbrio durante o sono.

Na outra árvore, Honorato olhava para as bolhas de sangue formadas na

mão direita. Elas dificultavam o movimento de abertura e fechamento dos dedos. Eram resultado das horas de escavação que sucederam a partida do cabo para o reconhecimento. Nos buracos abertos foram guardados os fardamentos, armamentos e demais fardos de toda a equipe.

Na tentativa de retardar a ação do meio ambiente todo o material foi impermeabilizado. O armamento recebeu uma camada extra de lubrificante, antes de ser acondicionado nos sacos de plástico.

- Está doendo muito? – Perguntou Ramos, notando a preocupação de Honorato com as mãos.

- Ôh tenente, pensei que o senhor tinha conseguido dormir!

- Me deixe ver suas mãos!

Honorato inclinou o corpo para o lado, tentando aproximar a mão do galho onde estava Ramos.

- É rapaz, temos umas bolhas de respeito aí! Evite estourá-las.

- Sim senhor.

- O que você gostaria de fazer, agora que chegamos à Manaus? - perguntou Ramos, enquanto retirava a sujeira entranhada sob as unhas da mão com uma farpa de madeira.

- Não sei tenente. Acho que gostaria de poder ver minha família, saber se eles estão bem.

- E o senhor?

- Talvez o mesmo, se eles morassem por aqui.

CAPÍTULO 74

No retorno do reconhecimento, Mário relatou para os companheiros as condições encontradas.

- A rotina das pessoas parece inalterada. Não há indícios de patrulhamento ostensivo por parte das forças interventoras. Aliás, nem parece ter ocorrido uma invasão. Os ônibus e táxis estão circulando normalmente. As lojas estão abertas e o povo andando na rua.

Existem roçados, pequenas plantações feitas além dos quintais das casas da periferia do bairro, que facilitarão a nossa saída de dentro da mata. Passando por eles, chegaremos às ruas sem chamar a atenção. Muitos homens e mulheres transitam por ali, tratando do plantio de mandioca, frutas e verduras.

- Puxa vida! Então vai ser moleza! - festejou Honorato.

- Nem tanto. O fato de não ser ostensiva não quer dizer que a vigilância inexista. Devem haver olheiros pó aí. - observou Ramos.

- Mas nós reconheceríamos, de cara, um gringo branquicela de dois metros

sentado na esquina fingindo ler um jornal! – comentou Mario.

- Exato guerreiro, e eles sabem disso. Nosso inimigo não é amador, se você pensar assim tornará as coisas mais fáceis para ele. – alertou Ramos.

A advertência incitava o grupo a ser mais cauteloso.

- Pessoas da própria localidade podem estar prestando estes serviços. - completou Sarmento.

- Exatamente Sarmento. Simpatizantes à causa ou oportunistas interessados em amealhar alguns dólares, podem estar sendo utilizados para estes e outros fins. Devemos ser cautelosos. – concluiu o oficial.

- E agora, o que vamos fazer? - perguntou o cabo Mário.

- Três semanas. É o quanto terão de tempo para verificar as condições de seus familiares e arrumarem condições para operar isoladamente. Quero vocês trabalhando na informalidade e com um canto para morar até o próximo contato. É possível haver vigilância nas casas de vocês, não se esqueçam disso. Mário trabalhe e more no setor sul da cidade. Honorato faça o mesmo no setor norte. De Paula, setor oeste. Sarmento, leste. Eu ficarei pelo centro. De Paula e Honorato, dia vinte e cinco às onze horas nos encontraremos na Ponta Negra, como banhistas, em frente ao bar “O amarelinho”. Sarmento e Mário conhecem aquele campo de futebol lá do distrito industrial?

- Conheço! – disse Sarmento.

- Aquele perto da distribuidora D.L. tenente? - confirmou Mário.

- Exatamente! Nos encontraremos lá para uma pelada. Dia vinte e sete às dezoito horas.

- Mas a essa hora o lugar fica lotado! Vamos ficar de fora uma eternidade esperando a vez. - É essa a idéia Mário. Nada mais natural do que as conversas de beira de gramado à espera da vez.

- Entendi tenente.

- Prosseguindo; dia, local e hora alternativos: Vinte e oito, no terminal rodoviário do centro. No ponto da linha para São Raimundo, às quatorze horas. Ok?! Até lá, sejam ouvidos e olhos, pensem e hajam como caçadores e não como caça. – recomendou Ramos.

- O senhor acha, então, que nós não devemos falar com nossas famílias? Apenas espiar, para saber se está tudo bem? – perguntou Honorato com um ar de lamentação na voz.

- Não Honorato. Você pode falar com a sua família. Apenas tome as precauções necessárias, seja discreto, e imagine que provavelmente eles estejam sendo monitorados.

- Hum, sim senhor.

O dinheiro da equipe foi reunido e repartido entre os integrantes.

Ramos foi o último a alcançar as ruas. Começava a anoitecer e uma chuva fina caía, quando ele entrou no ônibus.

CAPÍTULO 75

- Mais um sanduíche, por favor!

- Queijo e presunto novamente? - perguntou o garçom.

O freguês, entretido com as imagens na tela do computador, apenas balançou afirmativamente a cabeça. Misto de lanchonete e local para acesso à internet, o lugar estava sempre cheio de pessoas ocupadas demais para olhar para outras ou para o que comiam.

Retornando do balcão o garçom deixou na mesa, ao lado do computador, uma cesta de palha contendo o sanduíche pedido.

- Mais alguma coisa senhor?

- Não, obrigado.

Ramos acompanhou com o olhar a ida do garçom até a outra mesa, onde um casal acabara de se acomodar. Depois de morder o pão francês crocante, recheado com fatias de queijo, presunto, tomate, folhas de alface e uma pitada de orégano, ele voltou à leitura.

Navegando pela internet, visitando páginas de agências de notícias nacionais e internacionais, foi possível tomar conhecimento de parte dos últimos acontecimentos. Notícias recentes ou de dias, semanas atrás, todas tinham importância.

Havia discrepância entre os fatos narrados pelas agências nacionais e as estrangeiras. De qualquer maneira, a essência era a mesma: O Brasil havia perdido a soberania sobre quarenta por cento de seu território. Uma força de intervenção, liderada pelos Estados Unidos da América e China, agora respondia pelos interesses locais.

Frente a ameaças de retaliação militar e possíveis embargos, o governo brasileiro resolveu buscar a solução para o caso por meios pacíficos, através de recursos junto à ONU. Isentando-se, porém, por completo da responsabilidade sobre quaisquer ações de resistência.

Dentre as autoridade brasileiras a única voz discordante parecia ter sido a do ministro da defesa. Ele sustentara durante todo o processo a adoção de medidas severas para dificultar o controle por parte dos invasores.

Em diversas entrevistas e pronunciamentos o ministro conclamava o povo e as forças armadas a reagirem. Defendendo inclusive ações terroristas como meio de retaliar os inimigos. Mas sua opinião foi posta de lado e prevaleceu a conduta mais condescendente voltada a solução por meios diplomáticos.

Olhando nos arquivos dos dias subseqüentes à intervenção, Ramos encontrou um texto comum. Divulgada em várias línguas, a cópia da nota à imprensa distribuída pelo governo brasileiro correra o mundo. Na nota ficava claro que, apesar do repúdio à tamanha agressão a soberania de um país reconhecidamente pacífico, o Brasil não se utilizaria de meios violentos. A nota terminava concitando o povo brasileiro, povo digno, ordeiro e pacato, a manter a calma e aguardar a solução da questão pela justiça do Homem, sob a salvaguarda de Deus.

Entre uma página noticiosa e outra, Ramos visitava sites dos mais variados assuntos. Objetivando não evidenciar assunto específico de pesquisa, dificultando a ação de programas destinados ao monitoramento de redes que pudessem estar ativos na máquina ou nos provedores.

Por precaução, antes de ir embora, Ramos se aproveitou do fraco sistema de segurança da rede local e da própria configuração amadora do computador para apagar localmente os vestígios de sua navegação.

Na manhã seguinte os jornais estamparam nas manchetes o resultado de ações da força de resistência. As matérias relatavam baixas nas tropas das forças de intervenção em São Gabriel da Cachoeira, Belém e Boa Vista, exaltando a competência dos heróis desconhecidos, responsáveis por tais ações. “As onças voltam a atacar.” Dizia uma das manchetes. Aparentemente, não havia censura ou qualquer outra medida capaz cercear a liberdade da população local.

Apesar de todo o barulho feito pela imprensa, nas áreas sob controle das tropas estrangeiras somente a intensa movimentação aérea podia ser apontada como alteração de rotina. No mais, as vidas seguiam a normalidade.

Nos bares e botequins, ouvia-se comentários de pessoas satisfeitas com as perspectivas de desenvolvimento da Amazônia sob a nova administração. Poucos demonstravam insatisfação.

A simpatia da população local estava sendo conquistada. A campanha informativa, conduzida pela força de intervenção, alcançava o povo em suas carências. Administração sem corrupção, acesso à educação de boa qualidade, compromisso com o social, promessa de vertiginoso aumento da renda per capita em curto espaço de tempo.

Canais de televisão, em português, dedicados a divulgar informação e entretenimento de melhor qualidade foram criados. Em uma semana Ramos viu surgir mais dois.

As escolas estavam sendo reformadas. Operários, contratados com salários muito acima da antiga média nacional, trabalhavam madrugada adentro, de maneira a não interferir no andamento do ano letivo.

Nas escolas, já prontas, computadores, rampas para deficientes físicos,

bibliotecas, enfermarias e auditórios, passaram a fazer parte da estrutura de ensino. Mas não ocorreu apenas o investimento em material. Todos os dias chegavam no aeroporto novos professores, eles vinham de outras regiões do Brasil, atraídos pelos bons salários.

Estavam acontecendo reestruturações no sistema de saúde. Apesar do curto período de tempo, algumas das ações implementadas começavam a surtir efeito positivo junto à opinião pública.

A população manauara estava entre o céu e o inferno. Alguns sentiam vergonha por aspirar as benfeitorias prometidas pelos estrangeiros. Estes se achavam traidores da pátria, mercenários, não merecedores do sangue, outrora derramado em defesa do mesmo pedaço de terra, por tantos heróis anônimos. Envergonhados, eles faziam o possível para não tomar conhecimento das ações desencadeadas pela força de resistência, que apesar de não reconhecida pelo governo brasileiro atuava em várias frentes.

Outra parcela da sociedade despiu-se completamente do passado. Negando suas origens, esta parcela estava resoluta em tirar o máximo de vantagem do presente. Criticava ferrenhamente as ações da resistência e, em alguns casos, colaborava ativamente com os invasores.

Um terceiro posicionamento era comum àquelas pessoas de vida dupla. Encenando total concordância com a nova administração, colaboravam com a resistência fazendo parte da força de sustentação ou da força subterrânea.

Na força de sustentação, as pessoas ajudavam transportando clandestinamente pessoal e material, prestando apoio médico, ocultando materiais, fornecendo suprimento para agentes avançados ou montando e operando redes de apoio à fuga e evasão.

Colaborando com a chamada força subterrânea, os voluntários buscavam infringir baixas, dificuldades ou danos aos invasores. Eram os responsáveis por ações de sabotagem e terrorismo.

Suspeitando de possível vigilância sobre os militares desaparecidos desde a intervenção, Ramos evitou movimentar a conta bancária. Pelo mesmo motivo adotou nome falso, deixando crescer a barba, aparando-a na forma de cavanhaque. Conhecia os procedimentos, buscaria contato com alguém ligado à resistência quando a situação permitisse.

Também estava descartada a ida até os órgãos do governo brasileiro, ainda ativos em Manaus, pois isto o tornaria carta marcada.

Para se manter, Ramos prestava pequenos serviços, compactuando com a informalidade do mercado de trabalho, ele aceitava qualquer ocupação remunerada. Carregador, chapeiro de lanchonete, faxineiro, sempre em lugares onde um teste e o nome bastassem para a contratação. Nas horas restantes do dia,

estudava os movimentos dos estrangeiros na cidade.

CAPÍTULO 76

Eram seis horas da manhã, Ramos e o motorista faziam a última entrega. Descarregando fardos com os jornais do dia e arrumando-os na calçada ao lado do caminhão. A entrega dos exemplares às bancas de quase metade da cidade permitia o trânsito por vários bairros sem despertar suspeitas. As vantagens do serviço fizeram Ramos mantê-lo por mais de uma semana.

Enquanto o dono da banca de jornais e o motorista conferiam a entrega, um homem se aproximou.

- Bom dia Zé!

- Oba, tudo bem? Vai o de sempre?

- Isso! Hoje tem caderno de classificados, não é mesmo?

Aquela voz Ramos conhecia. Ele acabou de fechar as portas do compartimento de carga do caminhão e se dirigiu para onde estava o motorista. O freguês, dentro da banca, olhava as revistas expostas.

- Valeu mano. Hoje fico por aqui, até amanhã às duas. - disse Ramos ao motorista, dando dois tapinhas em suas costas.

Ramos entrou na banca e se postou ao lado do freguês. Os dois permaneceram em silêncio, manuseando diferentes revistas, até a partida do caminhão.

- Tudo bem, podemos falar. O Zé está conosco. - falou o homem.

- Mundo pequeno hein!? - disse Ramos sem desviar o olhar da revista.

- Pensavam que vocês estavam mortos. Quando o pessoal de Gabriel informou que estavam vivos e descendo em direção a Manaus houve muita felicidade em nossas fileiras. Há dias existe um mandado de busca para você. O pessoal grande quer te ver.

- Sofri pesadas perdas, os integrantes de minha equipe que sobreviveram estão aguardando novas instruções.

- Eu as tenho aqui. - ao falar isso, o homem apontou para uma das revistas.

- O que os peixes grandes querem comigo? – perguntou Ramos.

- Isso eu não sei, ninguém descobriu. Talvez alguma informação, resultado da sua missão. Ou, quem sabe, tenham uma outra missão para a qual você seja o mais qualificado.

- Como sabia que eu estaria aqui?

- O Zé nos informou. Já te disse, existe uma busca por você. E é das grandes. Leia as instruções, vai saber o que fazer. Lembre-se: “A sorte acompanha os audazes.”

Depois de comprar jornal e revistas o homem seguiu caminhando pela rua, misturado aos cidadãos comuns que iniciavam mais uma jornada de trabalho.

As cigarras cantavam sem parar, anunciando, das arvores da praça vizinha à banca, o dia quente por vir.

- Vou levar estas duas.

Ramos pagou as revistas, indo para o ponto de ônibus do outro lado da praça. Ainda estava surpreso. Não tanto devido ao contato, mas sim por rever o major Adauto. Os dois se conheceram na Academia Militar. Adauto era um dos tenentes instrutores. Comandava o quarto pelotão de cadetes do terceiro ano do curso de infantaria, entre os seus subordinados estava Ramos.

A amizade entre os dois foi além dos portões da Academia Militar. Serviram juntos na mesma unidade de fronteira. O aspirante Ramos comandara um Pelotão de fuzileiros na Companhia liderada pelo recém promovido capitão Adauto.

CAPÍTULO 77

Nos encontros com os homens da patrulha Ramos repassou as instruções recebidas.

A exceção do De Paula, todos comporiam células urbanas da força principal de resistência. Guiariam ações da força subterrânea. Orientando civis na execução de sabotagens.

De Paula deveria retornar à mata. O croqui entregue pelo Ramos indicava o local onde estaria o contato que conduziria De Paula ao estacionamento da companhia de fuzileiros de selva à qual ele passaria a integrar.

Àquela altura, os cinco já sabiam que nos momentos anteriores à chegada das tropas estrangeiras manobras realizadas pelo Comando Militar de Área retiraram os comandos e as tropas não empenhadas, de imediato, para posições fora da área de resistência. Na mesma ocasião ocorreu a retirada dos familiares de militares.

Quando as forças estrangeiras chegaram, os quartéis estavam desertos, as tropas haviam cerrado para o interior da selva. A única unidade militar mantida em funcionamento, quase normal, foi a sede do Comando Militar da Amazônia. Ali oficiais generais, políticos, advogados e jornalistas trabalhavam dia e noite, quase sem descanso. No que eram acompanhados de perto por observadores e fiscais enviados pela Organização das Nações Unidas.

No primeiro dos contatos, o realizado a beira da praia de rio na Ponta Negra, Ramos repassou as ordens para De Paula e Honorato. O sol estava forte e os três tomavam uma cerveja enquanto conversavam. Por todo lado havia

banhistas e pessoas empenhadas em se divertir.

- E o senhor tenente? - perguntaram, quase ao mesmo tempo, De Paula e Honorato.

- Recebi instruções para seguir até Brasília. Querem alguma coisa comigo, ainda não sei o que é. Viajo em breve.

- Sabe onde vai se apresentar? - questionou De Paula.

- Não, receberei esta informação de um contato durante o vôo.

Dois dias depois, as mesmas questões foram colocadas por Mário e Sarmento, durante o encontro no campo de futebol.

Após jogar uma partida, Ramos, Sarmento e Mário sentaram na lateral do campo para recuperar o fôlego. Enquanto aguardavam a vez para jogar novamente, conversavam mais um pouco. Os calções estavam encharcados de suor.

- Estou bem mais tranqüilo! Com a minha família fora daqui posso trabalhar em paz. - disse Sarmento para Ramos.

- Sei como é. - Ramos fez uma pausa. Recolocando o calçado, voltou a falar. - Sabe quem está na área? O Adauto!

- Eu imaginei que ele não iria agüentar ficar de fora.

Mário sacudiu a cabeça em concordância ao diálogo dos superiores. Os dias fora da mata foram suficientes para ele recuperar, com sobras, os peso perdido.

- Eu, se fosse o senhor, não iria para Brasília! – advertiu Mário, surpreendendo Ramos.

- Por que diz isso Mário? – perguntou o oficial.

- Estou com um pressentimento estranho.

- Que nada campeão, vai dar tudo certo. É cansaço do jogo. Também estou meio fora de forma. – brincou Ramos, tentando descontrair.

- É melhor ouvi-lo tenente! Na véspera de sermos atacados ele veio com esse papo e eu pensei ser corda negativa. - recomendou Sarmento.

−Bom, sendo assim redobrarei os cuidados. Vamos jogar mais uma? – propôs Ramos.

CAPÍTULO 78

O Aeroporto Internacional de Manaus estava mais movimentado do que de costume. Era estranhamente grande o número de turistas chegando a cidade. Quando o esperado, pelo bom senso, seria o afastamento de uma área sob intervenção militar. Mas toda a polêmica a respeito da Amazônia despertou a curiosidade de pessoas dos mais longínquos lugares do planeta.

Com a passagem e os documentos fornecidos no contato com o major Adauto, Ramos embarcou sem problemas. O vôo com destino a Brasília pousara em Manaus vindo de Miami.

Nos primeiros minutos dentro da aeronave Ramos identificou quem o contactaria. Tranqüilo, ele se acomodou no assento indicado pelo cartão de embarque, afivelando o cinto de segurança.

No corredor da aeronave, os comissários de bordo seguem o protocolo para embarque dos passageiros.

- O que foi Kate? Você parece ter visto um fantasma! – Perguntou Márcia.

- Não foi nada. Acho que vou ficar menstruada, só isso Márcia. – justificou Kate.

- Tem certeza de que está tudo bem? – Insistiu Márcia.

- Tenho. Obrigada, amiga.

Kate de March reencontrava o homem responsável pelo seu recrutamento e treinamento inicial. Ela alimentava por aquele homem uma paixão silenciosa, mais forte que a sua vontade, porém ainda não correspondida. A voz, os pêlos do peito, as pernas musculosas, as opiniões, quase tudo em Ramos despertava admiração e desejo em Kate.

Mesura involuntária do instinto animal, a comissária prosseguia nas atividades de preparação para a decolagem sentindo a umidade a brotar-lhe. A pele do rosto ardia com o calor de mil brasas.

Durante o vôo, Kate entregou ao Ramos um pequeno envelope plástico preso a uma barra de cereais. Mesmo estando claro que o passageiro do assento marcado era o contato, ela fez questão de seguir o procedimento padrão de segurança, trocando senha e contra senha antes de fazer a entrega.

No quarto de hotel, o envelope foi retirado do bolso interno da jaqueta. Havia um papel fixado externamente por meio de fita gomada. Ramos o descolou, com cuidado para não rasga-lo. Aquele papel preso ao envelope causou estranheza, não era usual encontrar mensagens fora da área lacrada. Muito menos, fora do cartão inteligente onde o conteúdo recebia o tratamento criptográfico conveniente.

O papel trazia as inscrições P. do B. e um número de telefone.

- Mas que maluca! Murmurou Ramos, rasgando o papel e jogando os pedaços na privada depois de decorar o número.

P. do B. eram as iniciais de perereca do brejo, codinome provisório usado por Kate nos primeiros contatos depois do recrutamento. Ramos o criou como forma de implicar com a jovem irrequieta.

Para Ramos, imaginar o que poderia acontecer ao ligar para a Kate e marcar um encontro, foi o suficiente para iniciar uma enxurrada de hormônios.

- É, não seria uma má idéia... - resmungou ele, passando à abertura do envelope.

A libido teria de esperar, outra vez. Novas instruções lidas no visor de uma máquina fotográfica digital, devidamente preparada para esta função, designavam os detalhes para apresentação do tenente à autoridades militares. O tempo até o compromisso agendado permitia, no máximo, banho e refeição.

Ramos tomou o banho, partindo em seguida, a pé, para o local da apresentação. A caminhada por Brasília, atravessando avenidas e calçadas de um contorno urbano inteligentemente planejado, serviu para realçar o contraste social do momento brasileiro. A visão de homens e mulheres cortando apressados as ruas e a presença em uma realidade tão diferente da vivida por ele, até dias atrás, levou Ramos divagar enquanto caminhava.

CAPÍTULO 79

O endereço era de um estabelecimento comercial. Seguindo as instruções, Ramos entrou no elevador localizado ao lado do balcão de informações do saguão. Um homem operava os botões, atendendo aos pedidos de parada nos andares do prédio.

Depois da saída das outras pessoas, Ramos perguntou ao ascensorista se ele conhecia o andar dos sonhos. Depois da resposta à pergunta com a mensagem predeterminada, o elevador iniciou uma longa descida. O movimento começou sem que nenhum dos botões do painel de controle fosse pressionado e não foi acompanhado pelo mostrador de andares. Este continuava a indicar o segundo piso, sugestionando estar parado o elevador.

Recebido por dois militares fardados, Ramos foi conduzido a algo parecido com uma sala de reuniões.

Os ambientes percorridos eram amplos, repletos de painéis digitais nas paredes e computadores sobre balcões de vidro. Tudo muito limpo e arrumado. Havia civis trabalhando ali, ou pelo menos militares que assim como ele estavam à paisana.

Uma vez na sala, os dois militares prestaram continência e se retiraram. Enquanto aguardava, Ramos aproveitou para bisbilhotar alguns dos documentos achados sobre a mesa ovalada, disposta no centro do cômodo. Entre outras pastas, estava a intitulada “Perfil Profissiográfico Tenente Ramos”.

A porta foi aberta e quatro pessoas entraram. Dois oficiais generais, um coronel e um civil, o Ministro da Defesa.

- Selva! Primeiro Tenente Ramos do Comando Militar da Amazônia! - apresentou-se Ramos, tomando a posição de sentido.

- Apresentado! Vamos nos sentar. - disse o Ministro, apontando para a mesa.

- Deve estar curioso para saber o porquê foi chamado aqui e por qual motivo somos nós a sua comitiva de boas vindas, não é mesmo? - era o general comandante da força terrestre, ele falava com dificuldade. Uma tosse seca insistia em interrompe-lo. Aparentava estar bastante gripado.

- Sim senhor.

- Você é um jovem oficial com uma carreira sem igual! Tem um futuro muito promissor. - enquanto falava, o general folheava a pasta anteriormente vista por Ramos, destacando alguns dos detalhes nela descritos. Depois de uma pequena pausa ele desviou o olhar do documento encarando o subordinado.

Ramos estava curioso para saber o motivo de tanta firula, ele achava difícil se habituar à toda aquela rasgação de seda. Era um soldado, não precisava ter o ego massageado para cumprir o dever.

Então, o General voltou a falar:

- E acima de tudo você é um patriota. Por isso, sabemos que entenderá o quanto importante é o seu papel para o futuro do Brasil e da própria humanidade.

Ouvindo essas palavras, ditas pelo General Comandante, Ramos teve de conter a vontade de rir. Apesar da seriedade do momento, a fala do superior beirava o ridículo, parecia ter sido extraída de um folhetim barato de aventura. Ainda mais ao supor que ele poderia alterar de alguma maneira os destinos da humanidade.

Mas o General, alheio aos pensamentos de Ramos, continuou seu discurso.

- Desde a assinatura do protocolo de Manaus estamos desenvolvendo um projeto ultra-secreto de retaliação a possíveis agressores da Amazônia por meio de agentes biológicos. Por questões de segurança nacional nós mantivemos as informações restritas a um pequeno grupo de militares e cientistas. Nem mesmo o Presidente da República tomou conhecimento deste projeto. Achamos melhor preservá-lo.

O General fez uma pausa, limpou a garganta e prosseguiu.

- Em linhas gerais, o agente biológico desenvolvido por nós visa incapacitar tanto os combatentes quantos os civis a eles relacionados. Assim, rapidamente a opinião pública dos países participantes de atos contrários à nossa soberania se voltará contra o prosseguimento das ações de intervenção.

A vontade de rir desapareceu. Ramos atento às informações passadas pelo general, tentava encontrar um ponto de ligação dele com o projeto descrito.

O comandante do exército continuava a falar com aparente orgulho do exposto.

- Faremos a população destes países acreditar que uma doença foi trazida

das matas pelos militares envolvidos na força de intervenção. Originando questionamentos no âmbito interno das sociedades. Vendo seus filhos e parentes adoecerem, sofrendo em casa, devido ao mal trazido de uma terra distante, a população se tornará contrária à continuidade das ações militares. Ganharemos a guerra dentro das casas dos nossos inimigos. – encerrou o general, fazendo uma pausa para tossir.

- E o melhor, sem o comprometimento da imagem institucional do nosso país. Entraremos para a história como país que mesmo covardemente agredido, soube manter a postura pacífica e diplomática. - complementou o Ministro da Defesa enquanto o general tossia.

- E para que os senhores precisam de mim? - perguntou Ramos.

Os homens sentados à mesa entreolharam-se. A pausa até a resposta suscitava centenas de possibilidades à imaginação do Ramos. Quebrando o silêncio, o General Comandante do Exército continuou:

- Precisamos de você aqui, conosco. Isolado, em segurança.

- Segurança do que general? – perguntou Ramos, franzindo a testa.

- De você mesmo. O General Médico aqui vai lhe explicar melhor.

O outro general, até o momento calado, olhou para o Ministro, confirmando a autorização para tomar a palavra.

- Ramos, você se lembra de quando esteve doente?

- Sim senhor.

- A sua doença era causada por uma forma de vida quase viral, totalmente desconhecida pelo homem. A estrutura e a maneira de agir desta forma de vida singular foram estudadas por nós, culminando na sua cura. No entanto os estudos não pararam por aí. Foi vislumbrada a possibilidade de trabalharmos com o código genético humano e a genial simplicidade e adaptatividade daquele novo organismo.

Os olhos do General Médico brilhavam ainda mais do que os do orador anterior, pensou Ramos. O especialista continuava sua explanação:

- Provavelmente, aquele é um organismo pré-histórico conservado inalterado devido às condições únicas da Floresta Amazônica. Nosso objetivo era criar a arma de guerra definitiva. Como resultado, temos hoje um agente biológico perfeito. Ele é capaz de causar, de maneira controlada, desde os sintomas nativos, iguais aos experimentados por você, até distúrbios neurológicos que levam a vítima ao suicídio ou à morte por hemorragia cerebral. Variando os estímulos podemos variar os sintomas nas pessoas infectadas. Possuímos dezenas de possibilidades testadas e catalogadas, prontas para o uso.

- Entendo senhor, mas para que precisam de mim? Já não pegaram no meu sangue o tal vírus? – Perguntou Ramos, tentando não transparecer o

constrangimento com os fatos narrados.

- Quando eu atribuí às suas caminhadas pela mata a descoberta deste organismo, deixei de fora um detalhe importante. De alguma maneira, que nós não sabemos explicar, o seu sangue, mais precisamente o seu código genético, se fundiu ao do organismo. Em termos científicos, você hoje é uma entidade biológica diferente do resto da humanidade. E foi justamente esta particularidade a chave para as descobertas feitas pela nossa equipe. Mas não se assuste com essa estória de ser diferente! Até onde sabemos está tudo bem com sua saúde. – disse o General Médico.

- Se entendi direito, não devo sair daqui, pois há possibilidade de contaminar outras pessoas? Mas como deixaram eu circular livremente até agora, e os senhores não estão correndo risco ao ficar próximo?

O Comandante do Exército deu uma gargalhada, voltando a tossir. Em seguida, limpou a garganta, passando a responder as dúvidas do tenente.

- Ramos, não é nada disso! Vou tentar ser mais objetivo. Queremos mantê-lo em segurança porque você representa uma ameaça para o projeto. No seu sangue existe a resposta para cada combinação criada por nós. Em mãos erradas, uma amostra do seu sangue pode colocar por terra toda nossa estratégia.

CAPÍTULO 80

Depois da reunião com o Ministro da Defesa e demais autoridades, Ramos foi escoltado até o alojamento onde deveria permanecer até determinação contrária.

Ao entrar no recinto e dar as costas para a porta ouviu o som da fechadura sendo acionada. Não se tratava de um local para descanso, era sua cela. Deitado na cama, ele refletiu durante horas.

Apesar de não ter feito nenhum comentário com os superiores, o tenente discordava da manobra encontrada para reaver a soberania sobre a Amazônia. Atingir milhões de civis inocentes estava longe de ser uma escaramuça militar. Era covardia, um crime sujo, cometido em nome de valores diminutos quando comparados à vida.

- Eles cometeram um erro. Não deveriam ter me contado nada. - Pensou Ramos.

No dia seguinte, ainda durante o café da manhã, Ramos se mostrou muito bem disposto no cassino dos oficiais. O general comandante do Centro de Operações o convidou para sentar à mesa do comando.

- Como foi a noite tenente? Está precisando de algo no alojamento?

- Foi ótima, aqui é muito silencioso. Gostaria apenas que não trancassem a

porta, afinal posso ser útil ao senhor e ao Centro.

- Também achei estranha a ordem de manter a sua porta trancada durante a noite, no entanto ela me foi passada pessoalmente pelo Comandante do Exército. Deve objetivar te proteger de um possível espião infiltrado aqui no Centro. Afinal de contas, pica fumo, você é tropa amiga.

Ramos sorriu para o oficial, balançando a cabeça afirmativamente e elevando as sobrancelhas.

- Mas não se preocupe. Enquanto estiveres acordado pode circular pelo Centro a vontade.

- Sim senhor. Obrigado.

CAPÍTULO 81

Os dias foram sendo deixados para trás. Para alguém enclausurado no subterrâneo, apenas o relógio e a troca de turno dos operadores diferenciavam as jornadas.

Ao final de um mês, Ramos estava íntimo de praticamente todas as equipes do Centro. Prestava pequenos favores, assumia responsabilidades para facilitar folgas, operava máquinas copiadoras, redigia documentos, preparava junto da equipe do rancho algumas guloseimas para serem consumidas nos intervalos entre as refeições e ainda ouvia os desabafos de alguns dos novos amigos.

Grande parte do tempo era dedicada à conversa com os militares responsáveis pela segurança do Centro. Com eles Ramos discutia sobre armamentos e técnicas especiais, aproveitando para sondar falhas de formação profissional ou de caráter.

Toda a informação de que precisava foi pouco a pouco caindo em seus braços. Teve acesso às plantas do Centro, ao planejamento detalhado das ações de transporte e liberação das armas biológicas e aos métodos alternativos desenvolvidos. Tudo sem despertar suspeitas.

Enfim a oportunidade surgiu. O capitão responsável por elaborar a escala de serviço da guarda ao Centro estava com um forte resfriado. A febre alta dificultava o trabalho, mas havia a necessidade de entregar, antes da troca de turno, a escala de serviço da próxima semana. Ramos se prontificou a ajuda-lo na tarefa. Preparou a escala exatamente nos parâmetros desejados pelo capitão. Encaixando, porém, os homens de sua preferência para a guarnição de quarta-feira. Dia previsto, segundo as ordens de serviço, para o ressuprimento de gêneros e material de expediente das seções.

Usando engenharia social e bisbilhotando o movimento de digitação

durante as inserções de permissão de acesso a alguns dos terminais de rede, Ramos obteve senhas para entrar no sistema local. Através dos computadores programou uma descida e subida extras para o elevador do Centro, agendando-as para ocorrer quatro minutos após as dez horas da manhã da quarta-feira.

Na noite de terça, Ramos foi até o alojamento da guarda que assumiria o serviço no dia seguinte. Há semanas, ele cumpria o mesmo ritual. Indo ao alojamento dos militares de serviço para conversar, contar piadas e ajudar na preparação do equipamento.

Fazendo parecer um acidente, Ramos partiu as lentes dos óculos do homem escalado por ele para operar o elevador. O sargento tinha miopia em grau elevado, sem os óculos mal conseguia distinguir a silhueta humana dos vultos das pilastras e pilaretes. Ele havia confessado ao Ramos detestar assumir sua dependência das lentes de correção, apesar disto ficar óbvio dado o aspecto de seus óculos.

No café da manhã de quarta-feira, faltava um dos homens da guarda do dia. Ramos ouviu os comentários dos militares com o oficial responsável pelo serviço. Eles diziam que o sargento não acordou se sentindo muito bem. Ramos deu mais alguns goles no achocolatado e se levantou. Minutos mais tarde ele estava no alojamento da guarda.

- E aí rapaz, o que houve?

- Tenente Ramos, é o senhor?

- Sim sou eu. Cadê o seu óculos?

- É esse o problema. Ele quebrou e eu não trouxe o reserva. Odeio estes miseráveis! Agora se eu sair aqui da cama e começar a andar todos vão perceber, vou ser motivo de risos.

- Talvez não!

- Como talvez não tenente? Eu mal consigo vê-lo!

- Faremos o seguinte: Eu saio daqui, ando lentamente até o cassino, sirvo uma bandeja, coloco na mesa, você toma o café da manhã. Depois caminho até a porta do elevador e espero você entrar. Na troca de postos vou até lá e o acompanho de volta até o alojamento. Ninguém vai perceber nada e você prova a si mesmo que não depende nem um pouco destas lentes miseráveis. Além do mais, uma vez no elevador você não precisa enxergar. Já deve conhecer de cor e salteado a posição das teclas no painel de comando e receberá, como de costume, todas as ordens pelo ponto eletrônico.

- Puxa vida tenente, eu não sei nem como agradecer ao senhor!

- Não me agradeça, estará prestando um serviço a todos nós.

- Então eu vou só trocar de roupa. – disse o sargento, mostrando empolgação.

Andando um passo atrás do Ramos, o sargento conseguiu ir até o cassino, tomar o café da manhã e seguir para o elevador. Quando os dois estavam ao lado da porta do elevador foram interpelados.

- Você não estava doente, militar? Perguntou o capitão responsável por coordenar a troca da guarda.

- Estou melhor senhor, posso tirar o serviço.

- E para que óculos escuro?

- Ele está com conjuntivite, eu recomendei os óculos escuros. Evitam o contágio. Interferiu Ramos, notando a dificuldade do sargento para responder.

- Boa idéia Ramos. Se tiver um tempo de uma passada na minha sala depois do almoço, tenho umas novidades para te contar. E você militar; bom serviço, mantenha-se atento. Hoje é dia de entrega, e nada de tirar esses óculos.

- Sim senhor.

CAPÍTULO 82

Às dez horas da manhã os homens responsáveis pelo ressuprimento do Centro chegaram. Ramos estava conversando com a sentinela ao corredor de entrada quando a porta do elevador foi aberta. Três minutos depois o sistema de vigilância eletrônica teve de ser reinicializado, pois uma falha, de origem desconhecida, estava causando mensagens de erro no programa controlador das imagens digitais captadas pelas câmeras de vídeo. Duas delas direcionadas para o corredor que ligava o Centro ao mundo exterior.

Depois de reinicializado o sistema voltou ao normal. A imagem captada pela câmera do posto de sentinela ao elevador revelou à equipe da sala de operações a ausência do militar de serviço.

- O imbecil do Lima não está guarnecendo seu posto! Chamem ele pelo rádio, quero aquele local coberto agora mesmo! - vociferou o sargento coordenador da sala de vigilância, onde eram exibidas as imagens captadas pelos quatro cantos do Centro.

- Senhor ele não está respondendo. - disse um dos militares da sala, mostrando o equipamento rádio.

- Então vá até lá e veja o que está acontecendo. Será possível, eu tenho de dar ordens para tudo aqui dentro! Cadê a iniciativa? Perguntem ao homem dentro do elevador se está tudo em ordem!

Após um breve dialogo pelo rádio, o soldado comunica ao sargento:

- Sim senhor, nosso homem de serviço dentro elevador disse que não viu nada de estranho. Apenas o sobe desce do pessoal da entrega.

- Eu sei, já ouvi. Não sou surdo! – respondeu o superior.

Eram dez horas e quinze minutos quando o sargento coordenador da segurança foi avisado de que a sentinela do corredor de acesso ao elevador havia sido encontrada desacordada. Seu corpo estava em um dos cantos de parede não coberto pelas imagens das câmeras de segurança.

A cinco quadras daquele Centro, motoristas paravam para permitir a travessia de pedestres. Ramos aproveitou o momento para subir na garupa de uma moto. Encostando a pistola roubada da sentinela na cintura do piloto.

- Perdeu, perdeu. Só quero a moto. Quando o sinal abrir, vai em frente. Qualquer gracinha eu te encho de azeitona playboyzinho. - Ramos falava e agia de maneira a parecer-se com um ladrão qualquer.

Orientando o piloto até chegar em um trecho deserto da estrada de ligação entre Brasília e Belém, Ramos manteve a arma todo o tempo pressionada de encontro ao corpo do motociclista.

Vendo o lugar ermo escolhido pelo assaltante, o dono da moto acreditava haver chegado a sua hora. O carona provavelmente fazia parte de uma quadrilha rival. O homem pensou em tentar reagir, mas a desvantagem era muito grande. O medo o imobilizava. Petrificando os músculos. De dentro do capacete, ele imaginava o criminoso na garupa. Assassino frio, talvez muito mais forte, talvez drogado, pronto para matá-lo. As lagrimas escorriam.

- Olha cara, eu acabei de entrar nesse lance. Só fiz umas duas entregas para umas meninas riquinhas. Se é o pó que você quer eu não tenho mais nenhum aqui, mas posso conseguir o quanto quiser.

- Fecha essa matraca e encosta ali, depois daquela placa.

Com a moto totalmente parada, os dois homens colocaram os pés no chão.

O rapaz seqüestrado supunha haver chegado a sua hora, iria morrer. Com muita sorte, seu corpo seria encontrado algumas semanas depois, reduzido a uma carcaça apodrecida e esturricada pelo clima quente e seco do Planalto Central.

Nunca mais veria a família. Entraria para as estatísticas da violência urbana no Brasil. Do assassino, nem mesmo chegou a ver o rosto. Estava difícil respirar, cólicas tomavam conta do abdome.

- Garotão, vou precisar do cabrito. Depois dos ganhos, abandono ele. Fica pianinho, se me dedar para os homens eu te faço uma visitinha. Sei onde você mora. - Após dizer isto, Ramos golpeou a nuca do rapaz deixando-o desacordado.

Minutos mais tarde, o rapaz recobrou a consciência. A nuca dolorida incomodava, mas ele estava feliz por haver sobrevivido. O assaltante levara, além da moto, capacete, jaqueta e carteira, o envelope com todo o dinheiro das entregas de drogas feitas no dia. O envelope estava no bolso interno da jaqueta. Ajoelhado, o rapaz olhou para o céu e disse:

- Obrigado. Vou sair dessa vida. Entendi a mensagem. De hoje em diante estou limpo.

Enquanto caminhava pelo acostamento, o rapaz tentava encontrar uma boa desculpa para o sumiço do dinheiro das entregas do dia. Sem ele, só mais um milagre o salvaria do acerto de contas dos traficantes.

CAPÍTULO 83

Dividindo a estrada e os buracos com caminhoneiros, Ramos arriscou seguir em direção à Belém usando a moto roubada. A sorte de haver abordado um criminoso, aumentou a possibilidade de nada ser informado às autoridades de Brasília. Onde delegacias, aeroportos e estações rodoviárias certamente estavam sendo monitorados pelos órgãos de inteligência.

A estas alturas, informações mentirosas já teriam sido plantadas pelas autoridades, justificando a caçada à sua cabeça.

“Talvez me acusem de traidor, ou de espião. Algo capaz de retirar a credibilidade de minhas palavras, de meu testemunho. Uma satisfação interna, tratada adequadamente para justificar quaisquer medidas contra mim. Preciso chegar à Manaus.” Pensava Ramos, conduzindo a moto nas retas e retas da estrada.

A paisagem mudava pouco. Vegetação dos dois lados da pista por horas a fio. Vez por outra, um lugarejo aparecia. Em geral, trazendo um punhado de casas de tapera, distribuídas ao longo dos dois lados do acostamento.

Em determinados trechos da rodovia, os postos de gasolina encontrados tinham somente o necessário ao funcionamento. Duas bombas, cobertura precária, vendedor e o chão em terra, avermelhada, batida. Alguns, adaptados à realidade local, vendiam apenas óleo diesel. Atendendo à demanda mais comum, a dos caminhoneiros.

Com a sorte de carona, Ramos passou por vários Postos da Patrulha Rodoviária Federal sem ser parado. Os buracos espalhados pela pista e caminhoneiros sonolentos à direção forçavam-no a redobrar a atenção.

Ao entardecer do segundo dia de viagem, as placas indicando a chegada a Belém finalmente surgiram. Mais três horas de estrada e estaria vencido o último trecho. Dali por diante a fiscalização provavelmente seria mais rigorosa.

Ramos resolveu adotar outro meio de deslocamento para entrar em Belém. Um ponto isolado foi escolhido e a motocicleta foi escondida na vegetação vizinha ao acostamento. Enquanto enfiava o veículo mata adentro, ele imaginava a cara de curiosidade de alguém que viesse a encontrar a moto, jaqueta e capacete abandonados em perfeito estado.

“Não, isso aqui é muito isolado. Quando o conjunto for descoberto já será sucata.”

Caminhando pelo acostamento, ele chegou ao posto de combustíveis anunciado nas placas ao longo da rodovia. Estava encharcado de suor, a noite estava quente, abafada.

Além das roupas do corpo, Ramos levava os documentos de identidade, escondidos sob as palmilhas dos tênis, e o dinheiro encontrado na jaqueta do traficante dentro da cueca. A moto ficara cinco quilômetros para trás.

Por precaução, a entrada na cidade de Belém deveria ser feita pelo meio mais comum possível. Preferencialmente coletivo e em horário de maior movimento.

A Capital do Pará estava sob intervenção das forças internacionais. As notícias chegadas a Manaus, através da imprensa nos dias anteriores a viagem de Ramos para Brasília, descreviam problemas no convívio da população com a força interventora. As tropas estrangeiras responsáveis por fazer cumprir a nova ordem em Belém vinham da China e não estavam sendo tão amistosas com os habitantes quanto as Norte Americanas.

No posto de combustíveis Ramos conseguiu carona para seguir viagem.

A bordo de um caminhão carregado de frigorificados mais retas e buracos, guardados pela noite, foram sendo transpostos. Durante a conversa na boléia do caminhão, ao longo dos duzentos quilômetros até Belém, o motorista descreveu o que encontrara por lá, quando da entrega dos carretos das semanas anteriores.

Vivendo das estradas, o homem simples que transportava mercadorias entre Belém e a capital do país, tinha uma maneira peculiar de ver os fatos. O jeito fanfarrão de narrar os acontecimentos e os seus detalhes, sempre exagerados, adornaram informações valiosas.

Antes de entrar no perímetro urbano de Belém a carreta parou no acostamento. Sonolentos, os dois homens se despediram apertando as mãos. Poucos metros a diante, as placas indicavam a parada de ônibus.

No ponto, abrigado do sereno da madrugada, um homem embriagado alternava entre momentos de repouso e cólera. Nos arroubos de fúria, ele tentava articular impropérios, dirigido-os à pilastra de sustentação do telhado. Ramos se aproximou pelas sombras, tomando lugar na parada de ônibus sem ser notado pelo homem. Ruas e esquinas estavam desertas. A cerração anunciava mais um dia de muito calor.

Ramos assistiu o amanhecer sentado no banco de concreto. Ônibus chegaram, partiram, mas ele permaneceu aguardando.

A hora mais adequada era a de maior movimento. Transportes coletivos lotados e grande fluxo de pessoas pelas ruas, dificultam operações de vigilância

ou controle. Principalmente quando se tenta combinar as medidas de segurança com a manutenção do cotidiano dos centros urbanos.

CAPÍTULO 84

Passando por todas as barreiras de fiscalização, sem ser incomodado, Ramos alcançou o porto. Formigueiro humano, aquele lugar devia parecer familiar aos chineses.

Por entre os labirintos de barracas, mercadorias, animais e enormes pilhas de madeira, estavam os agenciadores do transporte mais popular da Amazônia; os regionais. Embarcações de madeira que, impulsionadas por preguiçosos motores à diesel, levavam e traziam de um tudo ao coração da floresta.

As pessoas viajavam deitadas em redes, dividindo o exíguo espaço da superlotação com toda a sorte de desconfortos. Mas a paciência e bom humor do povo local reduziam as dificuldades a, quando muito, boas piadas.

Conversando com os agentes Ramos foi informado da saída de uma pequena embarcação para Manaus, ainda naquela tarde. Era exatamente o que ele queria. Após estar com a passagem em mãos, um pedaço de papel recortado e assinado, comprou a rede de dormir e suprimentos para a viagem. Feito rio acima, o deslocamento tomaria quatro ou seis dias.

CAPÍTULO 85

Nas refeições, a bordo, o prato servido era o pescado. Peixes frescos, pegos pela tripulação, foram preparados das mais variadas maneiras. Tudo muito simples, humilde. Nos intervalos entre as refeições, Ramos ficava deitado na rede saboreando as castanhas do Pará e o leite condensado comprados antes da partida.

Na quarta noite de viagem os ouvidos não valorizavam mais os ruídos vindos da casa de máquinas.

Eram onze horas. Recolhidos a suas redes os passageiros dormiam. Através de dois furos feitos na lata de leite condensado, Ramos bebia mais um gole da doçura. Da rede ao lado, um braço surgiu, vindo pousar sobre sua virilha.

- Você deve ter o beijo mais doce do mundo! - a voz e a mão provocante já haviam sido notadas anteriormente. Pertenciam a uma jovem que viajaria, até a última parada, com o marido. A mulher fazia questão de exibir suas formas curvilíneas, desfilando desde o embarque em trajes mínimos. Vez por outra Ramos a viu cruzando olhares com passageiros.

Das pernas ao pescoço, a paraense parecia esculpida. Os seios, rijos, por

pouco não rompiam as finas camisetas usadas por ela. E as pernas eram bem torneadas, dando sustentação à nádegas salientes.

- E você deve estar com saudade do seu marido. - disse Ramos tirando a mão da mulher.

- É, estou mesmo. Sinto saudade do tempo que ele dava no couro. – Insistiu a jovem.

- Como é? – Perguntou Ramos.

- Ele não vai para a cama comigo há meses. Posso ficar aí, na sua rede? – Se ofereceu a estranha.

- Não! Boa noite. – Resistiu Ramos, retirando novamente a mão da jovem de sua virilha.

Na escuridão, o balançar do barco, o cheiro do rio e as batidas cadenciadas do motor embalavam o sono dos passageiros deitados nas redes. Numa delas, Ramos tentava conter os instintos animais.

“Não é não e pronto, Ramos. Vai se deixar levar e pegar uma doença aí, vai! Dorme que é melhor. Bom, melhor não é, mas...”

CAPÍTULO 86

Perto de Manaus, a embarcação foi abordada por lanchas de fiscalização. Por amostragem passageiros foram escolhidos para serem cadastrados, devendo explicar os motivos da viagem.

Entre os selecionados para prestar esclarecimentos estava a jovem fogosa. Os militares norte americanos dedicaram atenção especial a sua entrevista. O procedimento ocorreu mais duas vezes antes da chegada ao porto de São Raimundo, parada alternativa, onde Ramos desembarcou.

Os primeiros passos dados em Manaus aproximaram Ramos da realidade das decisões tomadas nos últimos dias. As conseqüências delas mudariam por completo a sua vida.

Decidido a não compactuar com a covarde agressão, em larga escala, à população dos países invasores, Ramos avaliava como sendo pequena a possibilidade de sucesso de sua cruzada solitária. Uma cruzada iniciada com a fuga do Centro de Operações. Mas a causa era justa e para salvar vidas inocentes ele estava disposto a assumir os riscos.

De agora em diante, o mesmo sistema bem sucedido responsável por sua localização e condução à Brasília estaria trabalhando com ordens expressas para eliminá-lo. A questão era sobreviver e alcançar autoridades dos países onde os agentes biológicos seriam empregados.

CAPÍTULO 87

De saída para o aeroporto, Kate voltou da porta para atender aos chamados do telefone. Sentada no braço do sofá, a loira cruzou as pernas longelíneas antes de pegar o aparelho. Os olhos azuis contornados pela maquiagem acentuada, exigida das comissárias, adornavam os traços de beleza daquele rosto.

A pessoa do outro lado da linha falou pouco. Apenas o suficiente para a identificação.

Desligado o telefone Kate voltou ao quarto e refez a mala de viagem.

No dia seguinte, às três horas da tarde, Kate chegou ao local acertado para o encontro. Estava duplamente nervosa. Não tinha certeza de estar no lugar certo, pois a pessoa ao telefone usou propositadamente referências imprecisas. E estava prestes a se encontrar com o homem por quem alimentava sentimentos especiais.

Fazia calor, o sol castigava a pele alva de Kate. A amplitude térmica embutida no deslocamento aumentava o desconforto. Na saída de São Paulo os termômetros marcavam quatorze graus, garoava e um vento frio cortante castigava a cidade. Ali na praça, à sombra, as temperaturas oscilavam em torno de quarenta graus, mas a umidade relativa do ar empurrava o desconforto da sensação térmica para muito além deste patamar.

Kate esperou sentada, em um dos bancos da praça. Guardada pela sombra de uma mangueira, ela acompanhava com o olhar os movimentos de transeuntes. Depois da segunda hora de espera, o relógio passou a ser consultado com maior freqüência. Ela não era o tipo de mulher que passava despercebida, muito menos em Manaus onde raras mulheres exibiam biótipo semelhante.

Resolvida a desistir da espera, Kate olhou em volta. Na praça, as únicas presenças inalteradas eram as das árvores, dos pombos, do velhinho da limpeza pública que há horas rastelava o chão de terra batida recolhendo as folhas.

“Algo de errado deve ter acontecido. Ou então eu vim para o lugar errado! Ele não ia deixar de vir...” Kate pensativa caminhava em direção ao ponto de táxi, do outro lado da praça.

- Boa tarde! A senhora pode me informar as horas. - era o homem da limpeza pública interpelando Kate.

- Pois não. São... – Disse Kate, mas antes que ela informasse as horas, o velho sussurrou.

- Continue olhando para o relógio. Estarei te aguardando em Presidente Figueiredo, na cachoeira dos três furos, amanhã ao meio dia. Pergunte pelo carioca ao chegar à porteira. Agora vá e não olhe para trás. Nós corremos risco aqui.

Kate levantou o olhar e, tentando manter naturalidade, prosseguiu na caminhada. Mal conseguia respirar. Estava surpresa. “Seu amor esteve ali ao lado, todo o tempo. Mas a caracterização era perfeita, jamais teria desconfiado do velhinho. Que homem incrível!” – pensava a jovem ao embarcar no táxi.

Ainda experimentando euforia, com o coração disparado, ela retornou ao hotel.

No final do expediente o velhinho, funcionário da limpeza pública, recolheu as ferramentas de trabalho e seguiu empurrando, com dificuldade, o latão de lixo sobre rodas pelas ruas da cidade.

CAPÍTULO 88

Distante de Manaus cem quilômetros, o município de Presidente Figueiredo guarda dezenas de recantos paradisíacos. Lugares onde a floresta intocada abraça cachoeiras de águas cristalinas e cavernas capazes de contar parte da história da região amazônica.

Apesar da intervenção estrangeira os habitantes da área não tiveram sua liberdade de ir e vir cerceada. O deslocamento com fins turísticos, ou qualquer outro, nas adjacências de Manaus transcorria com naturalidade.

A única alteração na rotina do viajante ficava por conta das obras promovidas pela nova administração. Estradas de acesso aos municípios vizinhos à Manaus, antes de mão dupla e pavimentação precária, estavam sendo reformadas. Sem exceções, elas vinham sendo alargadas para comportar seis pistas muito bem sinalizadas. A população recebeu de bom grado mais essas melhorias advindas com a intervenção.

No trecho de estrada entre Manaus e Presidente Figueiredo dois novos postos de policiamento rodoviário surgiram. Objetivavam, além da fiscalização do trânsito, prestar serviços aos viajantes.

Durante o dia, os veículos particulares eram abordados para a entrega de panfletos explicando as novidades da pista e os principais atrativos do local de destino. Antes de ir embora os ocupantes dos autos recebiam bebidas isotônicas geladas.

No período da noite os motoristas eram alertados quanto a presença de animais na pista ao longo do trajeto, recebendo bebidas geladas à base de guaraná. Em todos os casos, as crianças ganhavam uma onça de pelúcia. O brinquedo, de qualidade, encantava também aos adultos. Sendo objeto de desejo dentro e fora das áreas sob intervenção. A oncinha de sorriso simpático vinha vestida com roupas em cores alusórias às da bandeira do Estado do Amazonas, mas na bolsa que a acompanhava havia muitas outras opções de vestimentas.

Uma delas reproduzia as cores da bandeira Norte Americana.

Dentro e fora dos carros as pessoas circulavam em trajes de banho. Presidente Figueiredo é um balneário muito freqüentado pelos moradores de Manaus.

Por conta da distancia até o litoral, o povo amazônida desenvolveu o hábito de amenizar o calor banhando-se em praias de rio e cachoeiras na floresta. E o município de Presidente Figueiredo oferece uma incrível variedade destes atrativos.

Desde cedo era grande o movimento de banhistas a procura das cachoeiras para aproveitar o dia de sol. O lugar conhecido por cachoeira dos três furos, o predileto dos casais, ficava dentro de uma fazenda de cujo terreno por direito de posse pertencia a um retirante do sertão da Bahia.

Colono humilde, de pouco estudo, ele explorava parte do potencial turístico do recanto cobrando dos visitantes uma taxa de conservação. O valor da taxa, apesar de baixo, quase irrisório, representava para o colono a principal fonte de renda depois das roças de mandioca.

Naquele dia, porém, as porteiras da Fazenda Chapéu de Couro permaneceram fechadas. Junto aos portões de madeira da sua propriedade estava Zeca Marimbondo. Com um cigarro de palha no canto da boca, o homem explicava para os visitantes o motivo da não abertura do local. A cara de poucos amigos, o humor beirando a intolerância e a peixeira presa à cintura justificavam a fama de homem brabo acolhida pelo senhor José Carlos desde a mocidade. O que lhe custou o apelido de Marimbondo, elevado a condição de sobrenome com o passar dos anos.

Faltavam quinze minutos para o meio dia. O carro alugado por Kate estava com o ar condicionado quebrado, mesmo andando com as janelas abertas o calor fazia o veículo parecer um forno. A pele do rosto, ruborescida pelo desconforto, abrigava gotículas de suor entre os minúsculos pêlos doirados.

Chegando no lugar indicado no desenho feito por um homem a quem pedira informações no caminho ela encontrou os portões de madeira fechados. Desligando o motor, pegou o papel para conferir as indicações descritas. O lugar parecia ser aquele.

- Bom dia, a moça quer alguma coisa. - perguntou Zeca Marimbondo.

Surpreendida com a presença do homem na janela do carro, Kate demorou a responder. O coração estava disparado.

- Está tudo bem? A moça parece ter visto o curupira. – Perguntou o homem de expressão rude.

- Quem?! Não, deixa para lá! O senhor me assustou. – disse Kate, tentando se acalmar.

- Hoje a cachoeira está fechada. Tem uma danada de uma onça rondando a fazenda. – informou o desconhecido, apontando para a mata.

Kate não sabia como fazer a pergunta sem parecer maluca. Afinal, que outro tipo de pessoa chegaria, do nada, a um lugar daqueles e sairia perguntando por um tal “carioca”.

- O senhor pode me dar uma informação?

- A moça pergunte, faço gosto em ajudar.

- Conhece o Carioca?

Zeca Marimbondo olhou para a estrada, queria certificar-se da ausência de outros carros.

- Moça, vou abrir a porteira. Pelo caminho de barro, antes de uma canseira de mula, a moça vai achar o amigo.

Guiando através do precário corte de estrada a sensação era a de estar entrando na garganta de um gigante. O carro deslizava sobre a língua sinuosa da fera e pouco a pouco perdia a vista do céu. Kate contemplava o contraste do vermelho poeirento do chão com verde do túnel vegetal imaginando a qual distância equivaleria a medida citada pelo homem da porteira. Afinal, não fazia a menor idéia do quanto a mula precisava andar para sentir-se cansada. Os buracos e valas escavados no piso pelas águas das chuvas a obrigavam a dirigir com velocidade reduzida, quase parando.

Os vidros do carro estavam totalmente fechados. Por precaução, Kate fechou-os imaginando poder ser real a história da onça a solta, contada na entrada. Seus cabelos estavam escurecidos, molhados pelo suor. A curva fechada e o chão irregular obrigaram-na a reduzir ainda mais a velocidade.

Sem avisos, a porta do lado do carona foi aberta e um vulto saltou para o interior do carro.

- Meu Deus! - gritou Kate, estancando o movimento do veículo. A freada foi a reação instintiva diante do susto. Com a velocidade baixa o carro parou quase instantaneamente.

- Oi. – disse o homem, agora sentado no banco do carona.

- Nossa, quase morri de susto! – falou Kate, com voz chorosa.

- De susto eu não sei, mas de calor falta pouco. Qual é a idéia!? Fazer sauna enquanto dirige? – descontraiu Ramos.

- Fiquei com medo da onça. O tiozinho lá na porteira disse...

- Neste caso, você está em perigo.

- Por que? – perguntou a loira, ainda mais assustada.

- A tal onça sou eu. Ligue o carro, vamos até a cachoeira temos de conversar. - disse Ramos abrindo os vidros do carro e sorrindo.

CAPÍTULO 89

Despencando de uma imensa laje de pedra, suspensa a mais de dez metros do chão, a água gelada e cristalina do igarapé passava por entre três furos existentes na rocha indo de encontro ao espelho do lago, contido por cinturões de areia branca.

Depois de mergulhar no lago os dois foram sentar na faixa de areia junto ao espelho d'água. Kate estava de biquíni. O azul das peças mínimas, no mesmo tom de seus olhos, ganhava realce em um corpo de curvas bem desenhadas.

De início, Ramos monopolizou a palavra. Por quase uma hora ele explicou o motivo do encontro, além de outros detalhes julgados necessários para a compreensão do contexto. A mulher ao seu lado, enrolada em duas toalhas de banho, dividia a atenção entre a narrativa e o ataque dos insetos.

- Mas se você contar este tal segredo aos outros países não vai ser traição? – perguntou Kate.

- E o que seria mais honrado? Sentar-me e assistir a desgraça de bilhões de seres humanos inocentes? Não posso concordar com isso!

- Você pretende fazer o que, Cordeiro? – perguntou a loira.

- Ramos é meu nome. Cordeiro foi apenas mais um codinome adotado para os trabalhos a serviço da Inteligência, em Brasília.

Kate afastou o rosto, movendo o pescoço para trás.

- Você não tem cara de Ramos. – brincou a mulher.

- Preciso da sua ajuda para sair do país.

- Mas por que não procurar as autoridades americanas aqui mesmo, em Manaus?

- Não estamos lidando com amadores Kate. Estarei morto ou preso antes de conseguir estabelecer qualquer diálogo.

- Então! Os aeroportos também vão estar sendo vigiados! – provocou a jovem.

- Exatamente, estarão me procurando entre os passageiros de cada vôo saído de nosso país. Com a sua ajuda viajarei integrando uma das tripulações.

- Parece arriscado. O comandante e os outros comissários vão estranhar. Apesar do grande número de funcionários, quase todo mundo já se cruzou pelo menos uma vez. Além disso, o comandante recebe a escala da tripulação com antecedência, alguns conferem pessoalmente até as trocas feitas entre os comissários.

Os dois ficaram em silêncio. Ramos mantinha o olhar perdido por entre a vegetação existente do outro lado do lago. Deixando as toalhas escorregarem, Kate libertou os braços. Em seguida inclinou o corpo na direção do Ramos

passando a acariciar-lhe os cabelos.

- Por que me procurou? - a voz de Kate estava mais íntima, mais doce, ao fazer esta pergunta.

Ramos podia sentir a respiração ofegante de Kate perto do seu ouvido. Desviando o olhar da mata, ele encontrou lábios propositadamente deixados disponíveis. Enfim, era real o beijo desejado, há muito, por ambos.

Tomados pela febre do desejo, os dois fizeram amor nas areias, dentro d'água e sobre o capô do carro. Somente então, tiveram olhos e sentidos para notar o fim do dia.

- Eu conheço alguém capaz de ajudá-lo! – disse Kate, enquanto vestia o biquíni.

- Quem?

- Um agente ou coisa assim. Ele é Norte Americano, parece ser importante para o nosso sistema de informações. Foi uma de minhas primeiras missões e se estende até hoje.

- Qual tipo de missão?

- Ah, você sabe! Plantar escutas, rastreadores, ganhar confiança. Ele me deu um número para ligar quando eu estivesse em Manaus.

- Humm! Parece ter se saído bem na conquista de confiança. – provocou Ramos, se deitando novamente sobre o corpo da loira.

- Nem tanto. E quanto à idéia do contato, acha boa? – perguntou Kate, envolvendo o corpo de Ramos com os braços.

- Chegar a ele por você vai revelar os verdadeiros motivos da existência da relação. Você estará exposta. Ele vai sentir, primeiro, a mágoa da traição, depois virá a sensação de estar desprotegido enquanto você estiver viva. Logo estará resoluto da necessidade de te matar.

- Acho que não. – comentou Kate.

Ramos prosseguiu, indiferente ao comentário:

- Se der certo e ele for receptivo ótimo, cuidaremos dele mais tarde, caso contrário precisaremos eliminá-lo, de imediato, para garantir a sua segurança.

- Quem te disse que temos uma relação, era apenas trabalho. – reagiu Kate, tentando indicar que o caminho estava livre para Ramos permanecer em sua vida.

- Não para ele. Esse telefone é a prova. Qual é o nome dele? – perguntou Ramos.

Kate, outra vez sem o biquíni, iniciava uma cavalgada de prazer sobre o corpo do oficial quando falou em meio a pequenos gemidos.

−Seu nome é Flening.

CAPÍTULO 90

Sentados à mesa de um requintado restaurante, Flening e Kate podiam ver pelas janelas panorâmicas grande parte de Manaus. A plataforma giratória sob a qual foi erguido o restaurante ficava na cobertura de um prédio de vinte andares, isolando os clientes dos sons da cidade. O som do violoncelo e a iluminação diferenciada tornavam mais agradável, ainda, o lugar.

Kate estava nervosa, tinha medo da reação de Flening, mas precisava fazer o combinado. Afinal o que estava em jogo era a vida do seu homem.

Depois do garçom servir o vinho pedido, Flening tirou uma pequena caixa do bolso. Sem desviar o olhar do rosto da Kate ele colocou a caixa em uma das mãos da jovem.

Na entrega, as mãos se tocaram revelando, nos detalhes suaves do arrasto da pele, a diferença de temperatura e umidade.

- Suas mãos estão geladas, minha princesa! - comentou o major.

- Que surpresa é essa? - perguntou Kate, mostrando a caixa entregue por Flening.

- Abra. Se eu disser deixará de ser surpresa.

Kate abriu a pequena caixa de acabamento refinado.

- Nossa! É lindo.

- Deixe-me ajudá-la com isso. - disse Flening, colocando o anel presenteado no dedo de Kate.

O anel confeccionado em ouro branco trazia um diamante acompanhado por duas pequenas esmeraldas. O desenho suave da jóia lembrava, de alguma maneira, contornos humanos. Kate ficou calada, observando o anel em sua mão.

- Gostaria de conhecer você melhor. Passar mais tempo junto. Queria dividir meu tempo com alguém especial Kate. Tenho pensado muito nisso. – confessou o major, oferecendo as duas mãos sobre a mesa.

Kate sorriu, segurando as duas mãos de Flening.

- Suas mãos! Elas estão mais geladas ainda. Está tudo bem? – insistiu o major.

- Está. Você me deixa nervosa falando assim. Também gostaria de ter alguém para dividir meus problemas.

- Posso ser eu, se você deixar.

- Não sei. Acho que não seria certo aborrece-lo com meus problemas. - Kate pressentia a proximidade da hora oportuna para abordar o assunto principal. Aquele argumento serviria de fio condutor.

- Experimente. Olha, eu gosto de você. Sei que pode parecer prematuro, mas fico imaginando nós dois em uma bela casa cuidando de nossos filhos. E

isso é o mais perto que jamais cheguei da felicidade. – disse Flening, com os olhos mais brilhantes do que o normal.

O garçom chegou trazendo os pratos pedidos. Os dois recostaram-se nas cadeiras fazendo uma pausa na conversa.

CAPÍTULO 91

A entrada do hotel estava deserta quando Kate desceu do táxi. Eram duas horas da manhã, apenas o funcionário da recepção a viu passar. Ela foi direto para o quarto. No banheiro, tirou o vestido. Não estava usando roupas íntimas por baixo dele, assim, em um único ato revelou a beleza de sua nudez para o espelho.

Terminado o banho ela pegou a bolsa de plástico que estava sobre a pia. Na cama daria início ao ritual de todas as noites. Massageando o corpo inteiro com os diversos cremes e loções. Quando saiu do banheiro encontrou Ramos deitado na cama.

- Cordeiro! Ai, Ramos que susto.

- Venha aqui... - disse Ramos dando tapinhas no espaço vazio ao lado do corpo.

- Como você entrou aqui? – perguntou a jovem.

Ramos tirou o roupão de Kate, revelando o corpo ainda tépido devido ao banho. Ato contínuo pôs-se a beijar e mordiscar os seios da mulher. Ela o segurava pelos cabelos, hora enterrando sua cabeça na carne, hora ensaiando afasta-la para fuga. Os gemidos tomaram conta do quarto.

Saciados, os dois foram para o banheiro. Embaixo do chuveiro Kate contou tudo o que aconteceu durante o encontro daquela noite. Estavam de comum acordo quanto à relativa vantagem conseguida com a revelação dos sentimentos de Flening. Apaixonado, mesmo o mais coerente dos homens deixa de perceber detalhes importantes. Esta cegueira poderia servir à Kate.

- Eu falei que esse meu amigo tinha algo muito importante para contar às autoridades, mas corria risco de vida. Flening ficou bastante interessado e ainda me confortou. Marquei um contato entre vocês para amanhã.

- Certo. Amanhã você tem vôo, não é mesmo? – perguntou Ramos.

- Tenho, mas assim que completar a última etapa volta para cá. – disse Kate, envolvendo o corpo do tenente com os braços.

- Negativo. Quero você longe daqui até tudo isso terminar. Pode deixar, eu te procuro quando puder. – sussurrou Ramos no ouvido da jovem.

- Mas... – tentou ponderar Kate.

- Sem mas, confie em mim. Fora de Manaus você poderá me ajudar muito

mais. – justificou Ramos.

Na manhã seguinte, ao acordar, Kate encontrou um botão de rosa no travesseiro ao lado. Ramos havia ido embora enquanto ela dormia.

CAPÍTULO 92

Dada a intensificação das ações de resistência, Flening tomou algumas precauções para garantir a segurança durante o encontro com o amigo da Kate. O lugar escolhido era público, uma estação de ônibus urbano com grande circulação de pessoas. Ramos, por outro lado, precisava arriscar. O tempo corria contra a saúde de civis inocentes, em breve restariam apenas medidas reparadoras. O grande mal estaria fincado no coração de milhões de famílias dos países envolvidos na intervenção sobre a Amazônia.

Flening chegou à estação na hora marcada, a barraca de venda de tacacá estava cheia de fregueses. Eles consumiam algo parecido com uma sopa, servida em pequenas cuias. O cheiro forte do preparado, corria as redondezas. Flening olhou em volta, procurava entre os homens e mulheres vizinhos à barraca alguém com atitude de espera para o contato.

- Ei, o senhor! É a sua vez. O que vai ser?

Voltando o olhar para frente, Flening percebeu; a pergunta era para ele. O homem atrás do balcão segurava uma das cuias e na outra mão uma concha usada para servir o caldo mal cheiroso.

- Oh! Não obrigado. Estou apenas dando uma olhada. Parece bom, mas estou sem dinheiro.

Dentro da barraca a senhora que ajudava no atendimento sorriu, falando algo para o outro vendedor em uma língua desconhecida para Flening.

A mulher era muito gorda, os cabelos, as feições de rosto e a cor da pele indicavam tratar-se de uma indígena. Ao alcance das mãos do homem sorridente que servia as porções de tacacá e conversava com a mulher, estava uma pistola semi-automática. Colocada na prateleira existente abaixo do balcão, a arma não podia ser vista pelos fregueses.

O obrigado, dito por Flening, carregava um quase imperceptível sotaque.

- Tome oferta da casa. O senhor vai gostar. – insistiu o simpático vendedor.

Flening esticou as mãos para pegar a cuia oferecida. A idéia de ter de provar o preparado mal cheiroso veio à cabeça, em seguida, lembrou dos casos relatados recentemente onde militares e agentes da força de intervenção foram envenenados em ações assumidas pela Resistência. Ele baixou a cabeça e colherada a colherada consumiu o tacacá.

- Gostei! Obrigado. - disse Flening, devolvendo a cuia vazia.

A mulher o cumprimentou com outro sorriso, voltando a atender ao grupo recém chegado à barraca. O segundo vendedor havia desaparecido. Flening olhou para o relógio. O amigo da Kate não deveria ser o tipo de pessoa pontual.

Passados quarenta minutos de espera, sem resultados, ele retornou para o local onde estacionou o carro. O gosto forte do prato exótico ainda voltava a boca. Era uma iguaria e tanto, apesar do cheiro. Talvez, pela resposta negativa de um dos sentidos ou por preconceito ele poderia vir a passar toda a vida sem jamais provar aquele prato. Flening pensava a respeito enquanto tirava o carro da vaga.

Dois meninos batiam nos vidros do automóvel pedindo dinheiro. Desta vez foram atendidos. Receberam quantia superior ao arrecadado durante meses da mendicância pelas ruas de Manaus. Os dois saíram correndo entre os carros, felizes com a ajuda generosa. O mais velho tinha, no máximo, oito anos de idade, mas seu olhar represava a tristeza e a amargura do abandono.

No final da rua estreita Flening reconheceu o barraqueiro que lhe oferecera o tacacá de graça. Ele estava pedindo carona. Não usava mais o avental azul, mas ainda tinha o lenço amarrado a cabeça. O sol castigava a pele do homem.

“Do conforto do carro com ar condicionado ligado ficava fácil desprezar as dificuldades de pessoas simples iguais àquela” - pensou Flening.

Negando-se a deixar de retribuir a gentileza feita à instantes, Flening parou o carro. O homem que pedia carona havia ficado alguns metros para trás. Com a ré engatada, Flening voltou parando o carro ao lado do barraqueiro.

- Aquele tapapa é muito gostoso! Você vai para onde?

- Ali para o centro. O senhor pode me dar uma carona?

Somente depois de autorizado por Flening o homem fez menção a abrir a porta do veículo.

No primeiro semáforo vermelho encontrado, Flening voltou a comentar.

- Nunca havia provado o tapapa, acho que se dependesse do cheiro passaria mais algum tempo sem me aventurar.

- O nome é tacacá. – disse o carona.

Os dois começaram a rir.

Quando atingiram a avenida, longe das constantes paradas das ruas secundárias, Flening perguntou ao carona há quanto tempo ele trabalha vendendo ta-ca-ca.

- Um dia. – respondeu o desconhecido.

Flening, com as duas mãos no volante, sentiu-se vulnerável.

- Temos uma amizade comum. - disse Ramos.

- Ah, então é você!? Mas para que o disfarce? - perguntou Flening, tentando manter a normalidade. Se o homem ao seu lado quisesse apenas

eliminá-lo, o teria feito envenenando a porção de comida ou com um tiro a queima roupa em meio a travessia das ruas desertas deixadas para trás. Além do mais a vantagem era toda dele, sentado ali ao lado, com as duas mãos livres, gozando da providência da surpresa.

- Não se preocupe, quero apenas conversar. Tinha de ter certeza de que você estava sem equipes de apoio. Corremos perigo cruzando as ruas, a Força de Resistência e autoridades do governo brasileiro estão a minha caça. Vamos a um lugar seguro que eu conheço.

O homem era um profissional, quanto a isto Flening não tinha dúvidas.

Os dois cruzaram diversas ruas e avenidas em silêncio, até que Ramos voltou a falar.

- É aqui. Pode estacionar.

Ao descer do carro Flening chegou a pensar em pegar a pistola presa a lateral externa do assento. Mas o movimento seria facilmente antecipado por Ramos.

- Também estou desarmado. Deixe ela aí. - disse Ramos dando as costas ao carro.

- O que tem para mim? – perguntou Flening.

- Primeiro quero saber o quanto você vai poder ajudar! Qual o seu nível de acesso ao Estado Maior das forças militares Norte Americanas estacionadas aqui em Manaus?

- Faço parte dele.

- Então é melhor nos apresentarmos. Sou o Tenente Ramos, do Exército Brasileiro. – disse Ramos estendendo a mão em um gesto amistoso.

- Sou o Major Flening, das Forças Especiais; Exército dos Estados Unidos da América. – informou o major apertando a mão do brasileiro.

A atitude civilizada dos dois militares passava distante do desprezo e do ódio cultivados na mente do povo, pelos governantes, em meio à beligerância atual. Mas a cautela, o estudo de cada movimento e a hiperestimulação dos sentidos eram próprios à Homens da guerra.

Os dois conversaram durante uma hora. Flening ouviu, interessado, cada detalhe da narrativa feita por Ramos. Muitas vezes o interrompeu para esclarecer pontos obscuros.

- Mas de acordo com o que está dizendo, essa doença já pode, inclusive, ter sido levada para fora do Brasil. Ela pode estar sendo difundida neste exato momento, em estações de metrô e outros lugares de grande concentração de civis. Isso vai ser um pesadelo! – comentou Flening.

- Um pesadelo de inocentes e governantes. – completou Ramos.

- E qual o seu interesse nisso? O que pretende obter, compensação

financeira?

Ramos já esperava uma pergunta semelhante. Ao responder ele fez questão de olhar fixamente nos olhos do major.

- Tenho interesse pessoal. Não quero ter na consciência vidas de civis inocentes estampadas como troféus de estratégias bem sucedidas. Não para manter um pedaço de terra, quinhões de riquezas ou valores efêmeros igualmente cultuados. Sou um soldado, não um assassino.

- Vai ser difícil convencer o pessoal. Sem provas, vai parecer uma manobra de contra-informação ou relato de um desequilibrado. Desculpe, mas é a realidade. – ponderou Flening.

- Eu sou a prova de que você precisa. Foi à partir do meu sangue que obtiveram a arma biológica. E será através do meu sangue que poderemos encontrar uma cura. – a revelação feita pelo brasileiro sacudiu o major, mostrando a gravidade e a urgência de se preservar a vida daquele militar.

CAPÍTULO 93

Na Base de Operações, Flening encontrou Perez.

- Estava esperando o senhor. Parabéns, Coronel Flening.

- Do que está falando Perez.

- Olhe isto, acaba de chegar de Washington. O senhor foi promovido por merecimento. - Perez segurava uma folha de papel.

Flening pegou o documento, correu os olhos por seu conteúdo, e após um aperto de mão no amigo falou:

- Temos algo quente para trabalhar. Localize o General Peter Maier, precisamos falar com ele. E Perez, é urgente. Prioridade alfa.

- Sim senhor. – respondeu o militar desaparecendo em meio ao labirinto de corredores.

CAPÍTULO 94

Na sala estavam reunidos os oficiais de mais alta patente envolvidos no comando das forças de intervenção, além de autoridades civis do governo Norte Americano e Chinês.

- Convoquei os senhores esta noite pois uma grave ameaça paira sobre as cabeças de nossas famílias! Enquanto combatemos aqui, um inimigo invisível pode estar estabelecendo posição em nosso país. Levando dor e sofrimento a civis inocentes. O General Peter Maier falava pausadamente, sentado a cabeceira da mesa ovalada.

Flening estava presente a reunião, sentado em uma segunda fileira de cadeiras junto a assessores e outros militares. Pela boca do General ele ouviu o recontar da conspiração revelada há dias atrás.

- Temos muito pouco de concreto. Não podemos espalhar o pânico em nosso país ou interrompermos a operação a cada boato surgido. Disse um dos Almirantes sentados à mesa.

O Secretário de Defesa fechou a pasta com documentos. Ficando de pé, com as duas mãos ainda apoiadas sobre a mesa, ele tomou a palavra.

- General Peter, você fez bem em solicitar minha presença. Senhores, estamos diante de uma ameaça que pode atingir escala planetária, uma vez confirmada. No entanto, postos reféns de uma possível escaramuça terrorista como esta, ficaremos de joelhos para sempre. E este é o ponto. Se cedermos agora, estaremos abrindo as mesmas portas de nossas casas, as quais tentamos proteger, para todo e qualquer maníaco com pretensões terroristas. Tenho certeza de que não é este o desejo do povo da América nem do povo da República Popular da China.

Flening e o General Peter Maier entreolharam-se, discretamente. A fala do Secretário de Defesa espelhava a opinião pessoal do Presidente dos Estados Unidos da América, com quem o Secretário estivera reunido até momentos antes de embarcar para o Brasil. Estava claro, a linha de ação escolhida minimizava a ocorrência de possíveis retaliações com armas biológicas por parte do Brasil.

- Segundo os relatórios da Agência Central de Inteligência o Brasil não possui nenhum projeto destinado ao desenvolvimento de armas biológicas. A comunidade científica local vem sendo monitorada de perto, assim como os atos deliberativos dos Três Poderes. Podemos afirmar: Nenhum projeto desta natureza e porte estaria em andamento aqui sem que soubéssemos. Nas pastas distribuídas, os senhores encontrarão as medidas cabíveis para o momento. Concluiu o Secretário de Defesa, voltando a sentar.

No final da reunião o Secretário de Defesa se aproximou do General Peter Maier para falar algo reservadamente.

Mais tarde, Flening foi chamado ao gabinete do general.

- Tenho ordens para capturar seu informante. A CIA quer ouvi-lo. Estes dois agentes vão liderar o time responsável pela operação, coopere no que for preciso.

- Não vai ser necessário general.

- O que não vai ser necessário?

- A captura. Ele se dispôs, desde o primeiro momento, a prestar esclarecimentos para qualquer de nossas autoridades, onde fosse necessário. – explicou Flening.

- Melhor assim.

- Se me permite senhor!? - ao falar, Flening olhou para os dois agentes postados ao seu lado, indicando a intenção de conversar reservadamente com o general.

- Me deixem a sós com o Coronel Flening.

Quando a porta foi fechada, o diálogo reiniciou.

- O homem não parece estar mentindo. Acredito que a ameaça seja real e imediata. Essa linha de ação do Secretário de Defesa pode custar milhares de vidas.

- Entendo Flening. Talvez esta situação seja a releitura do fio da mesma lâmina. Guardiã e assassina ao mesmo tempo. – filosofou o Peter Maier.

- Não entendi general.

- Sun Tzu, Flening. O uso de espiões, o conhecimento detalhado das partes envolvidas, são as lâminas sobre nossas cabeças. Tanto nos aproximam da postura de guarda ideal, permitindo antecipar e até prever os passos do inimigo, quanto abreviam a nossa degola, graças à presunção do domínio circunstancial. Se este homem estiver dizendo a verdade, perderemos nossas cabeças.

CAPÍTULO 95

No contato seguinte, Flening expôs ao Ramos a necessidade dele seguir para os Estados Unidos sob a proteção da CIA.

Ramos quis saber o que estava sendo feito para evitar o uso da arma biológica. Mas Flening evitou o assunto dizendo que a CIA o informaria a respeito. Foi marcado local e hora para o contato com os agentes encarregados da operação de guarda e remoção. Flening se dirigia para o carro quando Ramos fez a pergunta em tom de afirmação.

- Eles ignoraram! Não é mesmo?!

- Sinto muito estou fazendo o melhor que eu posso. – lamentou Flening.

- Guarde seus sentimentos para as vítimas deste engano.

Naquela noite, Ramos embarcou em uma aeronave militar com bandeira dos Estados Unidos. Acompanhado por agentes da CIA e técnicos de órgãos de controle epidemiológico, ele viajou usando trajes especiais. As roupas parecidas com as utilizadas por astronautas eram um pouco desconfortáveis, limitavam os movimentos, mas Ramos havia se preparado psicologicamente para enfrentar toda sorte de procedimentos necessários à elucidação da verdade. O importante era ganhar a corrida contra o relógio, poupando do sofrimento milhares de famílias.

O vôo estava demorando excessivamente para acabar. Apesar de estar sem

relógio e de não haver janelas, Ramos calculava ter percorrido o suficiente para ir e voltar aos Estados Unidos. Ou estavam voando em círculos ou o destino era outro.

Médicos aproveitaram ao máximo o longo tempo de vôo. Os dados colhidos através de sensores ligados à roupa, usada pelo Ramos, e os obtidos por meio do questionamento feito pela médica foram inseridos em computadores portáteis.

Encerrando a longa espera, Ramos foi avisado através do rádio do capacete quanto ao início do procedimento de descida. A voz, feminina, era da médica epidemiologista responsável pela equipe médica a bordo.

- Quando chegarmos precisarei coletar amostras de sangue e tecidos, tudo bem para você?

É claro que tinha de estar tudo bem, concordando ou não, as amostras seriam obtidas da mesma forma. Mas a doutora fazia questão de manter a dignidade da situação.

Depois de descer da aeronave Ramos foi embarcado em uma espécie de furgão. O automóvel, de tamanho semelhante ao de um microônibus, aparentava estar preparado para atender até mesmo à necessidade de procedimentos cirúrgicos de emergência. A cabine com espaço para três pessoas, incluindo o motorista, ficava isolada do amplo compartimento traseiro, para onde Ramos foi conduzido.

Sentado em um banco, Ramos observou os detalhes do ambiente. Muito bem iluminado, o lugar possuía prateleiras com instrumental médico, leito retrátil e um segundo compartimento junto ao teto, no qual estava fixada uma maca. A predominância de cores metálicas conferia ao ambiente um ar futurista.

Junto ao Ramos, na parte de trás do veículo, entraram mais dois homens usando ternos escuros. Eram agentes encarregados da segurança em terra, substituindo os vindos na aeronave.

Nos fones de ouvido colocados dentro do capacete a voz da doutora mantinha aberto o canal de comunicação com Ramos.

- Estamos nos dirigindo para um local onde você poderá repousar. - dizia a médica. Ela estava embarcada no veículo da frente, um carro de passeio tipo sedam.

Durante o transporte Ramos adormeceu, eram os primeiros minutos de sono das últimas trinta e oito horas. Acordou sentindo o corpo sendo projetado de encontro às paredes do veículo. A roupa o protegeu dos impactos da capotagem e também isolou parte do som externo.

Entretanto, ainda assim, foi possível ouvir sons parecidos com os de tiros. O rádio estava mudo. Após os giros o carro voltou a posição normal. As luzes

internas piscaram e logo deixaram de funcionar.

Os dois agentes estavam desacordados. Ramos olhou em volta, recolheu as armas nos corpos e começou a tirar a roupa de isolamento. Uma explosão sacudiu o carro. Sem o capacete ficou mais claro o som da ação desencadeada fora do furgão. Tiros e gritos cercavam o carro.

Passados instantes a confusão terminou. O silêncio sinistro anunciava que o pior estava por vir.

Perto da porta do compartimento traseiro do furgão surgiu uma linha incandescente. Avermelhada, a chama seguiu o contorno da entrada cortando o metal de maneira semelhante ao mergulho da brasa em manteiga.

Arrombado o furgão, três vultos chegaram perto da entrada. Estava escuro, as silhuetas contrastavam com a luminosidade residual existente do lado de fora. O arrombamento produziu muita fumaça, dois feixes avermelhados cruzaram o perímetro interno do veículo. O laser dos sistemas optrônicos de pontaria, usados nas armas dos visitantes, ficava exposto ao atravessar a densa cortina de fumaça.

Duas pessoas entraram no furgão, uma terceira ficou junto à abertura. Com dois tiros por homem, os agentes, ainda desacordados, foram executados ali mesmo. O som oco surgido junto aos disparos indicava, para ouvidos experimentados, tiros na cabeça. Aquele grupo usava supressores de ruído, Ramos deduziu ser da equipe responsável pela segurança do comboio os disparos abertos ocorridos até instantes atrás.

Os dois homens se aproximaram do macacão branco caído no final do compartimento. Deitado de barriga para baixo, as mãos retorcidas e sem movimento algum. A pessoa dentro das vestes parecia também estar desacordada.

Havia alguns objetos sobre o macacão. Direcionando os dois pontos vermelhos para o capacete os homens executaram vários disparos. Um deles se abaixou ao lado do macacão e acendeu uma lanterna. O outro levantou o capuz, colocou a submetralhadora presa à bandoleira para as costas e começou a tossir.

- Vamos logo com isso. Esse canalha já era, a fumaça está me matando.

O grupo falava português. O homem parado na porta estimulado pela atitude dos companheiros adiantou-se.

- Vocês estão seguros. Vou passar à fase dois. - ao dizer isto, ele sumiu do campo de visão da abertura.

O sujeito agachado ao lado do traje colocou a arma no chão, passando a girar o capacete na tentativa de ver o rosto de quem o vestia através do vidro. Esperava ver sangue e um rosto, conhecido, deformado.

- Meu Deus! – disse o homem agachado próximo a roupa de isolamento

- O que foi? – perguntou o companheiro.

Não ouve tempo para a resposta ou gritos. Ramos despencou sobre os dois, saindo do compartimento da maca, junto ao teto. No caminho, as finas lâminas de bisturis romperam os pescoços dos visitantes indesejados. Os dois corpos arquearam. Pelas aberturas feitas nas gargantas o pulmão ainda soprou algumas vezes, misturando o tétrico ronco abafado aos som dos esguichos, cada vez mais fracos, de sangue. As duas submetralhadoras e as granadas de mão encontradas junto às vítimas foram recolhidas. Antes de sair do furgão, Ramos retirou o pino de uma granada, colocando-a embaixo do corpo do homem sem o capuz.

Iluminada pelo luar a estrada, emoldurada pelo deserto, mostrava a ferocidade da ação. Veículos fumegantes, pessoas mortas estiradas no asfalto e estilhaços, estavam espalhados em torno do furgão.

Ramos buscava se afastar o mais rapidamente possível daquele local. Um confronto não seria interessante.

Das areias do deserto, Ramos ouviu a explosão. Alguém encontrara o presentinho deixado para trás. A granada havia sido detonada, agora sabiam de sua fuga.

Descalço, vestido apenas com bermuda e camiseta de malha, ele corria o mais rápido possível. As duas submetralhadoras estavam presas ao corpo pelas bandoleiras, em uma das mãos Ramos segurava o capuz, retirado de um dos homens degolados, dentro dele iam as granadas e uma das pistolas. Na outra mão ele segurava a segunda pistola.

Imediatamente depois da explosão os faróis de dois veículos começaram a avançar rumo ao interior do deserto em sentidos opostos. Um deles vinha para onde Ramos estava.

Percebendo a impossibilidade de ganhar terreno, Ramos parou de correr. Abaixado, ele tirou a camiseta branca e a esticou sobre uma duna encontrada no caminho. Próximo dali havia um amontoado de pedras.

Tropeçando diversas vezes e sempre olhando para o carro cada vez mais perto, ele se abrigou na formação rochosa.

Colocando as armas ao lado do corpo, ele respirava ofegante repetindo em voz baixa:

- Pense e aja como caçador e não como caça.

A camionete veio na direção da camiseta branca. Chegando ao lado da camiseta reduziu a velocidade.

Usando a submetralhadora Ramos disparou duas rajadas sobre o veículo. A buzina disparou, o homem ao volante foi atingido na primeira seqüência de disparos. Em resposta uma chuva de tiros varreu o abrigo rochoso.

Sob fogo intenso, Ramos lançou duas granadas de mão. Objetivava acertar o terreno poucos metros além da porta do carona. Ao arremessar a segunda

granada ele sentiu uma picada no braço esquerdo, que estava apoiado sobre algumas pedras.

O farol e a buzina continuavam acionados.

Os dois outros ocupantes da camionete haviam desembarcado e usavam a lataria do carro como abrigo para a realização dos disparos. As explosões sucessivas das granadas extinguiu-lhes a vida.

Cessada a ação, Ramos com muita cautela foi até o carro, seu braço estava dormente parecia pesar uma tonelada. Encontrou os corpos de dois homens e uma mulher. Usavam roupas escuras. O homem debruçado no volante foi retirado do assento, motor e faróis foram desligados. Juntando as peças de roupas dos mortos, Ramos vestiu uma calça, prendeu uma camiseta na lateral da calça, colocou meias e sapatos, deixando o busto nu. O braço esquerdo estava paralisado o que dificultava os trabalhos.

Depois de recolher as carteiras e demais pertences dos cadáveres, Ramos deu a partida na camionete seguindo com os faróis desligados em direção contrária à estrada. Por sorte nenhum dos pneus fora danificado durante o embate.

O luar ajudava, iluminando parcialmente os raros obstáculos da planície desértica.

O braço doía demais. Ramos soltou o volante e correu a mão direita pelo ombro esquerdo, descendo em direção ao cotovelo. No meio do caminho encontrou pontas de ossos expostos. Imediatamente tirou a mão suja do local. A perda de sangue estava causando a sensação de desmaio. Mais a diante ele parou o carro. Observando em volta não viu qualquer movimento ou luminosidade, havia apenas silêncio e areia.

Forçando o cotovelo esquerdo para baixo, ele conseguiu fazer o osso voltar para dentro da carne. A confusão de músculos e nervos pressionados na manobra somavam à dor insuportável a sensação de descargas elétricas, irradiadas até o pescoço. Com o material de primeiros socorros encontrado no porta luvas, Ramos fez um curativo. Em seguida, usou as paletas do triângulo de sinalização para improvisar uma tala de imobilização para o membro fraturado.

Voltando à direção, Ramos guiou a camionete pelo terreno desconhecido até restar apenas um quarto de combustível. Depois desembarcou levando consigo as armas, carteiras e o estojo de primeiros socorros.

O volante do veículo foi amarrado, de maneira a manter uma trajetória retilínea mesmo sem a presença do motorista. Com a caixa de ferramentas sobre o acelerador, a camionete desembestou. Seguiria deserto adiante com a missão de dificultar o rastreamento que, com certeza, seria desencadeado.

Começava a ventar. Em lugares iguais àquele correntes de ar são

doloridamente sólidas. A grande quantidade de areia carregada pelo vento machucava o dorso desprotegido de Ramos. Em questão de minutos não foi mais possível, sequer, abrir os olhos sem o uso de algum anteparo.

Enquanto caminhava com a camiseta amarrada pouco acima da ponta do nariz, Ramos sentia arrepios. Eles talvez fossem resposta do organismo ao frio, acentuado pelo vento. Também era possível que o ferimento o estivesse induzindo ao estado de choque. Sede, vertigens e dificuldade para concatenar idéias apontavam para a segunda hipótese.

Engolidas pela ventania, as pegadas deixadas para trás não serviriam à equipes de rastreamento.

Cada passada foi se transformando em tormento. O corpo insistia em não avançar, a mente estava tão confusa e leve quanto a dança da areia ao seu redor. Ramos sentia o braço esquerdo explodindo e esvaziando, o latejar aumentava minuto a minuto. Vencido pela exaustão, ele tombou enterrando o lado direito da face na areia do deserto.

CAPÍTULO 96

- O senhor mandou me chamar General?

- Sim, Flening. Entre, fique à vontade!

- Alguma missão nova?

O General Peter Maier estava com documentos à mão. A testa franzida e o charuto irrequieto no canto da boca, eram típicos de quando ele se achava pressionado.

Enquanto esperava a atenção do superior, Flening se levantou, caminhando até o detalhado mosaico preso na parede ao lado da porta. As fotos de satélite, trabalhadas com os filtros adequados, mostravam nuances pormenorizados da área de responsabilidade da Força de Intervenção Norte Americana.

- É um lugar interessante, não é mesmo filho?!

- Sim senhor! – respondeu Flening.

- Mas começo a achar que a conta da entrega à domicílio vai ser alta demais. – lamentou o general.

- Do que o senhor está falando?

- Lembra daquele teu informante? O cara com o papo de guerra biológica que nós despachamos para um dos nossos laboratórios militares, por via das dúvidas?

- Claro, providenciamos o embarque e segurança dele há quase uma semana. Pareceu-me bem intencionado. – comentou Flening, sentando-se próximo ao superior.

- Pois, é! Mas ele jamais chegou à nossa Base! O comboio foi atacado e o homem simplesmente desapareceu, evaporou nas areias do deserto. – disse o general, apertando o charuto entre os lábios.

- Então ele realmente estava sendo caçado.

- Esse é o problema Flening! Nós sabíamos, tínhamos conhecimento da ameaça e sub julgamos os nossos inimigos.

- Não estou entendendo general!

- Os relatórios sobre a minha mesa; eles relatam o surgimento de uma estranha virose, algo muito pior do que a tal gripe do frango. Pessoas com os sintomas descritos pelo oficial brasileiro estão sendo hospitalizadas em vários pontos diferentes do nosso país. Existem casos de vítimas que nem mesmo chegaram ao atendimento médico. Essas pessoas simplesmente suicidaram-se depois de horas de dor e tormento. Na Califórnia, Texas, Mississipi e Flórida novos casos estão surgindo em proporção geométrica.

Flening ouvia boquiaberto.

- Estamos tentando amenizar a veiculação destes casos. No entanto, a continuar assim o Presidente vai levar a público o assunto. Vai ser difícil evitar arroubos de pânico. Os sintomas descritos nos relatórios são cruéis mesmo para uma Nação de homens e mulheres fortes como a nossa.

- Em que posso ajudar general?

- Preciso que você encontre aquele militar! Coronel acredite! Poucos de nossos homens conhecem o lugar tão bem quanto você. A CIA está trabalhando no caso há cinco dias sem resultados. Viaje ainda hoje, temos um caça em alerta ele será sua carona.

- Sim senhor. Em poucas horas estarei nos Estados Unidos. Qual de nossas Bases era o destino do comboio atacado?

- Kuwait. – respondeu Peter Maier, entregando a Flening uma pasta repleta de documentos.

- Kuwait, senhor!? Mas o que ... – Flening não conseguiu concluir a pergunta, foi interrompido pelo superior.

- Por questões de segurança estávamos levando o oficial para uma Base Militar no Kuwait. A missão era de conhecimento restrito aos cientistas envolvidos nos exames, os agentes da CIA e o Comando da Base. O contexto estava devidamente compartimentado, como convém a questões de segurança Nacional.

O general fez uma pausa, olhando detidamente para o charuto em sua mão esquerda, e depois continuou a falar:

- Ainda não sabemos a maneira pela qual o sigilo foi quebrado. Sua experiência na região foi lembrada pelo Estado Maior e eu o recomendei

pessoalmente ao Presidente. Você será a solução extra oficial, nem mesmo os órgãos de inteligência saberão de sua presença no Kuwait.

Não podemos explicar às autoridades locais que levamos, sem aviso prévio, um possível vetor de contaminação para dentro do seu território. Muito menos assumir a perda do controle sobre ele. Nossa situação diplomática no Oriente Médio não nos permite novos erros.

Além do mais, a celeuma criada com aquela tal “Síndrome dos Bálcãs” ainda nos incomoda bastante. Negamos qualquer ligação entre as mortes dos veteranos que serviram em missões nos Bálcãs e o emprego da munição com ponta revestida de urânio reciclado. E mesmo assim ainda encontramos resistência para operarmos novamente junto a OTAN.

As mães dos jovens atingidos pedem até hoje a desativação das nossas bases de onde partiram os bombardeios e culpam também os governos de seus países pela omissão. Não podemos errar novamente!

- Vou me preparar para partir. Com licença, senhor.

Quando o coronel chegou perto da porta Peter Maier falou:

- Flening, mais um detalhe. Nosso inimigo é o tempo. As projeções feitas pelos especialistas não são nada animadoras. Na melhor delas, em noventa e seis horas um terço da população de nosso país terá sido atingida. Boa sorte!

CAPÍTULO 97

Voltando do estado de inconsciência, Ramos com a visão ainda turva, identificou a forma de uma pessoa de pé ao seu lado. O ambiente possuía um suave perfume. As roupas de cama eram macias. De repente, as luzes se apagaram outra vez.

Passados alguns segundos, ele despertou completamente. A nuca estava dolorida. Duas bandagens repousavam sobre as suas mãos. Debaixo de uma delas saía o fino tubo incolor do soro fisiológico ministrado por via endovenosa.

Ao ver o homem despertar o garoto saiu do quarto gritando algo confuso. Ramos tentou sentar, mas o corpo estava atado à cama por pequenas tiras de tecido. O esforço da tentativa fez o braço ferido doer profundamente. A dor trouxe de volta a lembrança dos últimos acontecimentos.

Um homem usando terno e um pano branco preso à cabeça por cordões pretos entrou no quarto falando alto e sorrindo. Ramos olhou curioso para ele. Não conseguia entender o que estava sendo dito, porém a atitude do homem parecia ser amistosa.

Ramos arriscou algumas palavras, voltando a tentar ficar sentado.

O desconhecido pôs as mãos sobre o seu peito, indicando por mímica que

seria melhor não fazer esforço.

- Você fala inglês? - a pergunta do homem ao lado da cama veio em ritmo mais lento, com as palavras postas pausadamente em um inglês claro.

- Sim. Quem é você, por que estou preso!? – respondeu Ramos.

- Sou Mourmah Assan, eu e minha família estamos cuidando de você. Tivemos de prende-lo à cama para evitar ferimentos durante os delírios. Quando o trouxeram do deserto estava com as mãos e a nuca bastante feridas pela exposição ao sol. Sua sorte foi ter sido parcialmente enterrado nas areias. Meu médico fez uma pequena cirurgia em seu braço, vai ficar tudo bem. – disse Mourmah, fazendo uma discreta reverência com a cabeça.

- Obrigado pelo socorro. Mas por quanto tempo estive desacordado? Estou sedento.

- Foi trazido até aqui há quatro dias. De onde você é?

- Não me lembro! Disse Ramos, preferindo o anonimato.

- Meu médico ficou assustado, disse que você não pode ser daqui!

Ramos esboçou um sorriso e franziu a testa, balançando a cabeça afirmativamente. A resposta veio na forma de outra pergunta.

- Mas você também não parece ser daqui!

Mourmah olhou curioso para o homem deitado a sua frente.

- Aonde pensa estar, senhor...? - o tom reticente do final da pergunta propunha ao Ramos completá-la com o seu nome.

- Acho que é Ramos. Não tenho certeza.

- Então senhor Ramos, onde pensa estar?

- Nos Estados Unidos da América.

O homem soltou uma gargalhada, voltando a falar alguma coisa na língua desconhecida.

- Sua nave pousou no lugar errado. - disse Mourmah em inglês, ainda rindo.

- Pousei, foi?! – indagou Ramos, sem entender.

- Estamos no Kuwait. E você quase matou o meu médico de susto, até mesmo eu só acredito por que vi com os meus próprios olhos.

- Viu o que? – perguntou Ramos.

- Quando você chegou, trazido do deserto, pensei que não sobreviveria. Mesmo assim mandei buscar o meu médico. Havia um curativo neste braço e muito sangue misturado à areia. Depois de avaliar o estado geral o doutor propôs leva-lo para um hospital, pedi para resolver tudo aqui em casa mesmo. Trouxemos todo o material necessário aqui para casa e o doutor começou a trabalhar. De repente ele surgiu na sala, os olhos estavam saltados. Falava em coisas confusas e me disse que você não era como as outras pessoas...

- Aonde quer chegar? Até eu já estou curioso! - Ramos interrompeu a narrativa de Mourmah, estava ficando difícil continuar a conversa. Os ouvidos estavam zumbindo e ficar acordado representava um esforço maior à cada frase dita.

- Seus ossos são verdes. Pelo menos os deste braço são. Ei, está tudo bem?

As luzes se apagaram novamente. Ramos permaneceu desacordado mais algumas horas. Quando voltou a si, um senhor de cabelos brancos e estetoscópio sobre o ombro falava algo ao lado da cama.

- Bem! Nosso marciano está de volta! O inglês do doutor era sofrível. Seu olhar inspirava tranqüilidade e confiança. Ele aparentava ter idade acima dos setenta anos. Contrastando com os cabelos brancos, a sua pele do rosto, de cor acanelada, possuía rugas profundas.

- O senhor pode me desamarrar. Preciso ir ao banheiro. – solicitou Ramos.

- É só fazer. Colocamos uma sonda, fique à vontade.

- Tudo bem, mas ainda assim quero me sentar. – insistiu o tenente.

No dia seguinte Ramos saiu da cama. Usando roupas emprestadas e ainda um pouco zonzo, conheceu em meio à fartura da refeição posta à mesa a família do Mourmah. A forma luxuosa de viver do anfitrião chamou a atenção.

Após o almoço, Mourmah e Ramos ficaram a sós na biblioteca.

- É uma bela família, uma benção. Vejo que gosta de boa leitura. – comentou Ramos, apontando para os livros.

- Sim alguns exemplares estão na família há séculos. É melhor sentarmos! O doutor recomendou-lhe repouso, não vamos abusar.

- Mourmah, por que está me ajudando? Pelo visto você é um homem de posses. Não acha arriscado trazer para o seio de sua família um desconhecido, encontrado ferido no meio do deserto por um bando de mercadores? Também não entendo a sua falta de curiosidade a respeito de minha origem ou motivo do ferimento. Seria mais conveniente e seguro encaminhar-me para o hospital mais próximo. Ainda assim terias preservado a minha vida.

- Não duraria um dia nos hospitais. – revelou Mourmah.

- Por que tanta certeza?

- Os homens atrás de você, eles recebem apoio da Al-Qaeda. Não sei o que andou fazendo rapaz, mas sozinho sua vida não vale algumas pedras de sal.

- Como sabe sobre a Al-Qaeda?

- Quando se tem dinheiro e influência política poucas coisas continuam secretas. Minha família controla metade dos poços de petróleo do Kuwait. Decidimos a maneira pela qual pessoas do outro lado do planeta irão para o trabalho e até mesmo se seus empregos ainda estarão lá quando elas voltarem no dia seguinte.

- E ainda assim se arrisca por um desconhecido?

- Por razões particulares ajudo à qualquer um com problemas com a Al-Qaeda. Só não ajudo traficantes. Ah, ia me esquecendo, agora ajudo a marcianos também. - Mourmah apontou para o ferimento no braço do Ramos. Em seguida colocou a mão espalmada sobre o vidro da mesa. As estantes no fundo da biblioteca se moveram, revelando as portas de um elevador.

Os dois passaram o resto da tarde conversando nos subterrâneos da casa. Lugares preparados para alimentar mentes curiosas e, se preciso, abriga-las de bombardeios.

Pouco antes das dezoito horas, o elevador os trouxe de volta do abrigo vinte metros abaixo da casa. Mourmah tinha um compromisso, se ausentaria durante algumas horas.

Ramos voltou para o quarto, apesar da tensão tentava repousar. Segundo o acertado com Mourmah, o dia seguinte seria movimentado.

CAPÍTULO 98

- Ainda está acordado? – perguntou Mourmah com a porta do quarto onde estava Ramos entreaberta.

- Sim, entre.

Mourmah entrou no quarto. Ele afrouxava o nó da gravata enquanto falava.

- Estava certo. A CIA está revirando cada grão de areia à sua procura. Precisaremos antecipar o vôo. Acha que agüenta viajar ainda esta noite.

- Sim, claro. Estou bem, mas como...

- Não se preocupe! Mourmah já providenciou a viajem e algumas outras coisas para você.

- Quando parto? – perguntou Ramos.

- Pode ser agora?

- Sim, claro.

- Então coloque estas roupas. Um dos meus aviões, o de maior autonomia, está abastecido e pronto para a partida. A tripulação receberá o plano de vôo real quando você estiver embarcado. Conversaremos mais no helicóptero, à caminho do aeroporto.

Mourmah saiu do quarto deixando sobre a cama um belo terno cortado em tecido azul petróleo. No lado do braço ferido o paletó não tinha manga, terminando junto ao ombro de maneira semelhante a um colete.

Quando Ramos chegou à sala, Mourmah o aguardava em pé ao lado de um dos sofás. Ele segurava um sobretudo de cor escura.

- A solução do alfaiate também me pareceu estranha, mas é a mais prática para comportar o uso da imobilização em seu braço. Tome, use isto sobre os ombros, irá ocultar o ferimento e tudo mais.

A caminho do aeroporto, os dois repassaram o que seria feito.

- Não acha possível que a Al-Qaeda ou a CIA esteja monitorando os embarques privados?

- Fique tranqüilo Ramos. Eles de fato estão por toda a parte, mas sempre chegam atrasados. – brincou Mourmah ao responder a pergunta.

Os dois permaneceram algum tempo calados. O helicóptero era silencioso, seu interior havia sido preparado para oferecer conforto aos ocupantes.

Mourmah quebrou o silêncio:

- Você tem coisas boas no coração. É difícil acreditar que está arriscando sua vida, sua profissão pela integridade das famílias de inimigos.

Ramos respondeu a afirmação com o silêncio. Encolhendo os ombros e inclinando ligeiramente a cabeça para o lado, enquanto pressionava os lábio e franzia a testa. Ele manteve esta expressão e o olhar fixo em Mourmah por alguns instantes. Em seguida os dois começaram a rir.

No aeroporto, momentos antes de embarcar, Ramos se despediu de Mourmah. O oficial tinha consciência de que sem a ajuda dele ou estaria morto ou prisioneiro em algum lugar esquecido. Jamais poderia ter dado prosseguimento à tarefa proposta.

- Vá em paz. Quando isto tudo acabar volte, ficaremos honrados em recebe-lo. – disse Mourmah, estendendo a mão para Ramos.

- Obrigado por sua confiança Mourmah. Fique em paz. Sei que é um homem bem informado, saberá do andamento dos fatos.

Ramos embarcou e a porta da aeronave foi fechada. Mourmah permaneceu na pista observando a decolagem do jato executivo.

CAPÍTULO 99

No salão oval da Casa Branca, o Presidente dos Estados Unidos ouvia mais algumas péssimas notícias, desta vez trazidas pelo diretor da CIA.

- Perderam o sujeito bem debaixo de nossos queixos e agora não conseguem encontrá-lo. Enquanto isso, milhares de americanos adoecem. São atacados, massacrados em suas mentes por um inimigo invisível. Essa coisa tem de ser detida e você vem me falar de prazos. Pessoas estão morrendo e eu sou o responsável por elas.

A porta da sala foi aberta. O Secretário de Defesa entrou, ele segurava uma folha de papel. Nervoso, indiferente ao dialogo acalorado que acontecia, o

secretário se dirigiu ao presidente.

- Senhor! Esta mensagem chegou aos nossos servidores há pouco. É nominal para o senhor. Não conseguimos rastrear a origem.

- Está bem, deixe-a aí em cima da mesa.

- Presidente, é melhor o senhor olha-la o quanto antes.

- Mas o que é afinal!

- Um homem dizendo precisar de segurança e uma audiência com o senhor. Assina apenas como Ramos. No final da mensagem tem uma hora zulu e uma freqüência.

A sala foi tomada por um silêncio brutal. Percebendo a reação causada, o Secretário de Defesa comentou:

- Ou é mais um pirado em busca do minuto de fama ou o milagre de que precisávamos aconteceu.

Os homens na sala entreolharam-se.

- Pois bem, vamos tentar. Quanto tempo até a hora zulu estabelecida para o contato.

- Quinze minutos senhor.

Voltando a atenção para o diretor da CIA, o presidente entregou o papel recebido das mãos do Secretário de Defesa.

- Quero que coordene as ações. Na hora do contato rádio falarei pessoalmente com ele, portanto me avise. Pode ir agora.

Quando o Diretor da CIA saiu o Presidente deu a volta na mesa, chegando bem perto do Secretário de Defesa. Passando a falar de maneira menos formal.

- Como está a situação?

- Fora de controle, uma epidemia. Já chegou às nossas casas senhor.

- Chegou?

- Hoje, pela manhã perdi minha filha mais velha. Depois de dois dias urrando, mesmo sedada, ela não resistiu às dores e morreu.

O Presidente colocou a mão sobre o ombro do amigo e Secretário de Defesa.

- Sinto muito. Qual foi a resposta dos nossos laboratórios?

- O agente é desconhecido, ele parece ter inteligência de reestruturação genética. A coisa age por caminhos diferentes em cada vítima. Os cientistas estão trabalhando incessantemente. Alguns geneticistas chineses vieram colaborar com as nossas equipes. Estão registrando ocorrências semelhantes na China.

- O que você acha deste rapaz brasileiro? – perguntou o Presidente.

- Acho que devemos ouvir o que ele tem a dizer.

CAPÍTULO 100

Na hora marcada o piloto do avião sintonizou a freqüência passada pelo Ramos após o embarque.

- O senhor pode falar quando quiser, estamos na freqüência alvo.

Ramos olhou para os números no painel da aeronave. O mostrador com a hora zulu indicava os breves instantes de resto para o início da comunicação. Os fones ao ouvido estavam em silêncio, a freqüência escolhida não estava em uso naquele momento por outras pessoas.

- Audiência! Aqui fantasma, cambio! Sem haver combinado os indicativos para operar a comunicação anteriormente, Ramos resolveu improvisar. Depois da primeira chamada ele ficou aguardando resposta. Enquanto esperava, os poucos segundos de silêncio, levaram-no a cogitar as causas de um possível insucesso.

Talvez Mourmah não tivesse conseguido enviar a mensagem ou talvez os americanos tenham ignorado a sua ajuda.

- É ele presidente! Nosso homem está chamando. Responda com o indicativo “Audiência” senhor. - o Diretor da CIA apertou a tecla tornando a comunicação rádio aberta ao sistema de viva voz. Naquele cômodo da Casa Branca o silêncio aguardava as palavras do presidente emoldurado em olhares aflitos.

- Fantasma! Aqui Audiência, recebemos você alto e claro, Cambio!

- Fantasma precisa de um ninho, asas cansadas. Informe coordenadas. Cambio!

Depois de ouvir a solicitação feita por Ramos a sala onde estava o presidente ferveu. Assessores e agentes puseram-se à trabalhar.

- Ele deve estar querendo uma pista para pousar. Precisamos garantir a integridade desse vôo. Mandem dois de nossos caças decolarem agora. Quero uma escolta para o avião deste rapaz. E quero ele pousando em uma Base militar.

- Mas senhor, não sabemos a localização da aeronave. Nem mesmo sabemos se ela já está no ar. - o Diretor da CIA estava transpirando em excesso, apesar da temperatura ambiente agradável.

- Este sujeito, seja lá ele quem for, não parece ser um amador. Ele pensa e age de maneira a estar sempre um passo na dianteira. Se não fosse assim não estaríamos ouvindo-o.

Um dos oficiais de alta patente presente propôs a solução.

- Senhor, peça um plote.

- Pedir um plote? – questionou o presidente.

- Sim presidente. Se ele estiver em uma aeronave equipada com sistema de

iluminação de ponto de destaque em radar o piloto saberá o que fazer. Quando usarem este recurso, saberemos com precisão a localização do vôo.

- Fantasma! Aqui é audiência, cambio!

- Prossiga audiência!

- Audiência precisa preparar o ninho no lugar certo, cambio!

O presidente preferiu arriscar o palpite de que o interlocutor leria as entrelinhas. Testas foram franzidas na sala.

No avião, Ramos colocou a mão no ombro de um dos pilotos perguntando se existia alguma maneira de distinguir aquele vôo dos demais nos monitores dos controladores de tráfego aéreo.

- Sim, temos.

- Então faça agora.

Minutos mais tarde, dois Caças passaram a escoltar o avião onde estavam Ramos e os pilotos.

CAPÍTULO 101

Depois do pouso, Ramos foi revistado e levado a uma das salas da Base Aérea usada para acolher o seu vôo. Militares fardados circulavam pelos corredores em meio a diversos homens à paisana.

No momento em que o presidente deixava a sua equipe para ir ao encontro do Ramos, o Secretário de Defesa interveio.

- Senhor, pessoalmente acho arriscado o senhor ir até esse sujeito. Pode ser uma armadilha, ele pode ser um vetor de contaminação usado para deixar o nosso país acéfalo.

- Entendo a sua preocupação, mas temos milhões de americanos contaminados. Condenados à morte, de maneira semelhante à sua filha. Acéfalo estará os Estados Unidos da América se nós não estivermos dispostos ao grande sacrifício em nome de nossas famílias - dizendo estas palavras o presidente deu as costas aos homens emudecidos.

A mente do homem de muitas responsabilidades fervilhava. A caminhada pelos corredores de ligação entre o gabinete do comandante da Base, onde estava reunido aguardando o pouso da aeronave, e a sala de triagem serviu ao Presidente para repassar a abordagem escolhida.

Alguns assessores repassavam informações obtidas sobre o jovem oficial brasileiro e sobre o andamento da crise envolvendo a epidemia. Eles falavam quase ao mesmo tempo. Ao se aproximar de uma porta, guardada por dois agentes do serviço secreto, o grupo parou e apenas o líder prosseguiu.

Ao entrar na sala o presidente encontrou Ramos sentado sobre o tampo de

uma mesa, havia um sobretudo estendido numa cadeira perto dali. O belo terno azul petróleo usado pelo jovem chamava atenção pela ausência do tecido sobre o braço esquerdo. Descobertos, o curativo e a imobilização do ferimento contrastavam com o figurino alinhado utilizado pelo rapaz.

- Ramos, não é mesmo?! - o presidente andou na direção de Ramos com a mão estendida, propondo o cumprimento pelo aperto de mãos.

Ramos pulou da mesa e apertou a mão do homem de expressão aparentemente plácida. Ainda durante o cumprimento, o brasileiro abordou o assunto principal, afastando qualquer rodeio desnecessário.

- Precisei envolve-lo pessoalmente nisto. Acho que deve saber do contratempo do Kuwait? Não sei até onde existem pessoas interessadas em deixar o pior acontecer!

- E o que é o pior Ramos? – perguntou o presidente, convidando Ramos a sentar-se em um sofá.

- Já começou Presidente. Pessoas inocentes estão morrendo de uma maneira medonha. As vítimas deste episódio não estarão em campos de batalha distantes, estarão na sala de jantar de suas casas. Vidas do seu povo, consumidas pela dor, serão ou melhor, já estão sendo usadas à serviço de disputas que, quando muito, deveriam ficar restritas ao último argumento das Políticas de Estado.

O Presidente mostrou concordância com o ponto de vista do jovem oficial brasileiro. Após um breve intervalo, veio a pergunta:

- E o que você propõe Ramos?

- Temos de vencer a corrida contra o relógio. O senhor deve ter sido informado a respeito da minha participação nisto tudo?! Foi do meu sangue que retiraram o princípio de funcionamento desta arma biológica. Tive de fugir do Brasil, era a única maneira de evitar a culpa pelo assassinato de tantas pessoas. Proponho que estudem o meu sangue. Nele encontrarão a alteração criada por uma doença tropical rara, contraída na Amazônia, e provavelmente o antídoto para a arma biológica.

Os dois conversaram mais algum tempo. O hábil Presidente, político profissional, poderoso senhor das milícias interventoras da Amazônia, dialogava de igual para igual, do alto de seus cinqüenta e dois anos, com o jovem estrangeiro de olhar penetrante e passado quase anônimo.

CAPÍTULO 102

Apesar das tentativas iniciais de controlar a veiculação das notícias sobre a epidemia que assolava o território Norte Americano e Chinês, aos poucos as

informações foram vazando. A realidade dos fatos era impositiva e estava acima de qualquer tentativa de controle estatal.

Uma vez conscientes dos riscos de contágio e enfurecidos pela política de acobertamento, tentada pelos governos dos Estados Unidos e da China, as autoridades de diversos países ordenaram o fechamento de seus portos, aeroportos e fronteiras. Produtos e pessoas procedentes dos territórios onde a peste inicialmente se alastrara não entravam nos países livres da doença. Mas a informação e, conseqüentemente, as medidas de segurança chegaram tarde demais.

Mesmo os poderosos interesses comerciais e econômicos sucumbiram ante o instinto de sobrevivência. Pactos silenciosos, eqüidade de balanças comerciais, acordos de cooperação mutua, todos foram cinicamente atropelados.

Passados oito dias, desde a coleta da primeira amostra de sangue do Ramos, os cientistas ainda trabalhavam diuturnamente sem obter progressos. Fora das paredes estéreis dos laboratórios metade da população dos Estados Unidos da América estava contaminada. O número de mortes crescia a cada instante.

Corpos começavam a amontoar-se em locais públicos. A economia estava paralisada. O restante da força produtiva do país buscava no isolamento de suas residências ou áreas desertas a solução para evitar a contaminação.

O inimigo era invisível. Patrão, vizinho ou o caixa do supermercado, qualquer um poderia ser o portador da peste. A pessoa que traria para o seio da família a morte dolorosa.

Na China o quadro não era diferente. Até um pouco mais assustador. Meio bilhão de pessoas mortas em pouco mais de uma semana. Segundo os cientistas, o clima quente tornava mais eficaz ainda a arma biológica.

No entanto a grande alavanca de disseminação da doença na China foi a falta de informação. O governo temendo o pânico restringiu o conhecimento do povo, controlando os meios de comunicação. Quando a população despertou para a realidade, cadáveres já tomavam lugar à calçada.

Uma onda de descontentamento varreu o país. E o governo chinês herdou duas frentes de combate. A epidemia e a insurreição da vontade popular, pedindo a deposição imediata dos governantes.

O golpe sofrido à retaguarda foi mais forte do que a vontade de permanecer em combate e muitos dos militares da Força de Intervenção na Amazônia começaram a desertar. Para evitar a perda completa do controle sobre a situação, os comandantes militares se viram obrigados a repatriar os combatentes desejosos.

Em pouco tempo não havia maneira de sustentar as operações no território

estrangeiro. Os militares ainda operativos estavam com o moral abatido, sem motivação para prosseguir. A batalha em suas casas estava sendo perdida e eles nada podiam fazer para ajudar, nem mesmo estar presente para oferecer o conforto do calor humano.

Acusações do uso de arma biológica feitas pelos governos dos Estados Unidos e China contra o Brasil resultaram em amplo debate internacional. O governo brasileiro repudiou, desde o primeiro instante, qualquer possibilidade de envolvimento seu com os lastimáveis acontecimentos hora observados nos dois países.

Reiterando, ainda, a conduta do Brasil de Estado contrário à agressões e a quaisquer outras manifestações lesivas à vida, integridade e liberdade de seus cidadãos e de outrem, como atestado pela dignificante história pacífica do povo brasileiro.

A comunidade científica européia comentava a possibilidade de estar-se diante de um mal causado pela penetração de homens geneticamente despreparados em uma região totalmente desconhecida do planeta. Isso explicaria o porquê do surgimento dos primeiros casos justamente nas circunvizinhanças das Bases Militares onde havia militares envolvidos na Intervenção na Amazônia. Depois de terem estado no coração da Selva, estes militares tiveram contato com parentes, vizinhos, motoristas de táxi e tantas outras pessoas por fim, também, contaminadas.

Mas o Governo Norte Americano tinha o testemunho de Ramos, o seu sangue era a melhor prova de que os cientistas da Comunidade Internacional estavam enganados.

Os estudos começaram a apresentar os primeiros resultados. Várias vacinas passaram à fase de testes em caráter emergencial. Ramos estava fazendo a sua parte, colaborava com as baterias de exames e testes requeridos pelos médicos. Também recebia tratamento para o ferimento no braço. Uma nova cirurgia foi feita no local.

Apesar de muito pressionado, Ramos se negou terminantemente a pronunciar-se a respeito do caso com a imprensa. Deixando claro a distância entre o gesto humano de tentar poupar vidas inocentes e a traição.

Por ordem pessoal do presidente do Estados Unidos, ninguém mais estava autorizado a tocar neste assunto com Ramos. Ele entendia o que se passava na cabeça do jovem oficial. Todas as tardes os dois conversavam por uma hora ou mais.

CAPÍTULO 103

- O meu país está sendo devastado. E o pior é a impotência diante da realidade. - o Presidente Norte Americano falava com as duas mãos nos bolsos da calça olhando para a bandeira dos Estados Unidos existente no fundo da sala onde ele e Ramos conversavam. Fazia frio do lado de fora. A neve caída nas últimas trinta horas acumulava-se pelas ruas e passeios.

- Como estão os estudos? Conseguiram algo capaz de reduzir as mortes? – perguntou Ramos.

- Estão tentando. – respondeu o Presidente, ainda com o olhar fixo na bandeira.

- E nos outros países?

- Esta é a pior parte Ramos. Começam a surgir os primeiros casos, apesar dos cuidados tomados. É difícil restringir por completo a movimentação das pessoas. Algumas cruzaram as fronteiras a pé. Imaginavam estar fugindo do mal, mas infelizmente eles o levaram consigo.

- E o meu país?

- Eles negam qualquer envolvimento. Há algo que desejo contar pessoalmente a você. – o Presidente sabia que a revelação feita a seguir traria muito desconforto ao brasileiro.

- O que é?

- Anunciaremos esta noite uma retaliação militar ao Brasil. Em meio a toda essa desgraça a única forma de manter o espírito da nação altivo é alimentar a sede de justiça. – disse o Presidente olhando nos olhos do oficial.

- Se o senhor chama de justiça assassinar civis inocentes, fazendo por outros meios exatamente o que eu tento evitar aqui, vá em frente. Acho que deveríamos agir no sentido de colocar atrás das grades as mentes que articularam tudo isso. – ponderou Ramos, sem desviar o olhar.

O presidente ficou em silêncio.

Por instantes, foi possível ouvir o chiado das lâmpadas ao teto. Havia sinceridade nos olhares de preocupação e desalento dos dois homens naquela sala.

CAPÍTULO 104

Após anunciada à imprensa a retaliação militar ao Brasil, começaram a surgir as primeiras reações contrárias. Com exceção da Inglaterra, a Europa alinhou-se à Rússia e ao Japão, emitindo nota à imprensa advertindo que não seria tolerada nova agressão gratuita ao Brasil. Os governantes alertavam para os riscos do surgimento de um conflito em escala planetária caso os Estados Unidos da América insistisse nas medidas unilaterais anunciadas.

O governo chinês permaneceu em silêncio. O momento era delicado para a própria existência do Estado. Revoltosos, os populares davam mostras da insatisfação deixando de lado a contagem das vítimas e mantendo violentos protestos exigindo a queda do governo.

A violência da repressão às manifestações populares decrescia. À medida que aumentava o número de simpatizantes da revolta, principalmente entre os militares, mais perto do poder ficava o povo.

A lástima recaída sobre a população fora atribuída à decisão do governo de participar da intervenção na Amazônia ao lado dos americanos. Nos corações das famílias destruídas pela peste não havia espaço para complacência ou medo.

Os jornais do dia seguinte ao anúncio de retaliação militar ao Brasil refutavam a decisão Norte Americana como sendo uma manobra para a salvação de egos econômicos. Analistas políticos denunciavam a escaramuça para salvar a economia e distrair a atenção do povo americano. O esforço de guerra da poderosa máquina belicosa seria a reedição da velha solução americana para os problemas vividos em casa.

Em convocação extraordinária do, anteriormente desmoralizado, Conselho de Segurança da ONU, o representante do governo francês disse que também a Europa experimentava casos da enfermidade conhecida por Ossos Verdes. No entanto não havia cabimento em se depositar a culpa de seu infortúnio nas costas de pessoas inocentes, de uma Nação distante.

O chanceler francês terminou deixando uma pergunta no ar. “Assistimos, recentemente desta mesma casa de justiça e ordem, o desencadear de ações militares contra o pacífico povo brasileiro. Omitimo-nos! Na ocasião a ingerência foi justificada sob a bandeira da manutenção da liberdade. Agora, sinais claros de nova agressão ao Brasil surgem no horizonte, suas motivações aparentam ser menos compreensíveis ainda. Quanto tempo vai demorar para encontrarmos esta ameaça em nossos quintais?”

Acuado o governo Norte Americano resolveu voltar atrás na decisão de retaliar o Brasil. Indo além, decidiu retirar por completo suas forças militares envolvidas na operação de intervenção na Amazônia. Acompanhando o que havia sido decidido, há algumas horas, pela China.

A retirada, feita às pressas, deixou para trás grande parte da estrutura montada para atender às necessidades de uma intervenção planejada para estender-se por um longo período.

A atitude cabisbaixa e apressada das tropas nos preparativos sumários para a retirada não lembrava, nem de longe, a altivez arrogante da chegada.

Nos territórios desocupados, a população vivia a incerteza dos novos tempos. Temiam a interrupção das necessárias melhorias já iniciadas pelos

estrangeiros. Por outro lado a reintegração da Amazônia ao Brasil, aos brasileiros, enchia de orgulho o povo da região.

CAPÍTULO 105

Em um gabinete o estouro marcava a abertura de outra garrafa de champanhe. O coquetel contava com a presença de um grupo restrito de oficiais de alta patente.

O grupo aguardava a chegada do Ministro da Defesa.

- Ele estava reunido com o marido da vizinha gostosa! – disse um dos generais para o grupo à sua volta.

As expressões nos rostos dos interlocutores indicavam a curiosidade a respeito do comentário. Então o general explicou.

- O Presidente é o famoso marido da vizinha gostosa. Afinal, vive sendo traído, é cordial com a vizinhança, acha que está mandando bem e ainda cuida dos filhos que nem são seus sem desconfiar de nada.

As gargalhadas invadiram o ambiente e novas anedotas foram surgindo.

Depois de quase uma hora de prazerosa espera, o Ministro da Defesa entrou no gabinete.

O comandante do exército brindou a chegada do Ministro:

- Um brinde ao homem que devolveu ao Brasil mais do que a Amazônia, um brinde ao homem que devolveu a dignidade ao país!

CAPÍTULO 106

- O senhor tem uma visita. – avisou o agente do serviço secreto.

Ramos olhou para o relógio. Àquela hora da manhã somente poderia ser mais alguma equipe médica. Seguindo o guarda costas, ele atravessou os corredores entre o aposento e a sala usada para receber as visitas.

- Fiquei sabendo dos problemas ocorridos no Kuwait, mas felizmente você se saiu bem! Estive lá coordenando um esforço de resgate.

- Flening!? - Ramos falou o nome do homem na sala de visitas em tom de confirmação. Buscava na memória o seu nome.

- Isso mesmo. Como está sendo tratado? Precisa de algo?

- Não obrigado. Li nos jornais à respeito da retirada, você estava lá, é verdade?

A pergunta deixou Flening visivelmente desconfortável.

- Não, não estava lá. Acompanhei pelos jornais e conversas de corredores. Agora acha que eles estavam certos? Afinal o objetivo foi alcançado, a força de

intervenção se retirou! – perguntou Flening.

- Resguardada a soberania de meu país, ainda assim tratamos de assassinato em massa. Por isto ainda estou aqui! Se tivesse alguma dúvida, não me arriscaria tanto. Por minha opção serei execrado, banido das fileiras do exército e considerado um traidor da pátria.

Houve um silêncio pesaroso entre os dois oficiais. Depois, Flening voltou a falar.

- Talvez não seja preciso tanto!

Sentado na cadeira ao lado da ocupada por Flening, Ramos inclinou o corpo para a frente colocando o queixo sobre a ponta dos dedos. O olhar postado no infinito e o silêncio propunham o interesse pelo desencadear do raciocínio iniciado por Flening.

- Temos fortes indícios de que a coisa toda foi articulada pelo Ministro da Defesa do seu país. O Presidente da República não tomou conhecimento dos planos, nem mesmo depois de iniciada a operação. Trata-se de alta traição...

Ramos olhou para Flening e, balançando a cabeça em sinal de negação, falou:

- Esqueça! Seria impossível obter verbas para manter os estudos necessários a um projeto deste porte sem consentimento do Presidente e do Congresso. Eu ouvi esta estória de algumas autoridades de meu país, mas sinceramente não acho convincente.

Mas Flening não se deu por vencido e argumentou.

- Nós pensamos assim por estarmos fora do jogo do poder. As coisas podem ser arranjadas, acredite.

Ramos refletiu por alguns instantes. Quando voltou a falar, ele olhou nos olhos do Coronel.

- Será que as informações do seu governo ainda passam pelos mesmos analistas de inteligência? Aqueles responsáveis por subestimar as ameaças de guerra biológica quando nós a denunciamos? Ou os mesmos que me enviaram para a morte no deserto, desprezando a forte influência da Al-Qaeda na região.

Um longo silêncio seguiu ao desabafo de Ramos.

- Entendo a desconfiança. Não antever o apoio da Al-Qaeda à qualquer um capaz de infringir sofrimento e vergonha ao governo dos Estados Unidos foi um tremendo erro. Como poderíamos esperar algo diferente depois do que fizemos. Mas a mesma desconfiança não deve impedir você de ver a realidade dos fatos.

- Está certo! E qual o seu interesse nisto tudo Flening? Por que veio até aqui me contar as novidades?

- Você tem conhecimento, informações que serão úteis em minha missão. – respondeu Flening de maneira objetiva.

- Qual a missão? Se for mentir poupe o nosso tempo!

- Vou para o Brasil, começam a surgir os primeiros casos da doença por lá. Se provarmos que a insanidade de alguns poucos membros do poder foi a responsável pela Ossos Verdes conseguiremos bater vários objetivos ao mesmo tempo. Colocaremos os culpados no banco dos réus, poderemos obter a vacina ou coisa equivalente com os próprios cientistas da equipe de desenvolvimento da arma, restauraremos a verdade ao seu devido lugar e de quebra ficará mais que evidente a sua inocência Ramos. O povo te absolverá, as vidas salvas não serão apenas americanas, asiáticas ou européias, serão também brasileiras agora.

- Meu trabalho por aqui acabou. Devem estar com litros do meu sangue e boas amostras de tecidos. Aceito ajudar se eu for junto.

- Mas não vão permitir... – reagiu Flening.

- O acordo é este, ou terão de percorrer o caminho mais demorado. – disse Ramos se levantando da cadeira.

Flening olhou por alguns instantes para o nada e depois se dirigiu à porta. Antes de sair ele se virou para trás e disse:

- Vou precisar fazer uns contatos, mas não garanto nada.

CAPÍTULO 107

Os resultados dos estudos levados a cabo nos quatro cantos do planeta não faziam frente à velocidade de avanço da doença. Suas vítimas tinham uma característica em comum, observada durante as autópsias, ficavam com os ossos esverdeados. Por isto desde as primeiras vítimas fatais a doença passou a ser chamada de “Ossos Verdes”.

Quase acidentalmente, médicos alemães descobriram um importante aliado. Pacientes infectados, quando em coma induzido tinham suspenso o desenvolvimento da enfermidade. Desde então, milhares de pessoas em coma induzido passaram a ocupar leitos hospitalares.

A técnica salvou incontáveis vidas humanas, mas logo esbarrou na limitação física dos hospitais. Mesmo os hospitais de campanha, montados da noite para o dia, não eram suficientes para atender ao crescente número de pacientes. Muitos médicos e enfermeiras acabaram sendo acometidos pela mesma doença de seus enfermos.

A Ossos Verdes usava quaisquer meios possíveis para alastrar-se. Desenvolvida para vencer a corrida contra o tempo, a arma biológica não respeitava as barreiras naturais que impediram a extinção da raça humana até então.

CAPÍTULO 108

Com passaportes e documentação falsos Ramos, Flening e Perez entraram no Brasil. Supostamente, faziam parte de um grupo de médicos e cientistas europeus convidados pelo governo brasileiro para realizar estudos conjuntos à respeito da epidemia.

Ramos estava irreconhecível. Desembarcou, na volta ao Brasil, careca, usando cavanhaque, óculos e apliques de silicone nas maçãs do rosto. A mudança física foi acompanhada de uma postura corporal diferente da costumeira. No lugar do peito estufado havia ombros arqueados para a frente e costas ligeiramente curvadas. As passadas longas e decididas deram lugar ao caminhar tímido do médico epidemiologista inglês.

No caminho até o hotel, ruas quase desertas e trânsito desimpedido nas principais vias de acesso ao centro da cidade. São Paulo estava anormal. As manchetes dos jornais lidos no período em que Ramos esteve nos Estados Unidos estavam corretas. O pânico social desertificara os grandes centros urbanos, destruindo a economia das ruas.

Naqueles dias estar nas ruas significava abrir mão da saúde. O medo intensificou as operações por canais virtuais. Para evitar contágio, poucas pessoas arriscavam sair as compras ou mesmo ir ao trabalho. Os entregadores das compras realizadas via telefone ou internet eram orientados a deixar as mercadorias do lado de fora das casas, somente após terem se afastado os moradores abriam as portas.

Seitas religiosas, anunciando o fim dos tempos, aproveitavam-se do desespero das pessoas para auferir lucros. A fórmula do mal caratismo era a mesma de séculos atrás. Em troca da redenção dos pecados os seguidores abriam mão dos bens materiais amealhados durante a vida terrena.

Grupos de fanáticos eram incitados a, depois de transferirem os seus bens para os líderes das seitas, realizar suicídio coletivo, evitando o sofrimento causado pela Ossos Verdes. Os supostos líderes espirituais diziam aceitar o sacrifício de ficar com todos os pecados dos seguidores para que estes pudessem ser salvos na vida eterna.

Representantes de outras entidades eclesiásticas, de comportamento mais ponderado, faziam o possível para esclarecer a população evitando tragédias ainda maiores. Entretanto, a procura por aquelas seitas só crescia. As autoridades alegavam que pouco podiam fazer, havia muitos corpos a serem contados e recolhidos em meio ao caos da pandemia.

Trabalhando em conjunto e alimentados por informações repassadas pela CIA, Ramos, Flening e Perez concluíram: A forma mais rápida de fazer surgir a

verdade seria através de um ataque direto aos integrantes do governo brasileiro responsáveis pelo desenvolvimento da Ossos Verdes. Atuar sobre os mentores do plano, forçando-os a compartilhar a tecnologia por trás da arma biológica.

CAPÍTULO 109

Em Brasília, no Ministério da Defesa ocorreria uma reunião onde os principais suspeitos de envolvimento com o projeto estariam presentes. Era a oportunidade de ouro. Avisados a tempo, os três viajaram para a capital do país.

As noites e os dias na casa alugada no cerrado foram integralmente consumidos no planejamento das ações. Agentes da inteligência Norte Americana foram acionados para desencadear a operação apelidada por Flening de Guilhotina de Fogo.

Na véspera do encontro, uma equipe de técnicos da empresa credenciada pela segurança presidencial visitou as instalações do Ministério. Foram chamados depois de várias reclamações por conta do mau funcionamento do sistema de condicionamento de ar das salas de trabalho do prédio.

Introduzidos clandestinamente na Sede do Ministério da Defesa, dentro dos pesados cilindros usados para reposição do gás, Ramos e Perez permaneceram no edifício após a saída da equipe de apoio. O equipamento necessário para a operação também foi conduzido dentro dos fundos falsos dos cilindros metálicos, sem despertar desconfiança na segurança do prédio.

Flening agiria em outra frente. Para a Guilhotina de Fogo obter êxito completo, além do acesso à cura, era preciso anunciar ao mundo a conspiração assassina e inconseqüente que resultou na Ossos Verdes. Imagens, mesmo transmitidas ao vivo, ou gravações não serviriam a esse propósito. Podiam ser facilmente alteradas. Porém o mesmo não poderia ser feito com o testemunho de certas pessoas.

A reunião estava agendada para as oito horas da manhã do dia seguinte. Durante a noite da véspera, Ramos e Perez se deslocaram pelos dutos de ar. Precisavam alcançar o andar intermediário ao da sala de reuniões reservada para o compromisso. O espaço, exíguo para a progressão, dificultava o rastejo cauteloso.

Ramos ainda sentia dores fortes no ferimento do braço. Apesar de ter apresentado uma recuperação espantosa do tecido ósseo, a musculatura local não estava plenamente restabelecida.

Evitar ruídos denunciadores, ao arrastar-se pelos dutos, feitos de folhas metálicas, e combater as câimbras, foram os pensamentos mais comuns nas mentes dos dois militares até ficarem exatamente sobre a grande mesa ovalada.

Naquele lugar foi preparado o acesso para a entrada surpresa do dia seguinte. Conferidos, outra vez, o armamento e equipamento restava apenas esperar. Rezar para que imprevistos não pusessem o sucesso da operação em risco.

Durante a espera, Ramos ponderava os rumos tomados por sua vida. Decisões necessárias à superação das dificuldades surgidas geraram novas situações de mudança, criando as linhas imaginárias sobre as quais combatem destino e vontade.

Das patrulhas na Selva Amazônica à decisão de se antepor às ordens de seus superiores hierárquicos. Da paixão descoberta na cachoeira ao prelúdio da morte nas areias do deserto. Da saudade de sua família ao medo e a vergonha de vê-los acometidos por um mal saído de suas entranhas ou de encontrá-los desapontados com as notícias de um filho acusado de trair a pátria. Da opinião truncada sobre os Norte Americanos ao trabalho conjunto em nome de uma causa maior. São as contradições momentâneas, forçadas por mãos invisíveis, capazes de ensinar na exata medida do que nos cabe aprender.

Os dutos traziam a lembrança das horas passadas dentro das cavernas encontradas acidentalmente na Floresta Amazônica. Principalmente as recordações das últimas horas, quando também espremido pelas paredes teve de abrir caminho para a liberdade. Os rostos dos companheiros mortos naquela noite foram lembrados.

- Ramos! O chamado de Perez desfez a monotonia da espera.

- Diga.

- Tem algo de errado comigo! Estou com muitas dores na cabeça, os pensamentos estão ficando embaralhados.

Perez falava com dificuldade e apesar de iniciar as frases tentando falar baixo, o descontrole o levava a termina-las quase aos berros. Passados alguns minutos, Ramos percebeu que seria difícil manter o sigilo da posição. Perez insistia na idéia de sair dali. Agitado, ele alternava momentos de lucidez e insanidade. Ramos acendeu a iluminação do mostrador do seu relógio, eram seis horas da manhã. Em breve o lugar teria vida novamente.

- Calma, vai ficar tudo bem. Tente esquecer as dores, evite falar.

Perez estava chorando, as lagrimas escorriam com fartura nas curvas de seu rosto. O macacão preto tremia acompanhando o desacerto do corpo. As dores insuportáveis e o mergulho em profunda depressão, alternados com surtos psicóticos, eram apenas as partes mais aparentes das alterações químicas desencadeadas no cérebro dos infectados. Perez foi reduzido à condição de um inseto agonizante em poucas horas.

Não restavam dúvidas, os sintomas apresentados pelo capitão Norte

Americano eram os mesmos descritos como sendo os desenvolvidos pela Ossos Verdes. Pego de surpresa Ramos procurava a melhor solução. O quadro de saúde apresentado por Perez inviabilizava o prosseguimento da missão. Porém, ao se perder esta oportunidade estaria-se condenando mais alguns milhões de seres humanos ao mesmo sofrimento.

A idéia de deixar Perez desacordado e amarrado até o fim da ação era coerente, mas esbarrava na possibilidade dele se debater depois de recobrar a consciência. Quando o expediente começasse haveria mais ouvidos espalhados pelo prédio. Qualquer movimento descuidado feito sobre a superfície metálica dos dutos de ar causaria, por muito mais forte razão, barulho suficiente para denunciar a presença de intrusos. A segurança do Ministério não seria complacente com os riscos e a reunião poderia ser adiada ou realizada em outro local.

Ramos se arrastou para mais perto de Perez. A mão colocada sobre a perna dele acompanhava o tremor do seu corpo. Perez estava calado há alguns minutos, deixando escapar apenas alguns soluços forçados pelo choro. Notando a aproximação do brasileiro ele quebrou o silêncio novamente.

- Diga a minha família que eu os amo. Me perdoe meu Deus! – disse Perez.

Em seguida, o estampido abafado do disparo de uma arma com supressor de ruídos percorreu os dutos de ar. A mão esquerda do Ramos ainda sentiu a perna do militar contrair-se duas vezes antes de parar por completo. Cessados os espasmos, se foram também os tremores, as dores, o sofrimento e os riscos de ter-se abortada a missão. O suicídio de Perez abria caminho para muitas coisas entre elas a preservação de sua própria família, caso o plano fosse bem sucedido.

Tateando o corpo do Perez, Ramos procurou o lugar do ferimento. Não precisou procurar muito. Começou pela cabeça e já no topo do crânio encontrou uma deformidade. O projétil não chegou a atravessar completamente o osso, estava presa com mais da metade para fora. O disparo por baixo do queixo a queima roupa e o comprometimento da velocidade inicial do projétil, causado pelo uso daquele tipo de supressor de ruídos, evitaram a transfixia que poderia denunciar a existência de atividade não autorizada no prédio.

Usando as bolsas onde vinham sendo transportados os equipamentos, Ramos aparou a cabeça do morto. Queria evitar que o sangue do ferimento escorresse pelo duto e acabasse alcançando alguma das saídas.

Sentindo o sangue secar em suas mãos, Ramos aguardou o momento da ação. Ainda que de maneira discreta, um pouco do cheiro da morte tomou conta do ambiente.

CAPÍTULO 110

As mãos, antes viscosas, deram lugar ao atrito esfarelento do sangue ressecado e o silêncio da sala de reuniões ao ruído da confraternização entre os participantes recém chegados. Era preciso contar com o sucesso da etapa da missão sob a responsabilidade do Coronel Flening, sem ela a sua ação poderia ser facilmente rotulada como iniciativa isolada de um desequilibrado qualquer.

A reunião teve início com uma pequena troca de acusações. O comandante do exército estava insatisfeito com o fato de a ossos verdes estar atingindo também aos brasileiros. O ministro da defesa argumentava, tentando convencer os demais da necessidade de aceitar os danos colaterais com vistas aos benefícios futuros para o novo Brasil que surgiria após a crise.

- Dentro em breve surpreenderemos o mundo anunciando a obtenção de uma forma de deter o avanço da ossos verdes. – disse o Ministro da Defesa.

- Mas isto é óbvio demais. É o nosso atestado de culpa. Se entregarmos a cura, no momento seguinte o país será devastado por armas de destruição em massa como medida de retaliação. – protestou o comandante da Marinha.

O ambiente fervilhava, todos falavam ao mesmo tempo. Então, o Ministro da Defesa tomou a palavra novamente, seu discurso estava carregado de sarcasmo e ironia. Ele explicou que o plano, agora, era anunciar a descoberta de um tratamento sintomatológico e não compartilhar a cura.

- Senhores, vamos torna-los dependentes de nossa tecnologia. Estaremos no controle. Ninguém falou em cura, ela não nos interessa. Pelo menos por enquanto, não é mesmo!? – Ponderou o Ministro da Defesa.

Na hora marcada um comando emitido pela rede de computadores local trancou a porta da sala de reuniões, seus ocupantes não perceberam a manobra. Segundos depois, a tela de uma das saídas do sistema de ventilação caiu sobre a mesa. Em seguida vieram dois cilindros metálicos pequenos. Eles exalavam gases incolores, mas de cheiro forte.

O impacto dos cilindros contra o tampo de vidro da mesa o estilhaçou de imediato. Alguns dos presentes, percebendo a anormalidade da situação, correram para a porta. Trancados eles começaram a gritar, batendo na porta e no comprido painel de vidro que recobria toda uma parede da sala.

A tensão aumentou quando surgiu da abertura no teto um homem vestido de preto, usando capuz e de arma em punho.

Agindo com atitude enérgica, Ramos dominou os ocupantes da sala sem realizar disparos. Todos foram colocados de joelhos com as mãos sobre a cabeça. Estavam de frente para o grande painel de vidro, apenas Ramos falava. Suas ordens eram claras e as advertências esvaziavam os ânimos de qualquer um

disposto a tentar reagir.

O Ministro da Defesa aparentava ser o mais assustado, a calça de seu terno cinza claro exibia uma mancha escura que escorria até o joelho da perna direita. Algumas gotas de urina chegavam ao piso.

- O que você quer? Logo a sala estará cercada, sejam quais forem as suas intenções você não será bem sucedido!

A voz era de um velho conhecido de Ramos, um oficial de alta patente com quem trabalhara anos atrás. Ao reconhece-lo em meio ao grupo responsável pela Ossos Verdes, Ramos lamentou.

- Está enganado. Seja qual for o desfecho eu já atingi o meu objetivo. Estou aqui apenas para presenciar o primeiro instante da verdade. Para ver nos rostos de vocês a mesma dor a que sentenciaram metade da população mundial.

Surpreendendo os homens ajoelhados, Ramos retirou o capuz.

- Ah! Então o traidor resolveu aparecer. Vejo que tentou mudar de cara, deve ser a vergonha, não é?! Você é um ingrato mesmo! Salvamos sua vida e lhe oferecemos a oportunidade de compartilhar o despertar de uma nova era, mas você preferiu pagar à sua pátria com traição. – disse o Ministro da Defesa ao reconhecer Ramos.

- Se alguém traiu a confiança da pátria este alguém foi o senhor. Como acha que o presidente reagiria ao saber do envolvimento da alta cúpula das Forças Armadas Brasileiras no desenvolvimento e uso de uma arma biológica igual a Ossos Verdes? Ou ainda, qual seria a reação dele e do povo ao tomar conhecimento da conspiração assassina dos senhores? – provocou Ramos.

- Fedelho! Quem você pensa que é para nos questionar? Sua palavra não vale nada fora desta sala. Pense bem! Quem vai acreditar em uma trama fantasiosa como a que tem para contar. Afinal somos pessoas públicas, pessoas de respeito, parte do poder. E você é apenas um traidor, um jovem neurótico, produto do despreparo emocional para o tipo de trabalho que precisou executar em nome de seu país.

Ramos apontou com o olhar a mancha escura na calça do Ministro da Defesa.

- Ministro, o senhor parece bem mais corajoso agora, depois de abreviar sua ida ao banheiro, mas sinto em ter de concordar com o que disse! Minha vida não vale um centavo fora desta sala.

- Exatamente! Mas você ainda pode mudar isso rapaz, abaixe esta arma e nós providenciaremos uma saída honrosa. - disse o Brigadeiro Comandante da Aeronáutica, ajoelhado ao lado do Ministro.

- Agora não há mais volta. Tarde demais!

- O que está dizendo Ramos? - a pergunta veio do Comandante do

Exército.

- Os gases daqueles cilindros general, eu os trouxe aqui para fazer os senhores provarem um pouco do sofrimento que espalharam pelos quatro cantos do planeta.

O grupo ajoelhado aguardava, a qualquer momento, a chegada de ajuda com a abertura da porta e o surgimento de um negociador profissional. No entanto os minutos se alongaram, sem o surgimento do socorro desejado.

- Ele está blefando Ministro! Como teria acesso a arma e por que se arriscaria entrando aqui sem usar uma máscara de proteção? - a advertência veio de do comandante da marinha, ajoelhado atrás de onde estava o Ministro da Defesa.

De pé, com a submetralhadora apoiada sobre um dos ombros pela bandoleira e segura com a mão direita, Ramos olhou para o relógio no pulso do braço esquerdo. Sua atitude fez aumentar a apreensão na sala.

Ouvidos sobressaltados registraram os gemidos do Comandante da Aeronáutica. Tomado por convulsões, o senhor de cabelos grisalhos atirou-se ao chão. Os urros acompanhados de movimentos espasmódicos de braços e pernas torturavam as mentes dos outros homens presentes. Ficava clara a ligação entre os gases liberados na sala e a agonia do militar. A mesma certeza inspirava pavor ao forçar o encontro com a consciência de que em breve todos teriam o mesmo destino.

- Miserável! Você vai ficar aí apreciando o espetáculo!? Que espécie de pessoa é você, acha que nos ver morrer como baratas vai trazer de volta as vidas dos outros? - o discurso do Ministro não encontrou resposta.

Para aumentar a tensão, confirmando a impotência das próximas vítimas, Ramos se manteve em silêncio. Assim, assistiu ao início das convulsões em mais um dos reféns. Alguns dos homens começaram a chorar. Lamentos resmungados tomaram conta da sala.

- Não faça isso Ramos! Podemos salvar a todos nesta sala e você sabe disso! Temos a vacina pronta para uso. Se é a cura que deseja nós podemos te entregar. – disse, enfim, o Ministro da Defesa. Seu tom de voz , agora , era quase angelical.

As pontadas nauseantes atingiam o Comandante do Exército. Com dificuldade para respirar o General parecia estar sendo atingido por dezenas de socos na linha de cintura. Seu sofrimento aterrorizava os companheiros.

Por fim a porta se abriu. Para os reféns ainda não atingidos pela ação dos gases, parecia chegado o momento de encerrar a agonia do cárcere. Militares armados invadiram a sala.

Vendo o retomar do controle da situação o Ministro da Defesa mudou seu

discurso.

- Prendam esse sujeito! – disse o Ministro, apontando para Ramos.

Mas os militares caminharam em direção a ele e aos outros participantes da reunião. Um a um eles foram sendo retirados da sala.

- O que estão fazendo? Tirem as mãos de mim! Tirem as malditas mãos de mim, eu vou acabar com as carreiras de vocês.

Em meio à cólera o Ministro começou a sentir as primeiras contrações na região abdominal. Conduzido por dois militares para fora da sala de reuniões, a contragosto, o Homem responsável pelo suplício de milhares de pessoas imaginou estar frente a frente com o instrumento de sua ambição, os efeitos da Ossos Verdes.

As dores o obrigaram a jogar-se ao chão, iniciando a mesma via crucies dos outros já atingidos.

- Levem esses assassinos daqui! A voz era do próprio Presidente da República do Brasil. Juntamente com outras autoridades, convidadas por Flening, ele assistiu a confissão dos algozes traidores através do painel de vidro da sala de reuniões e dos microfones estrategicamente posicionados por Ramos.

- Senhor Presidente, ainda não acabou! Precisamos descobrir o local onde está guardada a vacina. Minuto a minuto mais pessoas são infectadas. - quando Ramos acabou de falar, Flening se aproximou e puxando o oficial brasileiro pelo braço perguntou:

- Onde está o Perez? Não o vi durante toda a ação!

- Ele faleceu Coronel. Mais uma vítima da Ossos Verdes. Se suicidou ainda dentro dos dutos de ar. Sua atitude heróica, ao perceber o possível comprometimento da operação pelos sintomas da doença, foi o fator decisivo para o nosso êxito. – lamentou o brasileiro.

Flening ficou calado, deu as costas e foi se dirigindo para a sala de reunião, parando embaixo da abertura de ar existente no teto. Ramos arrastou uma das cadeiras para o local e juntos eles resgataram o corpo de Perez.

- Ele pediu para que seu amor à família fosse lembrado. – disse Ramos com a mão direita sobre o ombro de Flening.

- E será. - as palavras foram ditas por um Flening comovido, amparando o corpo de Perez.

Ramos caminhou novamente para o corredor. Paramédicos aplicavam nos homens algemados o antídoto para o gás convulsivante usado na ação para simular os primeiros sintomas da Ossos Verdes.

Autoridades brasileiras e estrangeiras ainda conversavam perto do corredor. Seus rostos retratavam a perplexibilidade diante da trama recém revelada. Um punhado de homens com acesso à tecnologia de manipulação

genética e más intenções foram capazes de alterar, novamente, o rumo da história.

O Presidente, em meio aos assessores e seguranças, olhou detidamente para Ramos. Balançando a cabeça, com um sorriso fugaz, o Presidente fez um sinal de positivo com a mão e, em seguida, deu as costas caminhando pelo corredor.

Ramos entendeu a mensagem, os envolvidos haviam se comprometido à colaborar. O medo de ter o mesmo destino de todos aqueles vitimados pela Ossos Verdes fora o suficiente.

Vinte e quatro horas depois, os governos começaram a receber as primeiras doses da vacina para a Ossos Verdes. As doses produzidas, em regime de urgência, pelos principais laboratórios farmacêuticos do mundo iniciaram o esforço para erradicação da pandemia verde.

Estima-se que três bilhões de pessoas tenham sido afetadas pela doença. Mais de dois bilhões vieram a óbito antes da revelação da cura.

Outras centenas de milhões, salvas em sua maioria pelo coma induzido, carregarão para sempre as marcas da insanidade do homem, justificada pela busca do poder: Seus ossos esverdeados testemunharão às gerações futuras o passado ameaçador no qual ainda era pequeno o valor dado à vida.

CAPÍTULO 111

- Mande o Tenente Ramos entrar. - a ordem veio do gabinete do Comandante do Comando Militar da Amazônia. A porta entreaberta revelava à ante-sala a imagem do General sentado atrás da mesa de trabalho arrumando alguns papéis.

- Selva! Tenente Ramos do Centro de Instrução de Guerra na Selva. – se apresentou Ramos, seguindo o protocolo militar.

- Apresentado! Sente-se. O Comandante do CIGS lhe adiantou o assunto da nossa conversa? – perguntou o general.

- Não senhor.

- Melhor assim. Eu dispensei a presença dele, mas tenho certeza de que seu comandante de unidade, assim como o exército e a nação brasileira se orgulham muito de ter você em suas fileiras.

Após uma pausa para beber a água trazida por um soldado, o general prosseguiu na fala.

- Tenho muitas notícias boas. Aliás, minha manhã inteira foi dedicada a recebe-las! Você foi indicado pelo Presidente para receber a mais alta condecoração do país, também foi indicado para honrarias pelo governo Norte

Americano, Francês e Chinês. Fora estas, lhe será entregue em sessão extraordinária uma condecoração especial pela ONU. E tem mais! Chegou um radiograma convidando-o para ser instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras pelo próximo triênio. O que me diz?!

- Selva! – respondeu secamente Ramos.

- Rapaz, você está tendo os seus minutos de fama. Nestes últimos vinte dias foi capa ou manchete dos principais jornais e revistas do mundo. Se usar direito, se souber agir corretamente poderá preparar o caminho para uma carreira brilhante.

Interrompendo o discurso pretensioso do superior, Ramos colocou uma pasta sobre a mesa do oficial general e falou de forma objetiva:

- Preciso de uma equipe de resgate e duas aeronaves de asa móvel, senhor! Depois terei tempo para esses outros assuntos.

- Para quê você precisa destes meios? - perguntou o general, olhando os documentos contidos na pasta.

- Tenho corpos de subordinados ainda espalhados pela selva. Meu compromisso é dar-lhes as honras de um enterro digno, a altura da coragem com que cumpriram o seu dever.

O general se aproximou de Ramos e, colocando a mão sobre seu ombro, falou:

- Continuo a te perguntar, para que tenente? Sei quais são as suas intenções, até as entendo, mas deixe isso conosco! Estamos cuidando de resgatar as vítimas deste grande engano. Eles estão mortos e nada que você faça mudará isso. No entanto, você sobreviveu, pode representa-los aproveitando as oportunidades criadas.

Ramos se levantou. O seu rosto assumiu uma expressão pouco amistosa, e com um olhar ameaçador voltou dirigir a palavra ao general.

- Meus homens não morreram em um engano. Morreram em uma guerra. A minha missão só estará terminada quando os devolver às suas famílias. Farei isso de uma maneira ou de outra!

O general diante do Ramos trabalhou a vida inteira em gabinetes. Era um carreirista incorrigível, apesar de bem intencionado. Fora indicado recentemente para aquele comando, muito mais pela certeza de que não esteve envolvido com a conspiração descoberta do que por possuir o perfil profissional adequado.

Transferido de Brasília para a chefia do Comando Militar da Amazônia, o general de fartas fileiras de condecorações, tinha a difícil missão de substituir o comandante anterior, morto junto às forças de resistência quando a base de selva em que estava foi atacada por tropas da força de intervenção. Um herói, para os militares que estiveram sob suas ordens durante o conflito compondo a força de

resistência.

- Calma militar! Fique calmo, resolveremos do meu jeito. - o general falou com um sorriso desdenhoso entre as palavras. Não estava acostumado a ver um tenente contestar ordens. O máximo da iniciativa provada à partir destes oficiais de menor patente eram bajulações ou cafés trazidos sem terem sido pedidos.

Olhando através da alma do superior, Ramos disse as últimas palavras e se retirou do gabinete, sem aguardar autorização.

- Não senhor! Farei do meu jeito. E a propósito general, as pessoas que já me viram exaltado não tiveram tempo de me pedir calma.

Depois da saída do Ramos, o general permaneceu alguns minutos tentando assimilar o que acabara de ver e ouvir. O coração em compasso disparado lhe fugiu ao controle, igual ao tenente impetuoso e idealista. A boca seca foi tentada a ordenar a prisão do oficial por faltar-lhe com o respeito, mas isso poderia repercutir negativamente para ele mesmo. Poderia modificar o seu conceito com autoridades da Capital, com o poder. Seria melhor acatar os pedidos do jovem oficial.

CAPÍTULO 112

Amanhecia quando duas aeronaves decolaram do Centro de Instrução de Guerra na Selva levando junto às equipes de resgate muitos sacos plásticos pretos. Sacos usados para guardar provisoriamente cadáveres.

Entre os militares embarcados estavam Ramos, Sarmento e De Paula. A morte do Cabo Mário e do Honorato, em ações mal sucedidas da resistência, foi o assunto dos primeiros momentos de vôo. Mais tarde, a volta a cada um dos lugares onde foram deixados os corpos dos patrulheiros trouxe outras pesarosas recordações para os três remanescentes.

Os ferimentos e a malária passaram por Sarmento sem deixar seqüelas aparentes. A presença das suas facas, novamente presas ao equipamento, denunciava o retorno solitário dele ao bairro da periferia de Manaus onde foram enterrados mochilas e equipamento da patrulha.

De Paula, no decorrer da missão de resgate, anunciou sua decisão de sair das fileiras do Exército. Ele optou por abrir, ajudado pela namorada, um negócio de transporte fluvial. Com duas pequenas embarcações regionais, muitas idéias na cabeça e amigos espalhados pelos portos locais, o casal planejava operar uma empresa dedicada ao transporte fluvial de carga com sede em São Gabriel da Cachoeira. O objetivo era fazer entregas para os pontos mais inacessíveis do Rio Negro, onde muitas famílias sofrem devido ao constante desabastecimento do comércio.

Ramos e Sarmento apoiaram o cabo, apostando no sucesso do empreendimento.

CAPÍTULO 113

A última vez em que Ramos, Sarmento e De Paula estiveram reunidos, antes da transferência de Ramos para a Academia Militar das Agulhas Negras, foi durante o funeral dos patrulheiros resgatados. Quando consideraram, então, concluída a missão iniciada meses antes.

No dia seguinte ao funeral, Ramos voltou ao cemitério. Visitou cada um dos companheiros e ao lado da sepultura do sargento Texera ele enterrou uma pequena sacola contendo a sua balestra com a mira laser adaptada.

– Está aqui, como prometido, desmontada e lubrificada – sussurrou Ramos.

Ao entardecer do mesmo dia Ramos foi à casa da viúva do PJ e lhe entregou os rolos de filme fotográfico, tão cuidadosamente acondicionados pelo sargento nas pequenas cápsulas de PVC.

- Estas são as últimas fotos tiradas por ele. Acho que o PJ gostaria de vê-las ao seu lado. Se precisar de algo, este é o meu novo endereço.

Após um longo abraço os dois se despediram.

CAPÍTULO 114

De carona em um vôo militar, Ramos viajou para o Rio de Janeiro cinco dias depois do funeral de seus companheiros de patrulha. Aproveitando a disponibilidade de carga da aeronave, ele transportou todos os seus pertences. O que não era muita coisa. Roupas, equipamento militar particular e a sua moto.

Após passar a noite na cidade do Rio, em um apartamento emprestado por uma antiga namorada, Ramos partiu para a casa de seus pais que ficava no interior do Estado. As emoções fervilhavam sob o capacete vermelho.

Os quilômetros devorados sobre duas rodas derrubavam as barreiras à saudade. Com a brevidade do momento de reencontro, o guerreiro permitia-se entrar em contato com a superfície de seus sentimentos, com a saudade dos pais.

Ramos desejava que tudo estivesse bem com seus pais. Desde o início do conflito ele não tivera mais notícias de casa. O reencontro seria uma surpresa, pois Ramos não avisara a ninguém de sua chegada ao Rio de Janeiro.

Quando entrou na rua de casa, o cheiro de tantas recordações fez aumentar a emoção do regresso. Da vitória de ainda estar vivo.

Abraçado ao pai e à mãe, na porta de casa, ele respirou aliviado. Ambos

estavam bem. Os dias de angústia e expectativa dos dois tornaram-se indeléveis nas expressões cansadas e sofridas de seus rostos.

A mãe era a mais abatida, olheiras profundas emolduravam os olhos. Com a voz embargada pela emoção, as primeiras palavras, carregadas de carinho, foram sendo ditas pelos três, ainda com os corpos costurados por braços saudosos.

Nos dias seguintes Ramos teve muito a contar e ouvir. As férias estavam perfeitas. Mas havia algo que precisava ser feito. Faltava rever Kate.

A experiência vivida ao seu lado fizera Ramos refletir melhor sobre o que de fato motivava a relação. Pois de início o interesse meramente profissional fora complementado pela atração física despertada entre ambos.

Em um segundo momento surgiu uma cumplicidade, ampliada pela situação adversa enfrentada pelos dois. Depois Ramos percebeu que havia um sentimento mais profundo por trás de cada gesto de Kate, mas ele ainda não estava certo dos seus e, portanto, achou melhor não tocar no assunto.

Agora, Ramos sabia exatamente o que sentia por Kate, era amor! Faltava apenas compartilhar seus sentimentos com a mulher que o conquistou. E este era o momento.

Mas as ligações para o telefone de Kate caiam em uma gravação avisando que o número discado estava indisponível.

CAPÍTULO 115

Resolvido a encontrar a mulher por quem estava apaixonado, Ramos viajou para São Paulo. Não foi difícil encontrar o apartamento onde ela morava.

Uma morena de olhos verdes atendeu à porta enrolada em uma toalha.

- Desculpe, estava tomando banho. – disse a mulher.

Ramos observou que ela estava com o rosto ruborizado e cabelos secos. A umidade sobre sua pele parecia suor e não resultado de um banho.

Enquanto a jovem fechava a porta, Ramos viu surgir no corredor um homem de meia idade também enrolado em uma toalha de banho.

- Algum problema aí? – perguntou o homem.

- Não, está tudo bem Maurício. É um amigo da Kate.

- Ah, está certo. Mas não demora, vou te esperar lá no quarto.- o homem acenou para Ramos como se lamentasse algo e deu as costas, sumindo no corredor de onde veio.

- Sente-se, fique à vontade. Meu nome é Márcia, eu morava aqui com a Kate. Trabalhávamos juntas e dividíamos as contas. Sabe como é?! Você veio pegar as coisas para a família dela? Eu já estava estranhando, até agora não tinha

aparecido uma viva alma para buscar as coisinhas da menina.

- Não, eu não vim aqui para isso. Eu estou procurando ela. Você sabe onde eu posso encontrá-la? – perguntou Ramos.

A expressão de naturalidade no rosto da mulher desapareceu de imediato, ao ouvir a pergunta.

- Mas você não sabe meu querido?

- Do que? – Ramos perguntou, temendo a resposta.

- Ela morreu. Ficou tão doentinha, gritava de dores. Os médicos disseram que era a tal doença da epidemia. Eu a levei para o hospital, mas eles pouco puderam fazer por ela. – lamentou Márcia.

Diante da notícia Ramos baixou o olhar.

- Espere um instante, eu tenho algo que deve pertencer a você. Quando Márcia voltou, trazia na palma da mão o anel recebido por Kate no encontro com Flening. Ah! Eu tenho também o endereço do cemitério onde ela foi enterrada. Se você quiser...

A voz de Márcia soava distante, alguém parecia ter esmurrado Ramos no estômago.

CAPÍTULO 116

No retorno para a casa dos pais, Ramos pilotava a moto sem o prazer habitual. Diferentemente da vinda, não havia mais as mesmas esperanças alvissareiras do romance vindouro. A velocidade do bólido de duas rodas testemunhou a revisão de toda uma vida.

Por que foi preciso o conflito para aproximá-los? Por que ao recrutar Kate, Ramos nem imaginou a possibilidade de vir a se envolver com a bela jovem.

A vacina não chegou a tempo de salva-la! Assim como na morte de Kate, havia uma parcela de culpa para Ramos em todas as outras vidas afetadas pela Ossos Verdes.

Ainda demoraria muito tempo para Ramos sentir diminuído o aperto doloroso surgido em sua garganta desde o momento em que recebeu a notícia da morte de Kate. Com o fim das férias, Ramos se apresentou ao Comando da Academia Militar das Agulhas Negras.

Meses mais tarde, Ramos recebeu passagens aéreas de ida e volta à Grécia. Um pequeno bilhete, escrito em inglês, esclarecia:

“Aguardamos o amigo para a inauguração de nosso novo hotel.”

Era Mourmah retomando contato.

CAPÍTULO 117

O dia de sol estava próprio ao desfrute das atrações no parque d'águas do hotel. Homens e mulheres circulavam na área das piscinas desde as primeiras horas do dia. Garçons apressados contornavam cadeiras e mesas com suas bandejas habilmente equilibradas. Um deles trazia o pedido de um cliente de longa data. Na testa do garçom brotavam gotículas de suor.

- Aqui está, com bastante gelo e sem açúcar, do jeito que o senhor gosta!

- Ótimo Jhoam! Obrigado.

Quando o garçom se afastou, Flening provou a laranjada deixada sobre a mesa. Estava realmente ao seu gosto. Apoiou, então, o copo no braço da cadeira e se recostou.

Ao abrir a palma da mão esquerda, ele voltou a contemplar o anel recebido via encomenda internacional. Apertando-o entre os dedos e de olhos fechados, Flening recordou o beijo roubado por Kate tempos atrás. O cenário era o mesmo, mas hoje faltava o brilho de uma existência.

Depois de tomar conhecimento do fim trágico de sua amada, Flening mergulhou ainda mais fundo no trabalho. Procurava nos compromissos militares a fuga para o imenso vazio em que se tornou a vida sem a esperança de rever Kate.

Aqueles eram os primeiros dias de folga do recém promovido General Flening após meses de trabalho. A sua missão prioritária, junto a um grupo de notáveis, era evitar a repetição dos mesmos erros de planejamento ocorridos quando da primeira operação de intervenção na Amazônia.

O general também prestava consultoria à empresas engajadas, pelo governo, no desenvolvimento do suporte tecnológico destinado à melhoria das condições de combate em ambiente de selva.

A experiência da intervenção passada ajudou a formar tropas melhor preparadas para os desafios amazônicos. Mas existiam outros motivos para acreditar no sucesso da investida seguinte:

Um reforço orçamentário para os assuntos de Segurança Nacional, aprovado pelo congresso dos Estados Unidos da América.

Apoio de simpatizantes estratégicos em solo brasileiro. Simpatizantes conquistados por conta das melhorias desenvolvidas para a sociedade local durante o curto período de tempo da intervenção passada.

O ressentimento da opinião pública internacional para com o país de onde teve origem a manobra assassina que resultou na morte de bilhões de pessoas. A arma Ossos Verdes, com um único disparo, superou o número de vítimas de todas as guerras da história recente da humanidade e deixou claro o descontrole

do governo brasileiro sobre a fabricação de armas de destruição em massa.

As notícias de que os fiscais da ONU, enviados para o Brasil com a missão de verificar a existência de centros de produção de armas biológicas, não estavam tendo acesso à certas áreas. Aumentando a desconfiança e o repúdio às atitudes do já desgastado governo brasileiro.

Além destes fatores, persistiam os mesmos interesses estratégicos responsáveis anteriormente pela decisão de intervir na região.

Flening permaneceu sentado à beira da piscina. Alternava visitas ao paraíso particular de suas recordações com momentos de doloroso contato com o claustro frio e solitário da realidade aprisionadora.

Em um abraço de conforto, Flening adormeceu.

Caídos os grilhões da consciência, ele corria por areias de açúcar em direção ao grupo reunido mais adiante.

Sua paz e felicidade se confundiam à placidez do espelho d'água de uma lagoa com horizonte celestial. A luz do lugar era forte, intensa, mas não lhe feria os olhos.

Dentre as pessoas do grupo, Flening reconheceu Kate e um casal que estava de costas. Ele sabia se tratar de seus pais, não tinha idéia do porquê tamanha certeza, mas aquelas duas pessoas infestadas de vergonha e arrependimento eram os pais que ele jamais conhecera. Sem conseguir ver-lhes os rostos, Flening pode sentir todo o amor do momento de reencontro.

Ao lado dos dois, segurando as mãos de Kate estavam seus pais adotivos. Os cinco sorriam, empolgados em uma animada brincadeira de roda. O coração, antes angustiado, agora seguia o compasso da paz.

NOTA

Esta é uma obra de ficção
qualquer semelhança de nome
ou fato com a realidade será
mera coincidência.